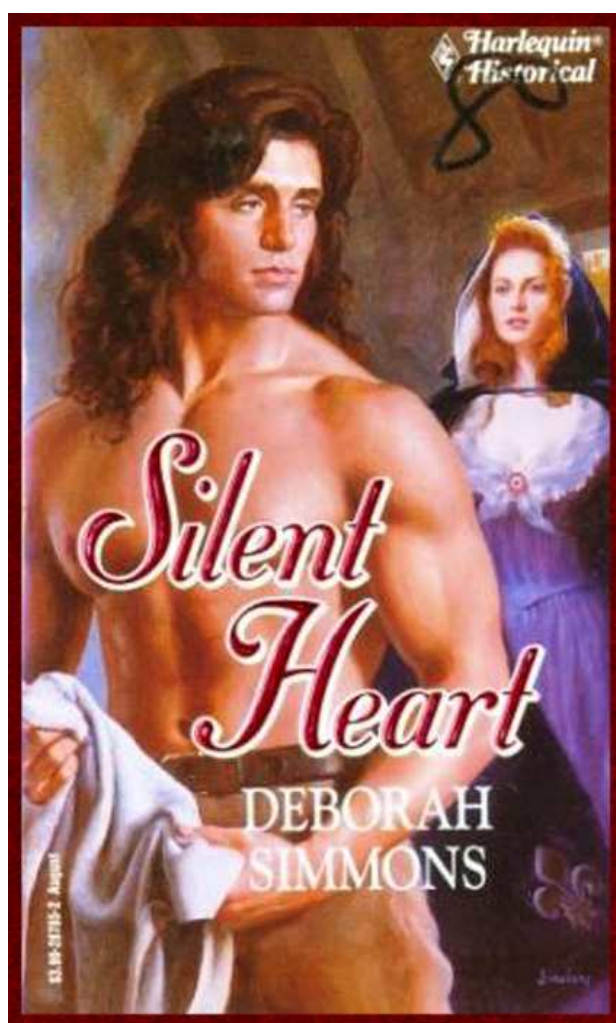


Coração mudo

"Silent heart"

Deborah Simmons



Digitalização: Palas Atenéia

Revisão: Débora C.



Para minha sobrinha Karin Smith, que sempre acreditou em mim.

CAPÍTULO 1

Outubro, 1792

Dominique debruçou-se sobre sua cômoda, puxando impacientemente as gavetas antes de lançar seus dedos na captura de seus conteúdos.

Lançou de lado um cachecol tremeluzente de gaze que ficou apenas momentaneamente no alto do guarda-louça antes que deslizesse sobre a borda, carregado como uma chapa embutida da porcelana de Sèvres que deslizou vivamente ao assoalho com o ruído de uma cachoeira. Um leque delicado de marfim seguiu, tinindo no serviço de mármore, onde rolou repetidamente, o pequeno som cortante como uma faca através do silêncio pesado.

Como se em resposta, uma voz sussurrou do outro lado do recinto. "Depressa", dizia, e Dominique olhou para cima, agitada pela urgência investida nas palavras. A luz do único candelabro criava grandes sombras dançantes nas paredes brancas revestidas de painéis e no teto pálido, tornando difícil penetrar os cantos mais profundos; ninguém além de Dominique via sua criada pelas janelas.

Thérèse posicionava-se como uma pedra, seu corpo esguio e jovem tenso jogado para trás como um espesso veludo balançando na escuridão. Sua mão apareceu pálida e gélida contra a cortina, enquanto ela olhou a vastidão abaixo. Apesar de ter falado suavemente, suas palavras continham mais terror que um grito.

- Eles estão vindo - ela disse. Foi tudo que ela tinha que dizer.

Por um instante, Dominique enfiou estupidamente um minúsculo lenço que ela puxara de uma gaveta, então ela deixou-o cair e correu para onde sua criada se posicionava. Com os dedos trêmulos, ela gesticulou para que a criada puxasse para trás a margem da cortina.

Num primeiro momento tudo o que ela podia ver era a obscuridade, mas seus olhos se ajustaram, o brilho pálido da lua ajudou-a a detectar seus marcos familiares de picareta nos gramados abaixo. Tudo pareceu como devia ser até que ela viu as luzes, baixas demais para serem estrelas, que cintilaram na inclinação da colina. Com um suspiro involuntário, Dominique identificou o tremeluzir do brilho das tochas que assinalavam a aproximação dos aldeões.

- Estou quase pronta - ela disse suavemente para a garota a seu lado, mas Thérèse, ainda com o olhar perscrutador na noite, não respondeu.

Dominique também achou difícil tirar seu olhar da terrível, contudo compelente, cena. Foi como se todo o medo e o pavor de poucas horas atrás, certamente dos últimos anos, tomassem forma diante de si, coalescendo nas fagulhas e agarrando-a como um coelho na toca. Ela não gostava desse sentimento e, com um vagaroso balançar de cabeça, expulsou a imagem de si mesma como a presa indefesa de um caçador.

Deixando cair sua mão, Dominique virou para longe da janela e lembrou a incumbência que guiava seu pensamento antes da visão das tochas. Ela correu de volta à cômoda, mas em seu atordoamento, o xale que foi envolvido precariamente em torno de seus ombros enganchou-se em uma das gavetas abertas.

Dominique puxou o xale frustrada, espalhando artigos de tocador e lembranças no chão. Frascos de vidro caíram silenciosamente no profundo carpete, derramando seu precioso perfume sobre cartas ora estimadas, laços de cabelo favoritos e leques frágeis. Dominique não os poupou de uma olhada, embora tais futilidades já não tivessem

nenhuma importância para ela. O item que ela buscava, após um longo exame concebido por muito tempo, era mais valioso do que todas as preciosidades que a cômoda podia conter.

- Não podemos esperar mais - Thérèse sussurrou enquanto ela finalmente se movia além da janela. Olhando de relance para cima, Dominique viu que o cabelo loiro pálido de sua criada emoldurava um rosto que estava branco e contraído à luz das velas.

- Logo será tarde demais para fugir pelas florestas - Thérèse disse, sua voz crescente com o pânico. - Eles chegarão, Dominique, e nós seremos queimadas junto com o castelo, a menos que saíamos daqui primeiro! Dominique, você está me ouvindo?

Dominique escutou, mas ignorou a intimação frenética para retornar à sua tarefa. Ela puxou a última gaveta violentamente. Tinha que estar aqui! Oh, por que ela era tão desorganizada? Sua desordem fora a ruína de todas as criadas do castelo, incluindo Thérèse. Espere. Lá. Atrás.

Finalmente sua mão se fechou em torno do objeto desejado, um relicário contendo retratos de seus pais. Não eram como os grandes retratos no grande hall embaixo nem a amável e delicada apresentação de sua mãe que enfeitava a lareira, mas era muito mais fácil de carregar. Dominique colocou-os junto ao peito com um breve sussurro de agradecimento enquanto Thérèse cruzava o quarto.

- Tudo bem. Estou pronta. - ela disse.

O olhar de Thérèse se dirigiu para o relicário, com a testa franzida em desaprovação.

- Não pegue isso. - ela advertiu. - Podemos ser procuradas.

- Eu direi que o roubei. - Dominique argumentou. - Porei junto com as jóias.

Thérèse franziu o cenho, como se pronta para retrucar, mas o olhar de determinação de Dominique fez com que parasse, para que ela apenas olhasse resignadamente e se afastasse.

- Aqui... seu capote. - ela disse, agarrando um manto de lã gasto, mas ainda útil. - Puxe o capuz para cobrir seus cabelos. - ela instruiu. Ela parou um momento para se assegurar que Dominique o fizesse então olhou sua patroa estreitamente.

Apesar de Thérèse ser a menor das duas, eram ambas jovens e esguias, com olhos azuis e de aspecto pálido. A coloração pêssego-e-creme de Dominique distinguia-nas, contudo, e Thérèse alcançou alguns cachos reveladores que escapavam do capuz.

- Eu faço isso. - disse Dominique afastando as mãos de Thérèse com impaciência. - Você tem que parar de ser minha criada. De repente estava ciente da aspereza de suas palavras. Dominique deixou as mãos caírem e franziu o cenho em Thérèse. Os olhos azuis de ambas se encontraram no silêncio aterrador, então Dominique se virou.

- Agora. - disse Dominique em uma voz baixa, mas resoluta. Escolheu uma cesta de mercado grande e atirou o relicário em seu interior enquanto Thérèse examinava o pequeno baú que elas embalaram, então se dirigiu às portas altas, com entalhações elaboradas, que conduziam ao corredor.

Dominique girou silenciosamente a maçaneta, abriu a porta curvada e parou por um momento no umbral como se tivesse deixado alguém demorando na escuridão. Atrás dela estendia-se uma exibição imprecisa dos móveis: as cadeiras de espaldar cobertas em padrão de flores delicadas, uma cama alta, de mogno, guarnecida com um laço branco e os armários repletos dos vestidos mais finos. Adiante, o corredor parecia sinistramente confuso e quieto.

- Depressa! - incitou Thérèse, dois passos atrás de sua patroa. Dominique, empurrada para frente, nem sequer olhou de relance para os quartos que tinham sido seus próprios por quase todos seus dezoito anos.

Os corredores foram iluminados lugubrememente e esvaziados. Mesmo uma equipe de empregados leais não ousaria encarar uma multidão rebelde; a anarquia governava a nova França. Uma vez que a menção do problema que fervilhava na vila alcançou a casa, não havia necessidade nenhuma de fugir com calma.

Os populares revoltados, encetando freqüentemente a destruição, a violência e o assassinato, eram uma amostra da revolução, e a ameaça de uma visita noturna pelos cidadãos locais não devia ser tomada levianamente.

- Oh, as belas pinturas. - Thérèse olhou como os dois apressados sem tempo para trabalhos de arte e tapeçarias refinadas, uma parte pequena da decoração elegante do *Château Dumont*. - Que acontecerá com os retratos, as estátuas, a mobília? Oh, e a prataria?

- Não temos tempo para nos preocuparmos com isso. - Dominique disse, sem parar para olhar alguns dos tesouros da família. Seus olhos focalizaram unicamente a escadaria dos empregados, que, disse para si mesma, era-lhes a distância mais importante agora do que todo o grande salão.

As meninas deslizaram sob a passagem estreita e, nas cozinhas, hesitaram um momento na escuridão próxima. Dominique sentiu o ar gélido da noite vindo de uma porta que estava aberta, então ela viu a pequena claridade circular da lanterna acenando lá fora.

Lentamente e se esgueirando moveu-se para a saída, receosa de que algum aldeão ansioso possa ter agido antes de seus companheiros para evitar sua fuga. Mas quando bisbilhotou em torno da porta pesada, viu somente uma carroça velha da fazenda, dirigido por um garoto extremamente jovem com uma massa rebelde de cabelo escuro.

Dominique sabia que Thérèse a seguia bem próxima, contudo quase saltou quando sentiu sua criada bater de leve atrás de si.

- Jean nos conduzirá até Paris. - Thérèse disse em voz tão baixa quanto macia quando pisou para diante da luz.

Dominique balançou sobriamente a cabeça para o jovem, que retornou seu cumprimento, retirou então uma roseta, o símbolo do cidadão leal, e enterrou-a em seu cabelo. Dominique apoiou sua cesta firmemente quando percebeu Thérèse se lançar para o carro. A esguia criada escalou acima dela e, a seguir, estendeu sua mãos à patroa. Dominique hesitou outra vez.

Agora que o momento, ainda que temido por muito tempo, tinha chegado, achou difícil dar o passo final. Apesar de toda sua calma externa, todo tipo de sentimentos borbulhou apenas abaixo da superfície, esperando para oprimi-la se sua guarda baixasse. Dominique soube que não poderia demorar, mas a tentação era tão forte, o desejo para um último olhar tão feroz, que não poderia resistir.

Lentamente, Dominique girou e olhou acima para as torres curvas, que se levantaram como picos gêmeos no céu estrelado. Seu coração, despedaçando-se, memorizou cada pedra, cada curva, cada parede tocada pelo luar, enquanto seus olhos se moviam sobre o castelo construído tão orgulhosamente por seu avô e amado como uma coisa viva por seu pai, o Conde de Dumont.

O vento do outono soprou a frescura do ar noturno, agitando seu casaco e livrando cachos de seu cabelo da prisão de lã, mas ele não teve nenhum poder em movê-la. O coro monótono da multidão podia ser ouvido fraco na distância, um espectro terrível assombrando sua consciência, contudo ainda não podia afastar-se.

- Dominique. - Seu nome, um sussurro repleto de dolorosa urgência nos lábios de Thérèse, interrompeu finalmente a observação de seu lar. Os olhos de Dominique

caíram à terra, seu suave suspiro travado na enquanto voltou-se para sua criada. Então de repente uma voz, elevada para um grito, rasgou a noite.

- Morte aos aristocratas! - Era o tipo do grito que arrepiava o sangue, e ambas as meninas congelaram, suas faces brancas como a neve. Jean obscureceu a lanterna de modo que somente o prateado mais pálido da luz mostrasse completamente. - Morte a Morineau e a sua filha! Morte! Morte! - Transformou-se um brado, crescendo mais ruidosamente com cada respiração, e paralisando as três figuras na parte traseira do *château*.

- Morte! - As vozes levantaram-se outra vez, e, de repente, Dominique agiu. Deslizou a cesta no carro tão rápida e silenciosamente quanto possível, então subiu a bordo. Seus pés mal tinham saído do solo quando Jean cutucou o velho cavalo da fazenda e impulsionando o carro, quase jogando-a de encontro às tábuas de madeira. Sua respiração acelerou-se, ela rolou sobre a palha seca, puxando-a sobre si, e, dessa forma, se arranhando. Mais palha espetou-a, e então sentiu os dedos de Thérèse em busca dos seus. Na escuridão, sob o monte de feno, receosas demais para falar, as duas garotas prenderam a respiração.

Desde que não podia ver, Dominique, conseqüentemente, achou sua audição aguçada. Os cascos do cavalo indo de encontro à inclinação gramínea soaram noite adentro como o ribombar de um canhão, enquanto o chacoalhar da carroça e o rangido de suas rodas aumentavam a barulheira.

O som de sua saída era tão alto que Dominique não viu como poderia escapar de ser notada pelos aldeões, cujas vozes eram carregadas pela brisa, mais altas agora e tão próximas que soube que a multidão alcançou os degraus dianteiros do *château*. Esses bravos cidadãos, dispostos a massacrar a ela e seus empregados, cercariam seu lar? Um dos carregadores de tochas subitamente andaria em torno do edifício e iluminaria a carroça que agora se movia por entre as árvores que pontilhavam a ladeira?

Os dedos de Dominique aumentaram sua preensão nos de Thérèse enquanto o cavalo era incitado para frente. A palha arranhava sua pele e as tábuas eram ásperas e duras. Aparentemente, a carroça fora ocupada antes por porcos -literalmente- porque o fedor era tão forte que Dominique começou a suspeitar que alguma evidência tangível de sua existência remanesca.

Era gritantemente distante de seu meio de transporte habitual. Em suas viagens anteriores, Dominique fora conduzida sempre em coches confortáveis e luxuosos, com empregados atentos e uma falange de pajens e de batedores. Somente os vestidos e as peles mais finos envolveriam seu corpo jovem e somente os perfumes mais doces pairariam ao redor. Se forçada a viajar pela noite, Dominique leria com o fulgor suave de uma lâmpada antes de dormir acalentada pelo suave balanço da carruagem.

O contraste com sua fuga secreta de hoje à noite era enorme, e Dominique dispensou um breve minuto de pesar para o passado, mas não poderia prolongá-lo. O presente era demasiado desesperador. Sua vida, toda sua juventude encantadora e todo seu futuro incerto, estavam em suspenso como se no fio de uma lâmina.

“Morte!” O grito agudo era tão claro e próximo que Dominique esperou que a carroça parasse a qualquer momento. A visão era tão forte que quase poderia olhar as tochas flamejando e o odor de fumaça silvando na casa. Seu coração saltou no peito e sua respiração se aprofundou enquanto escutava a caminhada dos passos e um grito de reconhecimento, mas o que ouviu realmente era outro, um som mais suave, que anunciava esperança em vez de desespero.

Era o farfalhar das folhas sobre si, dançando na brisa. Ainda aderindo-se a seus galhos ou trazidas por uma lufada de vento até a terra, as folhas sussurravam sua passagem e crepitavam sob as rodas da carroça. Que som encantador, Dominique

pensou vertiginosamente, porque sinalizava sua chegada entre as árvores atrás do *château*. O ruído e o assovio tranqüilizador significaram que a carroça grassava seu caminho acima da colina, longe da turba, e mais distante no bosque que os esconderia na escuridão.

Dominique escutou e esperou o que pareceu uma eternidade enquanto o cavalo andava pesadamente avante, sempre para cima. Nenhum grito da descoberta rasgou na noite e nenhum fogo foi empurrado em sua cara, contudo permaneceu ainda quieta e muda, buscando a mão de Thérèse, até as vozes de pavor, prometedoras da morte não fossem mais que um sussurro no vento.

Quando por fim poderia respirar mais livremente, Dominique moveu-se finalmente bastante para esticar seus músculos, apertados do medo e de imobilidade. Mas não deixou o abrigo da palha. Não até que o brilho da lua, fulgindo timidamente nos campos longínquos do castelo, desafiasse Dominique para sentar acima e procurar uma posição mais confortável. Ela e Thérèse caíram pesadamente sobre a forragem atrás delas, inclinando-se sobre os travesseiros improvisados, cujos talos espinhosos eram agora seus companheiros próximos, e soltaram um suspiro de alívio.

- Obrigada, Senhor, nós estamos livres. - Thérèse sussurrou. Quando Dominique não respondeu, Thérèse bateu delicadamente em sua mão. - Relaxe, Dominique. Você está a salvo agora.

Embora Dominique soubesse melhor, não disse nada enquanto olhava fixamente noite adentro. Reminiscências da colheita de verão apareceram agora e então, altos e proibitivos como centuriões fantasmagóricos, seus talos secos agitando-se na calmaria. Os campos imóveis, crescendo densamente como névoas, pareceram sobrenaturais e longínquos da turba sangüinária que as tinha expulsado de casa, contudo Dominique sabia que as forças que as ameaçara estavam em toda parte.

Ela inspirou profundamente o ar fresco, repleto do cheiro familiar das folhas e da madeira de fumo.

- Vamos tentar dormir um pouco. - sussurrou. Girou para ver que Thérèse, seu rosto pálido como uma estátua ao luar, não necessitava de convite adicional. A criada puxara a palha em torno de si e permitiu-se umas poucas horas de repouso antes do alvorecer.

Dominique também deslizou para baixo, mas o sono não vinha facilmente a ela. Segura? Poderia ter ridicularizado a idéia em voz alta se tivesse energia. Apesar de ela estar aliviada por estar viva e longe do *château*, soube que estava fugindo do perigo para o perigo - e levando Thérèse com ela. Não era justo para sua criada, e bem o soube. Amanhã, Dominique pensou determinada. Amanhã dispensaria a companhia de Thérèse, assegurando-se esperançosamente de que uma delas, certamente, estivesse segura.

A coisa que soube em seguida era que Thérèse a sacudia pelo ombro - e ela estava fria. Em uma cabeça obnubilada pelo sono, Dominique fez uma nota mental para falar a Maurice sobre as criadas de quarto, que deviam manter um fogo queimando na lareira.

- Dominique, - Thérèse sussurrou delicadamente, e Dominique esforçou-se para recordar porque dissera a Thérèse para acordá-la cedo. Eram os visitantes esperados esta manhã? Tentou se sentar sobre seu montículo de travesseiros lisos para seu chocolate da manhã, mas sentiu aspereza e frio e então muito estranha.

Dominique se sentou em um salto e levantou a mão para seu cabelo. Em vez de uma massa sedosa, seus dedos acharam lã e galhos ásperos. Galhos? Não. Palha! Estava sonhando? Sentiu-se balançar e percebeu não havia nenhum colchão de penas, mas tábuas duras e ásperas sob ela.

- Nós estamos quase lá. - Thérèse disse. - Jean nos deixará fora dos portões.

Os portões. Os portões de Paris. De repente, tudo fluiu para trás: o aviso de Claude sobre a multidão, a perda do *château* e sua fuga com Thérèse. Dominique puxou o capuz em torno de sua cabeça e olhou no céu cor-de-rosa pálido que anunciava o alvorecer. Com fome e com frio, mas determinada, virou devagar para olhar sua criada solenemente.

- Você deve voltar com ele. - disse suave.

- E deixá-la? - Thérèse perguntou. Sua voz soou ferida e seu rosto estava branco de surpresa.

- Sim. - Dominique respondeu atenta, tomando as mãos da outra garota nas suas.

- Você se arriscou bastante para mim. Volte. - Persuadiu macia.

- Para quê? - Thérèse perguntou amargamente. - Os finos cidadãos do Clermont-en-Beaulieu não me deixaram nem casa e nem trabalho. Eu não tenho nenhuma família lá, nenhuma patroa para servir, e Armand foi perseguir algum sonho falso de liberdade.

À menção de Armand, um lacaios que cortejou Thérèse momentaneamente, Dominique olhou para baixo e, nervosa, mordeu o lábio. Sua experiência com o sexo oposto foi limitada a um esmagamento do filho do mordomo quando tinha doze anos. Tinham trocado notas apaixonadas deixadas nos lugares mais românticos e mais secretos, e tinha pensado que certamente morreria de felicidade quando a beijou.

Infelizmente, desenvolveu uma atração muito maior por uma das filhas do cavaleiro e logo depois disso foi enviado à escola. Nunca o viu outra vez. Seu pai assumiu mais tarde um posto em outra parte, e o novo mordomo não tinha filhos. E assim começara e terminara sua vida romântica.

Oh, quando era mais nova houve visitas e visitantes, incluindo alguns jovens nobres arrojados, mas seu pai era uma pessoa reservada e a pouca sociabilidade foi logo eliminada pela revolução e pelos eventos que seguiram. Quando se queixou a Thérèse, quando era velha bastante para se interessar por homens, não havia nenhum em quem ficar interessada.

Dominique mordiscou seus lábios com seus dentes brancos minúsculos enquanto lutava para dizer algo. Armand nunca tinha sido um favorito com ela, e a paixão de Thérèse por ele era-lhe um mistério. Finalmente, decidiu-se que, no que se referia a Armand, o silêncio era o melhor caminho e dirigiu outras objeções a Thérèse.

- Você poderia encontrar o trabalho em Varles. Algum comerciante gordo ficaria feliz em ter tal serviço qualificado para sua casa rica. - Dominique disse com um sorriso encorajador. - E você estaria segura lá.

- Bá! - Thérèse disse com um bufar de nojo. - Eu estaria segura somente até o dia em que ele dissesse algo que não agradasse um cidadão e *la patrie* viesse queimar sua casa. Não, - sussurrou firmemente - eu não voltarei. Nós estaremos tão seguros quanto podemos ser com meu tio.

- Então você deve ir para seu tio, e eu devo encontrar meu próprio caminho. - Dominique disse, com mais resolução do que sentia. Viu Thérèse agitar desanimadamente sua cabeça, mas Dominique cortou suas palavras. - Thérèse, você foi mais amiga do que criada desde que você veio para nós há três anos e eu não quero que lhe aconteça algo. Eu estou pondo-a em perigo apenas por estar com você!

- Se nós tivermos cuidado, tudo irá bem. - Thérèse disse. Ela passou a língua por seus lábios e os olhos brilharam com emoção. - Eu não posso abandoná-lo aqui.

Dominique poderia sentir em seus próprios olhos a pressão exercida pelas lágrimas e balançou a cabeça como se para repelir a ameaça de uma explosão. Deu um aperto tranquilizador nas mãos de Thérèse enquanto considerava a discussão. Era uma batalha que não estava pesada em perder para seu coração. Dominique não queria

deixar sua amiga e ela verdadeiramente não sabia o que fazer sem Thérèse. Aonde iria em toda a Paris? Em quem poderia confiar?

- Certo. - Dominique disse com um sorriso gentil. - Não nos separaremos, minha querida Thérèse, mas me dói que eu a veja em perigo por minha causa.

- Bá! - Thérèse respondeu, sorrindo vivamente - Depois da última noite, o que poderia ser pior?

A pergunta retórica pairou no ar enquanto Thérèse se virava para apertar o corpo, mas as palavras golpearam Dominique de modo estranho. Embora nunca fosse uma pessoa supersticiosa, ela sentiu um impulso de se benzer. Que, certamente, podia ser pior? Dominique não tinha certeza, mas sabia que aquele era somente o começo.

CAPÍTULO 2

Jean as deixou nos portões conforme prometido. Dominique desceu da carroça, seu corpo duro e dolorido da jornada, da mesma maneira que o amanhecer estava ardendo no horizonte. Faixas pálidas de rosa, azul e violeta misturadas sobre a cidade em uma exibição empolgante, e Dominique parou para maravilhar-se antes de se juntar a Thérèse na estrada. A grama ainda estava úmida da névoa da noite e o ar matutino era tão fresco que espanou a palha de suas roupas.

Agarrando sua cesta, Dominique viu Jean girar a carroça em direção a casa e tentou ignorar o pânico que ameaçava crescer naquele momento. Embora ela soubesse que não podia voltar, o frio, realização clara que ela estava cortando todas as amarras com seu passado, passou por ela como uma faca. Bem, não todas as amarras, ela pensou com um olhar em Thérèse, e estava novamente grata pela presença de sua amiga.

Afastando a vista de seu velho transporte, Dominique olhou em direção à cidade. Vivendo próximo à capital era, ao mesmo tempo, uma bênção e uma maldição, seu pai dissera, pois embora as mais brilhantes e melhores realizações do país estivessem à mão, os mais miseráveis problemas as acompanhavam. Apesar das palavras do seu pai, Paris tinha sido uma isca constante para Dominique ao longo de sua mocidade. Ela não podia lembrar quando mudou de uma cidade de cultura e excitação para um lugar de perigo e incerteza, mas soube que, em um certo ponto, seu pai, que nunca era visitado freqüentemente, finalmente proibiu viagens para a cidade.

Foi apenas há alguns anos atrás que ela passeou de olhos arregalados pelo Palais-Royal, passou nas lojas mais fantásticas, cafés e teatros, sorveu limonada e importunou seu pai por lulas e foguetes?

Não havia fogos de artifício esta manhã, mas Paris já estava acordada. Os floristas e as mulheres do mercado cuidavam de seus negócios, e o movimento da manhã na cidade começou. Vestidas em suas roupas simples, enrugadas e levando seus fardos, Dominique e Thérèse pareceram duas camponesas em uma excursão, e ninguém deu a elas um segundo olhar até que alcançaram o portão. Se apenas um dos guardas, também, pensassem que eles eram não eram nada além do que elas aparentavam...

- E o que temos aqui? - Perguntou o chefe, medindo-as de cima a baixo com um olhar que dizia que ele viu bastante antes e não havia muito de novo. Vestindo o uniforme da Guarda Nacional e a familiar roseta vermelha, branca e azul, ele estendeu sua cabeça mais alta que as meninas, sua barba escura sobressaindo no rosto parecia extremamente ameaçador. - Duas gentis jovens do campo. - Contou para um segundo guarda, que vadiava com seus companheiros entre uma pilha de barris de vinho presumivelmente confiscada de algum comerciante infeliz. - Prontas para fazer uns negócios vultosos na cidade, sem dúvida - Ele adicionou, rindo grosseiramente antes de cuspir no chão.

- Eu serei seu primeiro cliente. - voluntariou-se um outro sujeito, seu comentário suscitando gargalhadas desdenhosas no grupo.

Longe de desencorajar seus homens, o chefe ria com eles, então olhou severamente as garotas.

- Que negócios vocês têm aqui?

- Nós somos cidadãos decentes de Clermont-en-Beaulieu. - Thérèse disse. Sua voz se sustentou apenas pela mistura certa de indignação frente à insultante insinuação feita pelos incontroláveis camaradas e reverência por suas posições patrióticas. - Viemos para trabalhar para meu tio, o dono da Pousada Bossuet na rua St. Denis.

- E o que vocês estavam fazendo em Clermont-en-Beaulieu? - Ele suspeitosamente perguntou.

- Você não vê que elas são leiteiras? - Rugiu outro guarda que se sentava em um barril, sua baioneta atirada casualmente através de seu colo.

Dominique, que raramente visitou a cidade, deixada sozinha sem uma escolta, estava tentando engolir seu choque ante o comportamento apavorante desses rufiões que representavam a ordem civil. Sua raiva por seus insultos estava começando a superar seu nervosismo, e ela abria sua boca para falar quando um cutucão de Thérèse lembrou-a de seu papel.

- Leiteiras. - Thérèse repetiu com uma risada nervosa, e Dominique juntou-se a ela no que sabia ser uma risada pouco convincente. Ela se acorcondou e afundou o queixo no peito em um esforço para remover a condenação de seu rosto. Toda uma vida de respostas aristocráticas não podiam ser apagadas em uma noite de passeio de carroça, ela decidiu, mas era melhor não continuar zangada com esses homens; elas valorizavam sua vida numa escala muito caprichosa.

- Nós trabalhávamos. - Thérèse disse - como empregadas domésticas honradas. Nós trabalhávamos duro e não fomos reembolsadas com nada. - ela amargamente explicou - O maldito aristocrata a quem servíamos fugiu e nos deixou sem salário! As palavras de Thérèse, e talvez até o ressentimento, eram suficientemente verdadeiros, e elas tocaram o coração do Dominique. Ela olhou fixamente para seus sapatos.

- Há! Eu não tenho nenhuma dúvida disto, covardes desprezíveis! - O guarda veementemente disse.- *Émigrés*. - Ele parou para cuspir no chão.- Mas você verá, minha cara, que nós sabemos lidar com esse tipo aqui em Paris. Não é, rapazes? Sua pergunta foi respondida por um coro de gargalhadas e gritos dos outros guardas, que fizeram levantar a cabeça de Dominique.

- Nós o agitaremos com a mão quente! - Bufou o companheiro esquelético e sujo da mesma categoria que ironizou as garotas antes.

- Espirrando no saco! - Acrescentou outro.

- Examinando a janelinha! - As réplicas e risadas continuaram apesar, ou talvez por causa, do olhar vagamente confuso de Dominique.

Volvendo para Thérèse, o chefe acenou com a cabeça em direção a Dominique e apontou um dedo carnudo para ela.

- Um pouco lenta, não? - Ele astutamente perguntou. Então riu ruidosamente, obviamente encantando-se com a derrota de Dominique. - A Navalha Nacional! *Madame La Guillotine*! Ele orgulhosamente explicou, como se ele, e não Guillotine, tivesse inventado a máquina da morte.

Dominique deu um sorriso fraco, enquanto Thérèse depressa começou a louvar o terrível dispositivo e tudo associado a isso. Sem realmente escutar as palavras, Dominique ouviu sua amiga falar e notou a mudança sutil em seu tom. Embora forte o suficiente a princípio, a voz de Thérèse parecia encolher para um lamento nervoso.

Dominique dirigiu a sua amiga um olhar enviesado. Thérèse fez uma boa encenação, mas seus recursos eram limitados, e elas ainda esperavam fora do portão, aparentemente sem conseguir nenhum progresso desde que chegaram. A tensão começava a aparecer.

Dominique lançou um olhar para o guarda e notou que ele, também, parecia estar num crescente cansaço do diálogo. Era o início de um dia longo, e até duas jovens adoráveis podiam se tornar um fardo. Ela sentiu um arrepio de pânico em sua espinha. Vamos transpô-lo, Dominique pensou freneticamente, desejando um fim veloz para essa *petit* tentativa — talvez só um prelúdio para final mais horrível.

Como se em resposta a suas orações mudas, um carro de esterco estacionou ao lado deles buscando saída da cidade. A sujeira da rua era tão valiosa como fertilizante, que aqueles que a coletavam pagavam uma taxa para levá-la pelos portões, e o motorista esperava pacientemente a seu turno.

Dominique estava tão exausta que apenas notou o fedor, mas o chefe olhou com desgosto — tanto quanto ela esperou. Aparentemente, até estes desprovidos guardas achavam nocivos os vapores da carroça, garantindo com isso uma progressão veloz pelo portão.

- Certo, então, documentos! - O chefe rosnou para as garotas. Com um olho na carroça, ele estendeu o braço. Thérèse retirou os documentos necessários e os colocou na palma à espera, enquanto Dominique se concentrava em manter seus movimentos firmes enquanto fisgava a cesta.

Parecia que todos os seus movimentos, e o tempo propriamente, diminuíram a velocidade enquanto Dominique recuperava os documentos e segurava sua respiração. Finalmente, com cabeça curvada, ela pôs seus documentos nas mãos calosas do homem.

- Thérèse Séguier. Empregada doméstica. Permissão para viajar a Paris e juntar-se ao tio, - Leu o guarda em voz alta - um certo Gaspard-Jean Séguier.

Os segundos pareceram horas, acompanhada pelas batidas descompassadas de seu coração, à medida que ele lia os documentos, e Dominique finalmente se forçou a olhar para cima. Ela olhou o carro de esterco, cujo condutor tinha um aspecto repulsivo e miserável, com uma barba preta desgrenhada que alcançava a cintura. Ele lhe dirigiu um amplo sorriso desdentado.

- Gabrielle de St. Clair, também empregada doméstica, permissão para acompanhar. - A voz com entonação profunda. - Gabrielle! - O guarda latiu o nome, e Dominique virou sua cabeça em resposta, seus olhos arregalados e tão azuis quanto um pires raso.

Ela o encarou enquanto tentando expulsar o medo de si própria. A charada teria sucesso? Ela enviou Thérèse para obter os documentos semanas atrás, antecipando bastante este dia, mas agora que chegou a hora de usá-los, ela sentiu sua coragem faltando. Sabendo que todas suas preparações cuidadosas não serviriam para nada se seu rosto exibisse a uma mentira, Dominique friccionou seus dentes para afastar seus lábios e olhou para o chefe. Ela não podia predizer seus pensamentos; ele não piscou um olho.

- Introduzam-se a *Madame La Guillotine* para uma educação rápida, cidadãs. - Ele aconselhou. - Mas não cheguem muito perto. - Ele riu de seu gracejo, jogou os documentos em suas mãos e acenou o portão para elas com um gesto descuidado.

Ainda atacada por tensão e ansiedade, a recém-batizada Gabrielle teve que forçar seus pés para mover, assim como seus pulmões para grandes tragos de ar. Ela segurara a respiração ao longo da provação inteira? Ela sentiu como se tirasse uma grande pedra de seu peito. Ela não ousou olhar para Thérèse por medo que o alívio que ela sentiu se mostrasse; e outros poderiam estar assistindo sua reação. Em vez disso, ela olhou fixamente para frente, mas alcançou os dedos de Thérèse com os seus próprios.

Era uma visão comum — nada além de duas jovens segurando as mãos como se passeassem pela cidade — mas para a recém-nascida Gabrielle, a pressão das mãos nas suas era mais que um sinal de amizade. Era tanto a certeza de que o sangue ainda fluía em seus dedos como o reconhecimento de mais um obstáculo superado.

Thérèse sabia o caminho. Ela passou parte de sua infância nessas ruas, e não tinha sido há tanto tempo atrás. Sem ela, Gabrielle teria se perdido. Tudo, menos as estradas maiores, só era suficientemente largo para permitir a passagem de apenas duas carroças, e elas cruzavam com ruelas sombreadas, degraus e portões. Embora edifícios fossem numerados e placas marcassem o nome cada rua, milhares de ruas estavam

sendo renomeadas num esforço para eliminar tudo que se referisse à monarquia e ao catolicismo.

Gabrielle tentou decorar sua rota, mas sua atenção desviava todo o tempo e novamente para as pessoas. Existiam tantas — as vestidas com extravagância, os trabalhadores e os soldados da Guarda Nacional — e todos estavam conversando, suas mãos movendo-se de acordo com o ritmo das palavras, enquanto os vendedores ambulantes levantavam suas vozes acima do estrondo das carruagens e veículos de todos os tipos que circulavam ao longo das ruas.

Paris era viva com o barulho e as pessoas e as visões que abrigava, deixando Gabrielle, criada no campo, impaciente. As cores da república estavam em todos lugares: na calça comprida dos homens, nos vestidos e cicatrizes das mulheres e na roseta, vestida por todos os homens como exigido por lei, e por muitas mulheres, também.

Os cheiros pairavam no ar, de alimentos cozinhando, de madeira queimando, de esgotos abertos e dejetos. Acostumada como ela estava a uma brisa fresca flutuando pelas árvores que cercavam o *château*, Gabrielle decidiu que alguns aspectos da vida na cidade não eram atrativos. Ainda havia tanto para ver e ouvir que os odores logo enfraqueceram no fundo.

As garotas caminharam, pegaram uma carona numa carroça, então caminharam um pouco mais até que alcançaram a pousada, uma velha construção de pedra na rua St. Denis, casa para chapeleiras, costureiras e alfaiates que vestiam a Paris elegante.

A sala comum estava vagamente iluminada, e os olhos de Gabrielle levaram um momento para ajustar do brilho do sol de meio-dia. Alguns homens comiam e bebiam, e outros estavam simplesmente conversando, reunidos ao redor das mesas, e, em um grupo, um homem grande com cabelo escuro espesso e um grande bigode parecia estar presidindo um tribunal. Ele parou quando as viu se aproximarem, então sua voz grave ressoou.

- Thérèse! Filha do meu irmão! - Ele disse, se afastando outros. Ele abriu os braços para um abraço, que Thérèse deu a ele com afeto. Ele sorriu calorosamente, o espasmo de bigode debaixo de seu nariz parecia uma minhoca em um galho. - Deixe-me ver você, minha menina. - ele disse, se afastando. - Como você cresceu, e como ficou bonita! Igual a sua mãe. E aqui está outra bela. - ele disse, acenando Gabrielle, que hesitava próximo à porta. - Quem é essa? - Ele perguntou com uma piscada.

- Essa é minha amiga, Gabrielle, tio querido. Gabrielle, esse é Gaspard Séguier, o dono da Pousada Bossuet.

- Cidadão Séguier. - Gabrielle cumprimentou, chegando mais perto e inclinando a cabeça educadamente. - Você tem um lugar adorável.

- Fazemos o melhor que podemos. - ele disse. - Mas, por favor, chame-me Gaspard. Ele insistiu, abrindo os braços para Gabrielle também. Ela lhe deu um abraço rápido, que alargou seu sorriso ainda mais. - Duas bonitas meninas assim eu nunca vi, mas me digam, coisas não vão bem no campo, então?

- Não - Thérèse disse. - O *château* onde trabalhávamos foi queimado, então viemos para a cidade buscar emprego.

- Você e muitos outros. - Gaspard disse, agitando sua cabeça tristemente. - Mas, por favor, sentem-se. Onde estão meus modos? Até duas tais meninas adoráveis devem comer. Villette! - Ele gritou. - Alguma comida para nossas convidadas.

Sua chamada foi respondida por uma garota alegre de bochechas vermelhas, e logo Thérèse e Gabrielle eram alimentadas com pão quente e uma sopa espessa deliciosa, um encanto depois de sua noite na carroça e do longo passeio pela cidade. Gaspard juntou-se eles, comendo com gosto e conversando sobre os acontecimentos na

cidade com igual fervor. Ele as questionou pouco sobre suas ações, entretanto, talvez por ser da opinião, como era de muitos em Paris, que aquilo que aconteceu do lado de fora dos portões da cidade era de pequena consequência. Entre mordidas, os parentes trocaram notícias, enquanto Gabrielle assistia e escutava.

- Ah, estes são tempos difíceis, - Gaspard disse com um suspiro. - mas a nova república será mais próspera! Você estava certa de vir para mim. Sabe que sempre existe um quarto para você conosco. Você era uma boa trabalhadora, mesmo quando era uma criancinha. - Ele adicionou, beliscando Thérèse sob queixo como se ela ainda fosse criança.

- Você pode servir as mesas. Nós aceitamos de bom grado sua ajuda, mas temo que não exista atividades suficientes no meu negócio para dar a sua amiga também. - Ele disse com um olhar apologetico em direção a Gabrielle.

- Nós certamente não esperaríamos que você o fizesse, tio, mas você sabe de algum trabalho aqui perto para ela?

- Bem, - Gaspard meditou, roçando seu bigode com o polegar pesado enquanto inspecionava Gabrielle. - Deixe-me pensar. Apanhada em flagrante ao morder um pedaço enorme de pão, Gabrielle não temeu que ela parecesse muito refinada, mas ela engoliu em seco sob seu olhar avaliador. - Você costura? - Ele perguntou.

Gabrielle assentiu rapidamente com a cabeça e ele disse:

- Você poderia tentar a cidadã Caron. Ela estava procurando por uma menina, e sua loja é logo na esquina.

Gabrielle lhe sorriu agradecendo, o pão preso em sua garganta.

- Você precisará de um lugar para ficar. - ele meditou, correndo seu polegar através do bigode espesso novamente enquanto voltava a encarar a sobrinha. - Eu devo ser franco, Thérèse — a casa está cheia.

- Eu entendo, tio. - Thérèse começou, mas a voz grave do homem suprimiu suas palavras.

- Mas eu tenho um quarto aqui na pousada. - Ele disse, balançando uma mão. - Não é muito, claro, mas é um quarto, todavia. A menos que você faça outros planos? - Ele lançou um olhar especulativo em direção a Gabrielle. Ela agitou sua cabeça em silêncio. Ele sorriu novamente, o grande bigode parecendo aumentar conforme seu humor.

- Então está instalada. Você pode ter o quarto pelo porão de raiz. Eu terei que me decidir por um aluguel apropriado. - Ele disse enquanto empurrava sua cadeira da mesa - Agora, eu devo cuidar do meu trabalho. Boa sorte para você, Gabrielle. - Ele disse com um aceno de cabeça.

O sorriso de Gabrielle minguou assim que Gaspard as deixou. Não era a menção do aluguel que a deprimia, mas o local do quarto. Subterrâneo. Oh, como ela odiava estar fora da luz.



- O quarto. - resmungou Thérèse.

- Não me admira que ainda esteja vago. - ela sussurrou enrugando a testa - Meu querido tio ainda permanece um homem de negócios! Vamos esperar, pelo menos, que o aluguel seja razoável.

Ela sentou na cadeira e expirou.

- Bem, não é tão bom quanto eu esperava, mas o dia correu bastante bem. Não vamos ter muitas expectativas. - Thérèse disse resignada - Eu vou dar uma olhada no quarto e ver o que podemos fazer hoje. É melhor que você se ponha a caminho para

aquela costureira - cidadã Caron. Se você puder conseguir esse emprego, será realmente afortunada. - ela disse, sorrindo inesperadamente.

Gabrielle retornou o sorriso. Depois de tudo, elas estavam alimentadas, tinham um quarto e uma delas já tinha até emprego. Paris, tão distante, combinara com elas.

E assim continuou. Cidadã Caron era uma mulher rechonchuda, robusta, de idade indeterminada, com seios fartos, cabelo loiro grisalho e um rosto levemente pintado. Seus olhos azul-pálido, com bordas vermelhas na margem das pálpebras, pareciam tudo saber, mas, se ela pensou que havia mais sobre Gabrielle do que o pretendido, nada falou.

Ela não fez perguntas penetrantes e Gabrielle não ofereceu mais informações que o necessário. Gabrielle pôde coser e demonstrou que sua habilidade era o bastante para o emprego. Ela começou imediatamente, dando graças a Deus o tempo inteiro pela boa sorte que as saudara em Paris.

Ela retornou à pousada em um bom estado de ânimo, mas cansada até os ossos. Gabrielle gostava de costurar e ela desfrutara de muitas tardes silenciosas no salão amarelo criando uma fina costura ou bordando com vagar uma colorida tapeçaria. Infelizmente aquelas tarefas delicadas eram difíceis de fazer com o simples trabalho duro na luz pobre que ela tivera hoje e ela estava exausta.

Uma rápida refeição se seguiu, deglutida na cozinha, onde sua simples presença parecia estar no caminho.

Gabrielle não encontrou nenhuma razão para adiar sua ida à cama. Ela hesitou, porém, e a perspectiva de uma cela sem janelas a enviou para o pátio, onde o cheiro de cavalos e de detritos arrastados da rua de repente pareceu inebriante e fresco.

O brilho indistinto de uma lanterna na porta iluminava seu caminho e, não muito longe, outra lanterna se balançava no ar enquanto um cavaleiro atrelava os cavalos de uma carruagem.

- Quem é esse tesouro? - uma voz arrastada de repente se aproximou às costas de Gabrielle - Eu gosto do balanço dos seus quadris, cidadã.

Gabrielle se voltou para ver um sujeito alto e mal-encarado, com forte odor de vinho, olhando de soslaio para ela. Ela tentou fugir dele para voltar à pousada, mas ele bloqueou seu caminho.

- Agora, não fuja. - ele disse. Elevando desajeitadamente uma mão para o cabelo dela, ele puxou o capuz de sua cabeça, fazendo com que a massa pálida de cabelo caísse cintilando à luz fraca.

- Tire suas mãos de mim, *monsieur*. - Gabrielle sibilou.

- *Monsieur*, é? Que ares elevados nós temos. - ele grunhiu, chegando mais perto. Gabrielle recuou de encontro às pedras lisas do edifício, mordendo o lábio por seu deslize, pois *monsieur* era um tratamento proibido agora. Como uma parisiense responderia? Seguramente tais formas de se dirigir a alguém não fossem admitidas na nova ordem, Gabrielle pensou, mas talvez nada pudesse acontecer na cidade. Ela decidiu rapidamente tentar argumentar com o sujeito.

- Por favor, cidadão, eu devo seguir meu caminho. - ela disse mais suavemente enquanto erguia as mãos gentilmente diante de si, mas o homem ignorou suas palavras.

- Belezura de tesouro. - ele comentou estupidamente. Ele se equilibrou sobre o pé, então sua mão alcançou cegamente o cabelo dela.

- Cidadão! - Gabrielle exclamou. A polidez havia falhado, então dessa vez ela resolveu elevar a voz bruscamente. Ela sentia os dedos do sujeito em seu cabelo e gritou em ultraje - Pare com isso! - ela advertiu antes de empurrá-lo com ambas as mãos.

Ele se foi voando.

Gabrielle permaneceu fitando a escuridão, sem fôlego pela partida abrupta do indivíduo. Em um minuto, ela estava olhando para a cara do sujeito, no outro, ele pareceu decolar no ar. Esse feito aparentemente mágico de levitação não durou mais que um momento e então ele foi abaixo, o rosto indo de encontro à grama e às pedras chatas do pátio.

- Oooof! - ele gemeu, surpreso, e Gabrielle lançou um olhar estupefato do corpo prostrado dele até suas próprias mãos delicadas, sabendo bem que elas não podiam ser responsáveis por desforrar-se de tal afronta. Enquanto olhava estupidamente para seus dedos pálidos, eles de repente ficaram sombreados por uma figura, presumivelmente seu salvador, de pé na luz fraca.

Ainda olhando para baixo, Gabrielle viu um par de botas pretas e calças de trabalho grosseiras, e, enquanto seu olhar se movia para cima, uma jaqueta surrada cobrindo um tórax que permanecia mais alto que o alcance sua visão. Com um trago ela entendeu o vôo surpreendente de seu bêbado aborrecido; o homem a sua frente era seguramente um gigante! Ele assomou acima dela, e ela se achou encarando um conjunto de ombros que eram largos o suficiente para empregar em mais que um bom dia de trabalho pesado.

Talvez fosse apenas seu tamanho que o fazia parecer tão próximo, mas seu aparecimento abrupto e iminente fez sua respiração constriuir na garganta. Seu coração, que saltou uma batida durante suas dificuldades com o inimigo caído, de repente começou a bater em tempo duplo enquanto ela levantava a vista lentamente para o rosto do homem diante de si. Ele era bonito, ela podia dizê-lo mesmo na obscuridade noturna, mas seu cabelo escuro caía de modo selvagem sobre seu rosto e em seu semblante sombrio de mandíbula quadrada não havia nenhum sorriso. Ele olhou para ela insolentemente, sem dizer nada.

Escapou da frigideira para cair no fogo... O velho provérbio relampejou em seu cérebro enquanto Gabrielle sentia um arrepio de medo correr por sua espinha. Esse homem era perigoso. Ela sentiu isto instintivamente, e ele não fez nenhum movimento para esconder isto. Ele não era sutil. Ele emanava perigo sem pudor, como um grande gato, ela pensou de modo selvagem — como uma pantera.

- Gabrielle! - O grito impaciente de Thérèse a fez virar-se para olhar a porta da pousada onde sua amiga estava agora esperando. Ela logo sentiu alívio, juntamente com um desejo forte de empreender uma corrida, mas, como se estivesse presa por feitiço, permaneceu onde estava. Ela relanceou o olhar nervosamente para trás, para seu resgatador. Ele estava a não mais que um pé distante dela, ainda mudo, e a olhava de cima abaixo chocando-a com sua audácia. Ela não podia realmente ver seus olhos na escuridão, mas o topo de sua cabeça e a curva de escárnio de sua boca fizeram-na ciente de seu escrutínio. Ou ela estava imaginando mais que existia?

- Gabrielle! - Desta vez ela não poderia ignorar a convocação e, sem outro olhar para o homem, Gabrielle virou e correu para a entrada. Seus sapatos pareceram tamborilar ruidosamente nas pedras, e os barulhos do pátio e da rua retornaram. O gemido do homem caído, os sons dos cavalos e o ruído e as vozes da pousada voltaram a ser sentidos por seus ouvidos. Era um truque estranho do vento ou tudo pareceu mudo durante o breve momento em que ela estivera segura no **thrall** de seu sombrio salvador?

CAPÍTULO 3

Gabrielle estava quase ofegante quando alcançou a porta. Ela resistiu a um impulso para abraçar sua empregada em gratidão, como se Thérèse a tivesse salvado de algum destino medonho simplesmente chamando seu nome. Em vez disso, Gabrielle evitou o olhar interrogador de Thérèse e olhou para os degraus de madeira que levavam até o porão.

- Você terminou, então? - ela perguntou.

- Sim, Gaspard deixou-me para a noite. - Thérèse respondeu - O que você estava fazendo lá fora? Quando eu não encontrei você no andar de baixo, eu quase me apavorei.

- Eu quis tomar um pouco de ar. - Gabrielle disse.

- Você não devia vagar lá fora sozinha à noite. - Thérèse quietamente ralhou, mas quando Gabrielle não respondeu, ela simplesmente balançou a cabeça e levantou uma lanterna para iluminar o caminho.

Sem mais palavras, Gabrielle seguiu Thérèse até o quarto no porão, seu pensamento se arrastando até o incidente ocorrido no pátio. Enquanto elas desciam, o ruído agudo de ratos finalmente afastou o incidente de sua mente e ela encolheu-se atrás de Thérèse, temerosa da visão de seu novo lar.

Era fora, para um lado, depois de engradados e barris de vinho, mas era um quarto separado e tinha uma porta robusta. Gabrielle segurou sua respiração, determinada a não deixar qualquer desapontamento transparecer para Thérèse, que, sem dúvida, tentou fazer o melhor para tornar o lugar apresentável. Quando a porta foi aberta, Gabrielle soltou a respiração junto com seus medos, pois era óbvio que Thérèse fez um trabalho completo de limpeza. Não havia um grão de pó, e, apesar do local subterrâneo, o pequeno quarto cheirava a frescor.

Gabrielle ficou aliviada em ver uma janela, embora pequena, coberta em tecido simples, e um fogo que queimava na grelha. Uma cama, obviamente um refugio do hotel, com uma perna quebrada escorada por um pedaço de madeira, ocupava um canto, e era coberta com roupas de cama frescas. Um armário batido e danificado, sem uma porta, debruçado contra a parede, e Gabrielle podia ver que Thérèse desempacotou suas poucas possessões.

Não se assemelhava ao Castelo Dumont — ou a qualquer outro lugar em que Gabrielle já ficara — mas era muito melhor que uma carroça aberta de fazenda, e, para Gabrielle, com os ossos cansados e esperando muito pior, era positivamente aconchegante.

- Está lindo. - ela disse.

- Eu não iria tão longe. - Thérèse respondeu, mas seu sorriso mostrava que ela estava contente com a reação de Gabrielle. - Servirá. - disse simplesmente.

- A menos que aquela cama seja feita de pedra, servirá perfeitamente. - Gabrielle disse, e as jovens cansadas logo rastejaram para ela. O colchão era granuloso e bolorento, mas Gabrielle tinha certeza de que teria apenas que pôr sua cabeça no travesseiro que ela estaria morta para o mundo.

Não foi tão fácil.

Embora mais cansada do que já estivera antes, Gabrielle achou que o sono não vinha. Ela deitou em silêncio, por causa de Thérèse, com os olhos escancarados, até finalmente se sentou na cama e escutou a gritaria da cidade, barulhos pouco familiares que a desviavam do descanso.

Thérèse, também, estava acordada, pois quando Gabrielle moveu, sua amiga falou.

- Eu ainda não entendo por que nós tivemos que fugir. - Thérèse disse suavemente. - Por que os aldeões iriam querer matar você e o conde, quem não tem sido nada além de bondosos para eles?

Gabrielle quietamente se sentou, olhando fixamente para a parede escura um momento antes de falar.

- Tudo está fora de controle agora. - ela disse - A revolução não cumpriu suas promessas; os pobres não estão em melhor situação do que quando começou há dois anos atrás. Eu realmente penso que eles não tinham muito que fazer com Papai ou comigo. Eu acho que eles apenas queriam desabafar sua raiva e frustração em um alvo provável.

- Mas por que agora? - Thérèse amargamente perguntou. - Seu pai nem estava no castelo.

Gabrielle encolheu os ombros.

- Eu ouvi rumores, e como quase nunca estou certa sobre o que é verdade, mas eu acredito que os bons políticos de Paris — os que acompanham Marat, pelo menos, - ela disse em um sussurro silencioso - estão exortando as massas para revolta novamente. Eu vi uma cópia recente do *Orateur du Peuple* de Fréron persuadindo cidadãos de todos os lugares para massacrar monarquistas e as famílias de *émigrés*. Queimem seus *châteaux*, eles aconselham. Você não conseguirá mais explicação que isso. - Gabrielle acrescentou com desgosto.

- Mas você não deixou o país. - Thérèse insistiu, apesar de que com sua própria tenacidade ela podia argumentar depois os perigos que ameaçaram sua patroa. Ela parou, rolou de lado a fim de olhar para Gabrielle como se de repente fosse atingida pela incerteza. - Seu pai é monarquista? - Ela perguntou.

Gabrielle suspirou.

- Isso realmente não importa mais, Thérèse, quem você é ou o que você espera. Um pobre andarilho pode ser rotulado de aristocrata se fizer os mais inócuos comentários. Os aldeões só lembraram que papai era um conde até que tais títulos estivessem proscritos. E, no entanto muitos membros da nobreza orquestraram o início desta revolução, que, como um cachorro indomado, começou a voltar-se e a morder suas mãos.

Embora ela tentasse responder a pergunta de Thérèse o melhor possível, Gabrielle achou que isso pouco importava agora. Mais cedo ou mais tarde, era inevitável que o tumulto dos tempos os alcançaria. A cada nova onda de desassossego proveniente de Paris ou surgida no campo, ela segurava sua respiração para ver se seria atingida ou passaria por eles.

Quando o Estado Geral tomou o poder em 1789, havia muita esperança que o corpo de representantes ao longo da nação poderia resolver algumas das aflições do país. Embora originalmente chamado por Luís XVI, o grupo logo estava em conflito com o rei, e seus membros, determinados criar uma constituição para o reino, formou a Assembléia Nacional Constituinte.

Paris não era tão distante, mas as mudanças tiveram tão pouco efeito nas redondezas de Gabrielle, que, embora 1789 vivesse um tumulto contra o enfraquecido sistema feudal, o *Château Dumont* e seus ocupantes permaneceram imperturbados.

O ano seguinte todos os títulos foram abolidos, também um assunto de pouca importância para Gabrielle e seu pai, agora conhecido simplesmente como Étienne Morineau. Com a constituição terminada em 1791, o corpo administrativo foi chamado

de Assembléia Legislativa. Mas o rei se tornou um prisioneiro virtual de Paris e revoltas por comida e preços crescentes continuaram.

Então, na primavera de 1792, a França declarou guerra à Áustria, enquanto a guerra civil ameaçava irromper no sul. Os cidadãos do país estavam partindo em grandes números, levando a um decreto condenando todos os *émigrés* à morte, enquanto violentos assaltos às pessoas e às propriedades aumentaram ambas em frequência e intensidade.

Finalmente, em 10 de agosto, centenas de soldados eram massacradas quando uma insurreição reivindicou o controle de Paris, correram rumores que uma guilhotina tinha sido instalada na frente das Tuilleries. Os relatos de que o rei da Prússia cruzara a fronteira francesa estava chegando até a zona rural, e então, mais assustador que tudo para Gabrielle, só algumas dias atrás histórias chegaram ao *château* que insinuavam algum tipo de matança dos prisioneiros na cidade.

O pai de Gabrielle, nunca muito preocupado sobre o que se passava fora de seu cantinho, tentou o melhor para continuar como se nada desfavorável estivesse acontecendo. Conseqüentemente, a vida de Gabrielle pouco se alterou. Mas depois de passar o tempo de maneira confortável mesmo para ela, para toda sua juventude, podia ver que algo estava terrivelmente errado.

Amigos, a caminho das fronteiras, persuadiam os Morineau a fugir com eles, mas o pai de Gabrielle estava determinado a enfrentar a tempestade. Sua atitude era a de uma fé ingênua em seu país combinada com uma recusa obstinada para encarar a realidade. Ele ignorou as advertências até que fosse muito tarde.

O pensamento de seu pai fez Gabrielle engolir em seco. Apesar de estar olhando as paredes do quarto escuro, iluminado apenas por uma luz agonizante, ela viu seu pai, magro e comprido como um salgueiro, seus óculos escorrendo para a ponta do nariz enquanto ele lia alto. Ela fechou os olhos contra a visão e finalmente falou novamente.

- Não, papai não era monarquista. - disse Gabrielle - Ele nunca se interessou por política. Você o conhece, Thérèse, ele era mais feliz com a cabeça mergulhada em um livro ou estudando as plantas. Ele estava mais interessado em melhorar os métodos de plantio do que em reformar o país.

- Não que ele não atentasse para o que acontecia. - ajuntou Gabrielle, como se para convencer a si mesma e a Thérèse - É só que ele sempre dizia que tais coisas deviam correr por si sós sem interferência. Os contínuos julgamentos, a crise financeira, a revolução e agora... - A voz de Gabrielle se arrastava enquanto ela recitava os sofrimentos do país. Uma mecha de cabelo caiu sobre sua testa e ela parou, erguendo uma mão para afastá-la.

- Bem, papai é o homem mais doce existente na face da Terra, mas ele não é muito prático, e esse tipo de problemas eram melhor serem deixados para outros. - ela concluiu, a voz falhando.

- Então por que ele veio para Paris? - Thérèse indagou.

- Lafayette. Você sabe como papai era influenciado por ele em tal aspecto. - Gabrielle explicou, seu tom ecoando aquele mesmo olhar enquanto ela falava do famoso soldado e estadista. - Quando Lafayette foi processado por aqueles imbecis para abandonar seu posto, isso mexeu com a complacência de papai.

A culpabilidade permeava a voz de Gabrielle como uma gota de sangue, e em um momento ela era transportada do quarto de porão minúsculo, suas paredes geladas pela noite de outono, para o estúdio do *château*, aquecido por um tardio sol de verão. Ela jogou um jornal sobre escrivaninha do seu pai, e ele olhou para cima, confuso.

- Olhe o que eles fizeram agora, papai! Você seguramente não pode tolerar isto!

Gabrielle trabalhosamente revirou a memória, um grito súbito de fora afastando o som macio da voz de seu pai.

- Ele sentiu que deveria objetar. - disse Gabrielle com serenidade, apesar das palavras parecerem pesadas demais em sua garganta.

E então ele veio para Paris. Ela finalmente o instigou à ação, e ele veio para Paris. E desaparecera. Gabrielle não teve que falar seu final pensado em voz alta, pois Thérèse sabia que ninguém ouviu falar do conde desde que ele partira para a capital semanas atrás, pretendendo retornar em poucos dias.

Nenhuma carta chegava, nenhuma palavra era recebida de ninguém relativo a seu destino, embora de Paris, como sempre, viesse uma série constante dos rumores de intriga, violência, desassossego e prisões.

Thérèse enrugou a testa como se a explicação não a agradasse, e Gabrielle soube que nenhuma quantidade de razões poderia fazer Thérèse concordar com decisão do seu pai em deixar o *château*. Embora Thérèse parasse de criticá-lo abertamente, seu cenho franzia sempre que o assunto era contrário a seu ponto de vista.

Existia uma pessoa, porém, em quem o Thérèse não hesitou em pôr culpa.

- Bem, como se não fosse suficiente a partida de seu pai, então aquela dama de companhia idiota se esquivou para longe como um ladrão na calada da noite. - Ela amargamente reclamou. - Que tipo de mulher deixaria você sozinha para dar conta de tudo?

Madame Laborde, uma mulher de cintura prodigiosa e pouco juízo, tinha finalmente mostrado algo desse último quando ela fugiu para seus parentes na Alemanha logo em seguida ao desaparecimento do conde. Este ato simples de autopreservação era visualizado pela leal Thérèse como algo similar a deserção.

- Agora, Thérèse, isto não é justo. Madame Laborde me procurou para que eu fosse com ela, mas como eu podia deixar o *château* sem saber notícias de papai? - Gabrielle perguntou.

Thérèse levantou sua cabeça para encarar sua patroa e Gabrielle soube o que ela estava pensando. Você devia ter ido, era a mensagem não dita. Em vez disso, Thérèse disse:

- Ela devia ter ficado.

- Eu não posso culpá-la por ir. - Gabrielle disse. Nem você. Cada pessoa deveria seguir sua consciência. - Gabrielle declarou, percebendo de repente que era muito mais fácil enunciar frases nobres do que viver por elas. Novamente, ela espantou longe a imagem de seu pai, cuja consciência ela ajudou por alguns pontapés rápidos. Pelo menos Madame Laborde estava distante, em segurança, um bálsamo para sua dolorosa sensação de dever.

- Além disso, se Madame Laborde tivesse ficado, ela estaria na mesma dificuldade em que nós estamos. - Gabrielle disse, abanando uma mão para mostrar o quarto de porão minúsculo apenas grande o suficiente para elas duas. Ela abriu sua boca como se fosse falar novamente, mas parou de repente e olhou para Thérèse. Por um momento, as duas garotas, ainda tão jovens, olhadas cada uma para seus lábios se curvando em sorrisos, então Thérèse levantou uma mão pálida para abafar uma risadinha, enquanto Gabrielle gargalhava.

- Oh, Thérèse. - Gabrielle sufocou. - Vinte e cinco milhões de foguetes areia! - A maldição elegante saltou de sua língua entre risadinhas. - O que teríamos feito com ela ontem à noite? Ela teria desmaiado no momento em que ouvisse o relatório de Claude sobre a ameaça ao *château*. Imagine só tentando levá-la na carroça, coberta apenas com palha.

Thérèse riu também.

- Deixá-la apenas quieta!

O riso era um bálsamo, e Gabrielle, se sentia relaxada pela primeira vez o dia todo, finalmente deslizou para debaixo das cobertas e adormeceu.

Ela passou uma noite agitada, contudo, atormentada por sonhos assustadores. Ela abriu a boca para gritar, mas nenhum som escapou enquanto ela assistia os aldeões queimarem sua casa. Ela reviveu sua fuga ousada pelo bosque, olhou o chefe do portão novamente e buscou seu pai pelas ruas da cidade, cada visão se misturando com as outras em um quadro assustador.

Só uma imagem permaneceu constante e sua repetição era talvez o mais perturbador. A figura que teceu em seus sonhos não era a de seu pai perdido; era a do homem alto, escuro, mudo que elevou-se sobre ela no pátio.



As garotas levantaram com o amanhecer, tiritando com o frio, mas Thérèse era contra começar um fogo.

- Madeira custa dinheiro, - ela repreendeu - do qual nós temos muito pouco.

- Mas nós duas estamos trabalhando agora. - Gabrielle objetou - Seguramente nós dispomos de madeira suficiente para aquecer o quarto. Ela se arrependeu no momento em que as palavras deixaram sua boca, pois podia ver que Thérèse, que se encarregara das suas finanças, tomou sua repreensão como um insulto pessoal. Gabrielle mordeu o lábio e franziu o cenho para sua própria língua indomável.

- Até agora Paris tem sido boa para nós, graças principalmente ao carinho do tio Gaspard. - Thérèse disse de pronto. - Mas sua caridade é limitada. Logo ele fixará um aluguel para este quarto e um relato sobre nossa alimentação, e enquanto isso nós precisamos de madeira e de roupas. Eu depusitei por isso um pouco das minhas economias...

- Oh, não, Thérèse! Eu não imaginava que você gastaria seu próprio dinheiro em mim. - Gabrielle disse em tom chocado.

- Mas o que você gostaria que fizéssemos? Você ainda não foi paga e, quando for, será apenas o suficiente. - Thérèse disse seriamente.

- Minhas jóias. - Gabrielle disse, apontando em silêncio para o local em que ela as escondera, atrás de um pequeno buraco sem argamassa na parede.

Thérèse encolheu seus ombros esbeltos.

- Qualquer tentativa de vendê-las traria mais atenção sobre nós do que queremos. - disse suavemente.

Gabrielle franziu o cenho e se voltou, magoada. Ela sabia o que Thérèse quis dizer. Apesar de ela ter usado o plural "nós", era suficientemente claro que uma das duas não receberia atenção indevida. Thérèse podia ser contada por ter abrigado e ajudado uma aristocrata, mas era a própria Gabrielle que estaria em maior perigo se descoberta.

Ela suspirou.

- Você está certa, claro. Eu sinto muito, cara Thérèse. Oh, o que eu faria sem você? - Gabrielle disse repentinamente, fixando os olhos azuis em sua amiga. Ela a abraçou num impulso.

- Você se arranjará de algum modo. Não duvido disso. - Thérèse disse com um sorriso - Mas enquanto eu estiver aqui deixe que eu me preocupo com seu dinheiro. Eu passei a vida toda a juntar algumas moedas, então tenho experiência no assunto. - ela acrescentou secamente.

- Tudo bem. - disse Gabrielle - Eu deixo que você se cuide do lastimável estado de nossas finanças, enquanto eu... - Gabrielle virou para pegar sua escova de cabelo - Eu

me preocupo com papai. Ela escovou o cabelo com longos, rápidos movimentos, um sorriso excitado iluminando seu rosto. - Oh, agora que estamos aqui, Thérèse, eu sei que serei capaz de descobrir o que aconteceu com ele. - disse. Quando ela voltou para sua tarefa, ela se sobressaltou com o desânimo nas feições de Thérèse.

- Você não quer dizer que vai procurar por ele? - Thérèse sussurrou.

- Mas é claro. - Gabrielle respondeu simplesmente.

- Mas Gabrielle, - Thérèse protestou - você deve entender... - Suas palavras sumiram enquanto ela relutava em dizê-las e ela ficou muda, olhando inutilmente sua patroa.

- Entender o quê? - Gabrielle indagou, franzindo o cenho, irritada pela hesitação de sua amiga - Bem, o que é isso?

- Certo então. - Thérèse respondeu e, inspirando uma grande quantidade de ar, prosseguiu - Você deve entender que nada de bom pode vir de tal incumbência. O conde está... - ela titubeou e começou novamente - Você deve aceitar que ele está morto... ou na prisão, o que é quase a mesma coisa. - as palavras saindo junto com sua expiração.

- De qualquer forma - Thérèse acrescentou - nenhuma de nós duas pode mudar sua sorte, enquanto perguntar por ele pode nos trazer problemas.

Frente ao olhar ofendido de sua patroa, Thérèse se arrependeu de suas palavras. Elas foram severas, mas era tempo de Gabrielle saber a verdade. Ela vivera uma existência protegida; como sobreviveria? O conde fora um bom patrão, mas obviamente não muito sagaz para salvar sua própria pele, deixando sua filha sozinha.

Thérèse amava Gabrielle como uma irmã e ela sabia que era seu dever cuidar de uma patroa que não podia se defender. Até agora ela o tinha feito muito bem, mas como poderia proteger Gabrielle quando ela buscava problemas? De acordo com a maneira de pensar de Thérèse, Gabrielle teria que usar melhor sua nova existência em lugar de perseguir os fantasmas de sua antiga vida.

- Bem, eu certamente não quero colocá-la em perigo. - Gabrielle disse vagarosamente, surpresa em apreender a visão de Thérèse. - Mas eu não posso esquecer papai, de todo modo. A simples idéia lhe parecia ridícula, pois seu pai nunca se afastara de sua mente. Agora que ela estava instalada em Paris, sentia a esperança crescer em seu peito pela primeira vez desde seu pavoroso desaparecimento.

Finalmente ela estava em posição de fazer algo, apesar de não estar segura sobre o quê, para ajudá-lo e isso lhe deu um firme propósito a sua existência. A explosão de Thérèse, contudo, abafava sua excitação. Apesar de que ela nunca colocaria de lado o plano de procurar seu pai, ela pensou que não poderia contar com a ajuda de Thérèse.

Gabrielle suspirou suavemente, triste por sua amiga não compartilhar seu sonho, mas ela entendeu por que Thérèse queria anonimato. Era uma parte da revolução, aquele terror penetrante e suspeita e medo pela vida que incitava ao esconderijo ou à fuga. Bem, ela deveria se esconder por enquanto, mas ela não iria, ela não poderia abandonar seu pai, custasse o que custasse.

Um estrondo vindo de cima trouxe as garotas de tais pensamentos, e elas se apressaram para cima para investigar. Vendo que nada fora extraviado, elas decidiram morder um bocado de comida antes de ir ao trabalho. Incapaz de continuar sua discussão de onde poderiam ser escutadas, elas compartilharam alguns pãezinhos duros e um café silenciosamente na cozinha ocupada. Gabrielle estava ainda a pensar sobre seu pai e como ela poderia ajudá-lo, mas quando ela olhou para fora pela janela, ela nitidamente lembrou de um tipo diferente de salvamento.

O encontro de ontem à noite, esquecido até agora, retornou com força surpreendente, e a memória do homem que a ajudara e que mais tarde assombrou seus sonhos fizeram-na estremecer apesar do calor da cozinha.

- Você está bem? - Thérèse perguntou, empoleirada a seu lado na mesa gasta.
- O quê?
- Você está bem? Você parecia pálida e fria. Pelos céus, eu espero que você não tenha pegado algo. - disse Thérèse - Não estamos em condições de ficar doentes.
- Não, eu estou bem, realmente. - Gabrielle disse. Thérèse olhava-a de perto, como para se convencer até que Gabrielle reassegurou com um sorriso - Foi apenas um sonho, isso é tudo.

Isso tudo tinha sido um sonho? Gabrielle começou a se perguntar enquanto examinava cuidadosamente o episódio em sua mente. Talvez o homem alto e bonito que a salvou fosse simplesmente uma invenção de sua imaginação fatigada. Afinal, o pátio estava escuro, ela cansada, e o bêbado tinha mexido com seus nervos...

Mais que provável, o sujeito era só um homem ordinário embelezado por sua mente assustada em alguma criatura fora do comum, ela decidiu. Um homem que lembrava-lhe uma pantera, pelo amor do céu. Gabrielle quase sufocou com o pãozinho à idéia. Vinte e cinco milhões de traques!

Segura de que ela distorceu as proporções do incidente, Gabrielle soltou um adeus a Thérèse e partiu através do pátio a caminho do trabalho. Uma luminária quebrada deixou seus fragmentos dispersos através das pedras, e ela via seus passos, agitando sua cabeça em suas próprias fantasias.

Provavelmente nunca veria um ou outro homem novamente — uma situação a qual se adaptaria perfeitamente, Gabrielle pensou enquanto caminhava. O homem bêbado não era nada além de um incômodo, e o sujeito alto... Ela estremeceu involuntariamente ao pensamento dele, sentindo novamente aquela pressa estranha de alegria e medo que ela conhecera em sua presença. O que na Terra poderia tê-la alterado tanto?

Ela achou que ele era bonito, mas que isso não explicava sua reação poderosa. Ela tentou recordar suas feições, com exceção de sua mandíbula quadrada e a virada insolente de seus lábios, mas elas escaparam. Enquanto caminhava cuidadosamente ao redor de uma poça de lama, Gabrielle percebeu que ela provavelmente não o reconheceria ainda que ela corresse direto para ele.

O pensamento apenas a deixou quando ela percebeu só o quanto tinha sido tola. Pois quando ela olhou para cima lá estava ele - o homem de seus sonhos trazido à vida. Ele estava curvando sobre um cavalo, de costas para ela, mas sua altura, seus ombros largos e seu cabelo escuro o fizeram inconfundível.

Como fora tola em pensar que não o reconheceria! Ele era tão familiar quanto seu próprio capote. Ela o reconheceu em um instante - um instante em que seu coração começou a saltar as batidas.

Ele estava engatando uma parrelha de cavalos e à luz do dia ela podia ver o que ele era: um cavaleiro, presumivelmente empregado pela pousada. Ele era alto e musculoso, certamente, mas dificilmente uma figura ameaçadora. Suas roupas eram gastas, remendadas e não muito limpas e seu cabelo quase preto, caindo de modo desordenado abaixo do colarinho, parecia precisar de uma boa lavada e ser escovado em seguida.

Gabrielle estremeceu novamente e puxou seu capote apertando-o ao redor de si como se para repelir a atração que ela sentia por ele. Ele não era, de todo modo, o tipo de homem que faria seu coração flutuar e ela sabia disso. Ela se agitou, tentando esconder a súbita excitação da descoberta que ela sentiu em vê-lo.

Ela pegou seu rosto em perfil e notou que ele possuía um nariz nobre e um queixo firme. Era bonito, não havia nenhuma dúvida disso enquanto o sol frio da manhã iluminava seus traços, mas ele era mais que isto...constrangedor. Aquela era a palavra

que pulava em sua mente. Ele era constrangedor, mas seguramente não perigoso. E como pantera? Ela devia estar sonhando. De fato, em vez de emanar apenas um poder restrito, seus movimentos pareciam lentos e deliberados hoje.

Gabrielle esperou um longo momento, observando-o até que ela mesma se sentiu desconfortável com seu escrutínio. Ela sabia que deveria estar a caminho do trabalho, mas ainda hesitou, conjecturando se deveria dizer algo ao indivíduo agora que ela o reconhecia.

Afinal, ele veio em sua ajuda na noite anterior, literalmente lançando de lado o bêbado que a atacava e ela nem sequer falou com ele. Decidindo que ela deveria pelo menos agradecê-lo por sua intervenção, Gabrielle engoliu em seco, segurou firme seu capote - e a si mesma - e caminhou na direção dele.

Ele não notou sua aproximação, embora ela sentisse que ele devia tê-la visto. Quando ela estacou a poucos passos atrás dele e aquietaram suas mãos ocupadas na tarefa, Gabrielle permaneceu silenciosamente olhando-o. Ela percebeu o modo como sua jaqueta estava esticada nas costas e nos ombros como se seus músculos se movem-se até ali, chocando a si mesma por notar, então se forçou a falar.

- Cidadão... - ela começou.

Ele voltou o olhar para ela, e ela fechou a boca, as palavras simples que ela planejava fugindo de seu cérebro como folhas caindo ao vento. Muda e ofegante, ela quase caiu um passo atrás pela força de atração do homem. Apesar de suas madeixas escuras serem incontroláveis e emaranhadas, emolduravam um rosto cinzelado de beleza masculina quase clássica. O nariz não era tão aquilino, e talvez o lábio fosse mais cheio que o ideal grego, mas ele possuía feições de um abençoado por Deus .

Ele não se comportava, porém, com o comportamento angelical daquelas estátuas inanimadas a que ele se assemelhava. Ele se debruçou contra o cavalo, uma mão descansando sobre um flanco, e balançou sua cabeça ligeiramente enquanto olhava para a dela - novamente com insolência emanando por todos os poros. Pálpebras pesadas inclinavam-se acima de olhos intensamente verdes que passeavam sobre ela preguiçosamente enquanto sua boca se curvava em desdém.

Involuntariamente, Gabrielle deu um passo atrás, se desequilibrando por uma atitude muito em conflito com suas características. Seu rosto e sua forma eram como os de um deus grego, um homem de razão, um herói homérico, e ainda por algum capricho misterioso do destino, em seu caso eles pareciam estar abençoando um cavaliário que não só parecia sujo e estúpido, mas rude — e possivelmente o era — para aproveitar.

Gabrielle decidiu terminar a conversa tão depressa quanto possível.

- Cidadão, eu desejo agradecer por sua intervenção oportuna ontem à noite. - ela disse, com muito mais calma que sentia. O mortiço olhar verde permanecia sem vacilar.

- Sua ajuda foi de muita bondade. - Gabrielle adicionou. Ela parou, esperando por um comentário, mas o homem não disse nada. - Eu não sei o que teria acontecido se você não viesse em meu socorro. - ela disse, parando novamente. Nada vinha. - Mas você o fez, ainda bem! Ela sorriu brilhantemente para cobrir seu embaraço crescente e esperou por seu salvador dizer algo—qualquer coisa.

Ele não o fez. Nem mesmo ofereceu seu nome nem se apresentou, e a quietude parecia pairar no ar muito sobrecarregado enquanto Gabrielle nervosamente mastigava o lábio. Finalmente, ela decidiu que ele era desesperadamente rude e que seria melhor terminar antes que ele a zangasse com seu estúpido silêncio.

- Eu aprecio isto, - ela disse - e eu me desculpo por não agradecer você tanto como deveria quando o incidente aconteceu. Eu só posso considerar como desculpa minha própria perturbação do momento.

Gabrielle sorriu para o belo semblante, ainda esperando algum tipo de resposta—uma aceitação de sua gratidão pelo menos—mas a única reação do homem era o movimento lento de seus olhos. Ela assistiu, espantada, como eles intencionalmente deixaram seu rosto para vagar ao longo de seu corpo de um modo que a fez enrubescer de indignação.

Gabrielle não podia acreditar na insolência do homem! Até os rudes guardas no portão não olharam para ela como se a desnudassem. Ela se sentiu mais insultada pelo olhar deste homem do que por seu escárnio vulgar.

- Realmente, cidadão, - ela disse rigidamente - eu só desejei obrigada. Não devo aborrecê-lo mais.

Ela o encarou friamente e, por um segundo, ele encontrou seu olhar. Naquele momento rápido pareceu como se uma máscara tivesse sido erguida e que os olhos verdes se chatearam nela, aprofundando-se em sua alma. Gabrielle prendeu sua respiração, surpresa, só para se perguntar se ela esteve imaginando coisas, pois agora seu belo salvador parecia apenas indolente e chateado. Com um lento encolher de ombros, ele virou de costas para ela e retornou para o trabalho.

A audácia da criatura! A gratidão fugiu de Gabrielle, e ela teve que morder seu lábio para afastar o pensamento de gritar com o sujeito para que ele aprendesse algumas maneiras. Ela quis dizer a ele exatamente o que pensava, mas ele era um grande bruto e, como Thérèse estava habituada a lembrá-la, ela precisava manter um freio em sua língua — especialmente em Paris. Era melhor manter o mais baixo dos perfis se ela quisesse continuar a posar como Gabrielle — e tentar encontrar seu pai.

Então, com um muxoxo de irritação, ela simplesmente se virou nos saltos e caminhou altivamente para longe, sua cabeça erguida. Ela ferveu a toda distância pela rua, desavisada que o objeto de sua fúria observava o balanço de seus quadris com um brilho apreciativo no olhar até que ela deixasse o pátio.

CAPÍTULO 4

Gabrielle teve muitas horas de trabalho monótono para que se preocupasse ou se enfurecesse. Principalmente, ela se preocupou sobre seu pai, rezando por sua saúde e perguntando-se como encontrá-lo. Mas de vez em quando outro rosto aparecia, indesejado, no topo de sua memória.

Ela viu uma boca cheia curvada com insolência e olhos verdes sob pálpebras preguiçosas, e ela se coçou para dar um bofetão naquele rosto bonito. Então ela pulou um ponto, mordeu o lábio e mentalmente amaldiçoou o homem que estava perturbando seus pensamentos.

Era um dia longo e, no final, Gabrielle estava determinada para deslizar pelo pátio sem olhar ao redor. Mas quando a hora chegou, ela não podia se ajudar. Ela procurou por seu salvador mudo sob pestanas abaixadas e estava esquisitamente insegura de seus sentimentos quando não o achou. Gabrielle disse a si mesma que ela deveria estar contente por nunca mais pôr os olhos nele outra vez, mas algo bem no fundo de si discordava. Era algo que seria melhor se fosse ignorado.

A cozinha de pousada parecia quente e convidativa depois da fria caminhada da loja e Gabrielle esperou ansiosamente a ceia. Foi informada que Thérèse já comera e estava ocupada no salão comum, mas que o cozinheiro, François, salvou uma porção da comida da noite para ela. Gabrielle lhe sorriu agradecendo. Um homem amigável com uma barriga redonda e um profundo sorriso, François conversava durante todo o tempo em que trabalhava — sobre si mesmo, sobre Paris e sobre a revolução.

Ele falava enquanto cortava cenouras, pontuando sua conversação com grandes golpes da enorme faca de cozinha que ele empunhava.

- Eu sou da Itália e ainda tenho parentes lá, sabe. - ele disse.- Eu continuo dizendo a mim mesmo que eu irei para eles se aqui ficar ruim o bastante, entretanto, eu nunca vou. Sua risada começou como um estrondo baixo e profundo em sua garganta que ganhou impulso até que rugiu acima do estrondo geral do salão comum e da cozinha ocupada.

- O país está atravessando um tempo ruim, mas todos os países têm tempos ruins, tal como as pessoas. - ele disse com um encolher os ombros. - É a vida, não?

Gabrielle, encarapitada em um tamborete com a vista pela janela, balançou a cabeça e comeu seu jantar, enquanto François divagava brandindo sua faca como se fosse uma espada. Embora ela escutasse atentamente, seu olhar freqüentemente se desviava para o pátio escuro, onde a luz fraca de lanternas iluminava as pedras.

François riu à uma de suas próprias piadas, e Gabrielle sorriu ao som contagioso. Ela gostava da cozinha quente, ocupada e de seu cozinheiro alegre, ela decidiu enquanto deslizava o prato sujo na pia. François deve tê-la visto pelo canto do olho porque imediatamente ralhou com ela.

- O quê? Agora você retira os pratos? - ele perguntou, não esperando por uma resposta. - Nós temos um menino para fazer isso. Aqui, tente isto. - ele disse, dando ela um largo pedaço de bolo com açúcar e nozes.

- Oh, eu não poderia. - Gabrielle disse, atenta às contas a serem prestadas a Gaspard.

- Ela não gosta de minha comida! - François anunciou em tom ofendido. Villette, passando rapidamente por ele para pegar uma travessa, estava impassível. Ela voltou o olhar enquanto se apressava em direção ao salão comum com o prato pesado equilibrado em uma mão.

- Tome cuidado, Gabrielle, ou François logo a deixará tão gorda quanto ele. - ela advertiu antes de sair.

Suas palavras fizeram François bufar.

- Muito ruim não conseguirmos qualquer boa ajuda aqui! - ele berrou, tão ruidosamente que Gabrielle pensou que ele poderia seguramente ser ouvido no outro cômodo.

- Aqui. - ele disse, tentando-a com o regalo novamente. Quando Gabrielle permaneceu impassível, ele tentou uma tática diferente. - Tome isto ou eu jogarei para o cachorro. Ele ameaçou com um olhar falso de raiva em seu rosto redondo. Gabrielle pegou o bolo de sua mão com uma risada clara e sentou de volta em seu tamborete.

- Você é um amor, François. - ela disse enquanto olhava para o pátio. Gabrielle saboreava cada mordida, mas o doce perdeu o sabor quando ela vislumbrou seu rude salvador, sua lanterna segura no alto enquanto ele cuidava de alguns cavalos. A mão desocupada de Gabrielle escorregou para o colo, seus dedos ainda segurando uma pequena porção do precioso bolo e ela inconscientemente franziu o cenho enquanto o observava.

- Você tem sido muito bondoso, - Gabrielle disse para François enquanto ela olhava fixamente - ao contrário de outros que trabalham aqui.

François voltou-se para seguir o olhar dela e riu entre dentes.

- Ah, aquele! Você gosta dos fortes e mudos, é? - perguntou antes de gritar uma ordem para seu jovem assistente - Você está vendo aqueles pãezinhos, Henri, ou eu devo fazer tudo?

- Ele é mudo, certo, e forte, eu imagino, mas não gosto dele. - Gabrielle disse firmemente enquanto ela observava o homem cruzar o pátio desaparecer na escuridão.

- Ele é o preferido das senhoras, Alexandre. - François disse habilmente enquanto agarrava uma cebola. - Claro, elas não podem resistir a seus olhares, e não machuca que ele não conte nenhuma história! Ele novamente deu uma risada do fundo de sua garganta.

- Humpf! - Henri bufou com a sabedoria de um garoto de dez anos de idade - Ele é um boi grande, obtuso. Eu não sei por que qualquer mulher iria querê-lo. Ele não pode nem conversar!

- Para saber por que uma mulher iria querê-lo é algo que você tem que investigar com sua irmã Marie. - François disse, rindo suavemente - Mas eu direi a você que é o bastante, não tem nada a fazer com conversas! Ele se virou para Gabrielle e piscou descaradamente.

- Humpf! Marie! - Henri disse com o desgosto que todo irmão mais novo sentia.. Ele não obviamente não valorizava a opinião dela.

- Alexandre. - Gabrielle repetiu o nome suavemente enquanto olhava na escuridão vazia. Então ela se voltou para olhar François especulativamente - Você realmente acha que ele não pode falar?

- Mudo como uma porta! - Henri confirmou. Ele correu ao outro lado da cozinha para evitar uns tapas de François, que aparentemente desaprovava sua escolha de palavras. Qualquer que fosse a repulsa que Henri pudesse abrigar pelo belo Alexandre, ela aparentemente não era compartilhada por François.

- Não me admira que ele não tenha dito nada. - Gabrielle sussurrou para si mesma.

- Garota esperta. - Henri comentou.

- Parece que há um patife nesta cozinha conversando tempo demais. - François rosnou, levantando seu grande punho, armado com um cutelo. Henri foi propriamente silenciado, e então foi Gabrielle. Essa notícia era algo em que ela deveria pensar. Com

um gentil obrigada se despediu de François e de seu jovem ajudante, deixando a cozinha para seu quarto no andar de baixo.



Gabrielle se sentou sobre a cama, o misterioso Alexandre demorando em seus pensamentos. Talvez ela o tenha julgado mal. Ele não podia ser tão terrível quanto ela presumira, se François, áspero, mas doce, gostava dele, podia? Seu coração se compadeceu por aqueles que tentavam lutar pela vida sem o poder da fala e ela se sentiu culpada por todas as horríveis coisas que imputara a ele - ainda que nunca as tivesse dito em voz alta.

Ela abraçou os joelhos de encontro ao peito enquanto ela conjecturava que espécie de homem ele era. O céu certamente sabia que ela era um pobre juiz! Gabrielle queria discutir a experiência com Thérèse, mas algo lhe dizia que Thérèse desaprovava seu interesse pelo cavaliário. E como explicar aquela selvagem e estranha alegria que ela sentia quando estava próxima a ele? Como uma mulher lúcida, ela se envergonharia em admitir tal tolice.

Ainda, quando Thérèse entrou, Gabrielle abriu sua boca para dizer algo, incapaz de conter sua própria confusão. Ela fechou-a prontamente, entretanto, quando viu o cansaço nos ombros de sua amiga. Por que aborrecer Thérèse com sussurros sem importância? Thérèse só acharia uma razão para se preocupar sobre este Alexandre, e ela tinha preocupações suficientes no momento.

Gabrielle observou silenciosamente enquanto Thérèse lavava seu rosto em uma tigela rachada que elas acharam na vistoria do porão. Ela forçou seus pensamentos para longe do mudo bonito e de volta para onde pertenciam — em seu pai. Novamente, ela se debateu se devia contar seu plano a Thérèse. Gabrielle sabia que Thérèse não aprovava a busca pelo conde, mas ela não podia manter sua excitação para si mesma.

- Vou começar minha procura verificando as prisões. - Gabrielle disse.

Às palavras, Thérèse soltou as mãos de seu rosto e voltou o olhar, surpreso e gotejando, para Gabrielle.

- Mas você seguramente será presa! - Ela protestou.

- Por perguntar pelo meu pai? - Gabrielle perguntou, surpresa. - Claro, eu não direi que sou sua filha. Direi apenas que eu costumava trabalhar para ele.

- Não! - Thérèse respondeu veementemente enquanto secava o rosto. Ela lançou a toalha no armário e ajoelhou-se depressa ao lado da cama.

- Você estava certa, Gabrielle. - ela disse seriamente, tomando ambas as mãos de Gabrielle nas suas e olhando-a diretamente nos olhos. - Você estava certa sobre a revolução e a república e tudo!

Thérèse parou, abaixando a voz em um sussurro.

- Todos os tipos das pessoas entram na pousada, gente do governo, membros da Convenção Nacional, da Comuna — até do Tribunal. - ela disse, cochichando sobre o grupo formado para julgar monarquistas e moderados - Os cidadãos ordinários podem ser condenados por qualquer coisa. Eles chamam isso de "denunciar" alguém. As histórias são horríveis e essas pessoas riem delas. Thérèse estremeceu como se alguém pisasse em seu túmulo.

- Se você for até um portão da prisão e perguntar por alguém — qualquer um — eles podem prendê-la naquele mesmo lugar, por espionagem, conspiração — qualquer coisa que eles queiram. - ela advertiu.

- Mas o que eu vou fazer? - Gabrielle suavemente perguntou. - Thérèse, eu devo fazer algo. Eu tenho que achar papai.

Thérèse levantou as mãos para sua patroa, aliviada por sua vitória fácil manifestada pela confusão desta. Thérèse sabia que Gabrielle era teimosa como uma mula, e ela esperava gastar o resto da noite tentando dissuadi-la deste último plano precipitado.

- Eu não sei. - Thérèse respondeu enquanto se virava. Ela não ousava enunciar sua opinião — que Gabrielle não deveria fazer nada além de tentar se salvar durante esta loucura — assim ela simplesmente afundou fatigada sob a outra extremidade da cama.

- Thérèse. - Gabrielle disse e Thérèse olhou para ela suspeitosamente. Thérèse conhecia aquele tom de voz da sua patroa e ele prenunciava problemas: Gabrielle deve ter tido uma idéia, algum novo plano que indubitavelmente traria sobre elas o tipo errado da atenção.

- Sim. - ela respondeu com cautela.

- Os homens quem freqüentam a pousada, - Gabrielle disse - todos eles concordam com o modo como coisas estão correndo ou alguns reclamam sobre o governo?

Thérèse suspirou.

- Eles estão sempre discutindo. - ela disse - Mas o que é que isso tem a ver?

- Nós precisamos achar alguém a quem isso tenha a ver, que seja simpatizante da nossa causa. - Gabrielle pensativamente disse, levantando um dedo para bater em seu queixo, divagando.

- O quê?

- Você está certa, Thérèse. Nós não podemos fazer isso sozinhas. - Gabrielle disse com vivacidade - Precisamos de ajuda. Precisamos de alguém nos satisfaça. Pelo menos o pôr-do-sol era o mesmo, ela meditou com um toque de melancolia enquanto seu olhar movia em direção aos estábulos.

Ele estava de pé em uma réstia de luz, tratando um dos cavalos, e ela não podia deixar de admirar o modo que ele se movia. Apesar de seu tamanho, ele era gracioso, seu braço subindo e descendo, alisando o pêlo em um ritmo tranqüilo.

Alexandre. Agora que Gabrielle podia lhe pôr um nome, ele se tornara uma pessoa real. Ou foram as palavras de François que o tornaram humano? Compaixão jorrou de seu peito. Ela certamente morreria se não pudesse falar. Seu pai freqüentemente a chamava de uma triste matraca, mas Gabrielle não se importava; ela se sentia no dever de conversar o suficiente por eles dois. Seu papai freqüentemente era tão tranqüilo, que ela o importunava até que ele falasse. Como era triste pensar que ela jamais ouviria a voz desse homem.

Alexandre era uma anomalia, uma aberração de natureza, amaldiçoado com uma falha que o impediria de se comunicar para sempre, mas abençoado com um rosto bonito e um corpo forte. E, oh, ele era bonito, não existia nenhuma dúvida. Apesar de suas roupas gastas e seu cabelo desgrehado, Alexandre era bonito.

O pão de Gabrielle jazia em seu colo, o queijo esquecido na mão, enquanto ela o observava: o fluido movimento repetitivo do seu braço enquanto ele escovava o cavalo, o cabelo escuro preso para atrás com sua cabeça curvada ligeiramente, as pernas musculosas em sua posição casual.... Então, tão lentamente e tão suavemente que ela podia ter jurado que ele sabia de sua presença, Alexandre girou sua cabeça para olhar diretamente para ela.

O coração de Gabrielle começou a bater surdamente de modo selvagem por sua própria iniciativa. A insolência se foi por um momento, mas seu olhar fixo era ainda intenso, tanto que ela achou que ela estava segurando a respiração, esperando em antecipação embora a cena pacífica pudesse de repente explodir com vida e fúria.

Ela sabia com o instinto de seu sexo que deveria desviar o olhar. Retornar o olhar dele era muito impudente, mas Gabrielle permaneceu encarando-o, como se estivesse encantada, enquanto a última luz do dia trespassava as nuvens para iluminar suas feições. Então o sol se foi e com ele o feitiço que a segurava. Gabrielle finalmente abaixou os olhos.

O queijo. Olhe para o queijo, Gabrielle pensou freneticamente, e assim fez. Agarrou-o em sua mão como se fosse uma relíquia sagrada, ela o inspecionou bem perto, destacou um pequeno pedaço e finalmente o pôs na boca. Mas ele tinha um gosto seco e empoeirado. Ela não tinha nenhum desejo pela comida, a não ser para outro olhar de parar o coração para a divina criatura através do pátio, ou melhor ainda... Um olhar mais próximo.

Só o fato de pensá-lo fez Gabrielle gelar até os ossos. Como poderia ela, aparentemente muito amavelmente criada, tenha anseio tão... atrevido? Gabrielle sentiu o desejo, uma vez confrontado, declinar. Ainda fez um grande esforço em dar mais umas mordidas no queijo e manter seus olhos firmemente colados na sua ceia. Felizmente, uma comoção na rua forneceu-lhe uma oportunidade para levantar os olhos. Com casualidade estudada, ela deixou o olhar vagar então pelo pátio, mas ele se fora e Gabrielle se sentiu tão despojada que esteve perto de chorar.

É só nostalgia que causa sua tristeza, Gabrielle disse a si mesma enternecidamente. As cores do outono, o pôr-do-sol e o dia desencorajador no salão comum — isso tudo contribuiu para produzir a saudade de seu lar, de seu papai e de seu estilo de vida desaparecido. E ela simplesmente estendeu para a única pessoa perto, que era justamente o cavaliário.

Franzindo o sobrolho ante sua fraqueza, Gabrielle levantou e espanou a roupa. Enquanto ela caminhava devagar para a porta de pousada, ela jurou que não daria um segundo olhar para Alexandre da próxima vez que ela o visse. Afinal, ele podia ter acenado para ela... ou algo.

Sim, isso era isto. Ela não deixaria para depois, Gabrielle decidiu enquanto caminhava, apreciando o calor prolongado de um dia que não seria visto novamente até depois de um longo inverno. Oh, mas ela o ignoraria totalmente! Gabrielle tinha firmemente resolvido — até que ela o viu novamente. Então tudo o mais foi esquecido.

Ele estava saindo dos estábulos, e Gabrielle notou consternada o modo seu sangue se acelerava à vista dele — até nesta distância. O homem teria algum sangue cigano para que pudesse lançar tal feitiço nela? Ela afugentou o pensamento tão tolo. Ela sempre fora uma garota prática, mas como explicar sua reação frente a esse homem?

Ele estava com alguém, um indivíduo mais velho que também estava vestido em roupas de trabalho simples, e Alexandre se debruçou acima do homem menor como se escutasse. Enquanto Gabrielle observava, eles viraram abruptamente e começaram a caminhar através do pátio em direção a ela.

Pondo à prova enquanto podia, Gabrielle não conseguia tirar os olhos de Alexandre. Ela notou como o vento balançava seu cabelo escuro e apertava suas roupas de encontro ao corpo forte; ela observou o modo que suas pernas musculosas andavam a passos largos através das pedras e ela teve vertigens. Sem pensar, ela avançou um passo.

Enquanto eles se aproximavam, Gabrielle tomou outro passo e mais outro. Ela podia ver que o sujeito mais velho a notara, mas Alexandre continuava a caminhar, a cabeça curvada contra o vento. Quando eles estavam a não mais que a distância de uma pedra, Gabrielle levantou uma mão e falou antes que eles pudessem apressar o passo. O homem mais velho parou e colocou uma mão sobre um braço de Alexandre a fim de detê-lo, efetivamente detendo-se ele próprio também.

O homem mais velho tinha uma face miserável, mas não desprovida de delicadeza, em que um nariz torto figurava proeminentemente. Ele olhou para ela em expectativa.

- Há algo que possamos fazer por você, cidadã? - ele perguntou, seus lábios magros se repuxando para exibir um par de dentes perdidos.

Gabrielle sorriu educadamente.

- Com licença, mas eu queria dizer algo para Alexandre.- Ela se virou para se dirigir ao cavaleiro, mas achou que não podia olhar para o rosto dele. Em vez disso, ela fixou o olhar em suas mãos, que eram rudemente desnudadas das luvas de trabalho como se ele não tivesse nenhuma paciência para ela.

- Eu senti muito ao ouvir falar de sua aflição, - Gabrielle disse sem jeito - eu penso no outro dia... Eu esperava que você dissesse algo e eu achei que você era rude quando não o fez. Se eu pareci indelicada, me perdoe. - ela terminou em um fôlego.

Pensando que nada mais havia a dizer, Gabrielle finalmente olhou Alexandre, esperando ver um olhar amável, um olhar de perdão, um olhar morno, talvez. Ela estava desapontada, pois embora os olhos estivessem cobertos, a boca rica, cheia se curvava em uma carranca descendente.

Não era apenas da carranca que fez isto. Gabrielle admitiria para ela mesma mais tarde que a tarde gasta prendendo sua língua provavelmente contribuiu para seu desejo de soltar aquilo, e aquelas horas em nada se relacionavam com Alexandre. Mas o olhar de Alexandre era de aborrecimento, como se ela fosse uma mosca aborrecida da qual que ele quisesse ser livrado, isso soltou a ira de Gabrielle.

Ela franziu o cenho.

- Realmente, cidadão, eu não tenho nenhuma idéia por que eu continuo me desculpando por meu comportamento quando em você parece faltar até o conhecimento mais leve de cortesia. Talvez você sinta que seu impedimento o habilita para desconsiderar a civilidade humana, mas deixe-me assegurá-lo...

Sua tirada foi interrompida por Alexandre, que abanou sua mão contra o ar como se para ignorá-la e começou a ir embora.

- Como você ousa? Seu bruto selvagem! - Gabrielle falou às costas dele.

- Repreendê-lo é inútil, beleza. - o outro homem aconselhou astutamente - Ele não tem sensibilidade para discernir melhor. Ele sorriu larga e abertamente antes de disparar atrás de Alexandre, e Gabrielle remanesceu fumegando no pátio, fria, só e sufocando em epítetos não ditos.



Depois de uma semana em Paris, Gabrielle não estava perto de achar alguém para ajudá-la na busca por seu pai, embora ela tentasse encetar a conversa no salão comum toda noite. Nenhum dos clientes parecia sensível, não permitindo nenhuma aproximação, o que a deixou com os três parisienses que ela conhecia melhor: Gaspard, François e cidadã Caron.

Ela era mais propensa a confiar em François, mas ele era italiano de nascença e tinha pequena associação com políticos ou membros do governo. Embora Gabrielle pensasse que ele seria o mais disposto do três para ajudar, ela duvidava que seria o mais hábil para obter as informações que ela precisava.

Ela suspeitava que cidadã Caron era tanto incapaz como pouco disposta a ajudar, então Gaspard permaneceu como seu mais provável candidato. E ainda, ela hesitava. Thérèse ainda era contra seu interesse, então Gabrielle perdeu um tempo precioso, indecisa, enquanto destino do seu pai permanecia um mistério.

Gabrielle balançou sua cabeça para a demora e quase esqueceu de segurar o pacote de tecido para roupas que ela carregava. Cuidadosamente, ela reorganizou seus pacotes para evitar derrubá-los na lama molhada ao longo da rua. Em um braço ela tinha uma cesta de linha, tesoura e mais que ela obteve emprestado da cidadã Caron, enquanto na outra que ela tinha um pacote de enfeites e botões que ela comprara. Sobre tudo estava o pacote precioso de tecidos, obtido a um preço reduzido da costureira, com o intuito de fornecer um novo vestido para ela e para Thérèse.

Gabrielle teve que dar um segundo empurrão para mover o portão de pousada e conseqüentemente precipitou-se pátio adentro um pouco fora de equilíbrio, seus pés movendo um pouco mais rápido que o resto de seu corpo. Ela não pôde evitar o fino "eeek" que saiu de sua garganta por iniciativa própria.

Felizmente alguém a ouviu.

- Aqui, deixe-me ajudá-la. - disse uma voz familiar, mas Gabrielle não podia diminuir a velocidade rápido suficiente para responder. A mão que a alcançou para ajudá-la meramente logrou êxito em girá-la sobre seu eixo até que ela perdeu completamente o equilíbrio. Gabrielle observou horrorizada como o pacote alçou ao ar enquanto ela caía sentada sobre o degrau.

- Oh! - ela ofegou.

Gabrielle levantou suas mãos, mas o objeto já tinha passado por elas, indo diretamente para uma poça de lama enorme, então ela fechou seus olhos, incapaz de assistir à queda final. Quando ela os abriu novamente o jovem Henri, ajudante de cozinha de François, pegou o pacote e o segurava orgulhosamente diante dele como se fosse a bandeira da república.

- Oh! Deus o abençoe, Henri! - Gabrielle disse, seu sorriso brilhante e genuíno. Deixou seu rosto, porém, no instante em que Henri se moveu para dar o embrulho, pois atrás de Henri ela vislumbrou Alexandre. E pela primeira vez que desde que ela tomou conhecimento dele, ela viu que ele não franzia o sobrolho ou a olhava com severidade ou com insolência. A boca rica do belo mudo estava realmente curvada em um sorriso aberto. De fato, ele parecia estar rindo — rindo dela!

Gabrielle olhou-o de relance através do pátio, mas seu olhar amargo só pareceu agradá-lo ainda mais e seus dentes brancos cintilaram em uma explosão muda de diversão. Ela deliberadamente desviou a vista.

- O senso de humor daquela... daquela criatura! - ela murmurou.

- Como você está com ele rindo de você, uma senhora jovem adorável, caindo sobre seu traseiro e tudo? - Henri perguntou - Eu disse a você que ele não é nada além de um boi grande e mudo. Henri solicitamente deu o embrulho a Gabrielle e nem notou a abertura de porta atrás deles.

- Eu não posso acreditar na arrogância — o comportamento rude, selvagem, revoltante daquele homem! - Gabrielle fumegou.

- Não é verdade! - Henri agitou sua cabeça compadecido.

- Henri! - Thérèse chamou por detrás deles - François quer você de uma vez.

- Obrigada novamente, Henri. - Gabrielle disse enquanto se levantava para ir. Ela atirou um olhar em torno do pátio e se contentou por notar que Alexandre também se fora. A lembrança dele rindo de seu infortúnio a enraiveceu e ela enrugou a testa com severidade em direção aos estábulos.

- Por que você simplesmente não se levanta e anuncia quem é? - Thérèse sussurrou furiosamente enquanto sentava no degrau ao lado de Gabrielle.

- O quê? - Gabrielle perguntou, tirada de sua própria ira pelo som da raiva de Thérèse.

- Agradeça Deus que você estava conversando apenas com Henri. - Thérèse disse, fazendo careta enquanto agitava a cabeça - Vamos esperar ele seja muito jovem para notar.

- Notar o quê? - Gabrielle perguntou, genuinamente perplexa.

- Pelos céus, Gabrielle! - Thérèse disse com um olhar exasperado - Eu não sei de quem você estava brava, mas sua fala a denunciou.

- O que você quer dizer?

- Denunciou sua origem. - Thérèse sussurrou atentamente - Costureiras e outros trabalhadores simplesmente não falam da maneira que você fez.

- Por que não? Não me diga que eles não ficam bravos. - Gabrielle protestou - Eu ouvi bastante os fregueses da pousada objetando à vista de outros e o resultado é freqüentemente uma gritaria. E que tal aquela mulher do outro lado da rua? Ela grita tão alto para seu marido que provavelmente podem ouvi-la através do canal.

- Bem, claro que eles ficam bravos. - disse Thérèse, encarando-a - Eles ficam mais bravos que você ficou. Ou, pelo menos, demonstram mais. Você estava muito ativa e arrogante.

- Oh! - disse Gabrielle, finalmente concedendo o ponto - Bem então, o que eu deveria dizer?

- Eu não sei. - Thérèse disse, agitando sua cabeça novamente - Escute aqueles sujeitos da pousada quando eles gritarem, ou melhor ainda, escute a mulher do outro lado da rua que grita com o marido. Você pode apostar que ela não o chama selvagem, pelos céus. - Thérèse disse, virando os olhos para o céu.

- Isso não significa coisa nenhuma para ele, então certamente não o feriria ou a qualquer outro por essas redondezas, no que diz respeito a esse assunto. - Thérèse disse, acenando uma mão para apontar a vizinhança. Você devia chamar alguém de nomes realmente baixos como vira-lata ou porco ou filho da pu...

Gabrielle a cortou.

- Thérèse! - ela disse, um pouco chocada.

- É isso. - Thérèse disse firmemente - Você devia praguejar! Você tem sido muito protegida. Você vai ter que conseguir sujar suas mãos se quiser se encaixar aqui.

- E eu tenho, mas praguejando? - Gabrielle perguntou, mordendo o lábio com incerteza - Bem, que tal por mil raios e trovões?

- Não, não. - Thérèse disse, balançando a mão em revogação - Algo mais forte que isto. Xingue ou mande ao inferno ou coisas do tipo. E se você estiver realmente louca, não pode manter isso tudo entalada aí dentro e gritar para eles naquele seu jeito autoritário - você deve falar alto e gritar e talvez lançar coisas ou até... cuspir!

- Seu cachorro, seu porco! - Gabrielle tentou, suas sobrancelhas juntas.

- Não, não. - Thérèse disse novamente, dando uma risadinha - Você ainda parece arrogante demais. Você precisa parecer... rabugenta!

- Rabugenta? - Gabrielle enrugou a testa e fez um olhar estrábico até que Thérèse irrompeu inesperadamente numa risada - Seu porco! Seu cachorro! Seu, seu porco! - Ela silvou, olhando mais como alguém em falta de óculos do que como um ser malévolo. Thérèse ria tanto que ela quase caiu do degrau.

- Você fede como um montão de esterco! - Gabrielle adicionou para dar gosto. Então, enquanto Thérèse se segurava pelos lados e caía para trás, Gabrielle realmente esticou seus lábios e cuspiu delicadamente no ar.

CAPÍTULO 5

Ela pegou o caminho errado. Gabrielle percebeu isto quando as filas de edifícios permaneceram desconhecidas, embora ela devesse estar próximo da pousada. Estava ficando tarde e frio também e ela não queria nada além de se sentar na cozinha quente de François com algum café e pão quente. Por mil raios e trovões! Por que a cidadã Caron tinha que mandar justo ela, entre todas as pessoas, em uma incumbência para a modista?

Gabrielle parou e considerou suas opções. Ela podia voltar pelo caminho pelo qual viera ou continuar adiante. Enquanto ela considerava, o rugido de uma multidão, amortizado e distante a princípio, cresceu mais alto. Com um suspiro de irritação, Gabrielle decidiu seguir o barulho, pois então ela encontraria alguém a quem perguntar sobre direções.

Puxando seu capote firmemente ao redor de si, ela seguiu os sons que, até na Paris ocupada, se expandiam acima do resto do estrondo. Ela os seguiu até a *Place de la Révolution*.

Lá as pessoas se moviam de lá para cá, empurrando-se uns aos outros e gritando, mas a maioria estava lotada ao redor uma plataforma que se estendia para um lado; era obviamente a fonte do encanto da multidão. A roseta estava em todos lugares e Gabrielle tocou o alfinete patriótico que ela tinha recebido da cidadã Caron. A costureira insistira que qualquer um que fizesse qualquer incumbência para ela usava isso, e de repente Gabrielle percebeu por quê: naquele grupo, aqueles que não portavam as cores da república distinguiam-se dos demais.

Gabrielle tossiu enquanto um odor fétido, que sobressaía além do fedor habitual de urina e esterco, assaltava suas narinas, fazendo-a respirar a custo. O que era aquilo? Então ela ofegou novamente enquanto percebia o que era o centro da atenção. Ela tomou fôlego enquanto arregalava os olhos e os fixava na guilhotina.

Embora ela nunca tivesse visto uma antes, Gabrielle ouviu o suficiente sobre a nova máquina mortal e viu bastantes desenhos para reconhecê-la. Tinha sido elogiado em demasia como um dispositivo humanitário, ao invés dos métodos mais tradicionais de tortura, mas ainda era um instrumento da morte, e Gabrielle estremecia à medida que encarava. A guilhotina estava ao alto e cintilante, pendendo do céu como se por alguma força do mal, sua lâmina gigante no topo reluzindo com os últimos raios de sol e gotejando sangue escarlate na parte inferior.

- Ponha-se a caminho. - uma voz severa chamou e um cavalo que arrastava uma gaiola que carregava várias pessoas passou ao lado de Gabrielle. Um homem alto, bonito, de meia-idade cujo cabelo dourado era lançado ao vento olhou fixamente para frente, suas mãos firmemente segurando o lado do carro, enquanto ao lado dele estava uma mulher, graciosamente vestida, seu cabelo preso para cima com belas fitas em tiras boas. Ela também se apoiava na extremidade do carro de madeira e olhava além da multidão, que insultava e cuspiam os ocupantes.

Gabrielle se horrorizou pelo comportamento dos que estavam ao seu redor e ela os contemplou surpresa e com repugnância até que um gemido rasgou o ar, se elevando acima dos gritos. A atenção de Gabrielle se voltou para a gaiola, onde outra mulher, de cabeça curvada, agarrava um menino que certamente não tinha mais do que oito anos de idade. Seguramente, aquilo não queria dizer que... Gabrielle engoliu em seco e cerrou os olhos. Ela não deixaria seus pensamentos prosseguirem.

As pessoas na carroça podiam ter saído da sala de visitas no *Château Dumont*, enquanto aqueles ao redor dela no chão eram os personagens mais animais, escos,

Gabrielle pensou. Parecia que o mundo girava de cabeça para baixo, e ela sentia seus passos hesitarem como se desequilibrasse pela decepção.

Gabrielle se forçou a manter a caminhada, dar a volta pela multidão e ir para longe da guilhotina, mas ela podia apenas sentir a pressão das pessoas e o fedor. Ela se intimidou pelo idioma sujo gritado pelas pessoas em torno, inclusive mulheres, e, embora não reconhecesse algumas das palavras que foram usadas, seus significados eram suficientemente claros. Quem podia dizer tais coisas? A maior parte dos cidadãos pareciam rudes e grosseiros, mas alguns estavam bem vestidos e existiam soldados uniformizados e de alta patente que estavam provavelmente com o governo.

Gabrielle não queria olhar para eles, especialmente seus rostos, cruéis e ávidos na luz dourada. Ela estava tremendo agora enquanto se movia para longe e não era do frio. Ela cerrou as mãos firmemente em suas costelas, mas a agitação de suas pernas dificultava que prosseguisse e, embora ela quisesse partir, não sabia aonde ir.

Afastando-se das pessoas e da plataforma, Gabrielle sabia que deveria buscar orientação de direções, mas ela era contrária a perguntar a qualquer um daqueles a seu redor — aqueles que gritavam pelo sangue das pessoas na gaiola. Sangue. Gabrielle de repente percebeu a fonte do cheiro repugnante que assaltou suas narinas. O sangue estava em todos lugares. Gotejava da lâmina, fluía de uma cesta na parte inferior da guilhotina, e corria como um rio vermelho ao longo da rua.

Gabrielle olhou para baixo e quase saltou, quase esperando ver seus sapatos salpicados com ele. Ela se voltou, batendo em um homem bem vestido com um dente de ouro e de maneiras amáveis. Ela teve suficiente presença de espírito para aproveitar a oportunidade, e depois de deglutir várias vezes, ela conseguiu encontrar voz para perguntar a ele por qual caminho deveria seguir. Ela o agradeceu e virou-se para ir enquanto a multidão bramava, mas ela olhou de relance para cima novamente. O homem loiro estava subindo os degraus...

Gabrielle forçou seus pés a se moverem, o caminho de casa claro em sua cabeça, mas de repente um grupo de rapazes se postou atrás dela formando uma barreira e impediram-na de prosseguir. Então o silêncio caiu sobre a turba. Ela encarou seus pés, incapaz de enfrentar o espetáculo que ela sabia estar vindo, mas seus olhos foram atraídos por alguma compulsão repugnante de volta para a guilhotina e ela olhou acima muito lentamente.

Ela viu como a lâmina de prata cortava o ar, despencando do céu com a velocidade de um anjo vingador e estrondando em seu lugar. Ela permaneceu ainda, incapaz de olhar, enquanto o executor levantava algo e a multidão gritava em aprovação. Então, com uma súbita, impulsiva claridade, Gabrielle reconheceu o rosto do homem loiro, pois era sua cabeça, esguichando sangue do pescoço, sendo exibida para que todos contemplassem.

Gabrielle se sentiu atordoada e confusa, sabendo que deveria ir embora, que ela não podia ficar doente perto daquelas pessoas que condenariam aqueles que não se juntassem a seu esporte. Ela tropeçou adiante, batendo ao lado de um jovem casal, então com as mãos à boca, ela rompeu em uma corrida para se distanciar. Longe do horror que ela testemunhara, longe dos horrores que vinham e longe daqueles que gritaram sua aprovação, já que seguramente aqueles que se alegraram e riram à vista da morte não podiam ser humanos.

Gabrielle correu, sua mente fixa no rumo de casa como se fosse os últimos fios de sanidade. Ela evitou um vendedor aqui e virou uma esquina adiante, apenas ciente que as ruas eram finalmente familiares e incapaz de sentir alívio até ver a pousada. Ela deslizou as costas pelo prédio dos estábulos e se afundou contra o edifício, sem fôlego, debruçando contra as pedras frias em um esforço para aliviar a agitação que começou no

minuto em que ela parou de correr.

Gabrielle ofegava e deu uma olhadela para cima, quase esperando um grupo de cidadãos bravos apontando-a e acusando que ela não era um deles. Ela disse a si mesma que finalmente estava segura e só, mas não era verdade, pois quando olhou para cima novamente percebeu que alguém estava próximo e a vira. Era Alexandre.

Ele estava saindo dos estábulos e embora Gabrielle reconhecesse o olhar familiar de desdém, ela mal prestou atenção. Seus olhos, desnudos e vulneráveis, encontraram os dele um momento antes das imagens horrorosas, brevemente postas à distância durante sua fuga para casa, retornarem. Como se ainda estivesse na Place de la Révolution, Gabrielle viu a cabeça do homem loiro que parecia nobre, sua boca boquiaberta e o sangue, então ela se curvou e esvaziou todo o conteúdo de seu estômago na grama marrom a seus pés.

Gabrielle teria caído de joelhos, mas um braço firme se fechou em torno dela. Dedos calejados e ásperos, contudo gentis afastaram seu cabelo do rosto enquanto ela sufocava e tossia e um corpo morno, forte estava atrás dela. Ela se apoiou contra ele agradecida, pois não sentia nenhum melhora. Embora tivesse esvaziado o estômago, ela não podia espantar tão facilmente a visão da guilhotina.

Gabrielle tentou endireitar o corpo, agarrando para o braço confortante que agora a ajudava a se erguer. Ela soube quem era mesmo sem olhar e, sabendo, ainda não se importou. Todos seus argumentos e preconceitos insignificantes nada representavam comparado ao horror que ela testemunhara. Ela sabia que não deveria dizer nada a ninguém, nem confiar em ninguém a não ser Thérèse, mas o terror fora demais para ela. Gabrielle ofegou novamente e soluçou, então tentou explicar.

- Na *Place de la Révolution* eles estão... - começou, mas não podia terminar - O sangue... - foi tudo que ela conseguiu dizer antes de começar a chorar.

Gabrielle o viu através das lágrimas, embora não claramente, ela focalizou a jaqueta marrom surrada que ele sempre vestia como um amigo familiar e agarrou-a entre seus dedos como se ele fosse tudo o que permanecia entre ela e algum abismo terrível. O braço forte em torno dela a estimulava a seguir adiante, e ela caminhou resoluta para os estábulos, debruçando contra ele para se apoiar.

Lá dentro, no isolamento comparativo de uma cocheira vazia, Gabrielle deslizou sobre os joelhos para a palha, suas mãos cobrindo o rosto enquanto ela soluçava incontrolavelmente. Então, finalmente, ela recuou e olhou estupidamente seus dedos, agora gotejando com lágrimas, e se perguntou se as imagens terríveis podiam ser banidas. Ela tentou substituí-las com Alexandre.

Ele se sentou ao lado dela, reclinando-se contra as tábuas da cocheira e descansando um braço sobre a perna estendida a sua frente. Seu cabelo escuro caiu longe de seu rosto como uma juba incontrolável que tinha sido lançada pelo vento, espesso e selvagem e, embora seu queixo mostrasse uma sombra de barba, não havia nada que arruinasse as belas linhas de suas feições. Seus olhos, de um verde intenso — como a parte mais profunda da floresta, Gabrielle pensou de repente — repousavam em seu rosto, livre de todo desprezo e insulto.

Enquanto ela se sentava sobre os calcanhares, contemplava a beleza do ser diante de si, o terror da tarde pareceu retroceder, e ela sentiu um pouco de paz retornar, como se Alexandre — de todas as pessoas — estivesse dando isto a ela. Mais calma agora, ela tentou falar novamente.

- Você sabe o que eles estão fazendo lá? - perguntou tranquilamente.

Alexandre assentiu com a cabeça devagar e Gabrielle viu uma humanidade naqueles olhos verdes por cuja existência ela se afligia. Ele estendeu seus braços em convite e Gabrielle deslizou para eles, aconchegando-se contra ele como uma criança

cansada, a cabeça embalada contra seu tórax enquanto os braços se fechavam protetoramente ao redor dela.

Ela soluçou suavemente então, sentindo-se esquisitamente quente e segura naquele abraço, até que suas lágrimas finalmente acabaram. Quando as cenas da morte se enfraqueceram no passado, Gabrielle gradualmente ficou ciente do presente. Ela notou o quanto a jaqueta surrada de Alexandre era suave contra seu rosto e o quanto era bom sentir seus braços fortes em torno dela. Ele cheirava a cavalos e a couro e a ele mesmo e Gabrielle encantou-se com a combinação, como se ela nunca tivesse sentido o odor de qualquer coisa tão potente e atraente.

Ela esfregou sua bochecha contra o material macio e sentiu os braços se fecharem mais firmemente ao redor dela, uma mão repousando em seu ombro enquanto a outra estava quente em seu cabelo. Os dedos de Alexandre suavemente afastaram os cachos do rosto dela, e Gabrielle percebeu que aquele louco ímpeto de voltar para casa fez seus cabelos caírem em uma massa emaranhada até a cintura. Ela elevou uma mão, sem pensar, para endireitá-los, mas seus dedos encontraram os de Alexandre e a força do choque súbito fez com que ela perdesse a respiração.

Gabrielle jogou sua cabeça para cima e examinou os olhos verdes que não mais eram inexpressivos mas apaixonadamente vivos. Seu próprio olhar bloqueava sobre eles e, durante o que pareceu eternidade atordoante, ela contemplou a profundidade verde até que seu olhar caiu para sua boca cheia. Quando ela visualizou aquela boca sentiu um desejo intenso semelhante à fome. Deve ter demonstrado, pois próxima coisa que ela se deu conta foi que os lábios dele estavam sobre os seus, absorvendo-os com toda a paixão que estivera nos olhos.

Seu choque e surpresa foram passageiros, substituídos pelo prazer que subia rapidamente por ela à pressão da maciez quente. Ele tomou o rosto dela nas mãos, aproximando-a mais e incitando que ela abrisse a boca. A sensação de sua língua quente e úmida invadindo sua boca provocou arrepios pelo corpo de Gabrielle e, quando ela conseguir respirar outra vez, fez o mesmo, correndo a língua acima dos dentes de Alexandre, saboreando-o — certa de que ela nunca poderia ter suficiente.

Suas línguas se entrelaçavam em um ritmo primitivo que a fazia parecer mais viva do que jamais sonhara. Bastante longínquo do beijo do filho do mordomo, isto estava além de qualquer coisa que ela já imaginara. Isto era a vida! E Gabrielle abraçou-a com todo o seu ser, afastando o espectro da morte todo tempo em que seus lábios encontravam os de Alexandre na comunhão selvagem.

A barba crescente arranhou suas bochechas, mas Gabrielle não se importou. Ela não se importava com nada além dos sentimentos novos, crus, atravessando-a enquanto ele se apossava de sua boca, as mãos grandes segurando seu rosto contra o dele com uma urgência que não podia ser negada. Ela percebeu que suas próprias mãos, que caíram para seu colo quando ele a tocara, foram cerradas em punhos fechados e então as relaxou. Gabrielle levantou os dedos trêmulos para a face de Alexandre, correu as pontas dos dedos sob as maçãs do rosto e estremeceu ante as sensações que precipitaram-se em seu corpo quando ela o tocara. Seus braços caíram frouxos contra os ombros dele enquanto seus lábios inclinavam-se sobre os dela em um assalto que lhe dizia que ele gostara do seu toque, assim como ela gostara de tocá-lo.

O coração de Gabrielle clamou em seu peito quando ela levantou as mãos novamente, esta vez para enroscar os dedos na escura densidade de seu cabelo. Ele não fez nenhum som, mas sua respiração se tornou rápida e soltou as mãos de seu rosto para puxá-la contra ele. Os seios de Gabrielle pareciam queimar quando tocaram a camisa dele, embora até a pouco ela fosse acalentada ali inocentemente. Até então seu tórax emanava apenas uma calidez gentil de conforto, mas agora ela sentia a força dura dos

músculos e um calor que ameaçava deixá-la em chamas. Deleitando-se no sentimento, Gabrielle se pressionou contra ele, ofegando enquanto as mãos grandes de Alexandre deslizavam ao longo de suas costas sob o capote.

Gabrielle nunca tinha sido tocada por um homem nem imaginara que tocaria algum tão desesperadamente, mas ela não conseguia se aproximar o suficiente de Alexandre. No exato momento em que seus dedos prendiam as madeixas escuras da juba pesada, ela se perguntou como seria se percorresse com eles os braços fortes que seguravam-na firmemente ou através das costas, repletas de músculo. Tudo sobre ele apelado para ela em uma pressa arrojada de desejo.

Alexandre. Meu Alexandre. Foi transmitido através do cérebro de Gabrielle como uma quente litania. Ela nada se importou com seu passado, sua posição ou qualquer outra coisa exceto a sensação dos lábios dele sobre os dela, enquanto eles expulsavam o fôlego de seu corpo. Ela ascendeu rapidamente para o céu como um dos balões de Montgolfier, desatenta do chão abaixo e da altura que ela teria que cair.

Alexandre não era tão descuidado. Ele tinha um sexto sentido que normalmente o advertia do perigo iminente. Isso o ajudou por muitos tempos ásperos e tinha-no feito acumular um saudável respeito de seus associados. Falou com ele agora, embora ele não se importasse em escutar.

"Não seja imprudente". Alexandre ouviu as palavras em sua cabeça mas não lhes prestou nenhuma atenção, pouco disposto a soltar a beleza suavemente curvada em seus braços. Só vou experimentar um pouco, ele prometeu a si mesmo, e mais um pouco... Deus, ela era tão saborosa, retornando seus beijos com um selvagem abandono que inflamava seu sangue. Há quanto tempo ele não sentia um desejo tão urgente por algo, alguém? Quanto tempo fazia desde que ele sentira... "Não seja idiota!"

As palavras vieram mais altas agora e com maior vigor e, com um gemido de aborrecimento por interromper algo estava bom, Alexandre deslizou as mãos para os ombros da menina e se distanciou. Segurando-a pelo braço, ele olhou para ela uma última vez — e conseqüentemente teve que pensar duas vezes sobre seu curso.

O cabelo sedoso cor de trigo amadurecido ao sol tremeluzia em contraste com o rosa pálido de seus ombros, convidando-o ao toque. Seus olhos, tão azuis e — ele podia ter jurado — tão inocentes como uma centáuria contemplavam-no limpidamente sem o menor traço de malícia. Talvez aquilo fosse parte do charme dela. Oh, inferno, talvez aquilo fosse a maior parte de seu charme, mas em um mundo submerso de desgostos e decepções, esta última parecia incapaz de se encobrir.

Quando ele a viu pelo estábulo, pálida como um fantasma e trêmula, soube exatamente onde ela estivera e o que encontrara. Seu rosto disse tudo a ele, da mesma maneira que agora mesmo. Claro, não surpreendia que o rosto de um oval delicado e pálido que se aproximava da perfeição fosse também tão eloqüente.

Sem dúvida, isso foi o primeiro a chamar sua atenção, e o resto de si — esbelto e maduro e suave — acompanhava. Alexandre, sempre brutalmente honesto consigo mesmo, admitiu que ela capturou seu olhar desde o primeiro momento em que ele a vira e, apesar de suas tentativas para desencorajá-la, o destino — ou talvez a menina — parecia determinado a uni-los.

Alexandre suspirou e olhou para ela, ofegante e doce, voluptuosa ainda inexperiente e, oh, tão desejável que ele quase lançou toda precaução ao vento. Seu olhar deslizou até seus seios fartos contra o vestido, as curvas suaves subindo cremosas e redondas acima do tecido e ele sentiu um sacudir na espinha que prendeu sua respiração como se ele fosse um colegial. Infelizmente, sua voz interna era poderosa. "Não seja estúpido", dizia.

Observando-o, Gabrielle tomou a oportunidade para admirar as linhas magníficas de seu rosto, o modo como suas pestanas escuras sombreavam seus olhos, o modo como seu cabelo, incontrolável como era, caía longe do rosto em grandes ondas escuras. Ela levantou uma mão trêmula para tocar em um dos lisos cachos novamente e sentiu um atordoamento de sensações que fizeram-na fechar os olhos e respirar a custo enquanto ela corria os dedos por seu cabelo.

Quando ela abriu os olhos novamente, se surpreendeu ao ver Alexandre agitar a cabeça. Seus olhos, não mais com paixão selvagem, estavam sérios enquanto as mãos agarravam seus braços firmemente e ele a ajudava a se erguer. Gabrielle, com as pernas ainda bambas de desejo, mal podia ficar de pé, mas ela o deixou conduzi-la até a porta principal do estábulo. Ela tentou escapar de sua doce letargia e prestar atenção. Por que eles estavam partindo? Oh, mas ela supunha que os estábulos não eram realmente o lugar para... tais beijos.

Onde Alexandre vivia? Ele estava tentando levá-la lá? Gabrielle relanceou o olhar para ele inquisidoramente e, para sua surpresa, ele fez um movimento para ela partir. Gabrielle não podia acreditar que ele quisesse se livrar dela. Ela caminhou alguns passos, pensando talvez que ele só quisesse que ela o precedesse, mas ele não a seguiu. Virou-se para olhar Alexandre, mas seu rosto, agora banhado pelas sombras, não lhe dizia nada. Ele meneou a cabeça novamente.

- O que é isto? - Gabrielle perguntou, sua voz soando estranha e alta no silêncio. Ela se sentiu tola então por esperar que ele respondesse e simplesmente permaneceu lá encarando-o, até que ele avançou e a conduziu para fora do estábulo. Com a mão dele em suas costas, ela saiu cegamente no pátio, chocada pela noite preta que a saudava.

Seu tempo nos estábulos tinha sido tão parecido com um sonho que Gabrielle perdera completamente perdeu a noção de tempo. O sol estava alto quando ela correria para a pousada, e então... Quanto tempo ela gastou nos braços de Alexandre? Thérèse! O que ela pensaria? Gabrielle foi trespassada de culpa ao pensar em sua desvairada amiga com preocupação.

De repente, a irresponsabilidade de suas ações, o absurdo do seu delito e a devassidão de seu comportamento inundou-a como uma onda. Enquanto Gabrielle permanecia diante dos estábulos, os detalhes de sua existência diária trouxe seu senso de volta, ela sentiu um último choque que mandou-a de volta à realidade. Veio na forma de uma batida atrás dela que a fez avançar novamente. Com um horrível ofegar, ela percebeu que Alexandre a incitava para fora da mesma maneira que fazia com os cavalos.

A raiva acendeu nela imediatamente, obliterando todo o resto. Rilhando os dentes e cerrando os punhos, Gabrielle girou devagar sobre seus saltos e se preparou para a batalha. Este vez eu vou esmurrá-lo naquele seu rosto satisfeito consigo mesmo, ela jurou para si mesma, mas quando se voltou, ele se fora. Ela ofegou novamente, surpresa e chocada e machucada, enquanto permanecia olhando estupidamente no lugar onde ele estivera.

Com tanta dignidade quanto podia reunir, Gabrielle deixou os estábulos para trás e começou a caminhar devagar para a pousada, contente agora pela escuridão que escondia seu embaraço e sua raiva. Enquanto ela inconscientemente mordiscava o lábio, uma emoção atrás da outra jorrava sobre dela em um fluxo rápido e sobre todas ela, boiando sob a superfície, estava o desejo do qual que ela não podia se libertar. Ao mesmo tempo que queria negá-lo, Gabrielle quis estar de volta em seus braços, e isso a enlouquecia muito mais...

Ela foi encontrada na porta por Thérèse, que exigiu conhecer de seu paradeiro em um tom de voz que combinava fúria e alívio.

- Eu enviei Henri sair para perguntar à cidadã Caron por você! - as mãos nos quadris, o sobrolho franzido em Gabrielle como se endereçado a uma criança que estivesse vadiando pelo pátio.

Gabrielle achou que a comparação desconfortavelmente servia.

- Eu perdi meu caminho. - ela respondeu simplesmente e um pouco de sua provação deve ter se mostrado no rosto porque raiva de Thérèse pareceu se dissipar em uma pressa de preocupação.

- Entre e aqueça-se. - Thérèse a persuadiu, levando ela pela mão - Você está fria e parece tão branco quanto uma folha. Deixe-me conseguir algum café para você. François, eu estou saindo agora. Thérèse disse acima do ombro enquanto enchia uma xícara com a bebida quente.

- Quando Henri voltar, dê a ele meu obrigado.

- A cidade deu a você um pouco dificuldade, não foi? - François perguntou, voltando o olhar para Gabrielle.

- A menos que você nasça aqui, é impossível aprender todos os seus segredos. - ele disse, rindo ruidosamente - Ela ainda me irrita às vezes.

- Eu suponho. - Gabrielle suavemente disse. Ela se contentou quando ele voltou para seu trabalho, pois não gostava de seu olho perspicaz — ou de sua escolha de palavras. Ela era atingida com o horrível pressentimento de que ele podia ver através dela e que ele sabia que ela passou a última parte da tarde rolando — bem, sentando, pelo menos — no feno com o bem-dotado Alexandre. Ela contemplou o chão.

- Eu apenas estou feliz por estar em casa agora. Boa noite, François. E agradeça a Henri por mim, também, certo?

- Ha! - François grunhiu - Tantos agradecimentos incharão a cabeça do menino. Boa noite, meninas.

Gabrielle nunca esteve tão agradecida por alcançar o isolamento de seu quarto de porão. Enquanto Thérèse acendia o fogo, Gabrielle se sentou na cama, ainda prendendo seu capote firmemente em torno de si, e falou a sua amiga sobre a *Place de la Révolution*. Gabrielle estava tão vazia de emoção neste ponto que ela podia relatar em uma voz tranqüila o que ela vira, enquanto Thérèse se sentava, adoecida e assustada pelo conto.

- Agradeça Deus por você estar a salvo. - Thérèse disse em uma voz trêmula - É horrível, sim, mas quando eu vi você eu temi algo muito pior. Seu cabelo está desgrenhado, você está branca como uma folha e seus lábios estão vermelhos e inchados. Você os tem mordido novamente, não é?

Gabrielle mordeu o lábio como se em resposta e olhou o chão em sinal de culpa.

- Sim, eu... Oh, Thérèse, eu agradeço por estar segura, mas e papai? Tudo que eu podia pensar era que papai poderia estar lá em cima... - sua voz falhou.

- Ele não esteve lá em cima. - Thérèse disse com firmeza - Nós verificamos os registros dos... falecidos. Gabrielle, você sabia que isto estava acontecendo.

Suas palavras finalmente despertaram Gabrielle de seu torpor.

- Sabia que isso estava acontecendo? Sim, eu sabia o que estava acontecendo. Eu sei agora que eles têm sacrificado pessoas por semanas! - ela disse, sua voz crescendo num grito esganiçado - Nós ouvimos sobre isso lá em casa, pelo amor de Deus.

- Shhh! - Thérèse advertiu.

- Ouvir falar é uma coisa, mas ver é outro assunto, Thérèse. - Gabrielle disse mais suavemente - Ver é outro assunto.

- Aqui, agora, você não tocou em seu café. - Thérèse disse, obviamente tentando desviar Gabrielle de sua explosão entregando-lhe a xícara.

Gabrielle tomou um gole pequeno.

- Talvez papai ainda não esteve lá, mas e amanhã? Ele está jazendo em uma cela de prisão em algum lugar na cidade, esperando que seu nome seja chamado? - Gabrielle engoliu a bebida - Eu preciso fazer algo, Thérèse.

- Não agora. - Thérèse disse - É tarde. Você pensará em algo amanhã. Consegue comer? Eu trouxe algum pão e queijo. Gabrielle meneou a cabeça.

- Aqui, então, deixe-me ajudá-la com seu capote. - Thérèse disse, como se ainda fosse criada de Gabrielle.

Gabrielle, muito cansada e esgotada demais para continuar a argumentar, finalmente cedeu. Ela recostou-se contra os travesseiros, de repente fatigada, enquanto Thérèse retirava o capote, e fechou os olhos.

A voz de Thérèse, aguda de surpresa, fez com que eles abrissem novamente.

- Gabrielle, você tem palha nas roupas. - Thérèse disse espantada.

- Oh, sim, quando eu voltei corri para os estábulos. Eu não queria ver ninguém. - Gabrielle explicou. As palavras eram verdade até certo ponto, mas Gabrielle pareceu desconfortável com o que não disse, e evitou encarar Thérèse.

Thérèse balançou a cabeça.

- Eu não sei por que você gostaria de estar lá com os cavalos. - ela disse enquanto se despiu - Você tem sorte por não ter levado um coice na cabeça.

Ah, mas eu levei, Gabrielle pensou consigo mesma, só que não de um cavalo.

CAPÍTULO 6

Gabrielle se sentou para almoçar, planejando terminar depressa antes de ir para o salão comum para observar e esperar e escutar. Ela teve uma rara tarde de folga e esperou pôr bom uso nisto. Sabia que devia haver alguém na cidade que a ajudaria a encontrar seu pai e ela estava determinada a achar esse alguém hoje. Tomando uma mordida, ela quase sufocou quando Gaspard inesperadamente bateu em suas costas.

- Ah, Gabrielle! - ele disse com um sorriso largo.

- Bom dia, Gaspard. - Gabrielle cordialmente respondeu, sua boca cheia com metade de um pão.

- Eu ouvi que você teve um probleminha ontem. - Gaspard disse, sentando-se ao lado dela na mesa da cozinha.

- François, me dê um pouco daquela sopa deliciosa, sim? - ele lançou as palavras por cima do ombro.

Gabrielle sorriu para o tio de Thérèse, perguntando-se novamente se talvez ela não devesse procurar ninguém além de seu próprio senhorio para ajudá-la. O olhar fraterno e jovial de Gaspard fazia com que ela aspirasse a confiar nele, mas Gabrielle podia não estar segura. Ela olhou para o pão.

- Eu me perdi. - ela disse simplesmente.

- É fácil acontecer quando não se conhece a cidade. - Gaspard disse, sorrindo - E algum pão também. - ele acrescentou para François.

Gabrielle relanceou o olhar para captar a carranca de François e começou a se levantar da cadeira.

- Aqui, pegue isto. - ela ofereceu. Gaspard a parou com um aceno de mão.

- Não, sente-se. Coma comigo. - ele persuadiu - Diga-me o que aconteceu. - disse em um tom interessado que inspirava confiança.

- Eu virei no caminho errado. - Gabrielle disse - Eu não tenho nenhum senso de direção. - acrescentou com um sorriso de auto-piedade.

- E por que você deveria preocupar sua cabecinha linda com tais assuntos? - Gaspard perguntou, tomando uma colherada da sopa que François colocou a sua frente - Cidadã Caron devia ter alguma menina parisiense para correr atrás de suas incumbências.

Gabrielle balançou a cabeça concordando.

- Talvez fosse melhor, mas no momento eu era a única pessoa que tinha terminado o trabalho. Pensarei duas vezes antes de aceitar tal tarefa novamente, entretanto... - ela disse, então hesitou enquanto considerava Gaspard.

- Eu fui parar na *Place de la Révolution*. - ela finalmente disse.

- Ah, com *Madame la Guillotine*! - Gaspard cordial disse.

- Sim. - Gabrielle disse - Era bastante horrível. - ela adicionou, a voz sumindo. O pânico repugnante de ontem retrocedeu, acalmado pelos braços de Alexandre ao redor dela, o som das batidas do seu coração, o gosto dos seus lábios...

- Ora! - Gaspard disse com um bufar - Isso não é nada! Um modo fácil para vilões morrerem. Um modo rápido. Pah! Ele soltou um golpe pesado com a mão sobre a mesa, ribombando sua tigela de sopa de forma que parte do conteúdo salpicou ao lado.

- E está terminado. - ele disse com um sorriso - Paris viu mais sangue que isto! Você devia ter estado aqui em agosto quando eles tomaram as *Tuileries*. As pessoas se

rebelaram e mataram centenas de guardas suíços, o pessoal do palácio e todo desprezível moderador que eles puderam achar. - Gaspard parou para sorver a sopa.

- Sim, isso foi há algum tempo. - François disse asperamente, voltando-se do fogão para encarar Gabrielle - Eles despojaram os corpos, tiraram suas roupas para si ou para negociar entre eles mesmos, mutilaram os cadáveres e desfilaram com as cabeças sobre estacas.

Gabrielle sentiu a bÍlis subir em sua garganta enquanto Gaspard ria cordialmente, e ela olhou para o seu prato.

- Talvez a pequena Gabrielle não esteja acostumada a tais visões no campo, não? - Gaspard lançou por sobre o ombro para François - Mas as pessoas de Paris estão acostumadas com a morte. Eles estão habituados a isso.

Ele tomou algumas colheradas da sopa, então parou, seu bigode saltitando com diversão.

- Fique contente então por você ter chegado em outubro e não em setembro, quando o povo esvaziou as prisões. Dizem que mil ou mais morreram aquele dia. - ele observou, pegando um grande naco de pão e quebrando-o pela metade.

Gabrielle viu gotículas de sopa no bigode de Gaspard e achou que seguramente vomitaria. Ela manteve o rosto impassível e olhou para François, mas ele virou as costas novamente. O que ela poderia dizer a tais coisas?

- Alguns sentiram que eles foram longe demais. O que você diz, François? - Gaspard perguntou.

- Eu não sei nada de política, - François disse - apenas que eu amo minha Paris adotada, o que quer que ela possa fazer.

- E você, pequena Gabrielle? O que você pensa? - Gaspard perguntou. Gabrielle sabia melhor que ser atirada em uma discussão política e, além disso, ela não confiava em si mesma para falar.

Ela mordeu o lábio, mais em um esforço para conter sua náusea do que por nervosismo.

- Eu não sei, Gaspard. - ela disse, esperando que ele não pretendesse aborrecê-la por causa de sua opinião. - Eu não estou aqui há muito tempo...

Suas palavras foram cortadas pela entrada de Thérèse, que tinha uma mensagem para o tio.

Gaspard grunhiu para a sobrinha e meneou a cabeça em fingida frustração.

- Parece que eu nunca posso terminar uma refeição. - ele reclamou, sorrindo para Gabrielle. Levantando sua tigela, ele bebeu o restante da sopa e enxugou seu bigode gotejante com um floreado.

Gabrielle observou-o partir com Thérèse, então afastou sua cadeira da mesa, completamente sem apetite. Talvez se tomasse um ar no pátio, ela estupidamente pensou, e, sem uma palavra para François, colocou o capote e escapou para a porta.

Ela respirou profundamente o ar fresco e a vista familiar do pátio pareceu acalmá-la. Tentou banir do pensamento a conversação com Gaspard, mas suas palavras, tão sanguinárias, fizeram-na estremecer. Talvez Thérèse estivesse certa e ele não fosse um homem em quem confiar. Gabrielle se distraiu então pelo barulho de cascos de animais e, sabendo que era muito cedo para a diligência da tarde, assistiu com interesse como uma carruagem cara era conduzida pelo pátio.

Alexandre e o cavaleiro mais velho, cujo nome ela descobriu ser Bertrand, se apressaram para atender os cavalos. Gabrielle tentou suprimir o arrepio de excitação que a percorreu à vista de seu salvador mudo. Agora eram duas as vezes em que ele a salvara, não é? Ela pensou vertiginosamente. Uma vez de um freguês bêbado e uma vez dos demônios da *Place de la Révolution*...

A memória de seu abraço inundou Gabrielle, fazendo-a enrubescer e fazendo seu coração acelerar. Olhando para ele, ela se admirou que aqueles braços fortes tivessem-na segurado tão firmemente e aqueles lábios cheios tiraram seu fôlego. Ela nunca sonhara com tal calor... Mas logo Gabrielle recordou sua rejeição subsequente — como Alexandre praticamente a chutara para fora dos estábulos — e seu rosto tornou-se rosa de ira em lugar da paixão lembrada.

Gabrielle observou um mensageiro pular da traseira da carruagem bem desenhada e sua raiva foi deixada de lado enquanto ela se perguntava quem podia dispor de tal opulência naqueles dias. Ela era iluminada pelo garoto, que, com reverência, tratou a pessoa em seu interior como cidadã Lacroix. Intrigada, Gabrielle avançou para conseguir olhar melhor, para... mas concluiu a frase com um sorriso convidativo antes de se juntar a sua companheira e ir embora.

Gabrielle permaneceu nos degraus, onde ela observou os passageiros se dirigirem até a entrada dos convidados e escutou uma conversa entre eles.

- Um de seus velhos camaradas? - o homem perguntou com um leve toque de sarcasmo.

- O quê? Oh, não. - Lacroix respondeu.

- Eu não esperaria. - o homem disse - Entretanto, nunca se sabe, minha querida. Eu juro que eu vi algumas das primeiras famílias mais antigas da nação venderem madeira nas esquinas.

Lacroix soltou uma risada musical.

- Sim, eu também. - ela concordou - Eu podia ter jurado, - ela acrescentou - mas não... Eu não suponho.

Gabrielle relaxou os punhos quando eles entraram, mas ferveu ao imaginar o belo mudo aceitando o convite corajoso de Lacroix para visitar seu quarto. A raiva anterior de Gabrielle em Alexandre foi esquecida com esta ira recente e ela foi procurá-lo. Espionando ele afastar os cavalos, Gabrielle desceu para segui-lo, mas Bertrand a parou com uma sacudida de cabeça.

- Eu não iria agora mesmo, cidadã. Ele parece estar de péssimo humor, sem engano. - o homem velho disse.

- Você não acha que ele realmente aceitaria o que ela oferece, não é? - Gabrielle perguntou, envergonhada de si mesma por falar com tanta coragem.

O velho cavaleiro bufou e cuspiu.

- Provavelmente não, não é? Você viu o modo que ele olhou para ela, não é? Aparentemente certo que pôs termo à pergunta, Bertrand se afastou.

Gabrielle não disse nada, embora não estivesse segura. Afinal, Alexandre tinha-na contemplado com bastante frequência e veja o que aconteceu nos estábulos.

Gabrielle se sentou em um tamborete na cozinha, quase tirando uma soneca enquanto escutava a conversa no salão comum. Vozes se elevavam e diminuía e discutam uns com os outros, geralmente sobre política, até que as palavras se tornaram somente um estrondo baixo em suas orelhas. Passou a tarde lidando com os fregueses da pousada, que mandaram-na fugir para se refugiar aqui, onde ela ainda podia ouvir muito da loucura sem ter que olhar para os idiotas que estavam discursando.

Ela estava cansada de enxugar mesas e morder a língua, mas, quando François tentou afastá-la, permaneceu em seu posto, determinada não desistir da espera. Infelizmente, o rugido enfadonho do diálogo estava pondo ela para dormir. Então na extremidade de sua consciência, Gabrielle ouviu uma nova voz que falava em um tom

diferente e ela se levantou, de repente muito acordada. Alguém realmente estava desacreditando a república.

- Vocês são ratos ou homens? - o homem perguntou - Vocês acreditam em tudo que dizem? Vocês fariam qualquer coisa desde que a multidão esteja com vocês? Vocês são um bando de ovelhas de moenda. - ele disse desgostoso.

Gabrielle afastou o tamborete e se moveu para a entrada. Ela podia ver o homem se afastando dela, gesticulando enquanto falava, então suas palavras foram cortadas por um coro de vozes discordantes. Gabrielle agarrou uma toalha próxima e entrou furtivamente no salão comum, debruçando-se para enxugar uma mesa vazia enquanto ela escutava.

- Certo então, diga-me isso, meus bons cidadãos. - o estranho disse, sutilmente destacando a palavra 'cidadãos', que então soou como um insulto aos ouvidos de Gabrielle - Quantos prisioneiros foram liberados da prisão da *Bastille* naquela famosa insurreição? Eu estou certo que todos vocês estavam lá, pessoalmente, puxando as pedras dos ossos podres dos pobres companheiros, mas me digam. - ele provocou. Seu público respondeu com gritos de números variando de cem a mil até que ele os abafou.

- Ah, a lenda cresce com o dizer. - ele disse, agitando a cabeça - A resposta é sete. Todos os sete homens foram livrados dos horrores de uma prisão que era provavelmente mais confortável que suas próprias casas! - ele zombou como se estivesse falando com um grupo de escolares desatentos.

Ele se voltou então e Gabrielle conseguiu olhar bem para ele. Embora alto, ele era jovem, mais jovem do que ela teria esperado e tinha o rosto de um anjo, com cabelo tão preto quanto noite e pestanas longas, espessas, pretas que emolduravam o mais azul dos olhos. Apesar de suas palavras fortes, ele manteve um comportamento aprazível, como se estivesse despreocupado — ou talvez descuidado - Gabrielle pensou enquanto via a fúria voltar do grupo.

Os gritos e as discussões que se seguiram àquele discurso ameaçador chacoalhava as paredes até que Gaspard exigiu que parassem.

- Quietos! - disse o tio de Thérèse e a multidão, por incrível que pareça, respondeu depressa - Está tarde. Nós logo fecharemos.

A discussão foi retomada, mas em um murmúrio enfadonho, sem seu extremo perigoso, e Gabrielle moveu para mais perto de onde o estranho permanecia.

- Aqui, - Gaspard disse, dando um copo para o homem - para sua diversão. Embora oferecesse o vinho gratuitamente, Gaspard não parecia agradado e suas próximas palavras confirmaram as suspeitas de Gabrielle.

- Uma advertência, estranho. - ele disse - Não gostamos de conversa sobre traição aqui. Poderia lhe custar a garganta.

Gabrielle assistiu a interpelação com interesse, pois ela sempre pensara no tio de Thérèse estritamente como um alegre dono de pousada. Agora parecia que existia um outro lado dele, um que podia controlar uma multidão excitada e ameaçar um homem por falar o que pensa.

O estranho apenas riu face à ameaça. Ele bebeu o vinho e colocou o copo vazio nitidamente diante de Gaspard.

- Bem, então, meu amigo, - ele disse - eu acho que devo ir!

- Talvez você devesse voltar ao Vendée, onde você diz coisas que são tão diferentes. - Gaspard disse, sua decididamente ameaçadora.

- Ha! - disse o rapaz com uma risada leve - Talvez eu devesse. Paris é... uma decepção. Ele girou sobre seus saltos e foi embora, a outra parte dos fregueses ao redor dele e observaram-no ir em silêncio. Gaspard permaneceu onde estava, encarando as costas do homem com um olhar que só poderia ser descrito

como impertinente.

Gabrielle não hesitou. Determinada a agarrar sua oportunidade antes de ser tarde demais, ela correu para a cozinha e pegou seu capote, saindo pela porta dos fundos tão depressa e silenciosamente quanto seus pés podiam. Ela quase tropeçou nas pedras enquanto corria desenfreadamente pelo pátio até o portão da rua.

Seu coração batia contra o peito, alternadamente martelando com uma advertência e persuadindo-a, mas ela não teve tempo para medir suas ações. Dobrou a esquina, visualizou uma carroça puxando um vagão e ouviu alguns bêbados cantando do outro lado da rua. Onde ele estava?

Gabrielle o reconheceu então banhado pela luz de uma luminária. Ele não tinha ido longe, pois se movia devagar, casualmente, como se não temesse ninguém. Gabrielle não parou para tomar fôlego ou considerar as consequências de um julgamento errôneo; caminhou em direção a ele.

- Cidadão. - ela suavemente chamou. Sua voz soou como o chiado de um rato na noite e, a princípio, ela pensou que ele não a ouvira, entretanto ele virou devagar e olhou para ela. Gabrielle, morta de medo, era posta à vontade pelo sorriso lento que aqueceu o rosto dele.

- *Mademoiselle*, o que eu posso fazer por você?

- Oh, por favor, eu gostaria de tomar um pouco do seu tempo. - Gabrielle solicitou.

- Vai me custar alguma coisa? - o estranho perguntou com um sorriso diabólico.

- Por que, não? - Gabrielle respondeu surpresa. Ela não podia imaginar por que ele lhe pagaria para conversar até que a resposta a atingiu com uma clareza embaraçosa.

- Oh, meu Deus! - ela ofegou quando percebeu que ele pensava que ela era uma das muitas cortesãs que assombravam algumas áreas da cidade.

- Era um gracejo, nada mais. Por favor, me perdoe. - o homem disse de uma maneira completamente encantadora - Sente-se. - ele adicionou, gesticulando para um muro baixa que cercava uma loja fechada e Gabrielle se sentou delicadamente na extremidade.

- René Troussaint a seu dispor. - o homem curvou com uma reverência.

Gabrielle não podia evitar, mas gostava dele. Ele era tão encantador com seu sorriso que zombava de si mesmo e ainda ela sentiu que havia mais no homem que ela encarava nos olhos. Ela suspirou aliviada, sabendo em seu coração que tomara a decisão certa.

- Oh, *monsieur*. - Gabrielle disse, se sentindo à vontade pela primeira vez em muito tempo - Eu estou buscando informações. Sua voz sumiu em um sussurro, de forma que o chacoalhar das carruagens na rua e os sons habituais da noite cobriram suas palavras.

- Eu estou buscando informações relativas ao destino do meu antigo empregador, Étienne Morineau. - ela disse, encorajada pela bondade e o olhar atencioso na face dele.

- Ele era um bom homem, - ela disse, os olhos fixos no chão - mas de nascimento nobre. Era o antigo *Comte de Dumont*. Ele veio do campo para Paris há quase dois meses atrás e ninguém ouviu mais nada sobre ele desde então.

René suspirou e olhou para a escuridão.

- Existem tantos. - ele disse - Tantos.

- Eu tenho medo de investigar esse assunto. A cidade é tão grande e tão... perigosa. - Gabrielle disse, sufocando em si as lembranças da *Place de la Révolution* -

Eu não sabia a quem recorrer, mas, quando o ouvi falando na pousada, pensei que talvez você estivesse disposto a me ajudar.

- Está depositando muita confiança em um estranho. - René disse, olhando-a nos olhos, e Gabrielle sentiu como se ele estivesse examinando o fundo de sua alma para julgá-la. Ela sustentou o olhar e ele sorriu devagar, como se ela tivesse passado pelo teste.

- Verei o que eu posso fazer por uma senhora tão bonita como você. - ele disse, tomando-lhe a mão e beijando-a suavemente. O gesto pareceu muito deslocado no novo mundo de Gabrielle, que sorriu encantada.

- Ah, mas o que eu faria por tal sorriso! - o rapaz disse sorrindo abertamente – E se eu encontrar as informações que busca, onde encontro você?

- Meu nome é Gabrielle St. Clair. Eu vivo na pousada, onde às vezes ajudo, e trabalho para a costureira cidadã Caron. Oh, obrigada, *monsieur*. Gabrielle sussurrou agradecida.

- René. - ele corrigiu - E não me agradeça ainda. - ele disse com um risinho auto-depreciativo.

- Eu farei meu melhor, mas tenho muitas tarefas pela frente e a sua é uma delas, *ma petite chérie*.

CAPÍTULO 7

- Ah, Gabrielle! - François chamou quando ela tentou entrar na cozinha despercebida - Que é que você anda fazendo? Correu daqui como se estivesse fugindo do diabo.

- Eu tinha uma incumbência para encaminhar que eu esqueci. - Gabrielle disse timidamente.

- Uma incumbência, é? - François perguntou com um sorriso astuto. Obviamente, ele não acreditou em uma palavra.

- Bem, o Céu sabe que nenhum de meus negócios com meninas jovens e bonitas se dão com elas andando a esmo pela noite, mas deixe-me dar um pequeno conselho a você. - François disse, agitando uma concha grande em sua direção - Não entregue seu coração para o primeiro rosto bonito que você vê em Paris. Ele assentiu sabiamente, então soltou uma de suas gargalhadas através do salão enquanto retornava ao trabalho.

Gabrielle enrugou a testa, achando muito mais provável que ela perderia sua cabeça do que seu coração para o belo Alexandre, mas não disse nada.

- Eu terei cuidado. - ela assegurou François - Boa noite. Ela falou enquanto descia até seu quarto de porão.

Alexandre. Gabrielle expulsou o cavaliariço de sua mente. Ela não iria se irritar com ele hoje à noite, já que estava muito excitada por finalmente contactar alguém relativo a seu pai. Seja bom seja mau, ela o fizera, pois Gabrielle sabia que estaria em apuros até que ela ouviu de René. Ela se ocupou em acender um fogo e mal começara quando Thérèse entrou, olhando com cautela.

- Bem? - Sua amiga perguntou suspeitosamente.

- Bem, o quê? - replicou Gabrielle.

Thérèse suspirou.

- Eu vi que você partiu da cozinha como uma flecha sem uma palavra, Gabrielle. Fora com isso.

Gabrielle sorriu feliz.

- Oh, Thérèse, eu achei alguém! Eu disse a você que eu acharia.

Thérèse se sentou agitada.

- Era o que eu tanto temia. E você disse a eles...

- Eu disse a ele que costumava trabalhar para Étienne Morineau e que desejava descobrir o que houve com ele.

Thérèse suspirou novamente.

- E quem é esse sujeito?

- Seu nome é René Troussaint e ele disse que me ajudaria!

Thérèse parecia cética.

- Eu estou certa que existem muitos homens em Paris que prometeriam a você qualquer coisa, mas...

- Não, Thérèse. - Gabrielle cortou - Ele não foi assim. Eu sei que nós podemos confiar nele.

Thérèse meneou a cabeça.

- Oh, Gabrielle, depositar sua confiança em um estranho... É tudo tão perigoso.

- Não se preocupe, Thérèse. - Gabrielle suavemente disse - Tudo vai ficar bem. René é um bom homem. Eu estou certa disso. E logo ele achará papai!

Thérèse não parecia convencida.

- Talvez nunca mais ouviremos falar sobre o cidadão Troussaint novamente, mas se nós ouvirmos... Prometa que-me que você pensará antes de fazer qualquer coisa. Não vá saltando em algo sem olhar.

- Thérèse! - Gabrielle protestou.

- Gabrielle. - Thérèse advertiu - Eu conheço você.

- Eu prometo. - Gabrielle respondeu, com um pouco de petulância - Mas você deve me prometer que se ele der a você uma mensagem para mim, você o tratará com educação, não desdenhosamente.

Thérèse franziu o cenho.

- Certo, - ela concordou com relutância - se tivermos notícias dele.

- Logo teremos. - Gabrielle disse com um sorriso feliz.

- Veremos. - disse Thérèse - Veremos.



Gabrielle não seria desencorajada. De fato, ela já estava procurando por René de manhã. Embora soubesse que era muito cedo para sua resposta, ela não podia deixar de esperar. A primeira coisa que ela fez foi espiar pela janela do porão para vê-lo caso ele surgisse do outro lado da rua, esperando por ela par subir.

A caminho do trabalho, ela manteve um olho fora dele, certa de que aquelas notícias viriam logo — e que seriam boas. Talvez seu pai não estivesse sequer na prisão, ela pensou sonhadoramente. Por algum milagre, ele poderia ter fugido do país e não conseguia entrar em contato com ela. Refrescada por essas esperanças, Gabrielle murmurou pelo tedioso dia de trabalho, cantarolando alegremente, e estava tão ocupada com sua boa fortuna que ela quase não o percebeu quando cruzou o portão. Quase.

Alexandre, sendo maior que o homem médio, era difícil de confundi-lo com outro. Instintivamente, Gabrielle sentiu aquele ímpeto de alegria à vista dele. Ele levava baldes da água em cada mão, e ela não podia ajudar, mas notou como ele os carregava com facilidade. O homem devia ser tão forte quanto um boi. Ele podia ser gentil também, ela observou, enquanto a memória das mãos fortes em seu corpo retornaram com intensidade.

Ele a ignorava novamente, Gabrielle percebeu. Seus olhos estavam cobertos e ele não sorriu para ela, seu rosto mantendo o habitual aspecto rude enquanto ele relanceava o olhar para ela. Gabrielle mordeu o lábio, exasperada. Como diabos ela ainda podia se sentir atraída por alguém que a tratara tão descuidadamente? O homem a chutara para fora de seu caminho como se ela fosse um velho pangaré e agora agia como se ela nunca tivesse existido.

Talvez ele estivesse acostumado a roubar beijos de toda empregada que ele encontrava, mas Gabrielle se sentiu diferente. Ela nunca tinha... Ela nunca faria... Ela nunca devia ter... Enquanto ela permanecia no pátio, Gabrielle aplicou-se em uma ira acima de seu mau tratamento e ela olhou para ele. Ela dificilmente esperava uma resposta, mas ele respondeu — sorrindo com diversão.

Era isso. Gabrielle decidiu que bastava. Era hora de ela responder o sujeito exatamente o que ela pensava, não em termos incertos, mas com a única linguagem que ele parecia compreender. Com isso em mente, ela perdeu a moderação, abriu a boca e esticou a língua para ele.

Claro, não era como uma baita cuspidinha no chão, mas Gabrielle lembrou que, a última vez que ela tentara isso, parecia que faltava saliva suficiente para fazer uma impressão. De fato, Thérèse rolou de rir à vista de sua mísera gotícula.

Talvez mostrar a língua não fosse o mesmo, mas certamente era bastante baixo e repugnante, não era? Aparentemente não, porque o homem bonito diante de si parou inerte no caminho para encará-la e então riu silenciosamente, fechando os olhos em genuíno contentamento.

- Como você ousa rir de mim, seu... seu asno! - Gabrielle disse, desesperadamente tentando lembrar os nomes vis adequados e imprecações que uma garota em sua posição usaria.

- Seu porco! - Ou ele era pedante? Gabrielle bateu o pé, frustrada, pois Alexandre só balançou a cabeça para ela.

Alexandre não podia evitar. Ela era malditamente atraente. Toda vez que ele a via, ou queria rir ou envolvê-la em seus braços. Ele não estava certo qual reação era a mais agradável, pois era um homem que tivera pouco humor na vida. De fato, ele não lembrava a última vez que riu antes de encontrar acidentalmente essa criatura delicada e encantadora.

"Muito perigoso", sua voz interna advertiu e ele teve que concordar. A menina esperava que alguém acreditasse em sua charada? Ela obviamente não pertencia àquele lugar e suas palhaçadas só trariam o tipo errado de atenção para a pousada. Mas existiam vários nobres e mulheres sem dinheiro tentando se misturar à multidão estes dias para conseguir sobreviver, ele considerou. Quem notaria que esta menina tola parecia estar fora de lugar?

E, bom Deus, ela era tola, Alexandre pensou enquanto ela recomeçou sua arenga novamente. O que diabos ela esperava que ele fizesse? O que ela queria dele? A suposição de Alexandre era que ela nem mesmo se conhecia. Ele podia dar-lhe uma idéia, pensou, suas inclinações indo em direção ao físico enquanto ele corria seus olhos pelas formas dela. Ela era esbelta, mas ele se lembrou das curvas cobertas pelo capote e da selvagem doçura de sua resposta.

Alexandre olhou para ela, perscrutando-a, do princípio ao fim antes de lembrar a si mesmo. "Não corteje problemas", seu sexto sentido advertiu. Com relutância, ele teve que concordar. Então, como um monge recusando quebrar seu jejum, Alexandre voltou suas costas para a tentadora querelante a sua frente.

Gabrielle estava furiosa. Pelo amor de Deus, ela pensou enraivecida. Ela pensou que gritando com alguém que não pudesse responder seria fácil e bastante agradável, mas ela não achou a experiência assim. Era como se Alexandre não fosse somente mudo, mas surdo também, para todas suas palavras zangadas ele encolhia aqueles ombros poderosos como água atrás de um pato.

Talvez em sua vida ele tivesse conhecido o sofrimento, Gabrielle subitamente pensou, facilmente imaginando os insultos e tormentos que os capazes podiam impingir àqueles desafortunados. Oh, compaixão. Esta pôs uma marca em sua armadura protetora de ira, e, julgou que poderia, mas ela não conseguia recordar as imprecações que deveria usar.

Em vez de gritar frases sujas, ela apenas apresentou uma pergunta que era primordial em sua mente.

- Como você pôde... me espantar para longe como uma de suas éguas sarnentas? - Ela perguntou, mordendo o lábio quando percebeu a mágoa revelada em sua voz. Não pareceu importar, entretanto, pois Alexandre continuou no seu caminho sem parar e Gabrielle permaneceu olhando fixamente para suas costas.

O que o fez agir deste modo? Um minuto ele a encarava com uma intensidade ela nunca vira antes e, no momento seguinte, ele ia embora. Não fazia sentido para ela. Nenhum homem fazia sentido para ela!

- Seu... bastardo. - Gabrielle sussurrou, o xingamento apropriado finalmente veio para sua língua muito tarde.



Gabrielle bateu com força a porta da cozinha, seu bom humor há muito se fora, e atacou seu jantar em silêncio enquanto se enfurecia ao pensar em Alexandre. Respondeu os comentários e gracejos de François com monossílabos enquanto ela conjecturava ir por outro caminho para evitar o pátio.

Se ela ao menos pudesse usar a entrada da frente e nunca pôr os pés nos fundos, pois ela nunca, jamais, gostaria de ver aquele intragável mudo novamente. Ela lembrou as palavras de François sobre as senhoras perseguindo Alexandre e ela percebeu, com embaraço que o sujeito bonito provavelmente supunha que ela... o queria, Deus impeça.

Ele fora bondoso suficiente para ampará-la após sua horrorosa experiência na *Place de la Révolution*, o que provava que tinha algum tipo de sentimento humano, mas fora isso ele era simplesmente um paspalhão rude que se aproveitara de seu estado impotente. Ela estava tão desesperada por conforto naquele dia que provavelmente teria beijado a primeira pessoa que lhe mostrasse qualquer generosidade. Ela provavelmente teria beijado um cachorro se algum lhe tivesse oferecido conforto!

Gabrielle decidiu que gostava dessa versão dos eventos e fixou-a em sua mente, colocando-se no papel de vítima inocente da luxúria de Alexandre. O que ela sabia sobre tais coisas? Sua experiência em beijar se limitava ao filho do mordomo. Ela só podia pensar que todos os homens adultos beijavam da maneira temerária de Alexandre e todas as mulheres respondiam com abandono equivalente, como ela fizera. Portanto, ele não era nada especial para ela, e ela, como ele deixou perfeitamente claro, nada significava para ele.

Se ela nunca mais tivesse que vê-lo novamente! Embora Gabrielle jurasse que sua visão não mais teria poder sobre ela, seria muito mais fácil se ela pudesse evitá-lo totalmente. Infelizmente, ela não podia renunciar ao pátio. Gaspard acharia bastante incomum ela deixar a pousada pela entrada dos fregueses e se desviar do seu caminho para ir ao trabalho. E, mais importante, ela não queria perder a oportunidade de ver René, pois ela depositava nele todas as suas esperanças por seu pai.

René. A irritabilidade de Gabrielle esfriou ao pensamento do rapaz encantador e ela olhou pela janela para ter a chance de que ele poderia estar lá. A imagem de seu pai baniu todos os pensamentos de Alexandre e logo seu humor melhorou imensamente. Ela terminou de comer e se recostou contra a parede, finalmente relaxada. Infelizmente, o destino parecia conspirar contra ela.

- Gabrielle, leve o jantar do Alexandre, sim? - François perguntou.

Gabrielle quase caiu do tamborete.

- O quê? - Ela respondeu, certa de que não ouvira o cozinheiro corretamente.

- Você pode levar o jantar para o cavaliário? Henri não está aqui hoje à noite. - François explicou sem se dar ao trabalho de se voltar para ela.

- Por que o homem não pode pegar seu próprio jantar? - Gabrielle perguntou num tom aborrecido. A memória de seu encontro anterior com o mudo quieto ainda a irritava e ela não tinha nenhum desejo por quaisquer assuntos com ele.

- Ele não pode pegar seu próprio jantar porque eu não gosto do fedor de cavalos aqui. - François disse - Não é qualquer um que desfruta a hospitalidade de minha cozinha, você sabe. De fato, não posso pensar em outras moças preguiçosas que têm permissão para ir e vir como elas gostam, murmurando para a janela a noite inteira

como se estivessem sonambulando. - ele disse, virando para apontar colher de madeira para ela.

Gabrielle fez uma cara que só tirou um riso escarninho do cozinheiro.

- Mas, François, eu não suporto o homem. - Gabrielle reclamou, percebendo muito tarde que ela soou como uma criança petulante.

François não parecia de todo surpreso - ou intimidado - por sua explosão.

- Eu não estou pedindo que você dê comida na boca do sujeito, só que leve o jantar para ele. - disse - Odeio afastar Thérèse do trabalho. Ele disse com um suspiro.

- Certo. - Gabrielle murmurou, incapaz de se sentar quieta enquanto Thérèse, que estava bastante ocupada, fora enviada para a noite fria - Onde eu entrego isto?

- É disso que eu gosto, uma menina agradável que faz sua oferta com um sorriso.

- François disse, resmungando às suas costas - Ele tem um quarto atrás dos estábulos, uma velha cocheira fechada. François apontou para uma grande travessa de comida coberta com um pano.

Gabrielle colocou seu capote e tomou a bandeja em silêncio. Durante o caminho até o estábulo ela se repreendeu por concordar em empreender a tarefa. Oh, mas por que ela não recusou? Ela podia ter dito a François que estava com enxaqueca, dor de dente, um tornozelo quebrado... Qualquer coisa em vez de encarar Alexandre novamente. Ela podia imaginar a expressão astuta, satisfeita consigo mesmo, pretensiosa, que insinuava que ela o perseguia!

Quando ela achou a porta para a cela dele, penetrando em um canto sombreado dos estábulos vagamente iluminados, Gabrielle se aplicou a uma boa fúria. Ela bateu duas vezes e permaneceu à espera, diligentemente tentando fazer sua carranca parecer rude. Ninguém respondeu. Ela tentou novamente, batendo os nós dos dedos contra a madeira velha com tal violência que arranhou a mão.

Ela queria retornar à cozinha, mas a suspeita que François poderia enviá-la de volta ao estábulo mais tarde a manteve àquela porta.

- Alexandre! - ela finalmente chamou - Eu tenho seu jantar e, se você não vier aqui neste minuto para pegá-lo, eu vou lançar para os ratos!

A porta foi puxada para abrir com uma força surpreendente e Gabrielle foi arrastada para o quarto. Antes que ela pudesse piscar, a porta foi fechada atrás de si e ela se achou olhando fixamente para o atraente mudo, um gigante furioso na escuridão fechada. Ele tomou o prato da mão de Gabrielle enquanto prendia o braço dela como uma tenaz.

- Deixe-me ir, seu bastardo! - Gabrielle estalou. Sua face sombria parecia completamente ameaçadora e, por um momento selvagem, ela pensou que ele lhe bateria.

- Você está louco? Se pensa que vou suportar isto, você deve ser... - ela gritou.

Alexandre estava perplexo. Esta garotinha parecia causar-lhe mais problemas que quaisquer dúzia de assassinos e facínoras com quem ele já cruzara! Como diabos ele poderia calá-la antes que a vizinhança inteira ouvisse seus brados?

A resposta era surpreendentemente fácil. Ele estreitou-a contra si e cobriu a boca com sua própria. Ele sentiu sua surpresa e seu pânico, e então sua resposta — tentadora, lenta e doce. Finalmente, ela estava dando um bom uso àquela língua mordaz, ele pensou consigo, sorrindo contra seus lábios antes de mergulhar em seu calor novamente.

Ela jogou os braços ao redor dele, apertando-se contra ele, e ele podia sentir os seios cálidos contra seu tórax. Ela era bonita, fresca e fervente e algo que ele queria há tanto tempo que achou fugiria do seu controle. Havia sempre algo mais violento no prazer há muito negado e agora que ele cedia a seu desejo...

"Não seja um bobo". Ele ouviu isto, mas expulsou o pensamento e a puxou mais de encontro a si, beijando-a mais profundamente. Ele não podia deixá-la ir... Não ainda. Ele deslizou o capote de seus ombros, deixando-o cair aos seus pés, e levou a mão para o topo de seu vestido.

"Vigie-se". Alexandre respirou fundo contra bochecha de Gabrielle e tentou diminuir a velocidade seu pulso rápido. Ela parecia até melhor do que ele imaginara, seus seios pesados e macios sob seus dedos, seu mamilo duro contra sua pele. E, quando ele a tocou, ela gemeu baixo em sua garganta. Que Deus o ajudasse, ele estava indo muito mais longe que ele pensara...

Gabrielle ouviu seus próprios sons suaves, mas, fraca de desejo, não tinha nenhum controle sobre eles. Ela queria e precisava deste homem mais do que jamais sonhara possível e de um modo incompreensível para ela. Embora ele fosse mudo, sua respiração rápida contra sua pele a encorajava mais até que a resposta que ela recebera quando enfiou a língua para explorar a escuridão da boca dele e mais eloquente que as palavras de amor mais poéticas.

Ela respondeu com abandono, retornando seu beijo com todo o calor que ele lhe dava, então ela enlaçou seu pescoço e deslizou os dedos trêmulos para baixo e para cima, da pele para a camisa. Já estava aberta, então ela simplesmente colocou a mão dentro e lentamente espalhou os dedos através de seu tórax. Era um sentimento tão glorioso, tão arrojado que seus joelhos quase fraquejaram, mas seu braço forte a manteve em cima. Sua pele era macia e firme e ela estremeceu quando um dedo encontrou um mamilo dele.

Gabrielle foi recompensada dez vezes mais por sua coragem, pois, embora ele não dissesse uma palavra, ela ouviu sua respiração, nitidamente entrecortada, contra sua orelha. Então ele enterrou o rosto em seu pescoço e sua cabeça se inclinou para trás enquanto os lábios dele queimavam sua pele. Ela agarrou-se a ele como numa vertigem, sua mão movendo-se para cima através de seu tórax para acariciar a carne firme, seus músculos duros e... sangue.

O homem tinha um buraco no peito.

O mundo de Gabrielle começou a oscilar assim que seus dedos tocaram carne rota e a umidade inconfundível.

- Meu Deus, você está machucado! - ela sussurrou, o desejo fugindo tão rápido quanto apareceu. Ela recuou, afastando gentilmente sua camisa em um esforço para ver o que estava lá, mas Alexandre fechou-a com o punho, meneou a cabeça e se virou.

- Vejamos. - Gabrielle insistiu, colocando uma mão em seu braço musculoso, mas ele a afastou.

- Agora você me escuta, seu idiota. - ela começou, mas ela não teve que terminar. Ele se virou para enfrentá-la e, com um olhar que podia apenas ser descrito como exasperado, sentou em uma cadeira e abriu sua camisa.

Gabrielle respirou fundo e finalmente notou o que estava em volta. O quarto era estreito, mas limpo, com uma cama contra uma das paredes e um pequeno fogareiro contra outra, e a cadeira e a mesa eram a única mobília. O barulho dos cavalos resfolegando e ruminando podiam ser ouvidos através das tábuas que faziam uma das paredes e seu odor permava no local.

O jantar que ela lhe trouxera jazia na mesa, onde o toco de uma vela fornecia a única luz. Um balde de água e um molambo jogado ao lado eram uma evidência de que Alexandre já tentara limpar a ferida. Gabrielle arregaçou as mangas, mergulhou o trapo na água e tentou examinar o estrago.

Uma vez tendo lavado a ferida, Gabrielle viu uma fatia limpa de músculo, não muito profundo, mas ela sabia que qualquer ferida infectada podia ser séria.

- Você foi cortado com uma faca? - ela perguntou, seu primeiro pensamento sendo que Alexandre e seus amigos, se é que ele tinha algum, tinham se rasgado uns aos outros em alguma briga de taverna. Ele a responde com um silencioso franzir de cenho.

A mente de Gabrielle seguiu para outra conclusão e dessa vez ela abaixou a voz.

- Ou uma baioneta? - ela perguntou, então parou, sua mão pousada no peito dele - Você está com problemas? - ela sussurrou. Alexandre a encarou e balançou a cabeça furiosamente.

Gabrielle mordeu o lábio, frustrada. Ela simplesmente não sabia o que pensar. Ela apenas sabia que, não importava o quão ilógico ou insano pudesse ser, sentia uma conexão poderosa com o homem à sua frente e que o sofrimento dele fazia-na sentir vontade de chorar.

- Dói? - ela perguntou em voz baixa. Ele franziu a testa e balançou a cabeça novamente.

- Você tem algo que eu possa usar para fazer o curativo? - ele esticou a mão através da mesa e alcançou um pedaço de tecido seco - Está limpo?

Ele assentiu e Gabrielle se situou entre as pernas dele para se posicionar melhor e ela não pôde evitar a súbita martelada do seu coração enquanto ela sentia as coxas de aço contra seus próprios membros trêmulos. Ele era tão magnificamente fabricado, ela mal conseguia pensar em algo a não ser naquele corpo e no desejo absurdo de tocá-lo de novo - e senti-lo tocando-a.

Ela pegou as margens da camisa aberta e deslizou-as até seus ombros, não se atrevendo a encará-lo enquanto seu coração estrondava em seu peito.

Alexandre mal podia sentar quieto por isso. Ela tinha idéia do quanto suas ações eram sedutoras? Bom Deus, por que ela simplesmente não pedia para que ele tirasse a camisa? Mas o que o teria privado da doce pressão de seu apoio contra ele, do perfume de seu cabelo e a sensação dos dedos dela deslizando por seus braços enquanto ela removia sua vestimenta.

Bom Deus, naquele instante não havia nada no mundo que ele quisesse mais do que ela continuasse a despi-lo. O simples pensamento das mãos esguias em suas calças, enquanto ele as imaginava Tateando os botões, foi suficiente para intumescê-lo de desejo e era tudo que ele podia fazer para não deslizar as mãos em torno de suas formosas nádegas e pressioná-la contra sua dureza.

Ele não se importava com a pequena cicatriz em seu peito, mas ele suspeitou que, mesmo em perigo de sangrar até a morte, ele poderia se rejubilar de parar os cuidados dela e transferi-los para outra parte, mais necessitada, de sua anatomia. Ele parou seus pensamentos. Estava ficando descuidado.

Alexandre se retorceu na cadeira e tentou focalizar seus pensamentos no curativo que ela fazia em sua ferida e em nada mais que estivesse desnudo. Era difícil. Ela se mexeu um pouco e ele olhou para seu trabalho. Ela fazia um emprego sofrível disso. Ela pusera o trapo em torno e estava enrolando-o apertadamente, mas não muito, sobre a ferida e ao redor do seu tórax. Ele tentou ignorar o toque perturbador da ponta dos seus dedos enquanto eles se atritavam contra sua pele.

Isto é realmente ridículo, ele finalmente pensou. "E perigoso". Sim, era perigoso. Esta coisa bonita, tenra, jovem era mais desejável que qualquer mulher que ele já encontrara. Ele admitiu para si mesmo, mas o que realmente sabia sobre ela? Que seu nome era Gabrielle. E isso não era suficiente para arriscar sua vida. Ele a queria o suficiente para apostar a vida em um tombo no feno? Não o bastante.

Gabrielle sentiu a mudança nele. Enquanto ela enfaixava seu ferimento, sentia o desejo no ar entre eles, como se ele emitisse um calor que a empurrasse para ele. Seu coração continuou em um ritmo frenético o tempo inteiro que ela trabalhou. Ela tentou

se concentrar na tarefa em vez de pensar sobre a sensação da carne dele sob seus dedos ou o desejo desesperado que até agora não conhecia nenhum limite ou vergonha. Ela queria correr seus dedos sobre o tórax de aço, e sobre suas costas e ombros duros, e... Ela não podia pensar muito além daquele desejo de tocar e ser tocada, beijar e ser beijada.

E então ela sentiu o ar esfriar. Alexandre se moveu, imperceptivelmente, para longe dela, seu corpo parecia rígido enquanto ele se endireitava. Já que ele não podia dizer nada, Gabrielle era forçada a interpretar seus movimentos e suas feições e, quando ela olhou para seu rosto, percebeu que algo mudou. Seu aspecto sisudo retornou com força total.

Ela terminou, amarrou o tecido, e permaneceu entre as pernas dele, incerta sobre o que fazer, sua coragem evaporando diante do olhar dele. Alexandre afastou a cadeira, quebrando o contato e pondo alguma distância entre eles, e Gabrielle deu um passo atrás em resposta. Ele encolheu os ombros em sua camisa, pescou algo do bolso e então empurrou o balde e os trapos em direção ao canto da mesa.

Ele começou a arranhar no topo da mesa com algo que ele segurava na mão enquanto Gabrielle observava com curiosidade. Ela ofegou quando percebeu o que ele tinha: era giz.

- Você pode escrever! - ela respirou com respeito - Que maravilha!

Comunicação. Gabrielle percebeu de repente quão dolorosa sua falta tinha sido e agora ela sentia um alívio que era físico. Era como se um novo mundo inteiro se abrisse para ela. Ela se aproximou, permanecendo ao lado dele, e descansou a mão em seu ombro à medida que ele escrevia.

"Obrigado". As palavras saltaram sobre a superfície da mesa. Alexandre se voltou, os olhos verdes nela, e Gabrielle sorriu tremulamente em reconhecimento. Ele é muito muito bonito e não é qualquer estúpido, ela pensou, com o coração na garganta. Ele é instruído e atencioso. Alexandre voltou para a mesa, apagou as palavras negligentemente com o braço e começou a escrever novamente.

Gabrielle segurou a respiração ansiosa. Parecia que ela sempre esperou por este momento, lutando na escuridão, desavisada dos pensamentos ou sentimentos dele enquanto ele franzia o cenho para ela e agora ela conseguiria uma pista. Ela disse a si mesma para não esperar palavras de amor, mas ela não podia se conter. Ela olhou para a madeira gasta, desejando uma passagem terna, e ofegou em voz alta enquanto lia as palavras. Não era exatamente a doce missiva doce que ela esperava encontrar.

Escritas na mesa, com o branco pálido do giz, estavam estas palavras: "Fique em silêncio sobre isso ou matarei você".

CAPÍTULO 8

Gabrielle estava louca o suficiente para cuspir. Ela sentia como se tivesse dado a este homem um pedaço de sua alma e, em retorno, ele ameaçou matá-la. Tanto por nenhum laço de ternura entre eles. Eles não compartilharam nada? Nada além de luxúria animal, Gabrielle disse a si mesma com desgosto à medida em que ela sentia o lampejo carmesim de vergonha se estender por sobre o rosto. Nada a perturbava assim tão facilmente, mas ela estava humilhada pelo seu próprio comportamento e pela atitude enfurecida de Alexandre também. Ela poderia ter agido como prostituta, mas ser tratada como uma era mais do que ela poderia suportar.

Quando ela abriu a boca para lhe gritar impropérios, ele deslizou uma mão poderosa sobre seus lábios para deter seu discurso e meneou a cabeça. Ela podia ter praguejado um escarninho dando um safanão no canto de sua boca, que a provocava ainda mais, e Gabrielle ficou tentada a morder um de seus dedos, porém, quando ela olhou nos olhos dele, perdeu toda a vontade de lutar. Em vez disso, ela quase fraquejou nas pernas sob aquele olhar que tanto prometia: satisfação de todo desejo dela e mais. Ele apenas tinha que enlaçá-la novamente... Mas então o olhar se foi, sendo substituído por um aspecto indolente que nada dizia, junto com uma atitude de despedida.

Em zanga frustrada, Gabrielle sentiu lágrimas quentes aflorarem. Droga, ela estava a ponto de chorar? Alexandre ergueu a mão e ela mordeu o lábio silenciosamente enquanto ele a contemplava, nada dizendo nem cedendo. Finalmente, ele voltou para a mesa e escreveu novamente. Franzindo o cenho em seu esforço para parecer desinteressada, Gabrielle espiou para ver as palavras.

Rabiscada com giz era esta a frase: "Vá antes que você faça algo que se arrependa".

A raiva surgiu novamente ante a arrogância dele.

- Como o quê? Dar em você outra espetada com o jo... - a mão dele em sua boca novamente parou sua imprecação e ela percebeu que sua ameaça fora séria. Ele não deixaria que ela mencionasse o corte — mesmo para ele. Por que tanto segredo cercando seu ferimento? E por que se manter em silêncio era mais importante que qualquer coisa — do que ela em particular? Gabrielle o bateu neste tempo, debilmente balançando contra seu braço duro. Então ela esforçou-se para escapar de sua mão, recuando, tremendo de raiva e mágoa.

Gabrielle ainda segurava uma tira de pano na mão e jogou-a sobre a mesa no que ela esperava ter sido um gesto de desafio - e desgosto - antes de se voltar para ir. Embora ela tentasse abrir a porta com estrondo, existia tanta palha em todos lugares que ela apenas tombou surdamente contra a madeira.

Ela correu o caminho de volta para a pousada, tentando não chorar por algo tão tolo como a rejeição do cavaliário. Ele era bruto e sujo e mudo, pelo amor de Deus, Gabrielle disse a si mesma, tentando se convencer que não importava. Mas ela tinha se oferecido a ele - e a ninguém mais em sua curta existência - e ele a expulsara firmemente. Aquilo feriu.

Gabrielle estava agradecida por François estar ausente quando ela retornou à cozinha, pois não tinha nenhum desejo de enfrentá-lo depois de ter demorado tanto em cumprir sua incumbência. Ela já tinha uma mentira na ponta da língua - alguma sandice sobre encontrar um conhecido na volta dos estábulos - mas ela não conseguiria prosseguir com isto ante o olhar perspicaz do cozinheiro. Certamente ele faria algum comentário jocoso sobre ela e Alexandre, que estaria bem perto de atingir o alvo para ser engraçado.

Gabrielle nem mesmo se animou em remover seu capote, sentada no tamborete e olhou para fora pela janela, tentando ordenar a confusão de seus pensamentos. Ela nem sequer ousou ir para seu quarto, pois Thérèse podia estar lá e Gabrielle também não queria se esquivar de suas perguntas. Além do mais, ela estava muito excitada para dormir. Excitada? Ela estava furiosa com Alexandre e consigo mesma por ter perdido a razão quando ele a tocara. E, oh, como ele a tocara.

Ela sabia que devia esquecê-lo, mas como poderia quando todo momento que ela estivera em seus braços assombravam-na com claridade dolorosa? Ela mordeu o lábio e olhou fixamente a escuridão, sentindo novamente a textura de sua pele e o calor de sua carícia.

Quanto tempo ficou sentada lá, Gabrielle realmente não soube, mas ela examinou cuidadosamente o início da noite em sua mente, alternadamente saboreando a lembrança dos beijos de Alexandre e desprezando sua rudeza, até que algo no seu campo de visão chamou atenção.

Todos os pensamentos de romance fugiram enquanto a visão de uma figura familiar no lado de fora a fez sentar-se e esperar notícias. Ela se inclinou para se aproximar da janela, prendendo o fôlego. O casaco foi o que ela reconheceu a princípio, mas quando a luz do lampião atingiu o rosto do homem, Gabrielle estava certa. René Troussaint estava caminhando através do pátio. Sem pensar, ela quietamente escapou para a porta, certa de que ele a procurava.

Talvez ele temesse entrar na pousada depois da ameaça de Gaspard, Gabrielle debatia enquanto saiu para a escuridão. Ou talvez ele não quisesse que ninguém o visse com ela. Ele já tentara o quarto de porão, só para não encontrá-la? O coração de Gabrielle batia com excitação enquanto ela esperava e rezava por uma palavra sobre seu pai. Ela não se importou por que René escolheu a noite para fazer sua visita furtiva. Ela apenas sabia que ele deveria estar vindo por sua causa.

Não estava. Quando Gabrielle saiu à porta, ele estava quase saindo. Ela vislumbrou sua forma alta nas sombras próximas à parte de trás do edifício e o seguiu em silêncio, o comportamento dele advertindo-a que segredo devia ser a regra. Sentindo-se um pouco tola, mas sabendo o quanto Paris poderia ser perigosa, ela se esgueirou pelo caminho até a esquina do edifício — e parou.

O som de sua voz, reconhecível da outra noite, chamou a atenção dela, pois ele estava conversando com alguém — e não era ela. As palavras eram tão baixas, que ela mal compreendia o que estavam dizendo, mas ela não ousou se aproximar. Ser pega espionando na escuridão era, na melhor das hipóteses, constrangedor; e, na pior das hipóteses, extremamente suspeito. Embora ela não pensasse que René pudesse lhe fazer mal, Gabrielle realmente não o conhecia e não tinha nenhuma idéia de quem estava com ele. Ela escutou, imóvel.

- Mas eu não tinha nenhuma idéia de como encontrá-lo, meu amigo. - René ligeiramente explicou, então parou. Presumivelmente, a outra pessoa estava respondendo, mas Gabrielle não podia ouvir o que dizia.

- Fui informado que você estava trabalhando nesta área, isso é tudo. - René disse - Eu não sabia como contactar você, então eu decidi fazê-lo por conta própria. Eu presumi que você ouviria falar de meu discurso. Sua cadência suave era carregada de diversão, então ele silenciou novamente. - Perigoso? Talvez, mas o que não é perigoso nestes dias, meu amigo?

Nessa hora Gabrielle ouviu o outro homem falar em voz baixa, tão profunda e forte e esquisitamente estimulante que ela quis olhar o canto para vê-lo.

- Sim, existe perigo suficiente em Paris para qualquer homem e nenhuma necessidade em confrontá-lo. Talvez você seja jovem demais e despreocupado das minhas dificuldades. - a voz disse suavemente.

- Talvez. - René respondeu negligentemente e Gabrielle quase podia ver seu sorriso zombeteiro que deve ter acompanhado as palavras. Uma carruagem dobrou a esquina e Gabrielle quase saltou fora de sua pele. Ela perdeu parte da conversação e se esforçou para escutar novamente.

- *La petite chérie?* - René soou surpreso - Por quê? Você está apaixonado por ela? - Gabrielle não pôde pegar a resposta, mas ela ouviu a risada fácil de René.

- Ah, então esse é o caminho por onde os ventos sopram? - disse René.

Ela ouviu o estrondo da porta dos fundos e se estreitou contra o edifício, contente da escuridão que a envolvia e de repente ficou petrificada ao pensar que poderia ser descoberta. Quem quer que fosse se manteve ao portão, porém, para escutar como gostaria, Gabrielle não ouviu nenhum passo que voltava em direção aos estábulos.

Quando pareceu que uma eternidade tinha passado, Gabrielle lentamente soltou a respiração que prendera e voltou sua atenção para René e seu companheiro. Talvez eles também tivessem ouvido a porta porque suas vozes eram até mais baixas que antes e o colóquio parecia ter chegado ao fim.

- Até breve, meu amigo. - René disse, falando tão baixo que ela podia apenas entender as palavras. Então ela ouviu passadas desaparecendo na noite, longe dela e em direção à rua. A reunião estava terminada, Gabrielle percebeu, e, se ela quisesse ver o outro homem, teria que olhar agora. Ela não conseguiu. Com uma mistura de medo e antecipação, sem nenhum pensamento para as consequências da descoberta, Gabrielle espiou em torno da esquina.

Ela viu a figura obscura de René pela rua, mas ninguém mais.

Onde o outro homem podia ter ido? Gabrielle olhou fixamente em assombro. Ele não podia ter escalado o lado do edifício, ele não estava com René e ele certamente não passou por ela. Agora que ela não se esforçava para escutar, os barulhos noturnos costumeiros de vozes da vizinhança, latidos de cães e estrondos da rua subitamente pareceram mais altos, e Gabrielle sentiu um calafrio súbito percorrer sua espinha.

Um cavalo relinchou nos estábulos e ela examinou o edifício onde uma lanterna no interior projetava a sombra gigante de Alexandre próxima à entrada. O homem podia não ter tomado aquele caminho, a menos que passasse pelo mudo, que, considerando o tamanho de Alexandre, não era muito provável.

Gabrielle se esgueirou contra os tijolos e balançou a cabeça, nada perto de desvendar o mistério da identidade do homem do que estava antes. E o que ela devia fazer a respeito do encontro clandestino de René na noite? Talvez nada, Gabrielle pensou com um encolher os ombros, e então, talvez não.



- Onde você esteve? - as palavras, sussurradas agudamente, transpareciam raiva e medo, e Gabrielle olhou em cima culpavelmente enquanto entrava no quarto de porão. Ela esperava que Thérèse estivesse dormindo e que ela podia deslizar silenciosamente, despercebida, mas Thérèse estava bastante acordada — e furiosa.

- Você sabe que horas são? Se eu não estivesse cada vez mais acostumada a esses desaparecimentos súbitos, eu teria enviado Henri para procurá-la novamente. - Thérèse estalou.

- Ele não estava aqui hoje à noite. - Gabrielle suavemente disse, suspeitando que era a única razão pela qual o menino não estava procurando por ela.

- Bem? - Thérèse perguntou. Seu cabelo loiro pálido caiu perto de seu rosto à luz do fogo agonizante e Gabrielle podia ver que ela estava branca como um fantasma.

- Eu sinto muito, muito mesmo, Thérèse. - Gabrielle disse - Eu nunca quis assustar você. François deu a mim uma incumbência e então eu pensei... Gabrielle hesitou, pouco disposta a mencionar que sua viagem fora para espionar René.

- Eu precisei pensar, então me sentei na cozinha por muito tempo e então eu saí por alguns momentos olhar para as estrelas.

- Olhar as estrelas? - A voz de Thérèse subiu uma oitava - Dom... Gabrielle, - ela firmemente se corrigiu - Não estamos mais vivendo no campo. Nós estamos aqui em Paris, onde facínoras e degoladores abundam, onde *sans culottes* levantam estacas e armas às ruas procurando por novos alvos e onde os agentes do governo podem fazer buscas noturnas sem serem anunciados. Eu não sei o que deu em você. Desde que chegamos, você tem agido como uma criança tola sem mais juízo que seu...

Thérèse parou como se flagrada e olhou para as brasas ardentes.

Não importava, pois Gabrielle sabia o que sua amiga quis dizer.

- Sem mais juízo que meu pai. - Gabrielle suavemente disse. As palavras a magoaram e ela ergueu o queixo defensivamente.

- Você está errada, Thérèse. Papai é um homem muito brilhante, ele só não tem muito senso prático.

- Oh, eu sinto muito, Gabrielle. - Thérèse disse, virando-se para a enfrentá-la novamente - É só que eu tenho estado doente de preocupação e não sei o que fazer. Você tem estado tão protegida, eu me preocupo bastante com você e então para ter você perambulando em torno das ruas de Paris de noite...

- Eu sinto muito, também, Thérèse. - Gabrielle disse - Eu realmente não quero sair, mas as coisas parecem acontecer.

- Coisas sempre parecem acontecer com você, Gabrielle. - Thérèse secamente disse.

Gabrielle sorria enquanto tirava o capote.

- Eu não quero que você se preocupe mais a meu respeito, Thérèse. - ela suavemente ordenou - Há coisas que eu devo fazer.

- Você não esteve com o tal Troussaint, não é? - Thérèse suspeitosamente perguntou.

O coração de Gabrielle parou uma batida.

- Não.- ela honestamente respondeu - Mas você sabe que eu não posso desistir da procura por meu pai.

Thérèse suspirou e puxou as coberturas para o queixo.

- Eu só espero que você saiba o que está fazendo, Gabrielle.

Eu, também, Gabrielle pensou consigo mesma esquisitamente. Ela vestiu sua camisola pesada e rastejou na cama granulosa. Logo amanheceria antes que elas soubessem, mandando-as para o trabalho, então ela fechou os olhos imediatamente, só para abri-los um momento mais tarde.

- Thérèse? - ela perguntou em voz baixa.

- Sim? - Thérèse murmurou.

- Por que você saía com Armand?

Thérèse bufou e arrastou os cobertores.

- Porque eu era tola.

- Não, eu falo sério. - Gabrielle protestou.

Thérèse suspirou e se mexeu com inquietação.

- Bem, ele era muito bonito, eu acho. - ela sorriu na escuridão cerrada - E quando ele falava era tão eloquente, tão emocionante. Eu estava orgulhosa só de estar

com ele. Ele conversava tão bem e, quando ele sussurrava docemente para mim, não podia resistir.

Aquilo certamente não ajudava a explicar sua própria atração por Alexandre, Gabrielle pensou, pois ele não era certamente nenhum orador. Ela sorriu ao pensamento. Não podia imaginar quaisquer "palavras doces" vindas de seu giz, qualquer uma que fosse. O que era então? Ele era bonito, isso era verdade, mas...

Thérèse se sentou na cama, seu cabelo pálido voando.

- É isto, Gabrielle? Você tem encontrado alguém? Você saiu para encontrar um homem?

- Sim. - Gabrielle respondeu sonhadoramente. Era mais fácil lembrar das carícias do Alexandre que das suas ameaças, entretanto a lembrança da sua rejeição retornou.

- Não. Para falar a verdade não. - Gabrielle emendou - Eu estava interessada em alguém, isso é tudo. Uma fantasia tola, nada mais.

- Quem? - Thérèse perguntou.

- Oh, só alguém em torno da pousada.

A mente de Thérèse correu solta. Se Gabrielle pudesse achar um marido, ela estaria segura, verdadeiramente segura em uma nova vida. Ela poderia até desistir dessa procura por seu pai. Mas quem seria apropriado? Claro, Gabrielle não era mais a filha de um conde, então não podia esperar casar como poderia ter casado antes da revolução, pois um nobre só traria dificuldade para elas agora.

Um burguês. Thérèse deixou seus pensamentos demorarem no melhor marido possível. Um burguês. Um comerciante estaria protegido da maioria dos motins políticos e seria um porto seguro contra tempos difíceis e ela poderia se beneficiar de tal aliança também.

- Bem, me diga. - Thérèse provocou.

- Eu não estou certa se você o conhece. - Gabrielle atalhou - Realmente, Thérèse, não é nada. Eu só queria me certificar o que faz certas pessoas se atraírem umas às outras. Quero dizer, o que você faz quando está atraído por alguém? Não parece de todo razoável. "Ou decente", ela quis acrescentar.

Thérèse não gostou do rumo que a conversa estava tomando.

- O que você quer dizer? Está atraída por um homem. Ele não está atraído por você? - Thérèse perguntou.

- Não. - Gabrielle respondeu, enfadada - Bem, às vezes parece estar. Às vezes eu vejo isso em seus olhos, entretanto talvez eu esteja apenas imaginando coisas, e então ele me deixa louca.

- O que você quer dizer? - Thérèse repetiu. Estava sentindo a boca seca enquanto ela via o casamento de seus sonhos virar pó.

- O que ele diz?

- Bem, ele realmente não diz nada. - Gabrielle respondeu - Eu só não sei por que eu sempre quero... Por que eu sempre o quero, Thérèse. Você sabe o que eu quero dizer?

- Não, eu não sei. - Thérèse disse, ficando cada vez mais cautelosa.

- Eu estou querendo que você me diga. - ela estalou.

- Eu quero dizer... - a voz de Gabrielle diminuiu - Oh, eu só posso dizer isso. É muito terrível.

A cabeça de Thérèse deu voltas.

- Gabrielle, o quê?

- Bem, eu quero dizer que eu quero que ele me beije. Não importa o quanto ele seja apropriado ou o quão furioso ele me faz, eu quero beijá-lo. Isto não é horrível? Eu me sinto como se não tivesse nenhum controle sobre mim mesma.

Thérèse tentou falar, mas não podia. Ela pigarreou.

- Isso é tudo. Você só quer beijá-lo? - sua voz oscilou nas oitavas mais altas embora ela tentasse manter baixa.

- Não é ruim o suficiente? - Gabrielle perguntou - Honestamente, Thérèse. Você se sentiu desse modo com Armand, querendo que ele a beijasse o tempo todo?

- Bem, eu... - a mente de Thérèse sentiu como papa de farinha enquanto tentava chegar aos fatos pertinentes por trás das divagações de Gabrielle.

- Oh, certo, você quer beijá-lo. Isso é tudo?

- O que mais existe? - Gabrielle perguntou com ingenuidade. Thérèse deu um suspiro rápido de alívio e ignorou a pergunta.

- Bem, então você quer beijá-lo. Isso não é tão terrível, mas você disse que ele é inadequado. Isso é terrível. Gabrielle, você não pode ir beijando homens inadequados. Você não tem nenhum pai agora, nenhuma dama de companhia para vigiar você, então eu tenho que fazer isto. E posso ver que eu não tenho feito um trabalho muito bom. - Thérèse murmurou. Ela respirou fundo antes de prosseguir.

- Então, se esse sujeito é inadequado, você deve esquecê-lo. - ela disse firmemente, então parou - Por que ele é inadequado?

- Bem, eu estou certa de que papai não o aprovaria. - Gabrielle respondeu.

Thérèse relaxou enquanto uma parte de seu otimismo original retornou.

- Gabrielle, as coisas são diferentes agora. - ela disse em um tom gentil - Você não pode realmente esperar achar um marido que seu pai aprovaria.

Gabrielle riu.

- Um marido. Oh, mas não, ele nunca casaria comigo.

Thérèse ficou surpresa.

- Ele disse isso?

- Oh, não, - Gabrielle disse - mas eu sei que ele não iria.

- Por quê?

- Porque... - "Porque ele não me quer", Gabrielle pensou consigo mesma, mas ela não suportava admitir isso.

- Porque. Eu só o conheço, é tudo.

- Bem, então ele é definitivamente inadequado. - Thérèse disse com um bufar - Então onde esse sujeito trabalha?

- Na pousada.

- Na pousada? - Thérèse imediatamente pensou na cozinha, onde Gabrielle parecia passar muito tempo. François? Seguramente não.

- E o que ele faz aqui? - Thérèse indagou.

- Ele é um cavaleiro.

- Um cavaleiro? - o tom de voz de Thérèse foi tão alta que Gabrielle teve que fazer um gesto para que ela se calasse. Fez pouca diferença, pois Thérèse estava longe de silenciar. Ela estava ao lado de si mesma.

- Você tem beijado um cavaleiro?

- Bem, sim. - Gabrielle admitiu - Mas eu não me importo que ele seja um cavaleiro, realmente. Eu quero dizer, não é disso que é tão enlouquecedor sobre ele. De qualquer maneira, todos nós não deveríamos ser iguais agora? - ela perguntou, deliberadamente beliscando sua amiga com ideais republicanos.

Thérèse não achou divertido.

- Você está beijando um cavaleiro que sabe que não vai casar com você? Claro que ele não vai casar com você. Ele quer... - Thérèse ofegava agora que estava tão distraída.

- Ele quer dormir com você sem se casar. Oh, Gabrielle, como você consegue se meter nessas coisas? Nós mal estamos aqui uma semana e você já está arranjando problemas!

- Oh, por mil raios e trovões, Thérèse! - Gabrielle jurou - Ele não quer dormir comigo.

- Oh, não? - Thérèse perguntou, sua voz carregada de sarcasmo - Ele disse isso?

- Claro que ele não disse isso. - Gabrielle respondeu.

- Bem, o que ele disse, pelo amor de Deus?

- Bem, ele realmente não diz nada - Gabrielle disse. Ela desejou agora que Thérèse nunca aprofundasse o assunto. Ela nunca teve intenção de contar a Thérèse sobre Alexandre, mas de alguma maneira isso tudo veio caindo como se desenovelasse uma meada de lã. E Thérèse, claro, não aprovava. Gabrielle franziu o cenho, pouco disposta a continuar a conversação.

- Ele tem que dizer algo. - Thérèse silvou, e Gabrielle podia dizer por sua voz que ela estava ficando brava.

- Não, ele não diz nada. - Gabrielle respondeu taciturnamente.

- Gabrielle! - o tom de Thérèse advertiu que sua paciência estava por um fio.

- Certo. - disse Gabrielle, exasperada - Se você conhece, ele não diz nada porque não pode. Ele não pode falar.

Gabrielle pensou que Thérèse desfaleceria ou asfixiaria ou algo do tipo. Seus olhos se arregalaram na escuridão do quarto e ela parecia ter dificuldade em tomar fôlego.

- Oh, eu sei que é ridícula, esta, esta... A atração eu que tenho por ele. - Gabrielle disse - Eu estou só tentando entender isso tudo. E você não está ajudando.

Thérèse levou muito tempo para respirar normalmente.

- Agora, você me escuta, Dom... Gabrielle. Eu vou dizer isso a você só uma vez, e então vou tentar dormir porque eu tenho que me levantar daqui a algumas horas para trabalhar. Não ajuda nada saber que eu passei metade da noite me preocupando com você deitada morta em uma ruela escura enquanto você rolava no feno... E você estava no outro dia, você não estava? - Thérèse perguntou. Não esperando a resposta de Gabrielle, ela continuou sua diatribe.

- Eu estou preocupada enquanto você rola no feno com um cavaliário mudo e agora eu gasto o resto da noite a escutar essa tolice!

Thérèse parou para respirar novamente.

- Inadequado? Inadequado? O homem nem sequer vale a pena de ser discutido! A última coisa que você precisa é de uma ligação com tal indivíduo. Ele simplesmente usará você e a lançará de lado. Acredite em mim, eu tenho um pouco mais de experiência com os homens do que você, Gabrielle. Mas em vez de discutir com você por horas, porque eu sei por experiências passadas o quão inútil isto é, eu só vou deixá-la com um pensamento com o qual você irá dormir. - Thérèse disse - O que diabos você faria, abandonada em Paris, sem família, com pouco dinheiro e certamente nenhum trabalho, se você ficasse grávida?

Ao terminar de falar, Thérèse deitou, se virou e puxou as cobertas nitidamente acima de sua cabeça, sinalizando o fim da discussão noturna. Tudo que ela queria agora era um pouco de sossego, mas não teria tanta sorte. As próximas palavras que ela ouviu estavam bastante amortizadas, como se abafadas pelos cobertores, mas, infelizmente, ela as ouviu assim mesmo.

- Thérèse, - Gabrielle perguntou - como se fica grávida?

CAPÍTULO 9

- **E**u quero vê-lo. - Thérèse disse.
- Hoje. - ela acrescentou em um tom que não permitia nenhuma resistência.

- Shhh - Gabrielle sussurrou, relanceando o olhar para François. Ela se debruçou sobre a mesa da cozinha em direção a Thérèse, agitando a cabeça furiosamente.

- Eu quero vê-lo hoje, Gabrielle. - Thérèse repetiu, destemida, enquanto pegava um pãozinho duro para seu café da manhã. Ela parecia cansada e aborrecida e sem nenhum humor para discutir, mas Gabrielle tentou de qualquer maneira.

- Oh, pelo amor de Deus, pare de agir como uma aia. - Gabrielle repreendeu.

- Eu só deixarei quando seus atos posteriores provarem que você não precisa de uma. - Thérèse revidou.

- Thérèse, eu sou uma mulher crescida! - Gabrielle protestou.

- É isso que me tem preocupado. - Thérèse respondeu, e Gabrielle suspirou em exasperação. Ela se torceu em sua cadeira, olhando François nervosamente.

- Eu quero vê-lo hoje. - Thérèse repetiu, levantando da mesa.

- Thérèse! - tomando sua amiga pelo braço, Gabrielle a arrastou porta a fora no frio matutino de forma que ela poderia falar livremente.

- E só o que você espera que eu faça? Valse até o quarto dele e o apresente você? - ela sussurrou acaloradamente.

- Por que não? - Thérèse perguntou, cruzando os braços à sua frente. Seu rosto dizia que ela não seria persuadida.

Gabrielle estremeceu debaixo do olhar e mordeu o lábio. A última coisa que ela precisava era que Thérèse se intrometesse em sua relação com Alexandre. Thérèse estava fazendo tempestade em copo d'água, pela causa do céu! Só porque Gabrielle admitiu beijar o homem, agora Thérèse o via como seu amante. Amante. Gabrielle tentou não gostar de como aquilo soava e se concentrar no assunto à mão.

Ela sabia que Thérèse só envergonharia ambas, trancando até Alexandre, brava pelo mau comportamento de sua patroa. E Thérèse não tinha nenhuma idéia do quão ruim era o comportamento, Gabrielle pensou de sobrolho franzido, pois ela mantivera os detalhes de seu delito para si mesma. A rejeição dele fora dura o suficiente para Gabrielle; ela não suportaria admitir para sua amiga como ela foi completamente lançada de lado.

E esse era o problema. Thérèse não tinha nenhuma idéia do quanto Alexandre podia ser rude quando estava disposto a isso. Afinal, o homem apenas reconhecia a presença de Gabrielle a maior parte do tempo; ela não podia imaginá-lo dando boas-vindas a sua amiga com braços abertos. Oh, mas ela nunca deveria ter dito uma palavra a Thérèse sobre isso! O caso todo era ridículo e ela só queria esquecê-lo.

- Eu nunca mais vou vê-lo novamente. - Gabrielle jurou com determinação para sua amiga - Você está satisfeita agora?

- Não. - Thérèse respondeu severamente - Eu ainda quero vê-lo. Hoje.

Gabrielle a encarou e se virou para ir, então se voltou para atrás, atenta do quanto ela devia para sua antiga empregada.

- Certo. Eu encontrarei você aqui quando a última diligência entrar. Ele deve estar cuidando dos cavalos, então você pode dar uma olhada nele, mas isso é tudo. Eu não quero que você represente o papel de minha mãe ultrajada ou eu nunca mais falo com você novamente. - Gabrielle advertiu. "E só Deus sabe o que Alexandre faria", ela acrescentou suspendendo a respiração, estremeecendo ao pensamento.



A diligência estava atrasada, como sempre, e Gabrielle permaneceu mal-humorada mantendo a vigília pela janela até que ela a viu ser puxada atreves da jarda. Chamando Thérèse em voz baixa, ela vestiu seu capote e andou no crepúsculo frio, movimentando-se lentamente atrás de sua amiga enquanto esta caminhava corajosamente para observar o cavalariaço que terminava de mudar os cavalos.

Gabrielle tentou olhar para Alexandre enquanto Thérèse o veria, com frieza de julgamento, mas, embora tentasse, ela não podia. No momento em que ela o viu aquela familiar onda de excitação precipitou-se sobre ela, o coração batendo acelerado e a respiração suspensa na garganta. Ela não pensou mais em lutar contra isso; corria por ela como um vendaval, deixando-a com um desejo por ele que ela podia sentir fisicamente.

Ela estava plenamente ciente que era difícil de sustentar sua raiva pelo homem. Não importava o que Alexandre fizera, quando ela o contemplava, Gabrielle via o que ela queria ver: o calor e a ternura enterrados profundamente sob o exterior áspero. E estava lá, ela sabia que estava. Ela viu, tocou...

Gabrielle respirou fundo e tentou pensar claramente, mas quando ela viu Alexandre, foi como se sua razão fosse arrastada. Ela não queria pensar sobre por que ele fez as coisas que fez. Ela só queria estar em seus braços, retornando seus beijos com paixão e tocando-o. Como ela podia explicar isso para Thérèse? Era impossível adivinhar por si mesma.

- Bom Deus, Gabrielle, ele é um gigante! - sussurrou sua amiga e Gabrielle desviou o olhar de Alexandre para Thérèse, que estava pálida e de olhos arregalados.

Gabrielle voltou avaliar Alexandre novamente. Sim, ele era grande, não só alto, mas largo de ombros e musculoso, ainda ela não mais se sentisse intimidada por seu tamanho. Ela sabia o quão gentis suas mãos grandes podiam ser e só o quanto era bom sentir aqueles músculos rijos sob os dedos. Ela corou.

- Bem, sim, eu acho que imaginei isso também, a princípio. - ela respondeu, relanceando o olhar para sua amiga.

Os olhos de Thérèse permaneceram fixos em Alexandre.

- Ele é imundo, Gabrielle. - ela disse, a voz sombria como se estivesse perturbada.

- Bem, sim, eu suponho que ele está bastante sujo hoje, mas seu trabalho não é o mais limpo. - Gabrielle disse. Seu próprio padrão de limpeza caiu com a mudança diante das circunstâncias e ela era normalmente tão subjugada por Alexandre que algumas manchas de sujeira eram a última coisa em que pensava.

Thérèse não se distraía tão facilmente. Ela pigarreou, tão atordoada pela visão do bruto enorme e imundo a quem Gabrielle achava atraente, que não podia se mover. Ela simplesmente não podia imaginar ninguém, muito menos a finamente criada, a pequena Gabrielle, beijando o homem que estava trabalhando com os cavalos. Quando ela conseguiu uma boa olhada para seu rosto debaixo daquela juba de cabelo desgrenhado, percebeu que ele era um pouco bonito de uma maneira crua, mas meu Deus, certamente não era suficiente recomendável para a filha de um conde.

Gabrielle falava três idiomas e era tão extensamente culta que o castelo ressoava com suas discussões com seu pai sobre qualquer tópico imaginável. Thérèse admitia que na maior parte das vezes ia muito além de sua compreensão. Ainda que o homem diante de si não pudesse mesmo falar, sem dúvida não lia e moveu-se com tal ponderação que

Thérèse perguntou-se se, além disso, ele não era desprovido de inteligência. Ela sentiu que ia desmaiar.

- Gabrielle, - Thérèse começou, a boca seca - eu penso que você é sábia o bastante para desistir dessa tolice. Ela finalmente desviou o olhar do grande e pesado grandalhão e encarou Gabrielle interrogativamente. Sua patroa fitava o cavaliário com intensidade surpreendente.

- Gabrielle. - Thérèse estalou, apertando o braço de Gabrielle.

- Sim? - Gabrielle finalmente respondeu.

- Você deve desistir disso agora mesmo. - Thérèse disse enfaticamente enquanto conduzia sua amiga de volta à pousada.

- Agora que eu o vi, percebo que é nossa própria situação desesperada que dirigiu você para ele. Você foi afastada de sua família, de sua casa e lançada em uma vida desconhecida em uma cidade estranha, e isso, naturalmente, fez com que você agisse de forma bastante... extraordinária. - Thérèse disse sabiamente enquanto elas se aproximavam da porta.

- Se você voltasse para casa, não daria ao homem um segundo olhar, Gabrielle. - Thérèse firmemente continuou - Nós precisamos aumentar nosso círculo de amigos e organizar algumas apresentações para rapazes mais apropriados. Eu admito que eu estava tão assustada a princípio que acabei de querendo me esconder — e você — longe, mas isso não é bom. Nós devemos sair e nos socializar. Você encontrará algumas novas pessoas e então rirá sobre tudo isso. - Thérèse assegurou - Acredite em mim, seu comportamento estranho é meramente um produto de nossos tempos problemáticos e não o homem por si só.

Gabrielle escutou atentamente, balançando a cabeça de acordo, enquanto ela lançava um último olhar para trás na direção de Alexandre. Ele olhava para cima, observando-a, e seu coração parou enquanto seus olhos fitavam outra vez o pátio antes dele curvar a cabeça novamente.

- Sim, Thérèse. - Gabrielle respondeu, embora soubesse que sua amiga não podia estar mais errada.



No fim, Gabrielle jurou que nunca mais o veria novamente, o que queria dizer, ela supôs, que não o beijaria, desde que ela estivesse destinada a se chocar contra ele algum dia no mundo pequeno da pousada e seu solo.

Ela se surpreendeu e ficou um pouco desapontada com a facilidade que era manter sua promessa, pois depois de uma semana ela só teve um vislumbre ocasional do cavaliário mudo. Quando ela o via, ele a ignorava, e Gabrielle não era corajosa suficiente para procurá-lo depois da rejeição que ela recebera. Tinha algum orgulho e, afinal, ela prometeu a Thérèse.

Alexandre permaneceu em seus pensamentos, porém, e sua garantia para evitá-lo não se estendia a suas próprias fantasias, pois ele nunca estava longe — era uma espécie de vício secreto para ser tomado e saboreado. Em uma tarde tediosa, Gabrielle perguntou-se sobre ele enquanto costurava. Ele nasceu mudo, ou perdeu seu poder de fala por alguma tortura odiosa infligida a ele por um mestre cruel ou um zelote revolucionário? Gabrielle estava propensa a achar que ele sempre tinha sido mudo, pois certamente não havia nada errado com sua língua, ela pensou, sorrindo consigo mesma.

E como ele aprendeu a escrever? Embora ela ainda se enfurecesse com o que ele escrevera, Gabrielle admirou a habilidade. Vários graus de instrução obtidos por quaisquer outros poderiam não tê-la impressionado mais do que aquela simples

realização, adquirida contra todas as probabilidades. Apesar dela querer alardear a Thérèse que ele não era nenhum analfabeto, algo a parou, e ela manteve seu conhecimento em segredo.

Ela manteve todos os seus segredos. Deus sabe que ele tinha sido inflexível sobre isto, Gabrielle pensou com azedume. Ainda estava curiosa sobre o ferimento, que indubitavelmente era o resultado de algo mais sinistro do que uma simples briga. Então ela perguntou-se de repente como cicatrizara e mordeu o lábio enquanto lutava contra o desejo de ver por si mesma. O homem era envolto em mistério, que, ela tinha que admitir, parecia torná-lo ainda mais atraente. Droga! Por que ele tinha que ser tão desagradável?

Atenta à promessa feita a Thérèse, Gabrielle expulsou Alexandre de seus pensamentos enquanto deixava cidadã Caron. Talvez então ela pudesse resistir à vontade de procurar por ele no pátio... Enquanto Gabrielle caminhava, um vento de frio arrastou seu capote e ela estremeceu, apressando seus passos até alcançar um mendigo implorando por dinheiro. Gabrielle parou para sorrir apologeticamente ao miserável, que não vestia nenhum casaco, mas tinha um cachecol pesado embrulhado ao redor do pescoço e do rosto.

- Eu gostaria de ter algo disponível. - Gabrielle disse, balançando a cabeça. Quando ela se voltou para ir, ele agarrou seu cotovelo e ela girou de volta, surpresa.

- Gabrielle. - uma voz familiar disse suavemente e os olhos dela se dirigiram para o rosto do homem. Lá ela achou o mais azul dos olhos margeados de pestanas tão espessas e negras que eles só podiam pertencer a René Troussaint. Ela abriu a boca para falar, mas ele a impediu com uma mão levantada.

- Eu conversarei depressa e então devemos nos separar - René disse em voz baixa - Eu tenho medo que não seja bom para você ser vista comigo, então aja como se estivesse procurando uma moeda para dar a mim. - ele instruiu.

Gabrielle obedientemente alcançou seu capote, mas sua mão tateava quando ela ouviu René falar novamente.

- O homem você busca está na *Conciergerie*. - ele disse.

Gabrielle ofegou em voz alta, então fechou a boca depressa. Embora tentasse controlar sua reação para o caso de alguém estar observando, ela estava agitada de alívio e de medo. Sem sequer pensar, Gabrielle soltou as primeiras palavras que lhe vieram à mente.

- Você pode tirá-lo de lá? - ela perguntou.

René recuou, obviamente surpreso por seu pedido, mas a pergunta saltou de seu coração e ela não podia desfazer isso. A questão ficou suspensa no ar frio, como uma respiração quente e úmida, até que René finalmente falou.

- Você pergunta demais, *petite chérie*. - ele sussurrou, encarando-a. Gabrielle mordeu o lábio e baixou a vista.

- Tenha coragem. - René suavemente disse - Existe alguém que pode ajudar. Eu apresentarei seu pedido e darei uma resposta quando puder. Agora vá.

- Oh, obrigada. Obrigada. - Gabrielle respirou. Impulsivamente, ela se pôs nas pontas dos pés, pretendendo depositar um beijo em sua bochecha, mas ele a deteve com uma mão no pulso dela.

- Ah, você me tenta, - ele disse com um sorriso torto - mas meninas bonitas não beijam mendigos. Parta agora.

E Gabrielle fez conforme era pedido, cerrando o capote firmemente ao redor de si, com a mão no coração. Ela não corria, mas caminhava tão rápido que, quando alcançou o pátio, teve que se recostar contra o prédio para tomar fôlego. Deus querido, seu pai estava vivo e ainda existia esperança para ele! Gabrielle não podia parar de

tremer, excitada com sua descoberta em oposição a seu desespero com futuro — pois seu pai estava preso em uma das prisões infames da cidade.

Gabrielle dificilmente ousava imaginar as condições de sobrevivência na *Conciergerie*, mas até em seu melhor, quanto tempo seu pai poderia sobreviver? Poderia só algo como — ou horas — até que seu nome fosse chamado e então seria enviado para a guilhotina, Gabrielle pensou com um calafrio.

René realmente podia fazer algo? Gabrielle sabia que era ávida com coisas sem importância, mas era melhor que nada. Thérèse caçoaria à idéia, Gabrielle suspeitou, mas como alguém podia fazer qualquer coisa? Deve haver um meio, ela pensou firmemente, pouco disposta — e incapaz — de desistir de esperar. Ela ouviu rumores de alguns salvamentos ousados, embora tivesse que admitir que nenhum envolvia fugas da *Conciergerie*.

Finalmente, o frio que deslizava por seu capote fez Gabrielle perceber que ela ainda permanecia no pátio, suas costas pressionadas contra o edifício. Ela dificilmente podia ficar onde estava. Mas não estava certa se queria entrar. Seus pensamentos ainda estavam em tumulto e ela não estava preparada para encarar Thérèse, quem saberia com um olhar para ela que algo estava em avanço.

Gabrielle estava insegura se devia mesmo dizer a Thérèse, que seria contra quaisquer esforços para salvar seu papai. Seus olhos vaguearam através do pátio enquanto ela mordiscava o lábio em indecisão. O sol estava se pondo, a diligência se fora e o pátio estava aparentemente deserto, mas entre as sombras uma sombra maior assomou.

O coração do Gabrielle bateu mais forte quando a sombra se aproximou. Ela pensou brevemente que ele estava apenas verificando para se assegurar de que ela estava bem, mas então seus olhos se encontraram no crepúsculo e de repente ele esticou o braço. Ela sentiu seus dedos ásperos contra o pescoço, enquanto ele puxava o rosto ao encontro do dele com muito pouca gentileza. Ela não se importou. Seus lábios estavam indo antes mesmo que a boca de Alexandre achasse a sua, beijando-a com sofreguidão. Os lábios dele se inclinaram sobre os dela em um assalto selvagem a sua boca, enquanto o vento chicoteava o cabelo dela contra seus rostos.

Talvez Thérèse estivesse correta sobre sua atração pelo homem, Gabrielle pensou enquanto o prazer penetrante de seu toque corria por ela. Talvez ela quisesse tanto Alexandre porque só ele tinha o poder para afastá-la de seus problemas. Ele a fez esquecer a *Place de la Révolution*, e, que Deus a ajudasse, ele podia até fazê-la esquecer o pai.

Gabrielle levantou as mãos para agarrar seu casaco, insistindo na vida querida enquanto a força da paixão entre eles ameaçava arrebatá-la, entretanto ele soltou seus dedos do pescoço, quebrando o contato, e recuou. Droga, seria sempre assim? Gabrielle perguntou-se, fitando-o dolorosamente.

Embora Gabrielle esperasse completamente que Alexandre se virasse e se afastasse, despedindo-a rudemente, naquela noite foi diferente. Ele se voltou para ir, mas levantou uma mão sinalizando ela para vir também. Gabrielle, que estava rapidamente se acostumando a movimentos furtivos, esperou até que sua figura quase desaparecesse nos estábulos antes de segui-lo.

Quando ela alcançou seu quarto, a porta estava entreaberta e ela entrou sem pensar, fechando-a atrás dela sem vacilação. O quarto minúsculo era quente depois do frio de fora e uma lanterna emitia um brilho confortável. Ele estava tirando o casaco, e ela observou a musculatura sob sua camisa, lembrando da sensação de seu tórax nu sob as pontas dos dedos. Surpreendida pela força do próprio desejo, ela baixou o olhar, tentando forçar seu coração acelerado a acomodar-se.

Um golpe na porta a fez sobressaltar-se e seu olhar se voltou para Alexandre. Ele estava ao seu lado antes que ela desse conta, a mão dele cobrindo sua boca enquanto ele a empurrava no espaço minúsculo atrás da entrada onde não seria vista. Ele ergueu os dedos de seus lábios com um olhar de advertência e abriu a porta ligeiramente.

- Aqui está sua ceia. - alguém disse, e de seu esconderijo Gabrielle reconheceu a voz de Henri, extraordinariamente ríspida. Ela sentiu uma torrente de alívio, embora não estivesse segura exatamente sobre o quê — ou quem — ela temia, e Alexandre inexpressivamente tomou a comida e fechou a porta. Ele colocou a bandeja e cesta sobre a mesa, então se voltou e olhou para ela.

Sentindo-se subitamente tola, Gabrielle saiu do canto. O que ela estava fazendo aqui? E seu ultraje face ao péssimo tratamento que o homem lhe dava? E a promessa feita a Thérèse? Se Thérèse descobrisse... Gabrielle gesticulou desajeitadamente para a porta.

- Eu espero que ele não tenha me visto entrando. - ela sussurrou.

"Eu também espero que não", Alexandre pensou, franzindo o cenho para ela. O menino já tinha demonstrado clara antipatia; ele não manteria nenhum segredo. Mas vista ou não, ela estava lá. Agora o quê? Não podia dar-lhe um pontapé para fora naquele momento, pois ele a convidara. Droga! Ele pensou tinha endurecido para o mundo, mas este deslize por uma menina provou ser sua debilidade.

Ele viu sua corrida pelo pátio e seu baque contra a parede, e queria se assegurar de que ela estava bem, mas, Deus, ele não conseguia evitar. Ela estava tão atormentada que ele tinha que beijá-la. E então, depois de subjugar sua voz interior, ele a convidou para entrar. Alexandre sabia que era um jogo perigoso, até no nível mais simples. Ele devia pôr fim nisto agora, disse a si mesmo, mas ela estava lá de pé fitando-o com os olhos arregalados, seu cabelo revoltado e livre, seus lábios úmidos e doces.

Ela era bonita. E estava ali, para o bem ou para o mal. Alexandre encolheu os ombros expulsando as advertências de seu sexto sentido e disse a si mesmo que ele era um garoto crescido. Ele podia cuidar de si mesmo, e dela, também. Ele sentiu-se relaxar enquanto a admirava com vagar, e sorriu.

Ele sorriu. E enquanto revelava até dentes brancos, Gabrielle percebeu que nunca verdadeiramente o vira sorrir antes. Seu rosto, há pouco áspero e frio, suavizou-se e aqueceu-se, transformando suas feições. O efeito em Gabrielle era maravilhoso, também, pois seu sorriso enviou um brilho através dela que viajou puro até os dedões do pé e ela nada podia fazer além de sorrir de volta para ele. Todas as razões nobres pelas quais ela não devia estar ali empalideciam em comparação e ela soube que não poderia sair naquele instante ainda que quisesse.

Ele gesticulou para a comida, oferecendo compartilhar com ela, e Gabrielle silenciosamente assentiu. Quando seus dedos tocaram os ombros para retirar o capote, ela quase se derreteu contra ele. Oh, mas ele estava sendo um cavalheiro hoje à noite. Se ela não podia resistir a ele quando se comportava horivelmente, o que faria agora? Ela pensou vertiginosamente. Ele retirou a cadeira para ela e ela se sentou, observando suas costas largas enquanto ele lavava suas mãos em um balde de água. Gabrielle tentou não encarar, mas ela dificilmente podia desviar os olhos dele agora que ele estava tão perto — e tão quente e vivo que ela quis alçar uma mão para tocá-lo.

Ele pegou um fardo de palha e aproximou-o da mesa, sentando-se descontraidamente enquanto Gabrielle observava, seu olhar viajando das pernas musculosas para o ponto onde elas se encontravam. Então ela desviou o olhar violentamente, seu coração batendo, pois ela não podia imaginar qualquer parte desse homem enorme se ajustando dentro dela, como Thérèse explicou. Isso era verdadeiramente a culminação do ato de fazer amor? Ela mordeu o lábio, subitamente

nervosa, e ficou grata quando ele deu um pedaço de pão para ocupar suas mãos e sua atenção.

Ele lhe ofereceu um pedaço de galinha, mas só havia um jogo de talheres, então Gabrielle o tomou com os dedos. Ela realmente não tinha nenhum interesse na comida, mas precipitou o frango até a boca para ter algo a fazer. Então ela mordeu o pão, mais e mais ansioso a cada minuto. Ele estava muito próximo e ela sabia que ele podia derretê-la com um único toque. O que diabos ela estava fazendo ali? Ela se retorceu em sua cadeira e decidiu que realmente devia dizer algo, mas o silêncio que pairava era tão pesado que ela hesitou em quebrá-lo. Ela olhou para ele de relance, por baixo das pestanas, o que deixou seu coração batendo tão rápido que ela foi forçada, ao invés, a olhar para as pedras na parede.

Quando ela sentiu sua mão no braço, Gabrielle quase saltou. Ela voltou a cabeça só para ver que ele lhe oferecia outro pedaço de galinha. Seu olhar interrogativo e o sorriso repuxado em sua boca lhe diziam que ele se divertiu por sua reação.

Ele estava. Alexandre podia ter rido. Sua beleza de sangue quente de súbito estava agindo como um potro arisco e ele não podia evitar de provocá-la. Ela o fazia sorrir e ele esquecera o quanto a sensação era agradável. Ele esquecera qualquer coisa agradável por tanto tempo que o sentimento era um dos mais frescos e novos, como um redescobrimento de coisas passadas. Era, sem dúvida, ridículo, mas ele achou que apreciava sentar ao lado dela, simplesmente comendo em sua companhia.

Ele estava ficando suave, cada vez mais relaxado... "Você está arriscando a vida por uma companhia à ceia?", a voz interna perguntou com um grau justificado de incredulidade. Ele ignorou a voz e ofereceu a ela um suculento pedaço de abóbora no garfo. Ela dirigiu seus lábios e aqueles olhos azuis que o olhavam, grandes e inocentes, antes dela abrir a boca. Ele observou seus lábios se fecharem em torno da pequena porção enquanto o coração estrondava contra as costelas e ele endureceu de desejo. Deus, ele queria bater na mesa e possuí-la no chão — em qualquer lugar — o suficiente para que ele pudesse enterrar o rosto naquele cabelo e o desejo em sua calidez.

Alexandre, vacilando, depositou o garfo sobre a mesa para tentar ganhar autocontrole. Era malditamente difícil, pois enquanto ele lutava, ela levantou o utensílio, picou um pedaço de abóbora e ofereceu-o a ele. Os dedos fecharam um pouco firmes demais ao redor seu pulso, mas ele tentou sorrir enquanto recusava. Ele não podia. Não era apenas a comida que ele estava negando a si mesmo, pois não era tudo que ela oferecia - quer ela soubesse ou não.

Ele se levantou e se virou, incapaz de olhar para a face angelical que sabia estar magoada pela recusa. Ela sempre estava, a criança ainda em si não tinha nenhuma idéia do que ela queria dele ou quão pouco ele podia dar. Ele podia ter perdido a maior parte de seu código moral nos anos passados, mas a consciência não deixaria que ele tomasse sua mocidade, inocência e beleza — e deixá-la sem nada.

Alexandre despertou dos pensamentos sombrios pelo toque de suas mãos deslizando ao redor da cintura. Ela surgiu atrás dele e agora debruçado contra as costas, abraçando-o suavemente. Ele não estava certo se ela o confortava ou se pedia conforto, mas se voltou para envolvê-la em seus braços. Então ele descansou o queixo em sua cabeça, e se surpreendeu no quanto era bom senti-la de encontro a si.

Apesar de sua pequena estatura e das feições delicadas, Gabrielle possuía uma força interna, Alexandre sentiu. Deus, ela tinha que ter alguma fibra para enfrentar o gigante mudo que ele se tornara, pensou com um sorriso. Sim, ela se demonstraria formidável caso encurralada, ele imaginou. Daria uma boa esposa.

O pensamento o surpreendeu tanto que ele quase a deixou. Bom Deus, agora ele seguramente estava ficando louco! A idéia era absurda, mas Alexandre parou um

momento para considerá-la. Existiam vantagens, claro, não apenas as óbvias envolvendo suas próprias necessidades egoístas, mas mais práticas, também. Contra tudo, porém, ele teve que pesar a grande desvantagem: estaria colocando-a em risco — em perigo. E ele não podia fazer isso, pois, enquanto lutava contra o perigo, ele se importava com a criatura esguia e tola em seus braços.

Ele se distanciou para fitá-la e ela lhe sorriu doce e timidamente, como se eles nunca tivessem compartilhado um abraço aquecido. Ele sorriu. Ela era um tesouro, um diamante achado em um montão de esterco, Alexandre decidiu, e daria uma boa esposa. Mas não sua.

Ele a conduziu de volta à mesa. O jantar era normalmente passável sem estar frio de pedra e ele queria uma pouco mais. Ele ofereceu a ela mais, mas ela ergueu uma mão em sinal de recusa. Pelo modo que ela freqüentemente ia à cozinha, Alexandre imaginou que ela não passava. Com ele, por outro lado, havia sempre uma possibilidade. Ele comeu.

Ela o observava, desviando o olhar culpavelmente sempre que ele olhava para cima. Droga, se ele não parasse com isso, ela o cegaria de desejo novamente. Por que ela olhava para ele? Era o silêncio, ele percebeu e notou que sentia falta da voz dela. Ele gostava de ouvi-la até mesmo quando ela lhe gritava algumas imprecações absurdas. Deus, ele estava doente do silêncio.

Ele levantou o giz e escreveu: "Converse comigo".

Ela o encarou, surpresa.

- Por quê? - ela perguntou. Alexandre franziu o cenho e escreveu: "Como isto".

Que mudança aquelas duas palavras fizeram nela! Ela sorriu muito vivamente então, mostrando dentes brancos perfeitos, que o deslumbrou em um estupor, e, por um longo minuto, ele somente a encarou para ela, com o giz na mão.

Gabrielle olhou para mesa, incerta sobre o que dizer. Ela teve um desejo opressivo para contar a história de seu pai, mas ela pensou melhor. Acreditar em René era a única coisa — pelo menos no que ela sabia sobre sua política. Ela temia que este homem fosse perigoso. Ele era muito misterioso e, trabalhando para tio de Thérèse, ele delatar qualquer infração se estivesse propenso. Ela estava atraída por ele, sim. Até gostava dele, às vezes. Mas confiar? Não, ainda não, ela decidiu. Havia coisas demais em jogo.

Ela não disse nada. A outra coisa que se precipitou em sua mente — "Thérèse diz que você me deixará grávida" - não pareceu um tópico apropriado para nenhuma discussão. Gabrielle mordeu o lábio e olhou fixamente para o giz. O giz.

- Quem o ensinou a escrever? - ela perguntou com interesse genuíno.

Alexandre agitou sua cabeça em resposta, então escreveu: "Alguém quem sabia mais". Ele olhou para ela penetrantemente e acrescentou: "Não diga a ninguém".

Gabrielle estava desapontada, mas assentiu com a cabeça. Tanta para aquela conversação. Bem, o que mais existia em seu mundo agora limitado para discutir?

- Eu sou costureira. - ela disse em voz baixa e as palavras pareceram fluir a partir de então. Calmamente, Gabrielle discorreu sobre seu trabalho, cidadã Caron, as outras meninas que trabalhavam lá e o quanto ela tinha sorte por ter uma posição tão boa nestes tempos difíceis. Então ela partiu para a pousada, contando histórias divertidas de François e Henri, mas falando apenas brevemente sobre Thérèse.

Alexandre comeu e então ele se sentou e escutou, suas belas feições relaxadas em um tipo de repouso satisfeito. Ele sorriu quando ela riu sobre François e era claro que ele gostava de cozinhar para a pousada. Era claro, também, que ele apreciou ouvir sua conversa, mas finalmente Gabrielle exauriu todas suas histórias inocentes sobre sua

breve vida em Paris. Ela dificilmente poderia discutir o passado ou o futuro, então ela se sentou quieta, sorriu e mordeu o lábio.

Ela percebeu muito tarde que devia não ter parado de conversar, pois quando ela o fez, Alexandre levantou-se, como se sinalizar um fim para sua noite. Ele levou o giz novamente para a mesa e escreveu: "Obrigado". As palavras simples fizeram Gabrielle derreter e ela quis se lançar em seus braços, mas ele não fez nenhum movimento em direção a ela. Ela sorriu para ele ao invés, então franziu o cenho decepcionada quando o viu procurando o capote. Embora soubesse que devia ser tarde, Gabrielle estava relutante em deixar sua companhia. Alexandre era imprevisível, mas ela se sentia mais aquecida e segura neste canto fedorento dos estábulos do que no *château* luxuoso e espaçoso que ela compartilhava com o pai.

Seu pai. Enquanto ela corava, os pensamentos de Gabrielle se voltaram para seus problemas e ela se sentiu até mais só com eles que antes. Ela não queria deixar a única pessoa que podia cessá-los, e, além disso, ele nem sequer a beijou! Todas suas promessas a Thérèse foram esquecidas, Gabrielle sentia apenas uma punhalada de desejo pelo abraço de Alexandre.

- Como seu ferimento está cicatrizando? - ela perguntou, andando na direção dele. Ele meneou a cabeça como se dissesse que estava bom, mas tentando descobrir por si mesma, Gabrielle pousou uma mão em sua camisa. Ela poder também enfiar os dedos em brasas, pois um calor se apossou dela ao toque. Por um momento eles permaneceram em suspenso, como se cautelosos da poderosa atração entre eles, então lentamente Gabrielle ergueu a vista para ele, queimando de paixão. Tome-me em seus braços, ela silenciosamente implorou, mas ele permaneceu ainda como se lutasse com algum demônio interior — ou anjo.

Gabrielle não teve tais escrúpulos. Hesitando apenas brevemente, ela deslizou a mão sobre seu tórax e começou a desabotoar sua camisa. Certamente ela ainda tinha intenção de verificar o ferimento, mas não se importaria de correr seus dedos sobre sua carne rija, muito. Suas mãos nos pulsos a pararam. Ela olhou para cima surpresa e ele balançou a cabeça, um pouco severamente como se algo em algum lugar lhe causasse dor. Talvez o ferimento não estivesse fechando como devia.

- Alexandre, deixe-me ver isso. - Gabrielle disse. Ele agitou a cabeça firmemente e embrulhou seu capote em torno dos seus ombros.

Antes que ela pudesse protestar, Alexandre abriu a porta e a incitava através dela. Gabrielle o encarou, um pouco magoada, e ele alçou uma mão para ela, gentilmente puxando seu rosto ao encontro do dele e tocou seus lábios ternamente. Embora ela esperasse esperançosamente por mais, ele meramente beijou sua fronte, então gesticulou para que ela seguisse seu caminho.

Alexandre demorou nas sombras, observando-a enquanto ela caminhava pelo pátio. Ele já rilhando os dentes em esforço para restringir seus desejos alvoroçados e agora ele tinha que se conter para não trazê-la de volta. Ele tinha o estranho sentimento que a pequena Gabrielle não estaria segura em lugar nenhum a não ser seus braços. Que eram sozinhos o suficiente para fazê-lo pensar duas vezes em mandá-la para longe, entretanto havia o olhar que ela lhe mandara enquanto o deixava — um olhar miserável de decepção. Bom Deus, o que ele iria fazer com ela?

CAPÍTULO 10

- **E** onde você esteve ontem à noite? - Thérèse perguntou de modo acusador assim que Gabrielle saiu da cama. Ainda cambaleante, Gabrielle teve que pensar antes de recordar a mensagem de René e então o convite assombroso para quarto de Alexandre. Ela se controlou antes que sorrisse à memória.

- Eu me encontrei com René. - ela disse, dizendo a si mesma que não era realmente uma mentira. Ela se encontrou com René. Por que acrescentar que também estivera no quarto de Alexandre? Nada aconteceu, Gabrielle notou, com uma pontada de decepção. Eles comeram, ela conversou e um beijo aconteceu entre eles — certamente nada em que ficar alvoroçada — ainda que soubesse que Thérèse teria um surto. Talvez fosse melhor para tudo relacionado que ela não mencionasse isso...

- E com que tipo de tolice aquele sujeito alimentou você? - Thérèse perguntou, pondo as mãos nos quadris.

- Papai está na *Conciergerie*. - Gabrielle disse em voz baixa.

O nome da prisão era suficientemente infame para provocar calafrios em Thérèse, mas ela ainda agitou sua cabeça descrente.

- Eu não sei, Gabrielle...

- Eu sei, Thérèse. - Gabrielle disse - Oh, Thérèse, ele está vivo! E talvez, talvez...

- Talvez o quê, Gabrielle? - Thérèse disse severamente - Se ele está na *Conciergerie*, provavelmente morrerá a qualquer momento. Ela se virou.

- Não! - Gabrielle chorou - Ele está vivo, Thérèse, e talvez, talvez, ele saia. As palavras terminaram em um sussurro.

Thérèse se voltou para encará-la e suspirou.

- Gabrielle, deixe de viver no passado e aceite que seu pai se foi. - ela disse firme, mas gentilmente - As pessoas não saem da *Conciergerie*, não nestes dias.

- Mas René diz...

- Oh, pelo amor de Deus! - disse Thérèse, jogando seu mantô no chão, exasperada - René diz! Gabrielle, como você pode ser tão crédula? Mais que provável, ele é empregado pela república para procurar por aristocratas e dissidentes e os soldados estarão aqui a qualquer momento para nos levar. Ela bateu no armário fechado com uma carranca de irritação.

- Não, Thérèse. - Gabrielle argumentou - Ele não está morto. Eu posso dizer.

Thérèse olhou para ela ceticamente e, quando falou, sua voz estava carregada de sarcasmo.

- Gabrielle, você me perdoará se eu perdi a fé em seu julgamento.

Gabrielle ruborizou à insinuação de que sua estranha atração por um cavaliço mudo mascarava suas percepções a respeito de todo mundo.

- Certo, então, acredite no que quiser, - ela disse - mas René me trará informações adicionais e, se eu não estiver aqui, você terá que pegar uma mensagem para mim. É vital.

Thérèse suspirou novamente e meneou a cabeça resignada, mas Gabrielle sabia não se convencia da disposição de sua criada na confiabilidade de René. Ela nem sequer mencionou que ele poderia achar um meio para tirar seu pai da prisão, pois que sabia que Thérèse nunca acreditaria nisso.

Muito desgostosa com sua amiga para se sentar e tomar café da manhã, Gabrielle agarrou alguns pães e foi para o trabalho, se apressando através do pátio onde Alexandre estava aprontando uma parelha para uma partida matutina logo cedo. O

familiar fogo selvagem a percorreu à vista dele e ela desejou jogar-se em seus braços. Oh, mas ele poderia fazê-la esquecer a discussão com Thérèse tão facilmente...

Ela se reprimiu para não correr para seu lado, mas Gabrielle diminuiu a velocidade do passo só ligeiramente enquanto ela passava por ele e acenou com a cabeça em direção a ele, pois cada vez mais ela tinha ciência de seu jogo. Quaisquer que fossem suas razões, Gabrielle sabia que Alexandre mal a reconheceria em público e ela não tinha nenhuma vontade de deteriorar sua trégua zangando-o esta manhã com uma saudação efusiva.

Deixe ele fingir — pelo menos ela esperava que isso era uma ação — que a ignora. Gabrielle não estava muito ansiosa que sua relação se tornasse do conhecimento de qualquer um, pois ela não gostaria que Thérèse descobrisse que ela quebrou sua promessa.

Os olhos de Alexandre, preguiçosos e insolentes, encontraram os seus por um instante enquanto ela passava e ela teve que dizer a si mesma que a noite anterior não tinha sido um sonho. O mesmo grandalhão bonito que trabalhava no pátio sem dar nenhum sinal de interesse tinha-na abraçado, dividiu com ela sua ceia e disse, com seu giz, que gostava de ouvi-la falar. Aquela lembrança a fez parar nos degraus e ela falou por cima do ombro.

- Bom dia, Alexandre.

Sem olhar para trás, ela se apressou então, com um sorriso secreto no rosto.



- Então você disse a ela? - as palavras foram ditas com tal segurança que René suspeitou que seu interlocutor já soubesse a resposta. De alguma maneira aquilo o irritou, entretanto ele não estava muito confortável com esta situação inteira.

René odiava reuniões clandestinas e identidades secretas. Ele queria lutar abertamente contra a odiosa república, como ele fizera no Vendée, onde a rebelião estava escalando em direção à guerra civil. Em Paris, porém, as forças contrarrevolucionárias por necessidade trabalhavam no subterrâneo e, se ele quisesse fazer sua parte, teria que atuar segundo outro conjunto de regras. Então ele adotou disfarces, movendo-se furtivamente em celeiros desertos como este aqui e tomando ordens de uma pessoa misteriosa conhecida apenas como A Pantera. Ele fazia, mas não gostava disso.

- Bem? - a voz da Pantera não demonstrava impaciência, mas René lançou uma olhadela em sua direção. Acomodado em um engradado, seu rosto escondido pelas sombras, como sempre, a Pantera falou calma e friamente.

- Sim, eu disse a ela. - René respondeu. Ele vagou pelo edifício abandonado com agitação. A escuridão nos subúrbios de Paris era completa, sem sequer a luz de uma estrela no céu à noite e dentro do celeiro uma lanterna no postigo dava somente um brilho fraco.

- Não há necessidade de andar como um gato enjaulado. - a Pantera disse esquisitamente - Este lugar é observado. Nós estamos comparativamente seguros.

René riu da ironia na voz do homem. Segurança em Paris, ou ao longo da França no que dizia respeito a esse assunto, era seguramente uma contradição em termos. A Pantera talvez soubesse disso melhor que ninguém; ele era constantemente procurado pelas autoridades republicanas, que já o marcaram para a morte. Ele ainda perseverava. Era conhecido no círculo subterrâneo ao longo do país como abnegado e dedicado à causa.

As façanhas do homem eram legendárias, enquanto sua habilidade em evitar a captura era espantosa; ele verdadeiramente parecia ter tantas vidas como um gato. René

se perguntou à toa o que o fazia tão bem-sucedido. A Pantera mais era apaixonado que René ou era simplesmente desapaixonado? René tinha acabado de perceber que aquele grau de distância sentimental era necessário para fazer qualquer serviço na França naquele dias, e era uma distância que ele não conseguia facilmente. Ele franziu o cenho ao pensamento.

- Bem? - a Pantera o instigou novamente.

- Ela quer que nós o tiremos de lá. - René disse, voltando-se para fitar diretamente a figura nas sombras.

- O quê? - Embora René soubesse que o homem estava surpreso, as palavras foram ditas da mesma maneira tranqüila de sempre e a Pantera permaneceu ainda em diante seu engradado na escuridão. A falta de movimento da Pantera, porém, insinuava que a indagação o pegara desprevenido. René suspeitou que a Pantera nunca era pego desprevenido.

- Quando eu disse a ela que Morineau estava na *Conciergerie*, ela me pediu para tirá-lo de lá. - René explicou.

- Com fé absoluta em sua habilidade em fazê-lo, eu suponho?

René sorriu. O homem poderia ser frio, mas ele tinha senso de humor ou René simplesmente atingiu um lugar dolorido?

- Mas claro, meu amigo. - ele disse com um encolher os ombros e um sorriso - *La petite chérie* acredita em mim completamente. Isso o surpreende? "Ou o incomoda?" - René perguntou-se maldosamente.

A Pantera deixou passar sem resposta. Ele ergueu um pé sobre o engradado e se reclinou contra um poste meio enterrado.

- E o que você descobriu sobre ela?

René parou um momento para escutar o piar de uma coruja lá fora. Era um som natural de pássaro ou uma imitação humana? Ele escutou novamente, com atenção, e decidiu que o barulho era apenas o de um pássaro noturno antes de voltar sua atenção para a conversa. A Pantera, ele notou, não moveu um milímetro. O homem tinha nervos de ferro?

René encolheu os ombros e caminhou pelo edifício novamente.

- Ela é o que parece ser. - seus instintos disseram a ele mais, mas quando a Pantera o pediu para investigar a menina à fundo, ele o fizera, não achando nada que indicasse que estava amarrada à República. - Ambas, Thérèse Séguier e Gabrielle St. Clair trabalharam para Morineau no mesmo período.

- E o próprio Morineau?

Sentindo-se como se estivesse dançando ao redor de seu companheiro quieto e calado, René finalmente se sentou em um bloco de pedra.

- É a mesma velha história. - ele disse - Ele é mais nobre que a maioria e está sofrendo por isso agora. Nenhuma família para reclamar por ele. A filha foi morta quando o *château* foi totalmente queimado pelos aldeões locais. Ele não é tão famoso ou infame, assim ele não está no alto na lista do comitê de eminentes executáveis, mas quem sabe? - René encolheu os ombros - Qualquer dia podia ser considerado seu último, considerando o capricho do Tribunal. Se precisarem de alguns corpos extras para o banho de sangue diário...

René encolheu os ombros novamente. A Pantera assentiu com a cabeça. Ele estava bem familiarizado com o Tribunal e seus caprichos, mas conhecia algumas coisas que René não conhecia. Ele as mantinha para si mesmo. Embora confiasse no novo recruta, ele sabia que René precisava treinar mais antes de receber muitas responsabilidades. René tinha feitos de um bom membro do grupo; ele era fervorosamente contra a república e era forte, inteligente e destemido, mas este era o

problema. Um pouco de medo era uma coisa saudável, Pantera sabia. René ainda era muito cabeça quente, uma ficha selvagem quando eram necessárias cabeças frescas. A Pantera levantou-se, sinalizando que a entrevista estava chegando ao fim.

- Diga a ela que você conseguirá tirá-lo de lá. Jacques cuidará dos detalhes. Você pode trabalhar com ele. - a Pantera disse. Por uma vez, ele amaldiçoou seu próprio anonimato, pois sabia que *la petite chérie*, como René a chamava, dispenderia sua gratidão no jovem e belo René e não naqueles que organizariam a fuga de Morineau: Jacques e ele mesmo.

Embora a Pantera estivesse bem ciente que tal plano era o único curso seguro, isso o cansou, e ele escapou na escuridão sem um adeus para seu jovem aprendiz, sentindo uma estranha aflição... seguramente não era ciúme?



Gabrielle estava de péssimo humor enquanto se sentou para jantar. Quase uma semana tinha passado sem uma palavra de René ou um sinal de Alexandre. Não ouvira notícias de René e deixava ansiosa e, embora ela dissesse a si mesma que ela não se importava com o que o cavaliário fez, sua pontada de alheamento - ela sentia sua falta.

Gabrielle depositou seu prato próximo a uma pilha de papéis, relanceando o olhar por eles com desgosto. Uma caricatura obscena do rei saltou para ela da folha superior, enquanto debaixo estavam mais caricaturas e injúrias nos jornais diários contra tudo, normalmente com a linguagem mais suja imaginável. O bordão de Gabrielle "por mil raios e trovões" não mais rolava de sua língua, pois parecia fora de lugar em um mundo onde os desenhos pornográficos e blasfêmias eram comuns.

Gabrielle levantou um dos papéis e estremeceu a um pedaço da rainha. Ela não agüentava ver a boa senhora difamada como uma prostituta e pior, e o rei também. Oh, mas era demais. Ela empurrou os papéis de lado. Ela tinha que parar de lê-los. A princípio ela estava simplesmente muito enraivecida pela retórica para continuar; agora aquilo simplesmente a enojava. Ela não podia mais engolir isso.

- Seu? - ela perguntou a François, gesticulando para a pilha.

- Para o fogo. - ele disse, seu rosto indecifrável.

Gabrielle franziu o cenho, seu apetite diminuído, e levantou o garfo. Então o trouxe de volta.

- Batatas novamente? - ela perguntou.

François deu uma risada franca que ressoou em seu peito.

- Eu posso dizer que você é do campo. - ele disse - Em Paris, nós ficamos gratos pela humilde batata.

- Eu imagino. - Gabrielle disse, vendo a coisa insípida.

- Você não comia batata antes de vir aqui? - François perguntou.

- Oh, sim. - Gabrielle disse - Eu comia. E comia e comia, ela pensou consigo mesma, mas dificilmente podia dizer a François que o cultivo da batata tinha sido um dos projetos de seu pai. Ela já as saboreara o bastante para durar toda vida.

- Dizem que alguns dos camponeses se recusam a comê-las. - ela notou - Eles deixam as batatas apodrecerem enquanto tentam sobreviver com papa de castanhas.

- Pew! - François fez um som de desgosto - Estas pessoas não têm juízo?

Gabrielle suspirou.

- Eles zelam pelos seus costumes.

François bufou.

- E você não? - ele perguntou.

- Nós comíamos o que o patrão comia. - Gabrielle disse friamente enquanto levantava o garfo. Ela apreciava conversar com o cozinheiro amigável, mas odiava quando a conversa girava em torno de si mesma. Apartar perguntas sobre seu passado faziam-na visceralmente desanimada de seu disfarce como Gabrielle de St. Clair. Ela comeu suas batatas em silêncio enquanto François conversava com ela amavelmente e Thérèse e Villette se apressavam com bandejas de pratos sujos.

- Gabrielle, - Thérèse chamou quando a viu - Villette nos convidou para a casa da sua mãe para ceiar amanhã. - ela disse - E ela prometeu nos apresentar a seus dois belos primos! Villette enviou às duas um sorriso enquanto retornava ao salão comum.

- Thérèse. - Gabrielle silvou, uma vez que Villette se fora - Eu não tenho tempo para tais coisas!

- O que você quer dizer? - Thérèse perguntou, suas mãos nos quadris - E o que você estará fazendo?

Gabrielle mordeu o lábio. Ela dificilmente podia dizer que preferia estar com Alexandre quando prometeu a Thérèse que não o veria — e quando ele a ignorava, para começar.

- Eu estou esperando notícias de René. - ela disse, aproximando-se.

- Gabrielle, - Thérèse disse - Essa é a nossa chance de encontrar alguns rapazes bons, rapazes respeitáveis. - ela acrescentou.

- Mas...

- Nenhum mas, Gabrielle. - Thérèse advertiu - Seria rude você recusar.

- Oh, certo. - Gabrielle disse. Ela sorriu debilmente ante o sorriso de aprovação de Thérèse, mas, quando sua amiga deixou a cozinha, empurrou o prato de lado e pôs a mão no queixo. Ela disse a si mesma que poderia apreciar a noite. Talvez eles não servissem batatas, Gabrielle pensou, e talvez os belos primos de Villette fizessem-na esquecer Alexandre.

- Henri! Leve o prato de Alexandre para ele agora! - François ordenou, como se ele vivesse somente para lembrá-la das coisas que ela preferia desconsiderar: seu passado, batatas e o belo cavaliário.

- Villette não pode fazer isso? - Henri lamentou. François levantou o punho para ele, mas o menino era muito rápido.

- Se eu enviar Villette para quarto de Alexandre, ela poderia não regressar. - François disse, sua risada intensiva através da cozinha - Ela sempre esteve de olho no cavaliário.

- Pah! - Henri bufou enquanto batia a porta atrás de si.

- Nós tivemos uma camareira, Yvette era seu nome, no ano passado. - François disse, rindo novamente - Ela se jogava naquele sujeito grande dia e noite. Ela estava tão ocupada com incumbências nos estábulos, que nunca tinha chance de limpar os quartos. Finalmente, Gaspard a dispensou. Disse que ela estava com o sangue muito quente para conseguir trabalhar direito. E ela não foi a primeira.

Gabrielle empurrou sua cadeira deliberadamente.

- Por favor, poupe-me dos detalhes vulgares! - ela disse. Então ela foi até seu quarto de porão, onde achou algum consolo em chutar a lenha. Ela desejou que fossem Alexandre.

François parecia o único homem ansioso por sua companhia, Gabrielle pensou desanimada enquanto afundava na cama. Quando ela tentava não pensar em Alexandre, sua mente viajava para René. Onde ele estava? Talvez Thérèse estivesse certa sobre ele, que estava só brincando com ela como se fosse uma tola - ou pior. Os soldados poderiam apanhá-la mais dia menos dia, Gabrielle meditou.

E, claro, quando ela começou a duvidar de seu julgamento sobre os homens, isso guiou seus pensamentos de volta a sua outra loucura e então perdeu a razão em uma confusão de emoções. Gabrielle parecia afogar-se nelas sempre que Alexandre vinha à mente. Agora ela podia adicionar ciúme a todos os outros sentimentos que a enraiveciam, pois depois de escutar a pequena história de François, Gabrielle suspeitou que Alexandre a negligenciava porque estava ocupado com outra pessoa.



Os primos de Villette não eram bonitos. Só de um ponto relativo podia vê-los como tal, Gabrielle pensou miseravelmente enquanto sentava na casa pequena e bem-cuidada dos Albourg, fitando-os. Ela apreciou a ceia simples, mas, agora que terminara, os primos, Jean e Antoine, se prenderam a ela e Thérèse como sanguessugas.

Jean, que formou par com ela, possuía um cabelo loiro amarronzado sem descrição, uma aparência pálida, um nariz de gancho e, pior de tudo, seus dentes eram amarelos como então freqüentemente eram vistos nos dentes dos aldeões. Gabrielle supôs que ela devia se sentir melhor que Thérèse, pois Antoine havia perdido um de seus dentes. Pelo menos Jean tinha todos.

Gabrielle disse a si mesma que o homem era bonito e que ela devia tentar se divertir, mas quando ele falava ela queria encolher de medo. E enquanto ele falava, se debruçava perto dela e respirava direto em seu rosto, como um fole soltando pequenos haustos com cheiro de alho. Como se seu hálito não fosse ruim o suficiente, suas palavras eram até mais irritantes, pois embora Jean parecesse ter não mais que um alcance limitado de seu mundo estreito, conversava como se fosse um gênio e Gabrielle uma crítica sem opinião. Deixou seus dentes na margem.

Quando ela ousou expressar sua opinião, ele a olhou desaprovando-a.

- Oh, as senhoras em Paris não aborrecem suas cabeças com a política. - ele a assegurou, como se dispensasse seu ponto de vista.

- Mas não há vários clubes políticos de mulheres na cidade? - Gabrielle docemente perguntou.

- Bem, sim, eu suponho, mas é perda de tempo. - Jean disse - As mulheres sabem que seu trabalho é dar à luz os novos republicanos e deixar o curso do governo para os homens.

Gabrielle alcançou um espesso copo, cheio de vinho doce, e tomou em um trago.

Quando eles empurraram as cadeiras de lado e dançaram o *carmagnole*, Gabrielle sorriu em genuína felicidade. Eles tinham que lhe ensinar a dança, mas ela compreendeu depressa e a agradou, embora estivesse associada com a república. Infelizmente ela não podia continuar o passo alegre para sempre e, quando ela finalmente se sentou para descansar, lá estava Jean, a seu lado, esguichando inanidades e respirando nela. Gabrielle tomou um outro trago de vinho e tentou ver Thérèse. Ela não podia esperar chegar em casa.

Ao final da noite os irmãos de Albourg não fizeram-na esquecer Alexandre. Pelo contrário, ela ansiou que alguém a fizesse esquecê-los! Se eles fossem apropriados, então, por Deus, ela faria tudo para procurar o inadequado a toda velocidade.

- Você não tinha que beber vinho tão sofregamente como uma prostituta de rua. - Thérèse acusou quando eles estavam finalmente a sós em seu próprio quarto de porão.

- Oh, sim, eu bebi. - Gabrielle disse, o vinho fazendo-a falar só um pouco mais alto.

- Eles não eram tão ruins. - Thérèse começou, mas suas palavras foram interrompidas por Gabrielle, que piou ruidosamente e deitou-se na cama rindo.

- Bem, pelo menos nós tivemos uma noite fora. - Thérèse disse defensivamente.
- E encontramos alguns bons rapazes! - Gabrielle bufou entre seus roucos risos.
- Silêncio, Gabrielle! - Thérèse disse, batendo nela com o travesseiro - Você acordará a pousada inteira. E não foi tão ruim. Admita, Gabrielle, você gostou da dança.
- Sim. - Gabrielle concordou com um soluço - Era a única hora que eu conseguia calar Jean!

- Bem, pelo menos ele tinha todos os dentes! - Thérèse disse. As duas olharam um para a outra e então se dissolveram em risadinhas, abraçando-se pelos lados pela noite mal-fadada.

Finalmente Gabrielle se apressou em preparar-se para a cama, tendo o suficiente dos irmãos Albourg por uma noite. Ela queria pensar sobre dentes brancos e olhos verdes, e, enquanto ela escovava o cabelo longo, lembrou o modo como os dedos de Alexandre se moveram por seus cachos. A mão de Gabrielle congelou, e ela relanceou o olhar para Thérèse. Incentivada por vinho um pouco demais, ela não desejou nada além de visitar seu quarto. Se pelo menos Thérèse estivesse adormecida... mas era tarde e ela jurou que não o veria, não mesmo?

Com um bocejo, Gabrielle rastejou na cama, determinada que amanhã ela o procuraria, com ou sem promessa. Inadequado ou não, Alexandre era um mundo acima dos irmãos Albourg e ela não iria deixá-lo escapar. Claro, existia o pequeno problema de seu aparente desinteresse nela com o qual teria que lidar, mas Gabrielle não era dessas que ficavam à toa e deixavam seu destino ser decidido por ela. Ela sentia falta dele, ela o queria, Gabrielle pensou sonhadoramente, e o veria.



Uma vez revigorada pela boa noite de sono, Gabrielle não mais se sentiu corajosa suficiente para correr para os estábulos e se lançar nos braços de Alexandre, mas ela ainda queria vê-lo. Como poderia chegar a seu quarto sem aparecer muito direta? Era preciso um plano, Gabrielle decidiu, e ela traçou sua estratégia antecipadamente.

A noite a achou em seu lugar habitual na cozinha encarapitada em um tamborete, conversando com o cozinheiro enquanto ela esperava pelo momento certo. Quando François deu a Henri a refeição noturna de Alexandre, Gabrielle pegou a oportunidade e casualmente falou mais alto.

- Oh, Henri, eu tenho uma incumbência na rua. Eu levarei a comida por você, se você preferir. Ávido demais em ser aliviado dessa tarefa sem gosto, o menino concordou com um sorriso aberto e Gabrielle estava a caminho.

Agora que ela tinha uma desculpa para visitar seu quarto, Gabrielle tinha apenas que decidir o que dizer uma vez que chegando lá. Aquela era a parte difícil e, embora ela tivesse gastado o dia aperfeiçoando sua estratégia, Gabrielle nunca parecia combinar sua opinião sobre isso. Ela seria indiferente... Não, isso não a levaria a lugar nenhum. Talvez ela devesse ser amigável e sociável. Acima de tudo, Gabrielle percebeu que tinha que fingir que não tinha notado que ele estava ignorando-a.

Ela permaneceu na porta, bateu suavemente e pôs um sorriso indiferente no rosto, mas, quando Alexandre respondeu, todos os seus melhores planos de simulação voaram pela janela. Era tudo que ela podia fazer para não lançar o prato de comida no rosto dele.

Gabrielle franziu o cenho ante o olhar de surpresa que a saudou e entrou sem esperar por um convite. Embora ela quase esperasse ver a infame Yvette ou alguma

outra mulher metida em sua cama, Gabrielle podia dizer em um olhar que o quarto estava vazio — com exceção de sua presença dominadora.

- Eu trouxe seu jantar. - ela disse, depositando-o sobre a mesa com uma pancada. Ela girou ao redor, preparada para dizer a ele o quanto estava brava pelo seu comportamento, mas o sorriso que se delinhou em sua boca a fez hesitar. Gabrielle estreitou os olhos em suspeita, enquanto ela se perguntava se ele estava se divertindo por causa dela. Antes que ela pudesse articular uma palavra da diatribe que voou para seus lábios, ele estendeu-lhe uma mão e a puxou para ele. Então ele descansou o queixo em sua cabeça e ela podia ter jurado que ele estava rindo silenciosamente em seu cabelo.

E estava. Então, você pensa que eu a tenho negligenciado, Alexandre pensou com uma risada. Gabrielle não era nada senão óbvia. Era como se ela soubesse o quanto a semana tinha sido tensa e viesse simplesmente para o fazer rir. Ou talvez ele tenha se distanciado dela de propósito só para que ela se aplicasse em uma fúria indignada. Não, ele sabia que não era o caso. Ele manteve-se afastado com a esperança de que ela perderia interesse nele, mas aquele fim pareceu extremamente improvável. A menina provava ser tenaz.

Qualquer dia desses, ela o tentaria tão penosamente que ele cederia, concedendo a ambos o que desejavam desesperadamente. O pensamento, uma advertência de sua voz interna, fê-lo erguer a cabeça. O que diabos ele faria com ela, além disso... ? Alexandre recuou e sorriu enquanto a resposta vinha para ele.

Eles jogariam cartas.

A raiva de Gabrielle estava escapando no calor do abraço de Alexandre e seu coração começou a acelerar ao sentir seu tórax duro contra suas costas. Ela suspirou suavemente quando ele a deixou, pouco disposta a se separar dele muito depressa e se voltou, desapontada, para observá-lo. Mas quando ela o viu levantar o giz, ficou curiosa e se debruçou acima da mesa para pegar as palavras à medida que ele escrevia: Piquet?

- Piquet? - Gabrielle perguntou, um pouco atordoada - Você quer jogar piquet? - Alexandre moveu a cabeça, sorrindo abertamente, e Gabrielle perdeu as palavras. O homem nunca falhava em surpreendê-la.

- Bem, certo. - ela disse, um pouco confusa. Então ela se sentou na cadeira e ele tirou o capote de seus ombros.

Alexandre puxou um baralho bem usado de um saco e sentou-se ao lado dela à mesa, novamente em um fardo de feno. Enquanto ela observava seus dedos primorosamente embaralharem as cartas e distribuir doze para cada um, Gabrielle maravilhou-se com a força naquelas mãos grandes. Ela olhou para cima e notou que suas mangas estavam enroladas hoje à noite, revelando o contorno dos músculos em seus braços. Já que sua camisa estava aberta no pescoço, ela podia ver também um pouco de seu tórax, bronzeados pelo trabalho do lado de fora.

Seus ombros largos eram tocados pela juba espessa de cabelo escuro que emoldurava o rosto de seus sonhos e Gabrielle observou isso amorosamente, com o olhar vagando de suas sobrancelhas escuras para seus olhos verdes, cabisbaixos enquanto ele distribuía as cartas, e demorou longamente em seu lábio inferior mais cheio.

Gabrielle pigarreou. Ela estava sentada tão perto dele que poderia ter cutucado o joelho dele com o seu próprio, tão perto que podia cheirar o odor de couro e suor que emanava dele. Aqui estava um homem que exsudava atração masculina suficiente para fazer o coração galopar no peito e o que eles estavam fazendo? Jogando piquet, ela pensou miseravelmente enquanto levantava a mão.

Ela logo alcançava as cartas, contudo, e esqueceu que estava enfadada. Que prazer simplesmente jogar um jogo com o qual ela não se divertia em meses! Gabrielle percebeu com grande ironia que a última vez que jogou foi com sua dama de companhia. Oh, mas, como sua vida tinha mudado...

Eles jogaram, o jantar de Alexandre esquecido ao lado deles, noite adentro. Os dois se equiparavam, cada um ganhando um jogo com bastante regularidade até que finalmente o bocejo alto de Gabrielle interrompeu seu passatempo. Quando o som escapou, Alexandre baixou suas cartas e Gabrielle soube que ele tentaria incitá-la para longe.

Ela fingiu ignorá-lo, mas ele recusou firmemente a jogar e, quando Gabrielle finalmente o olhou, ele balançou a cabeça para ela como se ela fosse uma criança errante que estivesse acordada depois da hora de dormir. Gabrielle desejava mais horas no dia. Como o tempo voava quando ela estava com ele, abrigada no morno, pequeno quarto, como se estivesse em um casulo. Ela franziu o cenho. As palavras "eu devo ir?" estavam na ponta da língua, mas ela as parou enquanto o pouco que sobrou de comportamento adequado criou sua cabeça feia.

Ela suspirou e levantou-se. Alexandre se ergueu também e pegou o capote para envolvê-la. Ela girou, com relutância, e logo sentiu suas mãos nos ombros, gentis e seguras. Ela resistiu a tentação de reclinar as costas contra ele para prolongar seu breve contato e disse a si mesma que se orgulhava do auto-controle. Então por que se sentia tão desapontada?

Alexandre ergueu seu cabelo, colocando-o para fora do capote, enquanto Gabrielle se resignava em uma noite sem suas carícias selvagens. Então ela sentiu ele empurrar seus cachos de lado e, de repente, seus lábios estavam em seu pescoço.

O beijo era quente e molhado e certamente indecente, Gabrielle pensou com seu último pedaço de julgamento adequado. Ela afundou as costas contra ele, um suspiro suave de prazer escapando dos lábios. A resposta de Alexandre foi rápida, sua fome tomando-a de surpresa. Seus braços se moveram ao redor dela, uma mão empurrando de lado seu capote para buscar o vestido. Fechou-se em seu seio, amassando-o sofregamente enquanto sua boca se movia junto à garganta em um frenesi aquecido. Gabrielle percebeu vagamente que Thérèse devia estar certa, pois sentia a dureza dele contra suas costas e ofegou.

Ele a agarrou firmemente então, como se tentasse recuperar o auto-controle dele e, se Gabrielle tivesse iniciativa suficiente, o teria impedido — de parar — mas seus membros estavam pesados de desejo e sua mente lenta para funcionar. Então ela o perdeu novamente. Ela fez um pequeno som de decepção na garganta quando os lábios deixaram seu pescoço, a mão suavemente colocando seu cabelo atrás dos ombros. Ela pensou por um estúpido instante que choraria de frustração — pela perda de algo que ela queria muito desesperadamente.

O que há de errado comigo? Ela pensou de modo selvagem, envergonhada de sua própria devassidão. O que há de errado comigo, seu corpo lamentou, que ele não me quer? Oh, mas por que ela sempre o queria tão apaixonadamente e por que ele sempre a empurrava para longe? E empurrá-la era o que ele fazia, cutucando-a pela porta com um sorriso apertado.

"Ele me odeia!" Não, ele não odeia, Gabrielle disse a si mesma. Ele só não me quer... daquele jeito. A noção a fez querer soluçar, embora ela soubesse que devia agradecê-lo por parar seu comportamento impudente. Ainda, a rejeição. Com Yvette e todas as outras deve ter sido diferente, melhor de alguma maneira, Gabrielle pensou, ao reivindicar sua atenção.

Alexandre agiu bastante amigável hoje à noite, isso era verdade, e ela verdadeiramente apreciou sua companhia, apesar de ser mudo, depois do minuto que ele a beijou as coisas foram retorcidas. Então ele sempre se tornava frio — quente então frio — ela emendou. Ao observar seu rosto quando ela partiu, parecia mais como se ele quisesse esmurrá-la no rosto que beijá-la! Gabrielle se sentiu perdida e confusa. Por que em sua vida ela não aprendera nada que pudesse tê-la preparado para isto? Mas o que poderia tê-la preparado para Alexandre?

CAPÍTULO 11

- **G**abrielle. - Thérèse ouviu o sussurro suave na porta e se endireitou na cama, puxando as cobertas para a garganta. Ela escutou atentamente, mas, quando nenhum ruído soou na escuridão, pensou talvez que tivesse sonhado. Gabrielle não estava em casa ainda, naturalmente, ela notou com irritação.

- Gabrielle. - A voz baixa falou novamente.

- Quem é? - Thérèse perguntou, tão firmemente quanto podia, enquanto sua mente corria. Quem, além de seu tio, ou talvez o pequeno Henri, estaria em seu quarto de porão à noite? Não era Gaspard, ela estava certa. Ainda que ele não estivesse em casa na cama a esta hora, ela sabia que a voz à porta não era sua. Lírica, mas definitivamente masculina, não pertencia ao jovem Henri, de qualquer modo.

- É René. - veio a resposta e Thérèse congelou, incerta sobre o que fazer. Ela prometeu a Gabrielle que entregaria quaisquer mensagens, mas não queria deixar um estranho entrar em seu quarto. Ela procurou freneticamente. Onde estava Gabrielle?

- Abra antes que eu seja descoberto. - ele disse, e aquelas palavras finalmente fizeram-na se mover. No fim, Thérèse estava com menos medo do amigo de Gabrielle que das autoridades que poderiam vê-lo. Ela vestiu o robe e abriu a porta com um estalido para permitir a entrada do homem acima da média em altura e vestido com um casaco pesado e cachecol. Ele não deu o bote ela como ela temia, mas esperou silenciosamente enquanto ela acendia a luminária com as mãos trêmulas.

Embora alto e escuro, o estranho não parecia ameaçador e Thérèse relaxado ligeiramente. Quando ele afastou o cachecol que cobria seu rosto, porém, ela ofegou alto. Thérèse não estava certa sobre o que esperar do misterioso René, mas ela certamente não tinha antecipado que ele poderia ser mesmo bonito.

O homem diante de si era jovem e esbelto e abençoado com o rosto de um anjo. Suas feições eram suaves e bonitas, mas foram seus olhos que lhe chamaram atenção. Eles eram do azul mais azul que ela já vira e orlado com pestanas espessas e negras.

Os dois escancararam a boca em surpresa sob o brilho cálido da lanterna.

- Thérèse? - ele perguntou.

- Sim, eu sou Thérèse. - ela conseguiu murmurar - Eu pego a mensagem para Gabrielle. Ela me falou de você.

Ele pesou suas palavras por um momento, então tomou sua decisão e falou.

- Certo, depressa então, e você deve lembrar tudo, pois eu não sei se vou conseguir uma chance de vê-la. Cidadão Morineau deixará seu domicílio atual na próxima terça.

- O quê? - Thérèse gritou.

René lhe dirigiu um olhar repressor e ela fechou a boca.

- Terça-feira próxima. - ele repetiu, então um barulho fora do quarto silenciou sua voz.

Thérèse começou a tremer aterrorizada. O que podia estar se movendo no porão, além dos ratos? Thérèse pensou, sua garganta se constringindo dolorosamente. Ela relanceou o olhar para o homem consigo e o viu fazendo um movimento para ela silenciar — como se ela pudesse articular um pio! Ela sabia que se abrisse a boca nenhum som sairia.

Soldados! Thérèse sabia que deviam ser soldados. Em um instante eles quebrariam a porta e ela seria arrastada para a prisão. Ela respirava dificilmente enquanto eles esperaram pelo que pareceu uma eternidade, então ela ouviu passos à porta. Da mesma maneira que ela pensou que seguramente gritaria, o som de uma chave na fechadura a fez suspirar de alívio.

Gabrielle entrou e prendeu o fôlego surpresa à vista de sua visita.

- René. - ela sussurrou, lançando seus braços ao redor dele em um abraço amigável. Ele suavemente soltou seu aperto e a pôs ao lado dele com um sorriso entortado.

- É um prazer vê-la também. - René disse. Ele acariciou-a debaixo do queixo da maneira de um primo mais velho, então se empoleirou na beirada da cama.

- Onde você esteve até esta hora?

Gabrielle enrubesceu sob seu olhar penetrante e mordeu o lábio. René olhou para ela pensativamente, abriu a boca para conversar e fechou-a novamente como se reconsiderasse sua fala. Então ele agitou sua cabeça como se expulsasse uma idéia inoportuna.

- É suficiente que você esteja aqui a tempo. - ele disse suavemente.

René inspirou, olhando-a resolutamente.

- Você ficará contente em saber que o homem sobre o qual você está preocupada deixará sua residência na próxima terça-feira.

Gabrielle ofegou, o som varando o quarto quieto. Não sendo dessas que ficam de pé calmamente, ela avançou, com intenção de beijar o homem em suas bochechas macias. Mas ela parou, ciente que René parecia desconfortável com tais demonstrações, e simplesmente levou a mão para a garganta ao invés.

- Deus o abençoe, *monsieur*. - ela sussurrou.

- Nós devemos ver, - René respondeu esquisitamente - se ele o fizer. Seu rápido sorriso sumiu da mesma maneira apareceu.

- Seu homem será contrabandeado para fora da cidade em direção à costa.

O coração de Gabrielle parou.

- Mas quando eu o verei? - ela soltou.

René pareceu surpreso pela pergunta.

- Você não o verá. - ele disse - A tarefa será difícil o suficiente, *chérie*. Não haverá tempo para visita.

Os pensamentos de Gabrielle corriam enquanto emoções contraditórias novamente surgiam nela. Sim, ela estava grata além de palavras que eles iriam livrar seu pai, mas aonde eles iriam eles levá-lo? Como ela se juntaria a ele ou mesmo saberia onde encontrá-lo? Na verdade, como ela descobriria se ele vivera ou morrera em alguma terra estrangeira?

Gabrielle sentiu se sufocando enquanto o pensamento de nunca ver seu amado pai novamente lançou uma mortalha sobre sua alegria no plano de resgate. Ela olhou desesperadamente para René, que alçou uma mão em direção a ela.

- O que é isto? - ele perguntou, sua voz suave com preocupação.

Ela relanceou o olhar para Thérèse, que agitava a cabeça violentamente, então se voltou para René. Sua mão fechou sobre a dela suavemente e Gabrielle apertou-a firmemente como se ele fosse o fio da vida.

- René, eu devo vê-lo. Eu quero ir com ele. - ela sussurrou, ignorando Thérèse - Oh, eu sei que é pedir demais, mas...

- Gabrielle! - Thérèse interrompeu, seu tom de voz era uma advertência para parar a confissão.

- Oh, silêncio, Thérèse. - Gabrielle disse, como ela se lançasse impetuosamente em um apelo desesperado. Ela encarou René.

- Eu não posso... nós... - ela emendou, seus olhos correram para Thérèse - Nós não podemos ir, também?

- Não me inclua em seus esquemas loucos. - Thérèse disse - Eu não irei a lugar nenhum!

- Certo, senhoras. - René disse, levantando uma mão a fim de parar a discussão.

- Não elevemos nossas vozes. - ele lhes lembrou suavemente.

- Agora, deixe-me entender isto, *chérie*. - ele disse, seus dedos movendo-se ligeiramente sobre a mão de Gabrielle - Você quer ir com Cidadão Morineau?

- Sim. - ela sussurrou, as lágrimas aflorando nos olhos.

René suspirou e meneou a cabeça.

- Eu não sei. - ele disse - Seria difícil. Ele retirou a mão e levantou-se, enviando o coração de Gabrielle para seus pés, e então olhou para ela seriamente.

- Eu não prometo nada, pois não é minha função fazer isso. Eu sou mais um jogador neste teatro de vida e morte, mas eu farei o que eu puder. Você me encontrará mendigando próximo de sua loja algum dia antes da próxima terça-feira.

Ele segurou seu rosto nas mãos e olhou para ela, seus olhos azulíssimos brilhantes. Então ele soltou as mãos e se voltou para ir, disfarçando o rosto no cachecol pesado e escapando na noite sem outra palavra.

Enquanto via a porta fechar atrás dele, Gabrielle começou a derramar lágrimas de alívio, já que seu pai seria poupado, e lágrimas de aflição, pois ela poderia nunca mais vê-lo novamente. Ela não poderia nunca conseguir uma chance de dizer a ele o quanto o amava e que sentia muito por tê-lo forçado a vir para Paris.

- Você está louca? - o sussurro estridente de Thérèse trespassou seu desespero como uma faca e Gabrielle suspirou, enxugando as lágrimas com os dedos.

- Você não pode querer tentar deixar o país. É suicídio, Gabrielle! Suicídio! - Thérèse disse.

Gabrielle viu que Thérèse estava branco e tremia de medo — por ela, Gabrielle. Ela tomou as mãos de sua amiga e falou calmamente.

- Mas eu devo ir com papai, pois, se eles me deixarem, nós poderíamos estar separados para sempre. - Gabrielle explicou calmamente.

Thérèse se sentou na cama, seus ombros descaídos e pôs as mãos no rosto.

- Você faz isto soar tão sensato quando é a coisa mais perigosa que você possivelmente poderia fazer. - ela protestou.

- Eu suponho que você não confia nele. - Gabrielle disse.

- Bem, eu não sei se confio ou não, mas... - Thérèse parou para encarar Gabrielle

- Bom Deus, por que você não me disse que ele era tão bonito?

- Quem?

- René! René, claro. - Thérèse sussurrou acaloradamente - Eu não pude acreditar quando ele entrou. Ele deve ser o homem mais bonito que eu já vi.

- Realmente? - Gabrielle perguntou estupidamente - Bem, sim, eu acredito que ele é muito bonito. - ela disse como se considerasse a questão - Acho que eu nunca realmente pensei muito sobre isto.

Thérèse só podia virar os olhos em resposta. Gabrielle, que ela sempre conheceria como sua jovem e cabeçuda patroa, era irremediável.



A reunião fora organizada apressadamente e, embora René não pudesse ver o rosto da Pantera, ele podia dizer pelo som da voz do homem que ele não estava contente.

- Bem, o que é tão urgente? - a Pantera perguntou friamente - Algo que você não podia dizer a Jacques?

Havia uma pontada de sarcasmo em sua voz e René quis rebater, mas ele tinha que pensar na *petite chérie*, então tentou restringir seu temperamento naturalmente

ígneo. Ele olhou em torno do pequeno cemitério iluminado somente pelo luar escuro e então para seu companheiro, cujo rosto era sombreado ainda mais pelos galhos das árvores. René se perguntou indolentemente se ele conheceria o homem devia encontrá-lo na rua.

- Ela quer ir com ele. - ele disse.

- O quê?

- *La petite chérie*. Ela quer ir com Morineau. - René repetiu.

O silêncio que encontrou sua resposta era completo e René se perguntou se a Pantera estava tão surpreso pelo pedido quanto ele estivera. Ele sorriu para si mesmo, pois ele suspeitou que aquela tão-conhecida intuição da Pantera não dava a ele nenhuma vantagem sobre a imprevisível Gabrielle.

Finalmente a voz da Pantera veio, quieta e segura na escuridão.

- Ela deve ser sua filha. - ele disse.

René meneou a cabeça.

- A filha de Morineau está morta.

A Pantera riu sem humor.

- E existem vários que se levantam dos mortos mais tarde, não é?

- Eu estou dizendo a você... - René começou, mas seu companheiro o cortou.

- E eu estou dizendo a você que irei para Clermont-en-Beaulieu. Eu mesmo descobrirei a verdade, se eu devo. - a Pantera replicou.

René tomou o comentário como uma punhalada contra sua própria investigação e ele não era de deixar alguém impugnar sua habilidade em fazer um trabalho, nem mesmo o famoso Pantera. René abriu a boca para protestar, mas então lhe ocorreu que eles dois estavam se enfrentando como gatos rosnando e ele sabia qual a razão real por trás da hostilidade — ainda que a Pantera não soubesse.

René encolheu os ombros displicentemente.

- Então vá você mesmo. Diga a Jacques o que você decidir.

Havia mais que ele podia dizer, até mais sobre o que ele podia pensar, mas ele segurou a língua, respirando profundamente dispersar a raiva. Ele sabia que seu próprio descuido freqüentemente lhe trazia dificuldades; ele não as cortejaria agora.

A Pantera escolheu apenas uns poucos seletos e, como um de sua força, René podia fazer algum bem, uma oportunidade ele não tomou levemente. Este trabalho significava mais para ele do que vingança contra a república, contudo, pois alguém de mais valor figurava no pequeno drama, e René encontrou-se pondo-a acima de todos os outros. Pessoalmente, ele não se importava com o que *la petite chérie* realmente era ou o que ela queria com Morineau, e ele suspeitou que essa era a diferença entre a Pantera e ele mesmo.

A Pantera nunca caminhava em uma situação sem saber todos os fatos, todos os últimos detalhes. Ele não deixava nada para o azar e, mais importante talvez neste caso, ele nunca deixava as emoções o controlarem. E era por causa disso que ele ainda se mantinha vivo na França revolucionária.



- Cidadão! - O fazendeiro fora de Clermont-en-Beaulieu parou resignadamente em seu caminho à saudação. Um homem não podia mais sequer alimentar suas galinhas sem interferência. Não adiantaria correr. Existiam vários deles e, ao olhar todas aquelas cores republicanas que estavam portando, eles poderiam estar em assunto oficiais do governo. O grande, no meio, embora entrado em anos, olhou-o, com uma cicatriz

marcando a bochecha. Nem mesmo sua barba espessa podia cobri-la. O fazendeiro permaneceu e esperou.

- Cidadão. - a Pantera repetiu, avançando enquanto seus homens cercavam o aldeão - Eu estou em negócios oficiais da república.

Ele mostrou rapidamente um documento de aparência legítima, então o enfiou de volta no casaco.

- Eu estou procurando por um local para a guarnição da Guarda Nacional. Você pode me dizer o que há lá em cima? - A Pantera dirigiu seu olhar para as torres arruinadas do Château Dumont, visível no não tão distante topo da colina.

O fazendeiro cuspiu no chão.

- Era um grande, belo *château*. - ele disse - Não é mais. Queimado até o solo, praticamente. Sem muita serventia como abrigo, eu diria.

- Quem possui o lugar?

O fazendeiro encolheu os ombros.

- A república, eu suponho. O aristocrata que viveu lá fugiu e nós o queimamos até chão.

- Seria Étienne Morineau?

- Sim.

- Algum parente?

O fazendeiro meneou a cabeça e cuspiu no chão de novo.

- Sua filha foi queimada viva no fogo, como deveria ser. Se nós pudéssemos pegá-lo também.

- O corpo foi encontrado?

- Encontrado? - o fazendeiro abafou uma risada - Eu não acho que alguém tenha visto, mas se você quiser ir lá em cima, você pode tentar.

Os olhos da Pantera moveram-se imperceptivelmente para Jacques, que chutou o homem atrás das pernas, derrubando-o pela insolência.

- Obrigado por seu tempo, cidadão. - a Pantera disse friamente. Então seus homens se juntaram ao redor e eles voltaram para a estrada.

O céu era crescentemente sombrio enquanto eles permaneceram juntos olhando em direção à aldeia e esperando pela próxima diretriz de seu líder, irreconhecível em seu elaborado disfarce.

- Pelo amor de Deus, vamos achar alguém mais inteligente. - Jacques amargamente disse.

- Eu concordo, - a Pantera respondeu calmamente - mas não quero levantar muita poeira aqui. Chamar muita atenção para a garota não trará a ela nenhum benefício, seja ela quem for. Talvez nós devêssemos nos espalhar para cobrir mais chão depressa.

Ele voltou seu olhar em direção à cabana do fazendeiro.

- O homem voltará num instante e irá advertir seus vizinhos, sem dúvida.

Jacques assentiu com a cabeça silenciosamente e os homens fizeram um movimento para se separar, mas a Pantera os parou com uma mão levantada. Eles todos seguiram seu olhar estrada abaixo, onde uma figura solitária aparecia. Com um sinal mudo ele os conduziu para as árvores ao longo da estrada e eles se mesclaram às sombras como aparições fantasmagóricas, deixando a Pantera sozinho na estrada.

Eles se materializaram novamente mais tarde para cercar o transeunte solitário. Embora o sujeito segurasse uma vara robusta, dificilmente seria efetivo contra tal grupo, e ele não a levantou contra eles. Ele permaneceu no lugar, entretanto, esperando-os por eles para tomar ação e a Pantera avançou.

- Cidadão. - ele disse em voz baixa - Você pode me dizer quem possui a morada na colina?

O aldeão, que pareceu mais inteligente que o fazendeiro, parecia ter sido espantado de sua genialidade pela quadrilha que o ameaçava ao entardecer. Ele levou um momento para achar a língua.

- Pertencia ao Cidadão Morineau, que costumava ser o *Comte* de Dumont. - ele nervosamente respondeu.

- E agora?

O homem meneou a cabeça, seus olhos movendo-se rapidamente de um para outro dos que se ajuntavam no crepúsculo.

- Morineau fugiu.

- E seus parentes?

- Ele tinha apenas uma filha e ela foi queimada com o *château*.

- Você está certo disso? - a Pantera perguntou.

- Sim, estou certo. - o homem disse mais firmemente. Seu queixo se sobressaía enquanto ele olhava para a Pantera, que se elevava acima dele.

- Eu a vi morrer com meus próprios olhos.

Ele estava mentindo. A Pantera estava certa disto ainda que não fizesse nenhum sentido. Por que um aldeão qualquer mentiria sobre a morte da garota? A Pantera sentiu o desconhecido toque de dúvida e indecisão. Seus instintos lhe diziam que algo estava errado, mas desta vez ele desacreditou a ferroada de sua voz interna. Sua intuição de fato estava falando ou ele estava ansioso?

René reportou que a menina estava morta e hoje à noite ele recebeu duas outras confirmações. Sem nenhuma evidência que as negasse, como ele poderia concluir o contrário? Ainda, o estranho sentimento persistia e ele começou a questionar seus próprios motivos. Talvez ele apenas estivesse apegado à esperança de que aquela menina fosse filha de Morineau. Então tudo se encaixaria perfeitamente bem neste pequeno quebra-cabeça, da maneira a Pantera gostaria, pois, se ela fosse filha do Morineau, então naturalmente queria fugir com ele.

Desde que ela obviamente não era, como explicar então seu extremo interesse no homem e seu pedido para ir com ele? Ela poderia estar planejando uma armadilha. Aquela resposta veio bastante rapidamente e foi da mesma maneira descartada. A menos que seus instintos tenham ido totalmente para o inferno, ele não podia imaginar sua pequena Gabrielle como uma espiã da república.

O que era então? Que razão ela poderia ter para querer fugir com o antigo conde? Outra resposta se apresentou, mas, por alguma razão ele não gostou dela.

- Diga-me, bom cidadão, já que você tem sido tão útil. - o Pantera começou, então ele pausou sociavelmente - Qual é o seu nome?

- Claude. Claude Evrard. - o homem disse, lambendo os lábios.

- Claude então. Claude, - a Pantera começou novamente - você parece conhecer bem este lugar. Ele balançou a cabeça em direção às ruínas do castelo.

- Diga-me uma coisa, você conheceu uma empregada de lá chamada Gabrielle de St. Clair?

- Sim, sim. - Claude respondeu depressa, movimentando a cabeça nervosamente

- Sim, Gabrielle trabalhou lá.

A Pantera encarou o homem e fez a pergunta que o consumia, a pergunta que daria uma razão para o pedido dela.

- Ela era próxima de Morineau, sua amante talvez?

- Uh, uh, isso é difícil de dizer. - Claude respondeu, seus olhos vagando nervosamente de um homem até outro. Ele lambeu os lábios novamente - Tudo que eu sei é que ela trabalhou lá.

- Mas você a conheceu? - a Pantera perguntou. Claude assentiu com a cabeça, depois negou com a cabeça.

- Eu não a conheci realmente. Eu apenas sabia quem ela era.

- E como ela se parecia?

- Pequena, esbelta, cabelo loiro-avermelhado, uma menina muito bonita. - Claude disse.

A Pantera não mostrou sua decepção, mas era real. Claude a descreveu corretamente, e não importavam quantos aldeões ele questionasse, iria conseguir a mesma resposta. Sua visita aqui tinha sido inútil, mas confirmava o relatório de René, a Pantera decidiu com desgosto. E ainda sua voz interna persistia em lhe dizer que algo não estava certo.

Sua voz interna. Bom Deus, a coisa estava saindo como um foguete onde quer que Gabrielle estivesse sendo tratada, estalando e gritando com tantas mensagens diferentes que ele não podia decifrá-las. Agora ele estava começando a duvidar de seu próprio julgamento, um pequeno problema que poderia se tornar fatal. Ele sentiu como se golpeasse seu punho em uma parede enquanto a imagem de Sansão e Dalila lhe veio à mente. A Pantera fez uma careta, então sorriu firmemente para o homem à sua frente.

- Obrigado, cidadão. Você foi bastante útil. - ele disse. Ele movimentou a cabeça para seus homens e eles se dissolveram na noite ao longo da estrada, deixando o aldeão mais uma vez só.

A Pantera franziu o cenho na escuridão enquanto ele e seus homens retornavam a seus cavalos. Seria uma longa viagem de volta para Paris e, embora seus homens costumassem viajar sem dormir, ele se lamentou de lhes impor uma missão tão tola. E percebeu muito tarde que deveria ter aceitado o relatório de René em vez de decolar nesta perseguição de ganso selvagem atrás da filha morta do conde.

Ele montou seu cavalo, dando um puxão agudo nas rédeas e incitando a besta estrada abaixo, iluminada apenas pelo luar. A Pantera despiu seu disfarce à medida que eles montaram, mas ele não podia deixar sua vestimenta de negócios tão facilmente quanto sua barba. Esta viagem foi um erro de cálculo, um mal-passo e ele não estava acostumado a errar. Ele sempre estivera ciente que um deslizamento poderia facilmente significar sua morte, e pegar-se em um deixava-o intranquilo. "Eu disse a você que ela era problema", sua voz interna advertiu, e dessa vez ele recebeu a mensagem alta e clara.



Toda noite enquanto ela deixava cidadã Caron, Gabrielle procurava por René, mas nenhum mendigo avançou no seu caminho. A terça-feira estava se aproximando a toda velocidade e ela ainda não sabia se estaria deixando país ou trabalhando como sempre. Ela disse a si mesma que estaria indo com seu pai, pois que dificuldade ela poderia ser? Dois deveriam ser tão fácil como contrabandear um, raciocinou. Mesmo assim, ela não recebera notícias e, como a terça estava próxima, ela sua ansiedade crescia cada vez mais.

Thérèse não ajudava em nada; ela estava pálida e provocava e se preocupava incessantemente sobre os planos de sua amiga. Ela não queria que Gabrielle se juntasse ao pai, pois ela via a fuga como morte certa. Parecia para Gabrielle que as duas

discutiam constantemente, em sussurros febris, tantos, de forma que Gabrielle odiava estar perto de sua amiga, e esta manhã não foi diferente.

- Bem, você ouviu qualquer coisa? - Thérèse perguntou antes mesmo que Gabrielle tivesse uma chance de acordar.

- Não, Thérèse. - Gabrielle replicou - René não bateu na janela e sussurrou em minha orelha enquanto nós estávamos dormindo.

Ela se sentou e afastou o cabelo dos olhos para olhar descontente para sua amiga, que bufou ruidosamente.

- Nada me surpreenderia mais. - Thérèse rebateu - Se vocês pudessem pelo menos flutuar para longe como um daqueles balões de ar quente, mas você não pode. Oh, Gabrielle, não faça isto! - Thérèse implorou novamente.

Gabrielle suspirou e tentou argumentar com ela.

- Tudo bem, Thérèse, não é tão perigoso quanto você acredita. Muitos amigos de papai conseguiram fugir.

- Isso foi antes! - Thérèse disse - E porque tantos partiram, eles decretaram sentença de morte para qualquer um que tentasse!

- Sim. - Gabrielle concordou - Mas ainda há que fazem isso e nós estaremos entre eles. - ela obstinadamente adicionou - Bom Deus, Thérèse, eu estou com mais medo de ser deixada para trás de que de ir! Certamente será arriscado, mas é a chance para estar com papai e ficar livre — longe de toda essa loucura - vale bem o preço.

- Ainda que o preço seja a morte? - Thérèse perguntou em voz baixa.

- Nós não seremos mortos. - Gabrielle insistiu - René está com a situação sob controle; sua gente sabe o que estão fazendo ou não fariam isso.

Gabrielle ignorou discreto bufar de Thérèse e abraçou seus joelhos contra o peito.

- Eu não tenho medo. Honestamente, Thérèse, eu não posso esperar para ir! Eu sempre ansiei por novos lugares e experimentar ir além do castelo. - Gabrielle disse melancolicamente. Ela não acrescentou que sempre considerara sua nova vida em Paris como algo transitório.

- Meu único arrependimento é saber que eu estarei deixando você para trás. - Gabrielle disse, fitando Thérèse tristemente. Ela tentou mais de uma vez convencer sua amiga a ir junto, mas sem proveito. Assustada à simples menção do assunto, Thérèse firmemente recusava considerar a idéia. Mesmo assim, Gabrielle não podia desistir.

- Eu sentirei sua falta, Thérèse. Por favor, reconsidere e diga que você virá conosco.

- Não! - Thérèse firmemente disse - Eu não quero mais discutir isso. Se você quiser jogar sua vida fora, é uma decisão sua, mas eu prefiro viver aqui em Paris que morrer tentando sair.

Com uma última olhada para Gabrielle, ela partiu, batendo a porta atrás de si.

Gabrielle suspirou e afastou o cabelo dos olhos novamente. Não podia se ofender; ela sabia que a fúria de Thérèse se originava da preocupação por ela. Ela e Thérèse eram próximas e Gabrielle sentiria sua falta. Claro, existiam outros de quem Gabrielle sentiria falta: os novos amigos que ela fizera em Paris, especialmente François e o jovem Henri, além daqueles que ela deixara para trás quando viera para a cidade.

Mas de alguma maneira, quando Gabrielle pensava em partir, sua mente se demorava mais em um rosto particular. Era Alexandre que ela via quando fechava os olhos, Alexandre que se intrometia em seus planos para o futuro, e Alexandre que levava um nó a sua garganta. Ela sabia que tinha que vê-lo novamente antes de partir — se ela partisse.

Tentar atingir um meio-termo com ele não era tarefa fácil, porém. Embora Gabrielle o visse com um certo grau de desespero sempre que ela o contemplava, Alexandre parecia mais frio que nunca. Ela podia jurar que ele realmente estava evitando-a, pois, quando ela o via, ele retornava aos estábulos assim que olhava para ela.

Hoje, Gabrielle disse a si mesma enquanto saía da cama. Hoje, ela o observaria e, quando ela o visse, se jogaria naqueles braços fortes. E então o quê? Gabrielle não estava bastante segura, pois ela nunca fora tão longe em seus avanços.



Ela sentia sua falta de manhã, mas depois do trabalho ela se demorou no pátio, esperando pela última diligência. Gabrielle sorriu para si mesma quando chegou e duas figuras apressadas saíram dos estábulos para atender os cavalos. Bertrand se não movia tão rápido quanto o homem mais jovem, e ela o reconheceu imediatamente, mas, quando ela olhou em direção da outra figura, não viu o que esperava. Não era o grandalhão pesado do Alexandre que vinha para ajudar, mas um menino pequeno e esguio. Não, ele era um homem jovem, Gabrielle emendou, mas definitivamente não era Alexandre.

Gabrielle avançou, perplexa, e atordoada pelo pânico que cresceu em seu peito. Acalme-se, ela disse a si mesma. Embora ela soubesse que até para cavaleiros eram concedidas folgas, sua mente fugiu para outras possibilidades mais sinistras. Alexandre poderia estar doente ou ter se ferido novamente! Pior ainda... Gabrielle sentiu o mundo virar de ponta-cabeça ao pensamento que ele se fora - despediu-se, deixou, mudou-se, achou outro trabalho...

Com passos vacilantes, ela se moveu em direção a Bertrand.

- Com licença. - ela disse, surpresa quando o sujeito amigável não retornou sua saudação. Ele a encarou friamente, assentindo um breve reconhecimento, enquanto Gabrielle se forçou a falar naturalmente.

- Você poderia me dizer, por favor, onde Alexandre está hoje?

O homem velho franziu o cenho à pergunta.

- Não aqui. - ele respondeu.

Isto é óbvio, Gabrielle pensou irritada, mas tentou sorrir.

- Mas onde? Sabe?

Bertrand encolheu os ombros.

- Provavelmente na casa de sua mãe. - ele disse - Este aqui é Jean-Claude. Ele disse, lançando um olhar para o menino, que sorriu extensamente.

Gabrielle moveu a cabeça e sorriu para o jovem.

- Obrigada. - ela sussurrou para Bertrand e se voltou. Soltando o fôlego lentamente, ela se virou, atordoada de alívio. Oh, Deus querido, qual era o problema com ela? Como ela podia entrar em pânico só porque o homem foi visitar a mãe? Gabrielle sentiu como se risse histericamente de sua própria tolice.

Era só porque ela sempre esperava que ele estivesse lá, Gabrielle decidiu. Alexandre era uma presença sólida e familiar — uma presença confortante em um mundo cruel e impossível de prever. Embora outras perguntas se arrastassem em sua mente, Gabrielle as expulsou, pouco disposta a enfrentá-las por enquanto. Mesmo assim, uma retornou para importuná-la, e ela mordeu o lábio enquanto considerava.

Se ela reagia dessa maneira quando ele se foi por um dia, como é que ela estava prestes a deixá-lo?

CAPÍTULO 12

Alexandre também não trabalhou no domingo e naquela noite Gabrielle teve que rechaçar o desejo de ir furtivamente até os estábulos para ver se ele estava em casa. Só o medo de que ela poderia perder René a mantinha no quarto de porão.

René podia não ser capaz de interpretar o mendigo como planejado, ela disse a si mesma, e essa poderia ser a razão pela qual ainda não tivera notícias dele. Mesmo assim Gabrielle ficou perto de seu quarto a semana inteira, por via das dúvidas, e nenhuma mensagem chegou, enquanto a cada dia nasciam mais dificuldades que o anterior. Paciência era uma virtude, seu pai freqüentemente a lembrava, uma virtude que ela precisava cultivar. Ela tentava, mas não era fácil.

Na segunda-feira ela estava uma pilha de nervos. E se algo aconteceu a René? Ela não tinha nenhuma idéia de como achá-lo. E se o esquema foi desvendado? Ela saberia se seu pai já havia escapado? O dia todo sua mente voou em centenas de direções diferentes enquanto ela trabalhava e roía o lábio ansiosamente. Então, enquanto deixava a loja, ela o viu, disfarçado com o cachecol, vestindo roupas esfarrapadas de mendigo. Embora ela quisesse correr para ele, Gabrielle achou que algum milagre manteve seus pés firmes até alcançá-lo.

- Aqui, cidadão. - ela suavemente disse, entregando uma moeda.

René falou depressa enquanto esticou uma palma para a moeda.

- Esteja na igreja da Rue de la Bienfaisance amanhã ao meio-dia. Costumava ser a igreja da Virgem Santificada, mas agora permanece desassistida, já que seu pároco se recusa a prestar juramento ao clero civil. Dê a volta por trás, pelas árvores, e entre pelas portas traseiras — que não são vistas. Você deve ir cedo, mas esteja lá ao meio-dia. Não podemos esperar por você. Agora vá.

A mão dele se fechou sobre a sua, devolvendo-lhe o dinheiro, e então ele recuou, se voltando.

Gabrielle estava tão atordoada que dificilmente podia se mover. Ela iria. Esperou tantos dias desejando por este resultado e, agora que ela recebia as notícias, mal podia acreditar. Ela se reuniria ao pai, e juntos eles deixariam este mundo de ponta-cabeça onde a luxúria de sangue governava. Paris, e a França propriamente, seriam deixadas para trás e eles continuariam uma nova vida na Inglaterra, ela esperava. Inglaterra... A palavra soava como liberdade em seus ouvidos.

Ela sentiu como se dançasse ou se abraçasse — ou abraçando ninguém! Tentando manter a euforia de sua face, Gabrielle caminhou tranqüilamente para o portão antes de percorrer o pátio e entrar na cozinha.

A primeira pessoa que ela viu foi Thérèse, que deve ter discernido a série de acontecimentos com um olhar. Incapaz de esconder sua alegria, Gabrielle observou o sangue deixar rosto de sua amiga em resposta. Embora Gabrielle sorrisse confiante, Thérèse voltou para seu trabalho com o suspiro solene de alguém já em luto.

- Você é em um círculo de felicidade hoje à noite, Gabrielle. - François disse de sua posição nos fornos.

- Talvez ela tenha um amante. - Henri disse, provocando-a corajosamente.

- Pare com isso, Henri! - Gabrielle ralhava. Ela corou mais ao pensamento de um amante que por sua rudeza.

- Não nossa pequena Gabrielle. - François disse. Gabrielle estava contente por ele estar de costas, pois ela pensou imediatamente em Alexandre e seu rosto ficou ainda

mais vermelho que antes. Quando o cozinheiro se voltou, ela estava grata por algo da cor ter deixado seu rosto. Ele parou para avaliá-la e riu ruidosamente.

- Ela é tão inocente como uma flor, nossa pequena Gabrielle. - François disse, balançando a mão majestosamente - E seria melhor você tratá-la como tal ou não respondo por mim. - ele advertiu Henri, esbofeteando as orelhas do menino enquanto este último fugia.

Gabrielle sorriu e olhou para seu prato, perguntando-se se o olho afiado do italiano podia realmente dizer, olhando para ela, se ela era inocente. Tais pensamentos a guiaram novamente para Alexandre, e ela foi atingida com tal desejo por ele que teve que sufocar um soluço.

Como ela podia partir sem vê-lo novamente? A noção arrebatou sua alegria e a encheu de melancolia. Ela sabia que era estranho, ridículo talvez, mas não podia evitar. Nunca mais conhecer seu beijo novamente ou ter os braços dele ao seu redor... Gabrielle pigarreou e verteu uma taça de vinho. Ela não poderia nunca mais ver seu rosto novamente a menos que... Sua mão congelou no meio do caminho para seus lábios. Hoje à noite! Ela viu René e recebeu sua mensagem; não tinha mais que ficar em seu quarto. Gabrielle inclinou o copo para tomar um gole profundo. Ela não sabia se rezava para ele estar em casa ou não, mas hoje à noite ela visitaria o quarto nos estábulos.



Gabrielle esperou até escurecer. Thérèse estava ainda ocupado no salão comum e François estava de costas para ela quando ela escapou pela porta e se dirigiu para os estábulos. Uma vez fora no frio sereno, porém, ela pensou duas vezes.

Seu plano corajoso era concebido enquanto executado, como sempre, pois o que ela diria? Ela não podia dizer adeus, pois não ousaria sequer dar a entender a partida. E o que ela iria fazer, se jogar em Alexandre como outras sem conta fizeram? Ela estava dolorosamente ciente que ele já a rejeitara. O que diabos ela estava fazendo?

Gabrielle estava tão nervosa quando alcançou o quarto dele que sentiu como se houvesse um nó em seu estômago. Seus passos hesitaram à vista da porta familiar, mas ela forçou suas pernas a seguirem adiante e ela bateu. Tudo estava silencioso. Ela bateu novamente na escuridão, os sons da noite soaram subitamente mais altos ao seu redor enquanto o silêncio que a saudava era completo.

Talvez ele não estivesse em casa, Gabrielle pensou, transida pelo pânico. Ela não podia partir sem vê-lo, simplesmente não podia! Então, quando seu coração estava afundando, a porta abriu e lá estava Alexandre de pé, sua figura alta emoldurada pela entrada.

Ele tinha uma expressão rude. Não, estava mais frio que isso, Gabrielle decidiu enquanto olhava sua expressão rígida. Alexandre dava a ela sua recepção mais fria. Ela entrou, de qualquer maneira.

- Oi, eu ouvi dizer que você estava na casa da sua mãe. - ela disse, sorrindo - Ela vive aqui em Paris?

As palavras fluíram facilmente, mas não eram o que ela realmente queria dizer. "Eu quero que você me abrace", Gabrielle desejou silenciosamente. "Abrace-me apertado e não me deixe ir", ela implorou com os olhos. Exteriormente, ela continuou a conversar com amabilidade.

- Eu encontrei o menino que tomou seu lugar. Ele deve ser um parente de Bertrand, pois eles se assemelham bastante.

Observando-a caminhar através do quarto, tagarelando sobre nada, Alexandre percebeu que não havia o que a enxotasse e ele fechou a porta. Esta noite entre todas as noites, pelo amor de Deus, ele pensou. Ela teria o que queria, ele notou com uma pontada de amargura. O que ela estava fazendo aqui, dando a ele aquele olhar inocente-devasso? Maldição. Ele quis golpear a escrivainha com o punho, mas apenas ficou lá, embecendo a presença dela.

“Livre-se dela agora”, seu sexto sentido advertiu. Ele sabia que seu autocontrole estava diminuindo em tudo que a envolvia. Se ele a tocasse neste momento, e como ele não podia, seria capaz de parar? Importaria? O pensamento o socou, pegando-o por detrás, e ele o considerou.

- Você gostaria de jogar cartas novamente? - ela perguntou um pouco vivamente demais. Bom Deus, a mulher-criança o olhava como se ela fosse se desfazer em pedaços. O que diabos era o problema? “Não é problema seu”, ele disse a si mesmo. “Você já fez o suficiente por ela, mais que suficiente”. Alexandre franziu o cenho e meneou a cabeça em resposta a sua pergunta enquanto seus olhos perambulavam por ela. Ele conhecia as curvas guarnecidas pelo capote e quis acariciá-las.

Realmente importaria se ele o fizesse? Ela em breve partiria com seu amante, ele pensou enrugando a testa. Com ciúmes, Alexandre? Ele se perguntou, aborrecido à idéia. “Livre-se dela e descarregue sua luxúria em alguma moça de taverna”, ele disse a si mesmo furiosamente, enquanto ela murmurava sobre alguns amigos delas. Então, de repente ela girou e se lançou contra seu tórax. Que diabo?

- Oh, Alexandre. - ela soluçou - Eu senti sua falta quando você se foi. Eu sei que você não..., não iria... Oh, eu não posso evitar. É tão tolo. - ela disse, choramingando em sua camisa. Ele fechou os braços ao seu redor, estando intensamente consciente das mãos em seu tórax e correu os dedos pelo seu cabelo. Pálido e desfeito, ele parecia vinho cintilante nos seus ombros e era sedoso ao toque. Ele respirou fundo.

- Eu pensei que talvez você tivesse ido embora e se você fosse embora, bem, eu sentiria sua falta. - ela sussurrou.

Alexandre ergueu seu queixo suavemente e olhou para ela. Suas bochechas estavam vigorosamente rosadas em angústia e seus olhos azuis estavam inundados de lágrimas. “Ela está dizendo adeus”, sua voz interna disse e o conhecimento o deixou com uma sensação das mais estranhas. Se ele ao menos pudesse falar, lhe diria para não partir. “Eu não quero que você vá”, ele pensou egoisticamente, tolamente, insensatamente.

E então ele a beijou. Gabrielle sentiu seus braços apertarem ao redor de si e viu a cabeça dele mergulhar em direção a sua, seus olhos verdes e brilhantes antes das pálpebras se fecharem sobre eles. Seus lábios se abriram e ela os encontrou avidamente, lançando os braços ao redor de seu pescoço e colando-se firmemente contra ele enquanto a boca dele se movia acima da sua. O beijo, terno e melancólico a princípio, tornou-se possessivo à medida que ele se inclinava sobre sua boca e tirava seu fôlego.

Suas mãos deslizaram pelas costas sob o capote para apertá-la contra ele e ela ofegou contra seus lábios.

- Oh, Alexandre. - ela sussurrou, sua voz em um soluço - Alexandre. Alexandre.

As palavras pareceram persuadi-lo e ele tomou sua boca novamente em um assalto febril enquanto suas mãos viajavam por ela impacientemente. Ele empurrou o capote de lado, uma vez, duas, e então o rasgou com um puxão violento.

Sem o capote, as mãos de Alexandre pareciam estar em todos os lugares, se enroscando por seu cabelo, deslizando por seus braços e errando por suas costas até Gabrielle estar atordoada de desejo. Ela prendeu a respiração quando ele a levantou do chão como se ela fosse leve como uma pena e a segurou contra ele. Então ela sentiu

seus dedos deslizando pela saia e ao longo da sua perna enquanto ele a erguia, apertando seu joelho no flanco. Quando ela encontrou sua dureza, seu aperto estreito, e ela sentiu sua respiração, rápida e entrecortada contra sua bochecha. Oh, Deus, ela estava se afogando, se derretendo, se perdendo...

Alexandre ainda a equilibrava com uma mão, moldando-a contra seu corpo, e Gabrielle percebeu nitidamente que Thérèse devia estar certa, mas ela não se importava. Então ele levantou o outro joelho para o flanco e de repente suas pernas estavam presas ao redor dos seus quadris e ele a apertava contra ele.

- Oh, meu Deus! - Gabrielle sussurrou. Vagamente ela imaginou que deveria protestar a esta intimidade, mas, em vez disso, jogou sua cabeça para trás e ela se moveu contra ele. Suas saias estavam no caminho. Que maçada...

Alexandre a agarrou com tal ferocidade que ela gritou e então seus lábios, mornos e úmidos, estavam em seu pescoço. Ele ainda estava de pé, suas pernas abertas separadamente, embalando-a contra seus quadris. Parecia glorioso, mas ela se irritou com ele. Ela queria correr suas mãos pelo tórax e pelos músculos que ornavam seus braços. A cama, ela pensou instintivamente. Vamos para a cama, ela pensou. Ela disse isto? A respiração dele vinha pesada e quente contra sua pele e Gabrielle arqueou contra ele, seus dedos afundando nos cachos escuros, agarrando-se.

Acima do silêncio de suas respirações entrecortadas veio um golpe na porta e Alexandre enrijeceu. A paixão fugiu enquanto a mão dele deslizava sobre sua boca e a mente de Gabrielle começou a funcionar uma vez mais. Ela se surpreendeu, entre todas as coisas, como ele conseguiu erguê-la com uma mão; o homem devia ter músculos de ferro!

- Abra, Alexandre. Sou eu. - Gabrielle reconheceu voz de Bertrand, que soou especialmente velha e cansada e ela soltou um longo suspiro de alívio enquanto os dedos de Alexandre escorregaram de seus lábios. Ele a depositou no chão lentamente, facilmente, e ela endireitou suas saias.

Gabrielle percebeu seu rosto devia estar escarlate e ela tentou diminuir a velocidade de sua respiração. De sua parte, Alexandre parecia completamente tranquilo e indiferente. Como ele conseguia? Gabrielle se perguntou, admirando as coxas firmes enquanto ele caminhava para a porta. E apenas um momento atrás, ela tinha sido pressionada contra elas, ela pensou divagando. Então ela mordeu o lábio e fitou seus sapatos, sabendo que, se ela não voltasse seus pensamentos em uma outra direção, suas bochechas nunca retomariam sua cor normal.

Bertrand entrou e Gabrielle sorriu, sentindo-se tola - especialmente quando ele não sorriu de volta. Seus olhos varreram o quarto, então ele agarrou seu capote, que jazia esquecido no chão.

- Parta agora. - ele disse - Eu preciso conversar com Alexandre.

Ele segurou o capote, sua expressão indecifrável, e Gabrielle sabia que, se ela já não estivesse vermelha, teria enrubescido furiosamente. Seus olhos voaram para os de Alexandre, mas ele não estava olhando para ela. Ele fitava o homem velho com a expressão mais sombria ela já vira naquelas belas feições. Ele se assemelhava a um barril de pólvora pronto para explodir e Gabrielle não queria acender o pavio. Ela sorriu, lívida, e fechou o capote.

- Boa noite. - ela disse. Seus olhos buscaram os de Alexandre novamente, mas ele estava ainda encarando Bertrand, então Gabrielle fechou a porta atrás de si suavemente e escapou dos estúbulos. Enquanto fazia o caminho de volta para a pousada, ela percebeu que deveria ser grata a Bertrand. As coisas saíram do controle, mas de alguma maneira ela simplesmente não invocava nenhuma gratidão para o homem que os interrompera.

Gabrielle caminhou silenciosamente pela cozinha escura e desceu até a porta do porão bastante serenamente, só parando do lado de fora para deixar escapar um soluço da garganta antes de entrar. Ela estava agradecida, ela decidiu, agradecida a Alexandre por não empurrá-la para longe e por dar esta noite gloriosa para manter na memória e saborear quando ela partisse.

- Jamais esquecerei você. - ela sussurrou na noite silenciosa, ciente que nunca mais o veria novamente.



A terça-feira amanheceu deserta e fria. Gabrielle podia sentir isto em seus ossos quando ela despertou. Thérèse já subira as escadas para trabalhar e o quarto minúsculo pareceu especialmente sombrio sem a presença de sua amiga. Eles se despediram à noite e ambas irromperam em lágrimas, pois Thérèse tinha certeza que Gabrielle seria morta, e Gabrielle suspeitava que nunca mais veria sua amiga novamente.

Gabrielle se vestiu silenciosa e rapidamente no silêncio. Ela costurara algumas das jóias em seu vestido e deixou o resto para a fiel Thérèse. Ela não levava nada mais consigo, e, sem olhar para trás ou qualquer remorso, ela deixou o porão que tinha sido sua residência em Paris.

A cozinha estava morna e ocupada, como em todas as outras manhãs, e Gabrielle tentou se comportar como normalmente faria no desjejum. Ela resistiu ao impulso de fazer uma breve visita a Thérèse, e parou apenas para dar uma última olhada no alegre François e em seu ajudante, Henri. Então ela colocou o capote e saiu.

Ela olhou fixamente para frente enquanto atravessava o pátio porque ela de fato não queria ver Alexandre. Se ele estivesse lá, Gabrielle sabia que seria incapaz de esconder o que sentia e esta manhã ela não podia se arriscar a levantar as suspeitas de ninguém, inclusive do belo mudo. Tentando expulsá-lo dos pensamentos, ela caminhou depressa para fora do pátio, da mesma maneira como se fosse trabalhar, mas ela não iria.

Antes de alcançar cidadã Caron, Gabrielle desceu uma ruela e seguiu em direção à igreja onde ela se encontraria com René e seu pai. Embora ela tivesse bastante tempo antes da reunião, decidiu ir diretamente para lá.

Uma hora mais tarde, ela ainda não tinha achado a igreja. Gabrielle podia ter gritado — ou chorado — em frustração. Todas as ruas pareciam iguais no cinza deserto da manhã, ruelas e caminhos e portões entrelaçando-se até que ela estava totalmente perdida. Ela devia ter trazido Thérèse, pensou desesperadamente, embora soubesse que sua amiga jamais empreenderia uma viagem tão perigosa.

Finalmente Gabrielle se sentou a fim de tomar fôlego. Oh, mas por que ela não tinha nenhum senso de direção? Nos fundos de casa ela tinha liberdade para fazer o que quisesse como uma menina e freqüentemente se perdia, mas ela simplesmente se sentava debaixo de uma árvore ou se postava em uma cerca, esperando pacientemente até que seu pai enviasse alguém para encontrá-la. Ninguém a procuraria hoje, ela pensou lugubrememente, suas emoções tumultuosas ameaçando se romper em uma inundação de lágrimas. Recusando ceder a elas, ela mordeu o lábio e decidiu perguntar a direção.

Ela perguntou, mas a confundiam por alguém que não conhecia a cidade e, depois de seguir as direções indicadas, Gabrielle ainda não teve nenhum sucesso. A advertência de René começou a ecoar em sua cabeça. "Nós não podemos esperar por você", ele disse, e as palavras começaram a assustá-la. O tempo estava correndo. E se ela faltasse o encontro?



- O que aconteceu?

Embora ele falasse serenamente, a Pantera agarrou o braço de René em um aperto mortal. Ele não gostava que as operações falhassem.

- Eu não sei. - René respondeu, ofegante - Eles descobriram que algo estava errado. Quanto eles souberam, eu não posso dizer, mas eles estavam esperando por nós. - ele parou para inspirar - Podia jurar isso.

A Pantera arquivou aquilo para investigação adicional posteriormente. Não havia tempo para persegui-la agora.

- Onde está Jacques? - ele perguntou.

René inclinou sua cabeça em direção à prisão.

- Eles recuaram com os outros guardas.

- Certo. - a Pantera disse suavemente - Eles sabem o procedimento. Vá para o celeiro e eles encontrarão você lá.

- Não. - René disse em voz baixa - Eles me viram, meu amigo. Novamente eu sou inútil. Estou tomando a rota para a costa.

A Pantera sentiu uma pontada de decepção, mas não se surpreendia. Esta vida não era para todo mundo e, tendo sido visto, o rosto de René logo estaria estampado em toda parede de soldado, tornando mais difícil para ele — e para o grupo — funcionar.

- Isto é sua decisão, claro. Vá com Deus e se apresse. - a Pantera exortou. Ele apertou o braço de René em despedida, mas o rapaz demorou, encarando-o com os olhos brilhantes de um modo que deixou a Pantera intranquã. Ele não teve que esperar muito pelo motivo.

- Eu estou levando a *petite chérie* comigo. - René disse em voz baixa.

A Pantera sentiu um começo de surpresa. Aquilo era algo que seu sexto sentido não o advertira. Ele não imaginara isso, mas Deus, ele devia. Talvez então ele estivesse preparado para a dor estranha que as palavras de René provocaram nele.

- Ela irá? - ele perguntou displicentemente.

- Eu penso que ela irá. - René respondeu, fitando-o atentamente.

- Então eu desejo a vocês tudo de bom. - a Pantera disse - Mas seria melhor que você evitasse a igreja. Eles podem vir atrás de você.

- Não. - René disse, balançando a cabeça. E a Pantera pensou com uma certa ironia cruel que o rapaz não confiava nele — pelo menos não onde 'ela' estava envolvida. René imaginava que ele poderia dar sumiço nela? A Pantera sorriu amargamente ao pensamento, pois era uma idéia tentadora.

- Eu serei cuidadoso. - René assegurou, sorrindo confiantemente antes de escapar.

Enquanto ele observava René ir, a Pantera suspirou e amaldiçoou sua tolice por tomar envolvimento pessoal. Ele deixou a menina obnubilar seu julgamento e agora, por causa dela, ele deixou o jovem Troussaint fugir meio armado. Cuidadoso? René provavelmente conseguiria que eles todos morressem.



Novamente Gabrielle perguntou pela direção e novamente eles só a fizeram se perder mais longe, mas em sua terceira tentativa teve sorte. Ela pegou pela gola um garoto que estava passando e, tendo perdido todo interesse em segredo nessa hora,

Gabrielle o fez guiá-la até a rua que ela estava buscando. Ela achou a igreja então, sem demora, uma capela minúscula escondida entre uma massa de árvores antigas.

A porta traseira estava destrancada e Gabrielle entrou, soltando seu fôlego retido em suspiros lentos e firmes para se tranquilizar. Ela chegara lá a tempo e agora tinha apenas que esperar. A igreja parecia um abrigo de paz depois de sua busca selvagem e Gabrielle sentiu uma tranquilidade descer enquanto ela fazia o caminho ao altar em passos medidos. Ela ajoelhou, curvou a cabeça e se benzeu, tomando um momento para rezar por seu pai e pela fuga planejada.

Então ela esperou. Ela rezou novamente e esperou mais um pouco. Pareceu uma eternidade. O sossego da igreja se dissolveu ao redor dela quando Gabrielle começou novamente a se preocupar. Ela puxou seu pequeno relógio de bolso. Marcava doze e quinze, então doze e trinta. Algo deu errado, ela sabia disso. Um sentimento de terror desceu sobre ela como um peso morto e até a normalmente otimista Gabrielle não podia relevá-lo. Apertou nela até que ela pensou que seguramente iria gritar.

O que ela devia fazer? Gabrielle não estava certa se devia ficar, mas sabia que não podia ir. Ela pressentiu-se ajoelhando onde ela estava até anoitecer, então tentando achar o caminho de volta à pousada na escuridão desnorteante e ela foi presa pelo pânico. E seu pai? Ele estava vivo ou...

Gabrielle quase desmaiou quando ouviu o rangido da porta e seu coração saltou na garganta. De repente, ela estava completa e verdadeiramente assustada. Passos apressados se seguiram e ela sentiu o pânico crescer enquanto ela se levantava e girava para enfrentar quem se aproximava. A figura era alta e obscura no interior escuro do edifício, mas o passo lhe era familiar e seu coração diminuiu a velocidade de sua batida frenética. Quando ele a viu, correu para ela e, sob a roupa maltrapilha, ela reconheceu o cabelo e olhos escuros azuis inconfundíveis de René — mas ele estava só.

Gabrielle pensou imediatamente que seu pai devia estar esperando do lado de fora ou em algum outro lugar seguro, mas, quando olhou para rosto de René, ela sabia que estava errada. Seus olhos azuis eram solenes, seus lábios sérios e ele respirava como um homem que tinha corrido.

- O quê? - ela perguntou, a ansiedade arrepiando em sua voz contra sua vontade.

- Algo deu errado. - ele disse em voz baixa - Eles estavam nos esperando. Nós nem sequer entramos.

O suspiro de Gabrielle se transformou em soluço e ela curvou a cabeça. René pôs uma mão debaixo de seu queixo, erguendo-o de forma que ela olhasse para ele.

- Escute, *chérie*, eu não tenho muito tempo. Eles estão atrás de mim agora — atrás de todos nós. Eles souberam que nós entraríamos, mas o quanto fizemos eles saberem? Quem diria? Coragem. Talvez eles não souberam por que ou para quem e seu patrão ainda pode estar vivo.

Ele parou para olhá-la resolutamente.

- Eu arrisquei tudo para vir aqui, mas não apenas para dizer a você o que aconteceu. Eu vim para levar você comigo.

Os olhos de Gabrielle voaram para os seus olhos surpreendentemente azuis em surpresa.

- Mas sem...

René a cortou.

- Venha comigo, para longe daqui, para longe das ruínas deste país. Pah, França, eu cuspo em você. - ele disse, abanando uma mão em desprezo - Eu não me importo com mais nada neste país, mas você, *ma petite chérie*, você ainda brilha vivamente. Venha comigo e nós acharemos novos mundos para conquistar, novas aventuras para encontrar.

Gabrielle fora tão tomada de surpresa que ela só conseguia encará-lo, então, enquanto ela observa, ele baixou a cabeça e tocou sua boca com a dele. Ela quis protestar, mas, em vez disso, fechou os olhos. Era René, afinal, e ele não transmitia nenhum medo para ela. Seus lábios eram suaves e quentes e ela sentiu uma languidez estimulante dentro de si, mas faltava algo...

René ergueu sua cabeça e olhou para ela.

- Então, não é para ser, não é? - ele perguntou. Gabrielle podia apenas balançar a cabeça. Não havia nada errado com seu beijo; não havia nada errado com René. Quando ela olhou para ele, viu um rapaz vivaz, terrivelmente bonito, suficiente para qualquer mulher e só que... ele não era Alexandre.

Tolo e incompreensível que poderia ser, era o rosto de Alexandre que ela ansiava e era seu beijo que deixa seu sangue em chamas. Quando Alexandre a segurava, ela não tinha nenhuma escolha, nenhuma chance de dizer sim ou não. Ele fazia seu mundo dar voltas de forma que ela não pensava em nada — só em necessidade e desejo.

Gabrielle olhou para baixo. René riu.

- Não sinta muito, *chérie*. Não resta dúvida que foi para melhor. Você e eu, nós somos muito semelhantes, muito ávidos para mergulhar na rixa sem ponderar — muito despreocupados. Nós provavelmente faríamos um ao outro pequeno bem, mas calma... tudo bem. Pelo menos eu vou sabendo que estou deixando você em boas mãos. - ele adicionou criticamente. Ele se debruçou e a beijou novamente, mas dessa vez seus lábios só roçaram a fronte.

Então de súbito ele congelou, levantando um dedo para seus lábios. Gabrielle enrijeceu também, embora ela não ouvisse nada e se esforçasse para escutar. Um som ecoou fora da igreja, mas antes de poder até olhar seu caminho, René tinha saído de seu lado, movendo-se furtivamente pela porta do padre.

Gabrielle forçou seus pés de volta ao altar, sabendo que ela devia fingir que orava, mas, antes que ela pudesse ajoelhar, a porta principal foi aberta com um estrondo. Ela se voltou, surpreendida pelo barulho, e seu coração cresceu na garganta. Os soldados ferveram, talvez meia dúzia, e eles iam diretamente em direção a ela.

Ela pigarreou, tentando engolir o medo enquanto tentava parecer tranquila e, acima de tudo, inocente. Os soldados examinaram a igreja, olhando entre os bancos da igreja e correndo para a porta pela qual René se fora. Gabrielle fez uma oração rápida por sua fuga antes de voltar as orações para si mesma. Parecia que precisaria delas, desesperadamente.

Gabrielle foi deixada enfrentando os dois soldados restantes, que se vangloriaram em sua direção ameaçadoramente.

- Onde ele está ele?

Um sujeito pequeno e forte perguntou asperamente, enquanto seu companheiro inclinava as costas, fitando-a ferozmente.

- Quem? - Gabrielle perguntou em voz baixa.

- O traidor que estava aqui. Não adianta mentir. Nós o vimos entrar. - o soldado disse.

- Eu não vi ninguém. - Gabrielle protestou - Eu estava rezando e não ouvi ninguém.

O outro soldado avançou e, antes que Gabrielle pudesse respirar, ele a golpeou no rosto com a mão. A força do impacto fez com que ela batesse a cabeça e tropeçasse contra um banco de igreja, confusa, enquanto uma gota morna de sangue escoava de sua boca.

- Sua prostituta traidora! - ele berrou. O som ecoou em sua cabeça, já atordoada pelo bofetão - Você vai falar, mais cedo ou mais tarde. - ele gritou. Gabrielle tentou

recuar, se distanciar do aspecto venenoso da face do soldado, mas o banco de igreja, espetando suas costas, parou-a. Ela só podia observar horrorizada enquanto ele levantava a mão para atingi-la novamente, suas feições torcidas com ódio.

Ela segurou a respiração, mas o impacto não veio. Em vez disso, o braço balançou flacidamente a seu lado, suas feições ainda mais torcidas em um aspecto de horrível surpresa. Ele fez um som baixo em sua garganta antes de deslizar para o chão.

Gabrielle não sabia o que ou quem o parou, mas ela capturou a oportunidade e chutou furiosamente o outro soldado enquanto ele girava para enfrentar o inimigo que derrubara seu companheiro. Ele logo seguiu seu companheiro ao chão, segurando seu tórax ensangüentado e tomando sua última respiração.

Gabrielle olhou fixamente para ele, ainda muito apavorada para sentir qualquer coisa, então ela finalmente relanceou o olhar para seu salvador. Ele se erguia acima dela, fitando-a silenciosamente enquanto enxugava suas mãos e a faca ensangüentada na roupa dos homens mortos. Ela não podia sequer dizer seu nome, seu alívio era tão intenso, e então o horror do que ela acabou de testemunhar a inundou e ela começou a tremer.

Seu salvador viu isto, mas ele somente lançou a cabeça escura em direção à porta e, quando ela não respondeu, ele tomou sua mão e puxou-a junto com ele para fora da igreja. Uma vez do lado de fora, eles deslizaram pelas árvores sem serem notados. Ele parecia conhecer o caminho e ela o seguia perturbada enquanto eles caminhavam por número desnorteante de ruelas e becos. Eles não viram nenhum soldado, apenas os rostos das pessoas de Paris e, aqueles que trabalhavam e viviam nestes caminhos secretos, nunca olhavam duas vezes para o casal da classe operária que passava — o homem alto, bonito e sua menina jovem e bonita.

Ele a deixou na rua, não longe do portão do pátio e escapou, mudo como sempre. Gabrielle nem sequer se voltou para observá-lo partir; ela se esforçou para mover seus pés entorpecidos para frente enquanto sua mente chocada tentava lidar com os eventos do dia. Todo o susto, o horror e as orações eram, claro, eclipsados por uma questão ardente: O que levou Alexandre até a igreja?

CAPÍTULO 13

E ntrando na cozinha ela jamais esperava rever, Gabrielle sentiu um alívio opressivo à vista do ambiente familiar. Naquele mundo inclinado loucamente à matança, era bom ver algumas coisas inalteradas.

François, abençoado com seu coração jovial, estava cozinhando, como sempre, preparando ceia para os primeiros comensais da noite. Embora Gabrielle sentisse uma onda de felicidade em sua presença, ela sabia que realmente devia deslizar por suas costas. Seria melhor evitar seu olho perceptivo, pois ela devia parecer assustada, tentando como podia pôr uma máscara de normalidade. Talvez ela pudesse apenas se mover furtivamente até o quarto de porão sem que ninguém notasse.

- Gabrielle! - a voz de Thérèse, alta e cansada, foi acompanhada por pratos se chocando, que disseram a Gabrielle que sua amiga quase soltou uma bandeja. Gabrielle se voltou e assentiu com a cabeça, sorrindo confiantemente para Thérèse, que a olhava fixamente como se visse um fantasma.

- Gabrielle! - François ecoou enquanto ele desviava o olhar de seu trabalho - Você voltou cedo hoje. Algo errado?

- Não, não. - Gabrielle disse - Eu apenas estava em uma incumbência da cidadã Caron e vim direto para casa.

Ela sorriu para o cozinheiro, que a olhava bem próximo, e tentou não morder o lábio. Ela de repente tinha certeza que ele podia ver direto dentro de sua cabeça.

- Aqui. Eu não posso ficar, mas... Oh, Domin... Gabrielle, eu estou tão contente por vê-la viva! - Thérèse a abraçou firmemente, e Gabrielle sentiu as primeiras lágrimas do dia aflorarem em seus olhos. Ela as enxugou impacientemente.

- Eu estou contente por ver você, também, - Gabrielle adicionou - e contente por estar viva! - Ela sorriu trêmula para Thérèse e as duas se abraçaram de novo rapidamente antes de Thérèse voltar depressa para suas obrigações. Vendo a água morna, agradecida, Gabrielle despiu seu vestido e o lavou, suas próprias palavras ressoando no pensamento. Ela estava contente por estar viva. Se Thérèse soubesse o quanto ela estivera próxima da morte!

Gabrielle encarou a morte e ela seguramente estaria morta agora, ou pior, se não fosse por Alexandre. Gabrielle esfregou suas mãos ao longo braços como se para afugentar os calafrios que tais lembranças induziam, mas foi a imagem de Alexandre que a aqueceu.

Seus lábios se curvaram em um sorriso gentil para seu herói forte e mudo. Esta manhã ela se sentiu roubada, sozinha e confusa, então justo quando ela perdera toda esperança, Alexandre veio para ela. Ele salvou sua vida, matou para protegê-la... e ela nem sequer o agradecera.

Gabrielle franziu o cenho ao pensamento. Tudo acontecera tão rápido e fora tão horripilante que ela não dissera uma palavra. Ela estava tão confusa, que mal o reconheceu. Isso era imperdoável, ela pensou, e, terminando seu *toilette*, se vestiu depressa, esporeada por uma urgência súbita de vê-lo e deixá-lo saber que ela estava grata por ele ter arriscado a própria vida pela sua. Ela não pensou em sua velha promessa feita a Thérèse ou em qualquer outra coisa, pois ela sabia apenas que devia vê-lo.

A cozinha estava tão cheia, que Gabrielle conseguiu escapar sem despertar atenção. Ainda estava claro, então ela tentou parecer determinada — como se estivesse em alguma incumbência da pousada — enquanto caminhava através do pátio.

Felizmente, ela pôde evitar Bertrand, que estava ocupado com alguns cavalos; ela definitivamente não queria que ele a notasse entrando os estábulos.

Estava muito escuro dentro do edifício e Gabrielle se sentiu mais segura abrigada nas sombras enquanto ela fazia seu caminho para o quarto de Alexandre. A última coisa que ela queria era irritá-lo por causa de seu aparecimento, sem ser anunciado e de dia, quando a discricção lhe parecia importante. Sua tranqüilidade durou pouco, contudo, pois, assim que ela bateu, ouviu passos e assobios nos estábulos. Instintivamente, Gabrielle agarrou a porta. Abriu-se ao seu toque e ela entrou, deslizando o ferrolho em silêncio. Então ela se voltou para enfrentar seu salvador.

Ela foi com intenção de agradecê-lo e questioná-lo sobre a igreja, mas, quando o viu, Gabrielle não podia lembrar de mais nada. Tanto fazia, pois sua língua estava presa firmemente em seu lugar.

Alexandre tomara banho. Parecia, pois ele estava de pé desnudo até a cintura, uma toalha aprumada pelo seu cabelo molhado enquanto ele parava de se secar em movimentos lentos. Ele vestia calças compridas limpas e surradas, mas era a vasta expansão do seu tórax nu que prendia o olhar dela. Não adiantava tentar falar; Gabrielle não podia nem respirar.

Alexandre, também, estava um pouco aterrorizado. Ela, claro, não estava longe de seus pensamentos, mas ele dificilmente esperava que ela se precipitasse em seu quarto. Seu primeiro pensamento foi que algo estava errado, entretanto, simplesmente ao olhar para ela, viu que não estava. Não, as coisas definitivamente não estavam erradas. Eles finalmente estavam certas. Vendo-a, ele soube que compartilhavam o mesmo pensamento: eles tiveram atividades inacabadas ontem à noite quando Bertrand os interrompeu, negócios que imploravam para ser completados.

Alexandre sabia que este momento viria e temia sua chegada, mas agora que chegara — o momento que ele podia não mais negar a si mesmo — saudou-o com exultação. Lançando a toalha de lado, ele a tomou nos braços, devorando sua boca com uma fome há muito tempo negada. Sua voz interna, para todos os intentos e propósitos, foi silenciada tão firmemente quanto ele próprio estava destinado a um mundo sem voz.

Ele não se desapontou. Gabrielle respondeu tão de modo selvagem quanto ela sempre fazia, aquecendo o sangue que já estava inflamado pelo conhecimento de que desta vez não haveria retorno nem interrupções. Alexandre sabia que hoje não recuaria dela até que explorasse cada polegada de sua carne sedosa e despejasse sua semente profundamente dentro dela.

Em alguma porção ainda coerente de seu cérebro, Alexandre esperava que sua obsessão por ela pudesse ser curada por este dia de trabalho, embora outra parte dele, mais ciente, duvidava disto. Existia sempre a possibilidade que, tendo uma vez saboreado sua doçura, ele não poderia ser capaz de deixá-la ir.

Mas agora Alexandre não se importava. Ele sabia apenas que ele nunca quis uma mulher com tanta urgência em sua vida e ela estava em seus braços, bonita e apaixonada, incitando-o com barulhos suaves em sua garganta. Bom Deus, se ele ao menos pudesse respondê-la.

Desavisada dos sons ela estava fazendo, Gabrielle agarrou Alexandre, suas mãos prendendo os músculos firmes de seus braços enquanto ele a beijava ferozmente, suas línguas aprofundando-se e saboreando-se até que ela estava ofegante. Ela pôs os braços ao redor de seu pescoço, excitada pelo calor de sua pele, e deslizou seus dedos por seus ombros lisos. Ele parecia tão bom, tão deliciosamente bom, que Gabrielle pensou certamente desmaiaria. Em vez disso, um suspiro suave escapou de sua boca, fazendo com que Alexandre a abraçasse mais apertadamente e ela pôde sentir sua dureza.

Embora ele não fizesse nenhum som, Gabrielle podia ouvir sua respiração, rápida e entrecortada contra sua orelha enquanto seus lábios, úmidos e quentes, se moviam junto ao seu pescoço. Gabrielle soube instintivamente que não existiria diminuição da velocidade ou cessação nesta hora e ela estava eufórica. Ela pôs as mãos em seu rosto e arrastou a boca dele de volta atrás a sua, deleitando-se no fogo selvagem que divagava entre eles e celebrando este momento de nenhum retorno.

Quando boca de Alexandre deixou sua para depositar beijos aquecidos junto sua garganta, ela deslizou suas mãos pelos músculos ao longo de seu tórax, sentindo-os curvarem-se sob seu toque. Ela alargou seus dedos através da expansão dura, ouvindo o influxo rápido de sua respiração enquanto as pontas dos dedos se postaram em seus mamilos. Quando ela achou a cicatriz que marcava seu ferimento recente, Gabrielle suavemente traçou o contorno e recuou para vê-la. A esta se juntavam outras marcas de ferimentos antigos, mas ela sabia que uma dúzia de cicatrizes não poderia arruinar Alexandre.

- Você é tão bonito. - ela sussurrou trêmula, seus dedos pousando em sua cintura.

Ele pegou uma das mãos e levantou-a até sua boca, pressionando seus lábios firmemente na palma enquanto seus olhares se cruzavam. Os olhos verdes do Alexandre estavam ardendo com tal paixão e calor e tal promessa de aventura que Gabrielle sufocou um soluço de contentamento. Ele alcançou os ombros de Gabrielle enquanto ela observava, desfez o capote e deixou-o cair no chão. Seu vestido seguiu, de forma que ela permaneceu diante dele apenas em chemise e meias.

Então, em um movimento rápido, Alexandre a ergueu, embalou-a em seus braços e a levou para a cama. Ele a deitou suavemente entre os cobertores e sentou ao lado dela para despir suas meias. Seus dedos, leves contra os músculos de suas pernas, enviavam-lhe calafrios pela espinha, e Gabrielle prendeu a respiração. Oh, Deus, o que ela estava fazendo?, ela se perguntou aturdida quando ele se levantou, mas observou com admiração enquanto ele tirava as calças.

Alexandre era alto e musculoso, como ela conhecia bem, e sua pele cintilava na luz escura de quarto. Gabrielle nunca viu tanto músculo em sua vida. Ele era como um deus dourado, todo liso e rijo, seu tórax maciço se afunilando em um estômago plano e então para sua virilha... Gabrielle pensou que Thérèse seguramente devia estar certa sobre o que se passava entre homens e mulheres e ela sentiu uma rápida apreensão pelo tamanho dele.

Apreensão que sumiu assim que ela deu uma olhada em seu rosto. Era Alexandre e instintivamente ela soube que ele não a machucaria. Ele sempre fora um amante feroz, mas nunca nocivo. Amante. Oh, mas ela gostava desse som disto, Gabrielle pensou com um sorriso lento.

Alexandre volveu para encará-la, como se a desafiasse a mudar de idéia, mas Gabrielle não podia - não iria. Vendo aquele corpo magnífico, ela não queria mais nada além de tocá-lo, deslizar seus dedos pela pele dourada. O que quer que houvesse pela frente ela queria abraçar o desconhecido completamente, alcançá-lo e agarrar esta nova e intoxicante experiência com ambas as mãos. E ela queria começar agora. Sentando-se, Gabrielle tomou sua chemise e deslizou-a acima de sua cabeça. Com seus olhos nos olhos de Alexandre, ela a lançou de lado como um trapo inútil.

Gabrielle o viu prender o fôlego e ela o achou então, como uma vez antes, parecido com um gato, pois ele praticamente pulou para a cama, debruçando-se para tomar sua boca com uma paixão tão feroz que ela logo estava perdida no fRenési ardente que só ele podia acender.

Ela aninhou-se entre as cobertas e ele se debruçou sobre dela, com o peso nos cotovelos. Querendo -o mais perto, Gabrielle deslizou os braços ao redor de suas costas para persuadi-lo a descer. Alexandre concordou e ela sentiu o arfar de seu tórax contra seus mamilos e sua dureza contra ela enquanto seus corpos faziam contato.

O sentimento era tão glorioso que lhe tirou o fôlego e Gabrielle ofegou contra seus lábios, arqueando em direção a ele enquanto ela percorria suas costas com as mãos, sobre as firmes saliências de músculo, até as curvas abaixo. Então ela escutou-o expirar asperamente contra sua boca antes de tomar seus lábios novamente em um beijo selvagem e rolá-la entre as cobertas.

Gabrielle achou se deitando sobre o corpo desnudo de Alexandre, fechada em um abraço aquecido. Seus seios empurravam o tórax dele enquanto suas mãos exploravam suas costas e suas línguas se encontravam em um ritmo primitivo. Novas sensações se sucediam por seu corpo em uma subjugação selvagem e ela retorceu-se contra ele, depositando beijos apaixonados em sua boca e junto a seu pescoço e até o ombro. Quando ela mordiscou seus músculos gentilmente, ela foi rolada para debaixo dele novamente e eles se moveram, de um lado para outro, repetidas vezes, lutando o tempo todo para estarem mais próximos um do outro enquanto suas respirações entrecortadas se entrelaçavam e suas mãos deslizavam sobre a pele ardente.

Quando Alexandre finalmente rompeu o beijo, foi apenas incendiar totalmente um caminho para seu ombro e sobre seus seios, sua língua serpenteando ao longo das curvas de modo audacioso que fizeram-na arquear contra ele. A língua que era inútil para falar era bastante eloqüente nisto, o idioma de amor, que Gabrielle podia apenas vislumbrar em maravilhosa vertigem. Sua língua movia-se junto à sua carne, saboreando-a e acariciando-a, até que Gabrielle estava gemendo suavemente. Ela queria chorar do puro prazer que ele dava quando seus lábios se fecharam sobre seus mamilos e ela se estorceu sob ele, enquanto suas mãos deslizavam debaixo dela.

Então sua boca se moveu para baixo para depositar beijos úmidos e quentes contra seu estômago, e Gabrielle começou a sentir como se a metade inferior de seu corpo estivesse em chamas. O que quer que ele estivesse fazendo, não era o suficiente. Ou era demais? Gabrielle soube apenas que ela precisava que ele desesperadamente fizesse algo. Seus dedos se enroscaram no cabelo dele e deslizaram sobre seus ombros enquanto ela se impelia contra ele impacientemente.

Como se em resposta a sua persuasão, Alexandre separou suas coxas e sua boca viajou mais baixo ainda, para local secreto entre elas. "Bom Deus, Thérèse não disse nada sobre isto", Gabrielle pensou de modo selvagem enquanto ele beijava o recôndito do seu ser, mandando-a quase para fora da cama em resposta. Ela agarrou seus cachos escuros enquanto sua língua astuta serpenteava dentro dela e se movia contra ela de maneira que a fez enterrar suas unhas nos lençóis e gritar.

Ela estava sendo levada para longe, mais alto e mais alto que pensou que fugiria da Terra, então ela fugiu, agitada por uma onda de prazer tão intensa que ela sentiu como se gritasse. Em vez disso, ela mordeu o lábio enquanto impelia contra ele e desaparecia no esquecimento.

Gabrielle retornou à Terra com o trespassar de uma dor penetrante através dela. Ela teria gritado então, mas a boca de Alexandre achou sua e deteve seus gritos. Ele a beijou até que ela ficasse ofegante novamente e então ele beijou as lágrimas que derramavam de seus olhos, e suas mãos grandes, ásperas e calejadas, mas tenras contra sua carne, acariciaram seu corpo enquanto ele se movia dentro dela.

Alexandre secou suas lágrimas, moderando sua própria paixão com o melhor que ele podia, e amaldiçoou seu sexto sentido por desertá-lo. Como ele podia ter arrebatado a virgindade desta criatura jovem e vivaz sem sequer supeitar? Ele culpou

sua própria luxúria e a resposta selvagem dela. Sim, ela sempre pareceu inocente e a princípio ele acreditou que não era experiente, mas ela era tão apaixonada que ele decidiu que ela era experiente, especialmente depois que ele achou que ela era amante de Morineau...

Ela não era amante de Morineau. O pensamento atingiu Alexandre com tal força que ele parou. Nem de René, tampouco. Ela não era amante de ninguém. Gabrielle era apenas sua, Alexandre reconheceu com um exultar primitivo e o pensamento incendiava sua região lombar, banindo sua contenção e mandando ele embalá-la com uma possessividade feroz.

- Alexandre. - Gabrielle ofegou enquanto crescia contra ele. Ela abriu os olhos maravilhada às novas poderosas sensações que ameaçavam-na arrebatá-la para longe. Acima dela, Alexandre estava mudo, como sempre, mas sua respiração se transformou em suspiros entrecortados e seus olhos... Gabrielle procurou seus olhos fascinada, pois de repente ela os viu abertos. Os portais verdes para sua alma eram fundos, mais profundamente longínquos do que ela jamais suspeitara e eles estavam cheios de mistério e sabedoria e paixão e sentimento — sentimento por dela.

Enquanto ela contemplava seu rosto, Gabrielle de repente foi tão subjugada pela emoção que as lágrimas irromperam em seus olhos novamente, mas estas eram lágrimas de alegria, pois ela percebia naquele momento o quanto ela amava o homem que se agigantava acima dela e nada mais importava. Ela levantou sua cabeça para beijá-lo, tomando seus lábios e então pressionando a boca contra sua bochecha e sua garganta.

Suas mãos vagaram ao longo da pele lisa de suas costas e até a carne tensa abaixo antes que as estocadas de seu corpo fizessem-na se perder novamente. E então, vencida pelo desejo, ela podia apenas enterrar os dedos em seus músculos e ofegar, enquanto ele se movia dentro dela, consolidando o prazer até que fosse quase insuportável. Quando ele alcançou um zênite, ela voou alto novamente, flutuando em uma onda de prazer enquanto Alexandre se derramava dentro dela.



O teto era desconhecido, fazendo Gabrielle fechar seus olhos contra isto e ela estava fria, percebeu vagamente percebeu. Fria e quente, ela emendou, pois seus braços e uma perna descoberta estavam gelados pelo ar que atingia sua carne desnuda, enquanto o resto de si, enrolado debaixo de cobertores mornos, era confortavelmente aquecido. Despida? Onde estava sua camisola? Ela pensou cambaleante. Então o cheiro de Alexandre se impulsionou para fora das roupas de cama e ela sorriu.

Gabrielle rolou de lado para olhar para ele. Ele estava sentando à mesa, comendo algum pão e queijo, e de repente ela foi tomada pela fome. Ela percebeu que não comera nada desde cedo esta manhã e até agora a luz desaparecera das fendas no edifício, e somente o fogo minúsculo na grelha iluminava o quarto.

Gabrielle se embrulhou em um cobertor e levantou. Alexandre imediatamente olhou para ela e ela sorriu. Caminhando para ele, ela ficou de pé atrás dele e deslizou as mãos até seus ombros, inclinando-se para pressionar um beijo atrás de sua orelha.

- Você precisa de um corte de cabelo. - ela sussurrou enquanto seus dedos se enroscavam nos caracóis longos e escuros que caíam como uma juba em seus ombros. Ela depositou um beijo em seu cabelo então, surpreendida pela aguda onda de desejo que se arremessou através de si. Ela quase esqueceu a comida. Quase.

- Eu posso pegar um pouco? - ela perguntou sentando-se em um fardo de feno ao lado dele. Ele movimentou a cabeça enquanto entregava um prato e Gabrielle viu que ele recolocou suas calças. Entretanto, a luz do fogo batia em seu tórax e em seus braços

musculosos, fazendo-s parecerem perturbadores. Gabrielle engoliu algum queijo. Realmente, teria que se controlar se ela planejava terminar a comida, ela pensou vertiginosamente e experimentou voltar seus pensamentos para qualquer outra coisa.

Ela comeu em silêncio por um momento, sua mente repleta de Alexandre, e então a pergunta que a assombrava retornou subitamente.

- O que você estava fazendo na igreja? - ela perguntou, encarando-o especulativamente.

Alexandre tomou uma mordida de pão e olhou para ela em silêncio, suas feições inescrutáveis do jeito que normalmente a enfurecia. Gabrielle estava se sentindo maravilhosamente bem para deixar que a entediasse, contudo, e ela simplesmente o fitou serenamente. Finalmente, sua mão deslizou através da mesa para o giz e ele escreveu. Ela esticou a cabeça para ler suas palavras na obscuridade.

"Preocupado. Segui você."

- Você estava preocupado comigo esta manhã, então você me seguiu? - Gabrielle perguntou, inundada pela ternura. Ele assentiu com a cabeça. Seus olhos estavam nas sombras, cobertos novamente, mas ela sabia o que estava atrás deles e ela sorriu.

- Obrigada. - ela disse, sua voz carregada de emoção - Obrigada por salvar minha vida.

Ele encolheu seus ombros fortes como se não fosse nada e apagava os rastros de giz. Então ele começou a escrever novamente.

"Por que você estava lá?" As palavras, simples e brancas, a encaravam e Gabrielle olhava fixamente de volta.

Tão preocupada ela estivera com a aparição fortuita de Alexandre, que nem sequer pensou em qualquer explicação para sua própria. Percebeu de repente ele devia ter perecido totalmente estranha, fazendo correndo em círculos a manhã inteira apenas para entrar sorrateiramente em uma igreja obscura em outra parte da cidade. Ela mordeu o lábio.

- Eu deveria encontrar alguém lá, um amigo da minha família, mas eu temo que ele deva estar em apuros, pois o soldado veio logo depois que ele partiu. - Gabrielle olhou para o prato, sentindo uma pontada de culpa por mentir para esse homem a quem ela se entregara, para quem ela daria o mundo. Ela ainda não podia soltar-lhe a verdade, pois ela não tinha nenhum direito de divulgar os segredos de René. E seu pai? Ela podia contar a Alexandre sobre seu pai, mas... não ainda. Não agora, ela pensou firmemente enquanto segurava seu jantar. Este lugar era o refúgio dos seus problemas, e, egoisticamente, ela não se importava em trazê-los aqui.

Eles comeram em silêncio, mas uma quietude cálida e aconchegante. Embora Gabrielle soubesse que ele gostava de ouvi-la falar, as palavras pareciam fora de lugar neste quarto, então ela não disse mais. Ela pôs uma mão em seu cobertor, que continuava querendo deslizar, e lembrou de tudo que passou entre eles. As memórias fizeram-na engolir e ela finalmente deu uma olhadela em seu amante. Terminada sua refeição, Alexandre se reclinou na cadeira e lhe enviava um sorriso de parar o coração, de derreter as entranhas.

Alexandre não estava ciente do sorriso lento que lhe veio aos lábios; ele sabia apenas que tinha a sensação mais absurda da liberdade. Ele não percebia o quanto era vítima de sua própria vida, tomando seu preço nos últimos anos passados até que ele achou seu recesso com a beleza loiro-morango diante de si.

Seus cachos caíam nas costas em uma massa emaranhada que fizeram-no correr seus dedos pelos dela vagarosamente e isso naturalmente guiou seus pensamentos para outras partes de seu corpo esbelto, mas elesabia que devia diminuir a velocidade. Ela

poderia muito bem estar dolorida ou não muito ansiosa para voltar para debaixo das cobertas.

Gabrielle não parecia tímida, porém. Ela embrulhou o cobertor ao seu redor de modo casual e sustentou os pés em sua cadeira de forma que os dedões de seus delicados pés tocavam sua perna. Ele ficava surpreso que não houvesse nenhum constrangimento entre eles, mas ela parecia se sentir totalmente à vontade, e ele, bem, Deus sabia que ele se sentia como um pássaro enjaulado que tinha sido solto. Liberdade, conforto, prazer... esses intangíveis, ele não conhecera por muito tempo e ele se embebeu deles como uma esponja.

Ele fechou a porta firmemente de sua voz interna para este interlúdio e enfocou todos os seus sentidos na menina à sua frente, que era um verdadeiro banquete para os sentidos! Alexandre nunca conhecera tal paixão ingênua e reconheceu que era algo pelo qual ele não se importava em renunciar nem por todas as advertências na cristandade. Ela não era nenhuma moça de taverna ou dama ordinária da corte, mas era de uma inocência refrescante capaz de responder com uma paixão equiparada a sua própria. E ela era sua. Alexandre sobressaltava-se pela onda primitiva de possessividade que o inundava, pois ele se achava um homem do mundo!

Ele despertou de seus pensamentos pelo cutucão de seus dedões do pé gentilmente roçando em suas calças. Ela lhe sorriu provocando e Alexandre foi subitamente atingido pela total confiança que ela lhe tinha. Ela não parecia reservada ou arrependida, nem o pressionou sobre suas intenções. Gabrielle parecia totalmente confortável com o que aconteceu entre eles, que ele achou um pouco surpreendente, considerando seu estado virginal.

Mas ela era uma mulher forte que acreditou em perseguir o que ela procurava, Alexandre sabia disso. E ela o quis, ele sabia disto também, ele percebeu com um sorriso. Aparentemente Gabrielle estava tão segura de si mesma e tão segura dele que ela simplesmente desfrutava-se para a saciedade mais completa. Ele gostava disso. Ele gostava muito disso.

Era tarde e ele devia mandá-la embora, pois ele tinha outros negócios mais sérios que precisavam de sua atenção. Ele suspirou pesarosamente e sentou na cadeira, se preparando para se despedir dela até que Gabrielle se inclinou em sua direção e agarrou seu cabelo, puxando-o para mais perto para que ela roubasse um beijo.

Era morno e doce, mas logo ambos foram pegos em algo mais. Gabrielle começou a mover sua língua mais habilmente e, quando Alexandre a puxou sobre seu colo, o cobertor que estava ao redor dela deslizou pelas curvas sedosas enquanto ela se estreitava corajosamente contra seu tórax e, com outro suspiro, este de prazer puro, Alexandre a içou em seus braços e voltaram para as cobertas. Talvez ele pudesse compartilhar a noite com ela, só por esta vez.



Que dia — e noite — tinha sido, Gabrielle meditou sonhadoramente enquanto ela se aconchegava em Alexandre de vez em quando no frio que precedia o amanhecer. Ela nunca imaginara que aquela vida podia encerrar tal generosidade surpreendente, e pensar que ela simplesmente a encontrou inesperadamente sem realmente procurar. Ocupada com tantas outras preocupações e obrigações, ela ainda conseguira se dividir sobre Alexandre como um diamante no inculto. Sim, essa era uma descrição hábil, ela pensou com um sorriso. Alexandre era seu diamante, sua muda gema brilhante, achado aqui em seu cantinho de Paris.

Gabrielle esfregou sua bochecha contra o tórax de Alexandre e observou a luz se infiltrar por algumas fendas do velho edifício. Ela realmente devia ir. Logo amanheceria e Gabrielle sabia que ela devia de alguma maneira se mover furtivamente de volta para seu próprio quarto antes de François começar a seu trabalho.

Embora ela estivesse suficientemente feliz para gritar seu amor pelos telhados de Paris, ela sabia que não podia. Para um lado, Alexandre não aprovaria e por outro... Bem, ela tinha bastante juízo suficiente para não ostentar propositalmente algo que ela sabia que era contrário a sua educação - e sua religião. A esse pensamento, Gabrielle se sentou, abraçou os joelhos contra ela e fez uma oração rápida de arrependimento.

Ela sabia que não devia estar na cama com um homem que não era seu marido, mas... Gabrielle atirou um rápido olhar para as belas feições ao lado dela, relaxadas no sono, e mordeu o lábio. Alexandre nunca se casaria com ela; ela sabia disso com uma certeza profunda. Ela tentou encolher os ombros à pontada de rejeição com sua própria negação. Como ela podia casar com ele? Oh, mas o menor pensamento era absurdo! Ela não podia vacilar de sua meta para livrar seu pai e então quem saberia quando ou onde eles iriam? Presumivelmente, seu futuro residia longe de onde Alexandre vivia e trabalhava.

- Eu devo ir. - Gabrielle disse suavemente a si mesma e, como se ele estivesse apenas fingindo repousar, Alexandre abriu os olhos imediatamente. Ele sorriu devagar e ergueu uma mecha de cabelo de seu ombro. Embora não houvesse nenhuma palavra entre eles, ele lhe disse bom dia puxando sua cabeça para um beijo e revolvendo seus cachos com os dedos.

Gabrielle esqueceu de tudo mais. Seus lábios, mornos e úmidos, se aplicavam na mágica consumada e ela poderia facilmente ter deslizado para as cobertas para mais, mas Alexandre a empurrou. Seus olhos exprimiam remorso enquanto ele gesticulava em direção à luz cinza que infiltrava de fora e Gabrielle suspirou suavemente em resposta. O dia estava vindo; ela sabia que tinha que ir. Ela se ergueu da cama e lançou-lhe um último olhar lascivo, certa de que não havia nada mais confortável — ou convidativo.

Quaisquer pensamentos de demora foram afugentados quando Alexandre se sentou e deu-lhe um golpe gentil nas nádegas.

- Eu espero que isso seja uma forma de estima. - Gabrielle disse, olhando desconfiadamente seu amante - A última vez que você fez isso eu fui bastante insultada, eu espero que você saiba. - ela notou.

Alexandre não parecia nem um pouco arrependido por suas palavras. Ele sentava na ponta da cama, um cobertor emaranhado ao seu redor e, quando ela falou, ele riu silenciosamente, seu sorriso criando pequenas rugas nos cantos de seus olhos.

Observando-o, Gabrielle não ansiava nada além de se lançar em seus braços novamente. "Amo você", ela de súbito pensou e prendeu o fôlego, temendo por um momento que tivesse falado em voz alta. Falara? Não, ela tinha certeza que não, já um pouco enfraquecida pelo sorriso de Alexandre e ele empertigou a cabeça ligeiramente para fitá-la mais de perto. Gabrielle voltou depressa para evitar seu olhar. Às vezes o homem via um pouco claramente demais e, para o momento, ela queria manter esta resplandecente nova emoção para si mesma.

Era tão natural, Gabrielle decidiu enquanto ela vestia suas roupas. Gradualmente ela se deu conta que gostava de Alexandre muito mais do que pensava e, depois de ontem à noite, como ele não poderia amá-lo? O pensamento a fez sorrir e ela lhe deu uma olhadela ele vestia as calças. Mas e Alexandre? Seus sentimentos por ela permaneciam um mistério, como tanto sobre ele, e Gabrielle mordeu o lábio, de repente atingida com o pânico de que ele a rejeitaria novamente.

- Hoje à noite? - ela perguntou, sua voz soando alta e súbita no quarto minúsculo. Envergonhada de sua própria coragem, Gabrielle olhou para baixo, com medo de ver sua resposta, mas finalmente ela se forçou a olhar para ele. Afortunadamente, Alexandre não objetou, mas assentiu com a cabeça e sorriu abertamente para ela, mostrando seus dentes brancos como raramente fazia. Seus joelhos ficaram fracos. Então ele a enlaçou para dar um beijo rápido e a instigou porta a fora antes que ela pudesse hesitar um momento mais longo.

Enquanto deslizava pelo pátio tranqüilo, Gabrielle o ouviu se movendo pelos estábulos e seu coração ficou mais leve com seu recém-descoberto amor. Seguramente ela voaria para a pousada, pois seus pés dificilmente pareciam tocar o chão.

CAPÍTULO 14

A cozinha estava deserta. Gabrielle suspirou de alívio enquanto descia os degraus. Embora ela destrancasse a porta tão silenciosamente quanto possível, viu Thérèse mexer na cama como se acordada pela intrusão. Gabrielle pôs um precioso tronco nas brasas e esfregou suas mãos para aquecê-las. O quarto de porão parecia frio e úmido depois de passar a noite embrulhada em um abraço aquecido.

- Gabrielle? - ao som da voz de Thérèse, Gabrielle ficou de repente agitada. O brilho suave do fogo a revelaria aos olhos de sua amiga? Gabrielle sabia que não parecia culpada, pois ela não lamentava a noite mais maravilhosa de sua vida. Mesmo assim, ela poderia parecer diferente de alguma maneira, pois ela se sentia diferente. Ela se sentia deliciada.

- Bom dia. - Gabrielle disse, tentando manter a voz firme enquanto retirava o capote. Sua felicidade ameaçava transbordar como muitas bolhas de sabão enquanto ela nervosamente buscava contê-la. Ela relanceou um rápido olhar para Thérèse, que estava sentando na cama olhando Gabrielle, sonolenta. Então ela se virou para pôr um balde de água do dia anterior junto ao fogo para aquecer, de forma que ela poderia se lavar novamente. Sentindo tão estonteada quanto podia, Gabrielle decidiu que era melhor não deixar Thérèse olhar muito para ela, se ela pudesse evitar isto.

Ela não podia.

- Gabrielle. - a voz de Thérèse possuía uma lâmina afiada - Você esteve fora a noite toda? Onde você estava?

- Oh, eu estava apenas cuidando de alguns assuntos de ontem. - Gabrielle disse.

- Que tipo de assuntos? - Thérèse suspeitosamente perguntou.

- Oh, algumas complicações que surgiram inesperadamente. - Gabrielle disse, sabendo perfeitamente bem que ela estava gaguejando incoerentemente. Como ela poderia mentir sem realmente mentir?

- Gabrielle. - o tom de Thérèse era inflexível - O que se passa com você? Olhe para mim.

Gabrielle se voltou para dirigir um sorriso confiante para sua amiga, mas aparentemente ela falhou miseravelmente porque Thérèse empalideceu na luz escura.

- Oh, Gabrielle, o que você fez?

"Então era evidente".

- Eu não pude evitar, Thérèse! - Gabrielle disse defensivamente - Eu o amo.

- Você o ama? - a voz de Thérèse aumentou o tom - Ama quem? Aquele... aquele cavaliário? Oh, Gabrielle, você não quer dizer que se entregou para aquela criatura que não pode falar? - Thérèse estava espantada.

- Ele é um homem quente, maravilhoso, bonito e atencioso... e apaixonado. - Gabrielle respondeu, levantando o queixo desafiadoramente.

- Eu quero só ver. - Thérèse secamente disse. Ela franziu a testa e balançou a cabeça, mas não disse mais nada durante vários longos minutos. Então ela suspirou fortemente.

- Talvez teria sido melhor para você se você tivesse ido embora. - Thérèse disse em voz baixa - O que fez você voltar? E o que aconteceu com seu pai?

Gabrielle voltou a se acocorar, baixando os ombros.

- Papai. - ela sussurrou - Eu preciso descobrir se ele está bem. - disse, culpada por esquecê-lo por uma noite. Ela respirou fundo e olhou para Thérèse de seu lugar junto ao fogo.

- Oh, tudo deu errado ontem. Foi terrível, Thérèse. Eu fiquei perdida e perdida e, quando finalmente achei o lugar, René disse que a tentativa de resgate foi adiada.

Thérèse bufou.

- Se é que existia uma tentativa de resgate.

Gabrielle ignorou o sarcasmo.

- E então os soldados vieram. - continuou.

- Soldados? - Thérèse perguntou e Gabrielle viu o desdém deixar seu rosto - para ser substituído por alarme.

- Sim, Thérèse, soldados. - Gabrielle repetiu, olhando diretamente para sua amiga - Se não fosse por aquela criatura, como você o chama, eu estaria morta agora mesmo.

- O cavaliço? O que ele tem a ver com isso? - Thérèse perguntou.

- Eu estava encurralada por dois dos soldados, - Gabrielle disse. Ela parou, estremecendo à lembrança - E Alexandre me salvou.

- O mudo? O que diabos ele estava fazendo lá? - Thérèse perguntou.

- Ele estava preocupado comigo, então me seguiu desde o pátio. - Gabrielle explicou.

As sobrancelhas de Thérèse se juntaram e ela olhou Gabrielle enigmaticamente.

- Espere um momento, Gabrielle. Você está me dizendo que esse sujeito estava no lugar onde você estava para encontrar René?

- Sim, graças a Deus ele veio depois que René partiu.

Thérèse agitou sua cabeça, confusa.

- Mas se ele estava com você, por que ele não mostrou a você o caminho para lá?

- Ele não estava comigo, - Gabrielle respondeu - ele estava me seguindo. Eu nem sequer sabia que ele estava lá até que ele apareceu atrás dos soldados.

As belas feições de Thérèse se crisparam para olhar Gabrielle astutamente.

- Justamente na hora certa, também, eu imagino. Pela causa do céu, Gabrielle! - ela ridicularizou - Isto é muito conveniente, não é? Como você sabe que ele não estava lá por outras razões completamente diferentes? Talvez ele estivesse em associação com os soldados. Talvez ele fosse um daqueles que frustraram o plano para salvar seu pai e, quando ele viu que você estava na igreja... - Thérèse abanou a mão no ar - decidiu entrar.

Gabrielle estava intimidada.

- Isso é absurdo, Thérèse. Não pode ser verdade porque... - ela começou, mas fechou a boca à explicação. Gabrielle sabia que Alexandre matou aqueles dois soldados, algo que dificilmente faria se fossem seus confrades. Sim, ela sabia isso, mas não podia dizer a Thérèse. Gabrielle não podia implicá-lo naqueles assassinatos, então ela mordeu lábio e não disse nada.

Thérèse pareceu repugnada.

- É como eu suspeitava. Pense nisso, Gabrielle. - ela persuadiu - É muita coincidência ele aparecer na igreja apenas no momento certo. Você não me disse que se perdeu várias vezes? Como ele poderia seguir você? E, se ele seguiu, por que então ele não ofereceu ajuda se estava tão preocupado com você?

Ela parou e meneou a cabeça novamente quando Gabrielle não respondeu.

- Se ele seguia você, provavelmente estava espionando-a. Esta é a explicação mais provável. - Thérèse disse, obviamente acalorada pelo assunto - Ele é um espião da república e provavelmente é a pessoa que chamou os soldados.

Gabrielle olhou para o chão, repentinamente insegura. Existiam algumas esquisitices sobre a tarde. Se Alexandre a seguira, então o que diabos ele fazia enquanto

ela estava dentro da igreja contando os minutos antes de René aparecer? Ele se sentou do lado de fora esperando pacientemente entre as árvores ou ele contactou os soldados?

Não, isso era ridículo! Ele não os chamaria somente para matá-los. Gabrielle meneou a cabeça como se para lançar fora o pensamento, então ela franziu o cenho para Thérèse, irritada por que sua amiga pudesse duvidar de Alexandre. Exasperada, ela finalmente reagiu.

- Oh, Thérèse, você não acredita em ninguém! Primeiro você fez de René o vilão, agora é Alexandre. Você se tornou amarga, Thérèse, amarga e fria. - Gabrielle disse.

- Amarga? Imagino que eu seja amarga. - Thérèse respondeu, afastando seu cabelo loiro-pálido dos olhos - Amarga por esses momentos pelos quais eu devo viver. Amarga porque eu tive que deixar meu trabalho bom, confortável no *château* para mourejar na pousada do meu tio da manhã até a noite. E eu ainda devo me preocupar sobre o quanto pôr de madeira na lareira, enquanto você... você confia em completos estranho, nos colocando em perigo a cada turno e se entrega a um cavaliço mudo que jogará você de lado pela próxima coisinha bonita que ele vir.

Thérèse franziu os lábios como se ralhasse com uma criança desobediente.

- Você sempre tem estado despreocupada, mas como você pôde fazer isso? O que vai acontecer se você ficar grávida? Como você se sustentará a si mesma e um bebê?

Um bebê. Gabrielle ergueu sua cabeça às palavras, mas ela não sentiu nenhuma ameaça, só um brilho morno que se espalhou por ela até que ela sentiu um nó na garganta. Oh, mas segurar um bebê em seus braços! Isso nunca passou por sua mente, mas agora que tinha, pareceu tão natural. Um bebê de Alexandre.

- Mas talvez você não tenha que se preocupar sobre isto. - Thérèse disse causticamente - Se ele for um espião da república, então estará apenas tendo um pouco de prazer antes de nos denunciar a todos. - Ela suspirou resignadamente e levantou - Se eu tivesse energia suficiente, iria para fazenda do meu irmão, mas coisas sem dúvida são piores lá, então agora eu devo ir trabalhar. Seria melhor você também ir — se ainda tiver um trabalho depois de não ir ontem.

Gabrielle voltou a se acocorar por um momento, atordoada pela explosão de Thérèse. Ela podia entender a infelicidade de sua amiga. Era verdade que Thérèse trabalhava muito e duro na pousada, mas ela seguramente podia pedir a seu tio para aliviar a carga. Era muito distante do *château* e Gabrielle também sentia falta de sua antiga vida. Às vezes ela podia chorar por um banho quente e perfumado em uma das muitas tinas de metal do castelo, mas em vez disso ela olhava para o futuro, pois sabia que viriam melhores dias adiante.

Simplesmente não era da natureza de Gabrielle se sentar empertigada e observar mundo passar e se preocupar, como Thérèse parecia fazer. Talvez ela fosse imprudente, mas até onde estava preocupada era melhor agarrar o risco — e o prazer — com ambas as mãos. Olhe para o que a noite a trouxe! Ela pegou a chance em Alexandre e fora glorioso.

Gabrielle ergueu o queixo desafiadoramente à medida que ela se lavava. Ela não desistiria de Alexandre, fosse o que fosse, não importava quantas coisas terríveis Thérèse dissesse sobre ele. Ele era a melhor coisa que já aconteceu a ela, a maior experiência em sua vida, e ela renunciaria a todos os banhos perfumados e a todos seus luxos perdidos por uma noite em seus braços.

Gabrielle se ergueu e olhou as costas de sua amiga. Talvez se Thérèse achasse algum rapaz, então talvez ele pudesse expulsar as preocupações dela também.

- Eu não suponho que você gostaria de me dizer o que está fazendo? - Bertrand pediu a Alexandre enquanto os dois preparavam um coche privado para um dos hóspedes. Alexandre o encarou estupidamente, mas Bertrand fechou a cara.

- O que você vai fazer com ela? - Bertrand perguntou novamente, aparentemente aterrado pela frieza do homem mais jovem. Alexandre sacudiu a cabeça às palavras e enviou a Bertrand um olhar de advertência, mas o homem mais velho continuou.

- Isto não parece você, meu menino, e isso me deixa um pouco preocupado. - Alexandre lentamente olhou para longe, mas Bertrand ainda não desistiria. Seu rosto se enrugou em uma carranca enquanto ele falava novamente.

- Preocupado por você e pelo resto de nós, menos por minha própria pele, eu lembrarei a você. - ele notou com um pesado ofegar - Não é sobre uma moça de taverna que estamos falando aqui. Eu suponho que você perceba o que ela podia estar fazendo.

"Montando uma armadilha". Alexandre lançou um olhar fulminante para Bertrand enquanto a pergunta era respondida silenciosamente. Droga, claro que ele sabia que Gabrielle poderia estar montando uma armadilha para ele. Por quem o velho o tomava, por um imbecil? Um deslize e ele seria um homem morto. Ele sabia disso perfeitamente e não precisava que Bertrand o recordasse. Alexandre apertou tanto o equipamento que o cavalo empacou.

- Certo. Não arranque minha cabeça. - Bertrand rosnou - Eu estou só perguntando o que você vai fazer com ela.

Alexandre deu as costas para as palavras do homem, uma das vantagens de sua vida de silêncio, e andou a passos largos de volta aos estábulos. Do lado de dentro, mais confortável entre as sombras, ele cruzou os braços e se reclinou contra um poste enquanto tentava se tranquilizar. Ele não podia culpar Bertrand; o velho homem tinha um direito de se preocupar. Deus sabia que ele colocara sua vida na linha, também.

Mas, droga, Alexandre não precisava de outros metendo o nariz em seu problema pessoal — e que problema ela era! Gabrielle era uma anomalia em sua vida, ele estava bem ciente disso. Ele era tão previsível, sempre planejando tudo até o último detalhe — exceto Gabrielle.

Não só seu aparecimento em sua existência ordenada trouxera o imprevisto, como ela era uma parte de seu mundo agora e ele não formulava nenhuma estratégia para o futuro. Ele não tinha idéia de como responder às perguntas de Bertrand e isso era uma das coisas que o enfurecia. Ele estava acostumado a ter as respostas e com Gabrielle... Bem, ele não tinha certeza nem de quais eram as perguntas. Ele sorriu devagar ao pensar nela, saboreando sua vista no seu olho da mente e uma resposta se apresentou. Seu sorriso se expandiu em um sorriso largo enquanto ele pensava nisso. O que ele iria fazer com ela? Por Deus, ele iria desfrutá-la.



Gabrielle encerrou extática e abandonada o dia todo à medida que ela trabalhava. O pensamento de Alexandre fazia seu coração se acelerar e ela contava os minutos até que estivesse com ele. A preocupação por seu pai ainda submergia seu espírito. Ela não sabia como ajudá-lo e não gostava de se sentir impotente. Com a fuga de René, ela perdeu contato com qualquer pessoa que ele conhecesse. Ele não deixou nenhuma instrução, nenhuma mensagem para guiá-la em direção a mais ajuda, mas ela não o recriminava. Talvez ele não soubesse sequer se seus camaradas vivessem depois da desastrosa tentativa de fuga.

Gabrielle franziu o cenho, angustiada. Ela podia dificilmente ir à prisão sozinha e Thérèse a advertira contra visitas. Pouco familiarizada como ela era com a cidade ou

com a prisão ou com os métodos do governo, planos complicados de resgate pareciam além de si. O que ela faria? Ela estava prestes a pedir ajuda novamente, mas a quem? Os mesmos rostos apareciam sempre - François , cidadã Caron, Gaspard - só para serem rejeitados em sua mente.

E então havia Alexandre.

Ela podia pedir-lhe ajuda. Ela devia pedir-lhe ajuda. O que podia ser mais natural? Ele era seu amante, seu protetor. Ele salvou sua vida. Por que ele não deveria ajudá-la? Por que, realmente? Gabrielle não podia responder. "Você não confia nele?" Ela quase podia ouvir Thérèse provocando-a com tais palavras. Bem, ela não confiava?

Os pensamentos de Gabrielle giravam em círculos enquanto ela se achava incapaz de recompor seus pensamentos. Ela amava Alexandre, disso tinha certeza, mas não tinha nenhuma pista sobre suas visões políticas. E como ela podia indagar a ele? Ela picou o dedo com um deslize impaciente de sua agulha e mordeu o lábio, frustrada pelos limites à comunicação entre eles. Havia apenas, quando muito, a capacidade de o homem poder rabiscar em uma mesa. Perguntas filosóficas, os direitos do homem ou quaisquer discursos longos seriam, por natureza, unilaterais.

Por tudo que ela sabia, Alexandre poderia ser um revolucionário feroz, saturado de culpa e remorso pela matança dos soldados que resistiam por uma causa na qual ele acreditava. Ainda que ele fosse contra a república, que direito ela tinha de colocá-lo em risco? E se ele a ajudasse e acabasse sendo morto na barganha? Aquele pensamento trespassou seu coração como uma faca.

Que direito ela tinha de pôr qualquer um em perigo por aquele assunto? Gabrielle estava penosamente ciente que ela incitara seu pai à ação e agora ele estava na prisão. Ela implorou que René ajudasse, e o que aconteceu a ele? Ela não tinha noção se ele estava vivo. Gabrielle sentiu sua garganta se obstruir e suprimiu um soluço, pois ela dificilmente podia umedecer com lágrimas o elaborado vestido que ela fazia para a esposa de um membro da Convenção Nacional. Graças a Deus alguém tinha dinheiro naqueles dias para manter sua agulha ocupada.



Gabrielle tentou não parecer impaciente enquanto ela comia sua ceia e ajudava na cozinha, mas cada momento longe de Alexandre parecia uma eternidade. Ela esperou até que Henri pegasse o jantar do cavaleiro, incomodada em sua cadeira como uma aluna enquanto ele se foi e, quando ela viu que o garoto retornava, saiu e escapou pelo pátio.

O estábulo estava escuro e quieto quando ela bateu e, por um momento, Gabrielle teve a noção esquisita de que tudo não passara de um sonho: Alexandre, a paixão entre eles e sua noite selvagem de sexo. Entretanto, a porta se abriu e ela foi arrastada em seu abraço.

Embora entre eles acontecia sem palavras, a boca dele se moveu sobre a sua em uma saudação que não podia ser negada. Seus lábios, úmidos, mornos e exigentes, faziam-na esquecer tudo o mais, mas Gabrielle recuou. Ela estava determinada a descobrir algo mais sobre seu amante, descobrir — pelo menos — se ela devia pedir sua ajuda. Quando ela olhou para ele, ele sorriu, um sorriso gentil que enfraqueceu seus joelhos e Gabrielle sabia que, se devia interrogá-lo, devia fazê-lo logo.

Alexandre tomou seu capote e dobrou-o sobre a cadeira. Ele ofereceu-lhe a cadeira, então. Seus modos bons pareciam tão fora de lugar no quarto minúsculo, com apenas uma cadeira, que ela sorriu. Ela o observou tomar seu próprio lugar em um fardo de feno e se perguntou sobre um homem que podia ser tão cortês com ela aqui, quando

fora, no pátio, ele freqüentemente parecia um bruto aparvalhado. Por quê? Ele era simplesmente tão mutável? Novamente ela lembrou sua aflição e decidiu que talvez ele só estivesse se protegendo do ridículo.

Ele gesticulou para seu jantar, oferecendo a ela uma porção, mas Gabrielle agitou a cabeça.

- Eu já comi, obrigada, mas, por favor, vá em frente antes que esfrie. - ela disse. E talvez, enquanto Alexandre comia, ela pudesse compreender como abordar o assunto que estava pesando tanto em seu coração.

Gabrielle o observou por alguns momentos, absorta no fluxo de seu cabelo espesso e escuro e nas formas cinzeladas dos seus ossos zigomáticos, mas, quando ela percebeu que estava à deriva muito distante de sua missão, tomou fôlego.

- Alexandre? - ela perguntou em voz baixa. Ele movimentou a cabeça e olhou para ela, seus olhos verdes parecendo olhar direto em sua alma. Ela se mexeu nervosamente na cadeira e deu uma olhada para a mesa, então se voltou para ele.

- O que você pensa sobre tudo isso? A revolução, eu quero dizer. - ela adicionou aos tropeções. Gabrielle percebeu que seu coração estava batendo, pois de repente ela estava assustada. O que ela faria se ele desse sua uma resposta que ela não queria ouvir?

Alexandre enrugou a testa enquanto ele alcançava o giz, como se a pergunta propriamente fosse um aborrecimento, e Gabrielle tentou para não parecer muito ávida enquanto ela se debruçava sobre a mesa, prendendo a respiração firmemente, e esperou pelas palavras. Elas vieram bastante depressa.

"Eu não." - ele escreveu.

Gabrielle olhou de volta para ele, perplexo.

- Você não o quê?

"Penso sobre isso", ele escreveu.

Gabrielle voltou a se sentar, surpresa. Todos em Paris pareciam envolvidos muito apaixonadamente na política e ela dificilmente podia crer que Alexandre não tivesse nenhuma opinião. Oh, mas o motim estava ao redor deles, cidadãos sendo levados à guilhotina e a presença opressiva da nova república e seus soldados. Como alguém podia simplesmente ignorar isto?

- Por quê? - ela perguntou.

Alexandre encolheu os ombros e se voltou para seu jantar, como se a pergunta não significasse nada para ele, enquanto Gabrielle, em mutismo, se sentou. Alexandre não era estúpido, ela sabia disso. Ele simplesmente não se importava. Ela afundou na cadeira e mordeu o lábio. "Agora o quê?" Gabrielle estava tão desiludida e desencorajada que sentiu-se à beira das lágrimas. Ela pensou que, como ele ou não, ela investira seu herói com todas as qualidades que ela desejava que ele tivesse, quando na realidade, ele era somente um ser humano.

Gabrielle enrugou a testa e roeu o lábio novamente. Podia sentir os olhos de Alexandre em si, mas ela não queria olhar para ele. Ela devia contar-lhe sobre o pai? "Ele não se importará. Ele não ajudará você". As respostas vieram terrivelmente rápidas e ela notou a pressão estúpida de lágrimas atrás de seus olhos.

Alexandre sentiu o aguilhão afiado da suspeita retirar-se enquanto a observava. Ele sabia mais que responder a tais perguntas, perguntas que podiam levá-lo nitidamente em uma armadilha que tantos suspeitaram que ela estava preparando para ele. Mas ele estava certo de que a angústia de Gabrielle era genuína. O que ele podia fazer a não ser consolá-la?

Gabrielle ficou surpresa ao sentir em sua mão o toque gentil da mão de Alexandre e ela viu alguma preocupação naqueles magníficos olhos verdes. Ele

levantou o giz para escrever novamente e Gabrielle olhou para a mesa a fim de ver a palavra única.

"Por quê?" - ele escreveu e ela podia sentir seu olhar nela.

Gabrielle abriu a boca para dizer. "É meu pai", ela estava prestes a dizer, mas em vez disso formulou outra resposta.

- Nenhum motivo. Não é nada, realmente, apenas uma conversa. - ela disse. Ciente que seu rosto poderia traí-la, Gabrielle levantou-se e caminhou para trás dele, descansando suas mãos naqueles ombros volumosos.

Ele terminou seu jantar e ela beijou seu cabelo, espesso e sedoso, então descansou o queixo sobre sua cabeça, surpreendida na pressa cálida de amar que jorrava em sua garganta. Ela sempre deu tanta importância em se importar pelas causas certas, enquanto Alexandre, aparentemente, podia não se importar por qualquer causa. Mas não havia problema; ela ainda o amava. Gabrielle enlaçou seu pescoço e se pressionou contra ele, fechando os olhos em doce felicidade.

O som do giz fez com que ela abrisse os olhos novamente. Alexandre estava escrevendo e ela se debruçou sobre seu ombro para ver.

"Devo ir para minha mãe por alguns dias." - ele escreveu. Ele a olhou para ter certeza que ela estava lendo e sua decepção deve ter se revelado pois ele rabiscou outra coisa.

"Sexta-feira?" - ele relanceou o olhar para Gabrielle novamente e ela sorriu e assentiu com a cabeça. Então Alexandre esfregou um trapo através da mesa, apagando as palavras, e a puxou para o colo.

Ele a beijou então, com ternura incomum, e logo Gabrielle estava perdida no refúgio que ele lhe dava. Ela não pensou sobre sua política, seu pai ou qualquer outra coisa quando Alexandre apagou o candeeiro e a levou para a cama. Então ela não se importou quem ou o que ele era; sabia apenas que o queria, que precisava dele e que o amava.

Seus corpos se moveram juntos com uma paixão que não podia ser contida e, quando ele finalmente se agigantou sobre ela, Gabrielle não conseguiu mais se conter.

- Eu amo você. - ela sussurrou na noite. Ela o sentiu empurrá-la para trás em surpresa e tentou ler sua resposta no brilho pálido da luz do fogo.

O que ela viu não a fez lamentar suas palavras. Os olhos verdes de Alexandre brilhavam com visível emoção e ele a fitou silenciosamente por um momento que falou mais vigorosamente que palavras. Então os lábios dele encontraram os seus até mais ferozmente que antes.



- O que aconteceu? - a Pantera perguntou. Ele questionou Jacques e cada um de seus homens por vez e todos eles disseram a mesma coisa. Aqueles na prisão estavam preparados para algo; quanto, os homens não sabiam, mas todos suspeitavam de um vazamento.

A Pantera sabia que era fácil culpar outros, especialmente o novato René, que fez a travessia até a costa com sucesso, quando qualquer deslizamento por menor que fosse poderia ter colocado os oficiais da prisão em alerta. A Pantera tinha se preparado para desviar a raiva de René; ele não estava preparado para desviá-la de Gabrielle.

Ele a viu nos olhos de seus homens, aquela desconfiança penetrante que lhe dizia que eles acreditavam que ele estava vulnerável, acreditavam que ele caíra sob os encantos de uma mulher, que o fazia tão inútil quanto um velho corno idiota. A Pantera

desalojou-os daquela suposição tão depressa quanto possível, serenamente ordenando novas estratégia e partindo para projetos diferentes.

Quando ele os despediu, quaisquer medos restantes pareceram ser banidos e a Pantera suspirou. Precisava de total confiança e cooperação se eles quisessem lograr êxito. Se eles perdessem a fé nele ou ficassem com medo, seriam tão bons quanto mortos.

- O dano foi consertado? - a Pantera perguntou a Jacques quando eles estavam sós.

- Acho que sim. - Jacques disse em voz baixa - Uma missão bem sucedida e eles esquecerão tudo sobre isto. Os fracassos são sempre duros, mas este aqui foi mais difícil...

- Por causa dela. - a Pantera disse, sorrindo amargamente.

- Por causa dela. - Jacques concedeu - Que homem não teme as artimanhas de uma mulher? - ele perguntou com uma risada.

- Velhas superstições são difíceis de matar e alguns desses companheiros, apesar de inteligentes e corajosos, não tiveram uma educação. Para eles, é fácil culpar uma mulher por qualquer infortúnio.

A Pantera assentiu com a cabeça.

- Vamos esperar que seja apenas um infortúnio e não um vazamento.

- Nós descobriremos logo, não é? - Jacques perguntou, sua voz agora mortalmente séria - Eles não podem culpar Gabrielle ou René da próxima vez.

- Sim. - concordou a Pantera - Fique de olho em todos eles, Jacques, e não dê as costas.

- O mesmo conselho para você, meu amigo. - Jacques disse com um sorriso.

A Pantera retornou o sorriso e pôs as mãos no bolso.

- Uma última coisa. - ele disse - Eu gostaria que você entregasse isto a ela. - ele disse, entregando um pequeno pedaço de papel.

Jacques tomou a mensagem sem vacilar ou perguntar, escondeu-a em sua roupa, então olhou para seu líder.

- E Morineau? Você quer tentar novamente?

- Não. - a Pantera disse, um pouco aborrecido pela potência de sua resposta - O lugar será muito bem observado agora. Vamos esperar e ver.

- Sim. - Jacques concordou - Devemos observar e esperar.



Gabrielle recebeu o bilhete na rua. Era um mendigo, vestido como René estivera como um dos muitos destituídos da cidade, que lhe entregou. Ele a abordou e quando ela podia apenas agitar a cabeça, sorrindo, ele estendeu uma mão para tocar em seu mantô. Ela pensou em afastá-la, mas parou quando sentiu o magro feixe de papel ser empurrado para dentro de sua manga.

Ele se foi antes que ela pudesse esboçar qualquer reação de questioná-lo. Gabrielle permaneceu fitando estupidamente a direção que ele tomara até que ela percebeu e voltou em direção à pousada. Ela teve presença de espírito suficiente para retirar o bilhete, o que quer que fosse, de onde ele deixara até que ela estivesse sozinha na segurança do seu quarto. Então, com as mãos trêmulas, ela o extraiu de sua manga. Era uma mensagem de René? Talvez ele não tivesse dado as costas para o país, afinal, ela pensou vertiginosamente.

Gabrielle prendeu o fôlego enquanto desdobrava o pequeno recorte branco. Nele estava escrito muito nitidamente em uma escrita minúscula: "Não se preocupe. O

cidadão M. vive". Era assinado com uma única letra: "P". Gabrielle olhou para cima, surpresa e confusa — e aliviada. Seu pai estava bem! Mas quem era "P"? Ela olhou novamente, pensando talvez que tivesse entendido mal a carta e René deixou sua marca, mas não. Era um "P".

A inicial não pertencia a ninguém que ela conhecesse, então Gabrielle só podia imaginar que um dos companheiros de René enviaram o bilhete. Isso significava que alguém estava tentando ajudá-la? Gabrielle mordeu o lábio frustrada. A mensagem dizia tão pouco, ela podia apenas esperar — e confiar que seu autor desconhecido a contatasse novamente. Mesmo assim era alguma coisa - muito mais do que ela tivera esta manhã, Gabrielle pensou. Ela lançou o bilhete ao fogo, seu coração só um pouco mais leve. Ela tinha esperança novamente, mas dessa vez a manteria para si mesma, não tendo nenhum desejo de ouvir as zombarias de Thérèse por seu otimismo.

Como se chamada por seus pensamentos, Thérèse entrou tão logo o último pedaço foi tomado pelas chamas.

- Pensei que eu vi que você escapar aqui para baixo. - ela disse um pouco acusadoramente.

Gabrielle olhou para ela e a lançou um cumprimento de cabeça, notando a aparência cansada que se estampava no rosto de sua amiga. Thérèse ainda estava brava a respeito de Alexandre ou existia algum novo problema? Gabrielle suspirou.

- Eu tive uma visita de Clermont-en-Beaulieu hoje. - Thérèse disse, puxando um envelope do bolso. Ela entregou o papel desbotado para Gabrielle - Jean trouxe isto para você.

- Oh. - Gabrielle disse surpresa. Ela se levantou para pegar a carta e a abriu depressa enquanto Thérèse permanecia observando.

- É de Claude. - Gabrielle disse, dando uma olhada na assinatura. Ela olhou para Thérèse, cujo rosto refletia sua própria ansiedade. As duas lembraram a última mensagem de Claude lembrado: um bilhete advertindo-as que o *château* estava condenado.

Gabrielle esperava que esta carta contivesse notícias melhores, mas, quando ela examinou a página, descobriu que não.

- Alguém esteve lá perguntando por mim. - ela disse num fio de voz.

- Quem? - Thérèse perguntou, sua voz soando estridente.

Gabrielle meneou a cabeça.

- Claude não sabe. Ele diz que era um grupo pequeno, supostamente do governo, levado por um homem mais velho com uma cicatriz e uma barba.

Gabrielle agitou sua cabeça novamente, incapaz de recordar um indivíduo assim, mas ela sentiu um pressentimento terrível antes de retomar a leitura.

- Eles perguntaram por mim — e depois pela filha do conde. - Gabrielle sussurrou, hesitando. Então a página falseou em sua mão enquanto ela lentamente levantou os olhos para Thérèse.

- Sim? - Thérèse perguntou cheia de medo.

- Eles queriam saber se Dominique foi morta.



Naquela noite Gabrielle sentiu penosamente a falta dos braços de Alexandre sobre ela. Oh, mas por que ele tinha que estar fora hoje à noite? Ela se perguntou, ansiando pelo conforto e a fuga que só ele podia dar a ela.

As duas mensagens secretas ela recebeu a perturbavam sempre que ela fechava os olhos, e sua relação desgastada com Thérèse pesava fortemente em seu coração. Sua

amiga não estivera contente com as notícias de Claude e a importunava por respostas quando Gabrielle não podia fornecer nenhuma. Incapaz de dormir, ela se sacudia e se virava até Thérèse se apoiou no cotovelo lhe ralhar.

- Pela causa do céu, Gabrielle, poupe suas roladas para o feno, ou você desistiu de seu amante? - Thérèse desdenhosamente perguntou.

- Não. Ele precisou ajudar sua mãe hoje à noite. - Gabrielle respondeu.

- Ha! - Thérèse bufou - Mais provável que ele deva ajudar alguma juvenzinha a se tornar uma mãe!

Gabrielle virou um ombro frio para sua amiga e novamente tentou dormir, mas sua cama granulosa não era nem de perto tão doce quanto um beliche no quarto de Alexandre nas cocheiras. Ela tentou imaginar seus braços ao redor de si, o odor dele se aderindo a ela e o som suave de sua respiração próximo a sua orelha. Então talvez ela sonhasse com ele.



Gabrielle estava tão contente por ver Alexandre na noite seguinte que ela se lançou em seu abraço sem preâmbulo.

- Eu senti sua falta. - ela sussurrou, sua voz rouca de desejo. Os braços de Alexandre se apertaram ao redor dela em resposta enquanto sua boca tomava a sua ferozmente.

- Eu preciso de você. - ela disse tão logo pôde falar. Levantando as mãos para seu rosto, Gabrielle olhou-o nos olhos e viu sua necessidade refletida lá nas profundezas verdes. Então ela ouviu o influxo agudo da respiração dele a suas palavras. Ela estava grata por ter vindo sem o capote, pois ele quase rasgou as roupas de seu corpo e Gabrielle suavemente clamou, incitando-o, enquanto suas mãos fortes vagavam sobre sua pele.

Ambos estavam tão ansiosos, que era como se uma semana — um mês — tivesse passado em vez de alguns dias. Gabrielle puxou sua camisa, arrastando-a pelos braços dele de forma que ela podia espalhar beijos quentes sobre seu tórax. Finalmente, Alexandre lançou a camisa de lado impacientemente, desnudando-a de seu vestido e a alçou.

Gabrielle avidamente passou os braços ao redor do pescoço dele.

- Oh, Alexandre, eu quero tanto você. - ela sussurrou, pressionando beijos quentes junto a sua garganta enquanto ele andava para a cama - É como se eu estivesse queimando, como meu se corpo estivesse em chamas por você. - ela disse, mordiscando seus músculos.

Alexandre prendeu o fôlego enquanto ele a empurrava sobre a cama. Jesus Cristo! Ela alegava que estava queimando! Ele estava tão quente que dificilmente podia manter o controle e, cada vez que ela gritava, ele achava que seguramente explodiria. Alexandre queria gritar seu nome em exultação, mas, confinado ao silêncio, enterrou o rosto em seu cabelo sedoso. "Eu quero você, também, meu amor", ele pensou, determinado a mostrar com seu toque o quanto.

Cada noite parecia melhor que a última, todas se assemelhando a um sonho, Gabrielle decidiu, uma fantasia perfeita em que ela escapava para o estábulo e passava a noite encerrada em seu abraço. Gabrielle vivia para aquelas horas, uma noite aqui, uma noite inteira lá, quando ela podia estar com ele. Ela era tão subjugada pela presença de Alexandre que era fácil esquecer todo o resto, as preocupações, as dificuldades da vida cotidiana, e viver o sonho — até realidade retaliar com ímpeto.

Realmente, seu golpe não demorou a se sentir. Gabrielle estava ocupada com seu trabalho e seu pensamento estava tão ocupado com seu pai e Alexandre que ela não notou que estava tão tarde. Quando ela percebeu, ela teve aquele sentimento de desânimo que normalmente acompanhava o fato do qual ela estivera despreocupada. Então Gabrielle soube a verdade tão certa como se estivesse reverberando na parede.

Depois de umas poucas noites felizes com Alexandre, ela estava grávida.

CAPÍTULO 15

Gabrielle olhou para seus dedos pálidos. Ela podia contar em uma mão o número das noites em que ela estivera com Alexandre. Claro, eles normalmente faziam amor mais de uma vez e cada vez provavelmente acrescentava, ela pensou lugubremente, mas dificilmente parecia justo. Ela conhecia casais que tinham sido casados por meses, até anos, antes de terem crianças e, depois de pouco mais que uma semana, ela estava grávida.

Ela não podia enfrentá-lo. Decidiu que não iria para o quarto dele hoje à noite e, se ele se surpreendesse, bem, ela trataria do assunto mais tarde. Ela não estava pronta para dizer a ele. Oh, mas como ela iria lhe dizer? Além do mais, ela não sabia como esconder dele. Uma olhada em seu rosto e Alexandre saberia que algo estava errado, então era melhor não vê-lo de jeito nenhum - pelo menos até que ela decidisse o que iria dizer.

Franzindo o cenho furiosamente, Gabrielle limpou as mesas no salão comum com esfregadas violentas, sua mente em um tumulto. Ela não sabia o que sentir, nem mesmo o que fazer. Ela sabia que deveria estar horrivelmente envergonhada e horrivelmente preocupada pelo futuro, mas ela não podia parar o transbordamento de felicidade que a inundava sempre que ela pensava no ser minúsculo dentro dela. Um minuto ela se sentia à beira das lágrimas, no outro sorria para si mesma alegremente.

Thérèse a advertira, mas ela não deu atenção, se lançando despreocupadamente nos braços de Alexandre — e em sua cama. Oh, Deus, o que Thérèse diria? Gabrielle transiu de medo ao pensar em dizer a sua amiga, que seguramente se lançaria em um sermão completo. Ele nunca casará com você. Gabrielle podia quase ouvir Thérèse falando as palavras, talvez porque ela suspeitasse a verdade nelas.

"Ele nunca casará com você". A frase vinha, involuntariamente, em seus pensamentos e, como se para negá-la, ela enxugou a próxima mesa mais vigorosamente até, quebrando um copo em seu zelo. Ela enxugou a bagunça e mordeu o lábio, frustrada. Era verdade? Ele nunca casaria com ela? Alexandre gostava dela, disse Gabrielle tinha certeza, mas o suficiente para casar com ela? Desanimada, Gabrielle honestamente não acreditava que ele o fizesse.

Para dizer a verdade, ela não conseguia imaginar Alexandre compartilhando sua vida com ninguém. Ele era um homem muito reservado, existindo em seu próprio mundo mudo, suas idas e vindas escondidas nos estábulos, seu passado envolto em mistério. Seu passado!

Gabrielle se empertigou enquanto pensava o quão pouco ela sabia a respeito dele. Alexandre podia, de fato, já ser casado! Ela se reclinou contra a parede e respirou fundo, sua mente acelerada. Uma das novas leis estipulava o divórcio por consentimento mútuo, mas... Oh, mas era tudo muito absurdo, ela pensou, erguendo uma mão para a frente.

E ela? Gabrielle estava intensamente ciente que ela desdenhou uma vez um casamento com Alexandre como sendo absurdo, mas ela precisava de um nome para seu bebê e aquele bebê precisaria de um pai. Ela tinha plena consciência do estigma que lhe seria imputado se ela permanecesse solteira. Quanto tempo ela poderia manter seu trabalho?

Ela tinha as jóias, claro, e podia viver da renda, mas ela conseguiria vender algumas peças sem atrair atenção? Oh, se pelo menos René estivesse aqui, ele poderia ajudar, Gabrielle pensou freneticamente. Então ela a agitou a cabeça, percebendo que

toda essa preocupação a deixava tão desvairada quanto Thérèse. Ela tomou outra respiração profunda e tentou limpar seus pensamentos.

- Se eu alcançar nossa Pantera, acredite que ele não verá a guilhotina. - disse uma voz próxima - Eu o servirei aos cães.

As palavras, faladas ferozmente, chamaram a atenção de Gabrielle e ela escutou, ausente, a conversação.

- Bah! Pantera! - ridicularizou outro homem - Mijo de formiga* é um nome melhor para ele. Então ele podia ainda usar seu bonito pequeno P como cartão de visitas!

Gabrielle quase soltou o copo vazio que ela segurava na mão e se desencostou da parede.

- Não pode suportar os parisienses - o homem acrescentou antes de entornar ruidosamente seu vinho.

- Não se engane, Marcel, ele provavelmente está certo em muitas coisas, um moderado esquivo. - o primeiro locutor disse.

- Talvez. - um terceiro sujeito, baixo e trigueiro, falou arrastado - Mas minha suposição é que ele seja alguém para quem nós olhamos todos os dias.

- Você não quer dizer um de nosso meio? - os outros dois estreitaram os olhos com ódio, sedentos de sangue à sugestão, mas o homem moreno apenas encolheu os ombros em resposta. Então ele deu uma olhada para Gabrielle, que depressa pegou seu pano e enxugou a mesa.

Atenta para não ser flagrada espionando, mesmo que fosse um salão público da pousada, Gabrielle terminou sua tarefa e recolheu os outros copos. Embora ela demorasse um momento no recinto, os três não falaram mais sobre o misterioso Pantera que assinava suas mensagens com uma única letra P.

Gabrielle dificilmente podia se conter enquanto fazia seu trajeto de volta à cozinha. Podia ser o mesmo homem que lhe enviara o bilhete? A missiva que a assegurava da segurança de seu pai fora assinada somente com um P, da mesma maneira que o homem no salão comum descreveu. Esta Pantera era simplesmente conhecido por um grupo pequeno, o qual obviamente o seguia diligentemente, ou ele era famoso? Eriçada pela curiosidade, Gabrielle pôs os copos que levava na pia.

- François? - ela indagou pensativamente.

- Sim, belezura? - o cozinheiro respondeu.

- Você já ouviu falar da Pantera?

Enxugando suas mãos em uma toalha, Gabrielle relanceou o olhar para François, que se voltou apenas parcialmente em direção a ela. Ela o viu pausar por um instante, sua face enorme suspensa no ar, então veio abaixo com um estrondo alto.

- Uma pantera? - ele perguntou a um tom descuidado - Não é um gato manchado da África?

- Não, isso é um leopardo. - Gabrielle disse devagar. Algo a fez olhá-lo mais de perto, mas ele girou novamente para seu trabalho e ela não podia ver seu rosto. Talvez a pausa momentânea não significasse nada, Gabrielle pensou, e ela estava se tornando positivamente tola, vendo sombras onde não existia nenhuma.

Enrugando a testa por sua tolice, Gabrielle retornou ao salão comum, mas os homens que falaram tinham ido embora e as outras conversas — tão mundanas ou voláteis como sempre — nada mencionavam sobre um homem chamado Pantera.

* No original: "Piss ant's". O trocadilho se perdeu na tradução para o português. (N.da T.)

A frustração a corroía enquanto ela vagava pelo salão, finalmente tomando impulso até o balcão onde Gaspard polia copos.

- Eu posso ajudar você? - Gabrielle perguntou. Gaspard assentiu com a cabeça enquanto ele continuava seu trabalho.

- Gaspard? - Gabrielle perguntou enquanto recolhia uma caneca.

- Hmm? - ele movimentou a cabeça, novamente sem olhando para cima.

- Você já ouviu falar de um homem chamado Pantera?

Gabrielle não tinha idéia de que um homem tão grande podia se mover tão rápido, mas, em menos de um segundo, Gaspard estava apertando seu braço firmemente.

- O que você sabe dele? - ele perguntou. Seu tom normalmente jovial se fora, substituído por um sussurro feroz, e seus olhos brilhavam com um brilho duro.

- Nada. - Gabrielle disse, tentando recuar de um Gaspard que ela não reconhecia

- Eu acabei de ouvir alguns dos clientes conversando. Soou tão estranho, um homem se chamar assim que...

As palavras de Gabrielle falharam e ela balançou a cabeça, como se para negar esta mudança no tio de Thérèse. Então, tão de repente quanto começou, estava terminado; Gaspard largou seu braço do aperto.

- Desculpe, minha menina. - ele disse com um sorriso agradável - Mas é melhor não escutar muito do que é dito aqui — ou em qualquer lugar, por homens que se juntam para falar de política.

Seu grande bigode remexia enquanto encolhia de ombros apologeticamente.

- Belas meninas deviam somente servir, mantendo suas orelhas e bocas fechadas e prestando atenção a suas tarefas. - ele adicionou, beliscando sua bochecha de modo paternal.

Gabrielle sorriu de volta, mas não se acalmou pela mudança em seus modos. Gaspard, pela segunda vez, mostrava um lado seu que não se encaixava no rosto alegre que ele normalmente exibia para o mundo. Gabrielle não tinha nenhuma preferência por isto, do que ela estava certa, e mentalmente ela o expulsou de sua lista daqueles em que poderia confiar.

Enquanto a Pantera, fosse ele quem fosse, apenas da menção de seu nome parecia despertar emoções violentas então Gabrielle decidiu deixar o mistério de sua identidade repousar no momento. Ela estava trêmula ao soltar o copo que ainda segurava na mão e levantou outro, polindo-o cuidadosamente enquanto evitava o olhar de Gaspard, que trabalhava ao lado dela. O trabalho logo estaria acabado e Gabrielle se desculpou com um sorriso animado como se nada desagradável tivesse acontecido. Mas ela soltou um suspiro de alívio quando conseguiu escapar de volta para a cozinha e se dirigia até seu quarto.

- Psst, Gabrielle! - Henri a interceptou nos degraus do porão.

- Sim? - ela respondeu, olhando para o jovem.

- Quer levar o jantar do mudo para mim?

Gabrielle sentiu um calafrio de apreensão em suas costas à surpreendente sugestão de Henri.

- E por que eu deveria? - ela perguntou defensivamente. Sua voz soou fina e ela estava contente pela semi-obscuridade que escondia suas feições de um olhar perscrutador.

- Por favor, Gabrielle. - Henri implorou - Eu tenho outra incumbência para encaminhar e se eu não voltar a tempo François vai arrancar minha pele.

Gabrielle sorriu, reassegurada por seu raciocínio, mas, mesmo assim, ainda ela agitou a cabeça suavemente.

- Eu sinto muito, Henri, mas hoje à noite eu estou cansada. Eu trabalhei o dia inteiro e então ajudei no salão comum.

Ela se voltou para ir, mas foi detida por suas próximas palavras.

- Se você entregar a bandeja, eu lhe direi quem é a Pantera. - ele disse. Gabrielle podia sentir a astúcia em seu tom, como se ele estivesse oferecendo doce para um nenê — ou um osso para um cachorro.

- O quê? - Gabrielle perguntou, girando para olhá-lo suspeitosamente.

- Eu ouvi você perguntando a François. Ele não sabe nada. - Henri desdenhosamente respondeu - Mas eu ouvi falar da Pantera. Ele é um mistério. Ninguém sabe quem ele é realmente, mas é um inimigo *de la patrie*. Ele não se importa com as leis. Ele está por toda parte da cidade, fazendo coisas que fazem o governo clamar por seu sangue.

- Como o quê? - Gabrielle perguntou, seu tom cético.

- Como libertar prisioneiros, seqüestrando aristocratas e *émigrés* para fora do país, guardando pão - coisas assim. - Henri explicou com um encolher de ombros - Obrigado! - ele adicionou. Antes que Gabrielle pudesse abrir a boca, ele empurrou a bandeja de Alexandre em seus braços.

Gabrielle ofegou, quase soltando o prato, e apoiou uma mão contra a parede do porão para se endireitar enquanto Henri escapulia. Ela agitou a cabeça à vivacidade do rapaz, mas se perguntou sobre sua explicação. Henri simplesmente inventou isso ou ele realmente ouviu rumores sobre a Pantera? "Livrando prisioneiros". Aquelas palavras ecoavam em seus ouvidos e Gabrielle estremeceu enquanto uma excitação a percorria. Talvez, então, esta Pantera estivesse prestes a livrar seu pai.

Gabrielle se reclinou contra a parede, sorrindo esperançosamente até que ela percebeu que segurava a travessa que continha a ceia de Alexandre, necessitando se encontrar com ele, para o qual ela não estava preparada. Ela suspirou fortemente e voltou a subir os degraus com dificuldade. Agora não havia mais nada a não ser completar sua incumbência.

Gabrielle mordeu o lábio enquanto caminhava em direção ao estábulo, mais confusa que nunca. O quebra-cabeça da Pantera tinha desviado a atenção de sua gravidez, mas agora seus pensamentos retornavam ao bebê e a questões pertinentes - mais notadamente, o que ela iria dizer para Alexandre? As coisas já não estavam indo como ela esperava, pois o único meio de evitar Alexandre hoje à noite seria deixar seu jantar fora de sua porta para os ratos.

Face à ampla superfície branca da porta, Gabrielle decidiu tentar ignorar todo o assunto. Pôs seu sorriso mais alegre e bateu.

Ela foi saudada pelo sorriso mais cálido de Alexandre; ele ficava obviamente surpreso e contente em vê-la no lugar de Henri. Ele tomou o prato dela e a beijou com uma paixão que não deixava nenhuma dúvida onde sua fome jazia e Gabrielle não lhe ofereceu nenhuma resistência. Ela não podia esperar. Dane-se o jantar dele, e dane-se sua conversação, também. Esta poderia ser a última de felicidade que ela teria, pois uma vez que ela lhe contasse... bem, as consequências não suportavam escrutínio.

Seus dedos deslizaram em sua camisa e deslizaram sob a pele rija de seu tórax, deleitando-se com os músculos lisos. "Faça-me esquecer, meu amor", Gabrielle pensou vertiginosamente enquanto se estreitava contra ele. "Faça-me esquecer".

Os braços de Alexandre se fecharam firmemente ao redor dela e Gabrielle sentiu a pressão firme de seu toque sob o capote, curvando-se sobre ela antes de puxá-la contra sua dureza.

- Alexandre. - ela sussurrou, agarrando as madeixas escuras enquanto seus lábios se encontravam e se enroscavam e se aderiam, só para deixá-los ofegantes e ávidos por mais.

Ele moldou seu seio desnudo com a mão, acariciando-o e excitando-o sob o vestido. Quando Gabrielle suavemente gritou, seus lábios seguiram, sufocando sua pele com beijos e sugando seu mamilo até que ela jogou a cabeça para trás, seus suspiros altos na noite quieta. Ela abriu os olhos para ver suas feições, brilhantes de paixão à luz do candeeiro, seus lábios úmidos e inchados, uma comprida mecha de cabelo caída sobre seu rosto, e os olhos... oh, mas seus olhos diziam tanto quanto sua voz não podia.

Com o coração transbordante, Gabrielle tomou o rosto que tanto amava com ambas as mãos e se inclinou até beijar sua boca muda.

- Eu amo você. - ela disse. Sabendo que esta noite poderia ser sua última, ela não reprimiu mais nada, e a paixão se consolidou novamente até que ambos estavam ofegantes. Seus lábios exploraram e encontravam, e então encontravam novamente em uma sede aparentemente inextinguível enquanto eles se estreitavam um contra o outro.

Movendo suas mãos sob seu tórax onde a camisa pendia aberta, Gabrielle se demorou sobre seus mamilos duros.

- Sua pele parece tão boa. - ela sussurrou, traçando o contorno dos seus músculos, mas não parou lá. Ela corajosamente deslizou os dedos pelo ventre liso até o interior de suas calças. Alexandre ofegou e se arqueou contra ela enquanto ela despiu suas roupas mesmo enquanto ela deslizava para a parte inferior do seu corpo. Então Gabrielle o levou amorosamente à boca e ele ofegou novamente, suas grandes mãos se enroscando em seu cabelo repetidas vezes até que um suspiro de impaciência escapou dos seus lábios e ele a ergueu.

A cadeira foi atropelada na pressa em que Alexandre a levou para a cama. Ela lançou seus sapatos, ele lançou suas botas, e eles rolaram sobre os cobertores em febril abandono. O capote de Gabrielle logo foi lançado de lado e seu vestido seguiu. O candeeiro ainda iluminava hoje à noite, lançando um brilho dourado em suas peles, injetadas de desejo, enquanto eles deitavam entre as sobras dispersas de sua roupa. Então eles reuniram-se em uma chama de paixão e Gabrielle se esvaiu em feliz esquecimento. Oh, mas ele a fez esquecer novamente.



Gabrielle despertou de sua doce letargia apenas o suficiente para rolar sobre seu lado e olhar para seu amante. Um cobertor estava embrulhado ao redor sua cintura, Alexandre estava acomodado na agora endireitada cadeira comendo seu jantar, que estava, ela tinha certeza, frio como pedra. Oh, bem, Gabrielle pensou com um sorriso. Ela realmente não pensava que ele se importasse.

Ela estava certa. Enquanto ele observava a curva lenta de seus lábios, comida era a última coisa na mente de Alexandre. Antes de tudo vinha o desejo de empurrar seu prato de lado e mergulhar de volta na cama. Ele teve que reconhecer que, depois de numerosas tentativas para conseguir um firme auto-controle, não estava se saindo muito bem.

Em vez de sua habitual clareza de vista, Alexandre se achou em um estado ridiculamente jubiloso que não podia ser explicado completamente pelo melhor sexo que ele já experimentara. Infelizmente, ele suspeitava que seu humor era devido a algo muito mais complexo — e perturbador, então ele redobrou seus esforços para fazê-lo submergir na esperança de que poderia se tornar menos ameaçador.

Mas mesmo tentando, ele não podia obscurecer sua própria felicidade. Alexandre olhou para o doce petisco em sua cama e quis devorá-la da cabeça até o dedão do pé. Bom Deus, ele devia estar perdendo o juízo. Ele tentou franzir o cenho, mas um sorriso idiota pareceu ser colado em seus lábios enquanto seu olhar se demorava nos fios loiro-morango imergiam sobre seus seios cremosos.

Um bezerro apaixonado, Alexandre pensou com um suspiro, um rapaz meio crescido mugindo sobre seu primeiro romance não podia ser mais tosco. Mas o problema era que ele se sentia tão malditamente bem! Alexandre terminou sua comida, ainda com o sorriso aberto como um bobo, enquanto ela se espreguiçava sedutoramente entre a roupa de cama. Gabrielle se debruçou sobre um cotovelo e, se ela tentava atraí-lo de volta para a cama, estava tendo sucesso.

Alexandre moveu sua cadeira, entretanto parou enquanto lembrava de um pequeno assunto que exigia sua atenção. Talvez mais tarde ele cedesse a seus instintos mais básicos; agora ele deveria controlar seu ardor o tempo suficiente para achar a resposta de algo o embaraçava. Alexandre aproximou a cadeira da cama e tentou ignorar o modo como o mamilo de Gabrielle se mantinha para fora das cobertas que ela puxara casualmente sobre suas formas deliciosas. Ele levantou o giz e escreveu: "O que você quer esquecer?".

Alexandre observou-a ler a mensagem, os olhos dela dardejando os seus antes de fixá-los nas cobertas e sua euforia mergulhou na sobriedade.

- O quê? - ela perguntou - O que você quer dizer?

Ele escreveu novamente. "Você disse, 'Faça-me esquecer.' Esquecer o quê?"

Embora ele a enxergasse de perto, Gabrielle simplesmente olhou para os cobertores e murmurou.

- Eu não percebi que disse isto. Não foi nada, realmente, apenas... Eu apenas... Você sempre me faz esquecer de todas as minhas preocupações.

Alexandre poderia ter deixado assim, mas não podia. Ela era tão fácil de ler, tão aberta, tão vulnerável, que apesar de suas negações patéticas, era óbvio que algo a aborrecia. E, para seu próprio bem-estar, era melhor que ele descobrisse o que exatamente a afligia. Ele estava muito consciente daquele olhar culpado que ela lhe enviava, o qual emitia sinos de alarme altos demais para serem ignorados.

Ele a alcançou e ergueu seu queixo com um dedo, forçando-a a olhar para ele, e viu seus olhos azuis serem inundados de lágrimas.

- Oh, não é nada realmente. Eu quero dizer, não é realmente uma preocupação, mas, oh, eu não sei como dizer a você porque eu tenho medo de perdê-lo. - ela sussurrou.

Alexandre sentiu seu sangue gelar. Tinha sido bom demais para ser verdade. Ele sabia onde tudo isso ia chegar, e agora, aqui estava: o desenlace. Ela era uma espiã e lhe montara uma armadilha, da mesma maneira que todo mundo, inclusive ele mesmo, suspeitava. Alexandre deixou sua mão cair e cerrou os olhos, mas não importava; ela não estava olhando para ele enquanto fazia o rodeio.

- E eu odeio ter medo, sendo tão fraca, tão estúpida, então eu poderia também dizer a você porque eu estou muito feliz com isto, mesmo que você não esteja. - ela disse. Ela estava balbuciando incoerentemente e o perdera totalmente. Ela tentaria fingir que viu a luz e, depois de algumas roladas em sua cama, mudou sua fidelidade? Alexandre ficou enojado dela e lhe deu as costas.

- Mesmo que você não se importe, eu sim, e amarei o bebê porque é seu. Eu terei uma parte de você não importa o que aconteça. - ela disse, sua voz oscilando, e Alexandre voltou-se para olhá-la enigmaticamente.

- Eu estou grávida. - ela disse em voz baixa.

Alexandre olhou em seus olhos, sinceros e puros como sempre foram, e o alívio o percorreu como um vendaval. Ele a ergueu da cama, enlaçou-a e rodou com ela em torno do quarto até que ela estava rindo vertiginosamente.

Alexandre também se sentiu um pouco vertiginoso. "Um filho!" A revolução lhe negara uma vida normal e ele negou a si mesmo uma esposa e um herdeiro, mas agora ele tinha um filho. Ou uma filha. Alexandre percebeu que não se importava se o bebê fosse menino ou menina. Ignorando os sinos de alarme e sufocando sua voz interna, ele desfrutou a animação que o inundava, pois, por Deus, ele não iria negar a si mesmo nunca mais!

Ele teve o estranho sentimento que Gabrielle — e o bebê — estavam predestinados a ele, apesar de todos os seus esforços em contrário. Sendo um homem que jurara que alguém criava seu próprio destino, Alexandre teve a boa graça de sentir um pouco decepcionado a esta última idéia. Predestinado? Talvez. Mas qualquer que fosse a explicação, ela estava aqui e era sua, e ele agarraria a melhor coisa que já lhe acontecera nos últimos dez anos, a única doçura que tocou sua vida desde os primeiros rumores de revolução.

- Eu estou tonta! - Gabrielle chorou, rindo exasperada enquanto ele girava e girava. Por um momento de espanto, ela suspeitou que ainda estava adormecida, mergulhada em um sonho delicioso, mas, quando ela arregalou os olhos, o quarto silencioso girava ao seu redor. Ainda sentiu como um sonho, como todas as suas horas junto a Alexandre, pois, de todas as reações que ela esperava dele, esta expansão de alegria certamente não era uma delas. Ela conheceria realmente este homem de mistério e surpresa?

- Alexandre! - ela o ralhara tão ruidosamente que ele finalmente parou de girar e a deslizou para estreitá-la. A excitação em seu rosto e em seus olhos era genuína e Gabrielle podia ter chorado de alívio.

- Eu suponho que você esteja contente. - ela sussurrou entrecortadamente.

Ele assentiu com a cabeça, seu cabelo escuro e selvagem desganhado, seus olhos verdes brilhantes e vivos, seu sorriso mostrando-lhe os dentes brancos. O lençol que a cobria deslizou e Gabrielle estava ciente de seu tórax firme apertado contra seus peitos desnudos. Seu coração começou a bater mais rápido e ela quis beijar sua boca perfeita, mas as coisas estavam longe de serem resolvidas. Agora que ela disse a ele, poderia também saber o que, se ele estava planejando fazer qualquer coisa sobre isto.

- E agora? - ela perguntou, tentando afastar o tremor de sua voz. Ela recuou e se arrastou para seu cobertor, para que ele não interpretasse suas palavras como um convite de volta à cama. Ele aparentemente não interpretou, pois, embora sorrisse maldosamente, ele alcançou o giz em vez dela.

Enxugando a mesa limpa, ele escreveu simplesmente na superfície áspera. Não era uma pergunta, mas isso não importava. Gabrielle de qualquer maneira começou a chorar quando ela leu as palavras: "Case-se comigo".



- Eu tenho algo para dizer a você. - Gabrielle disse. Embora transbordante de felicidade, ela achou que seu humor se tornou sombrio à expectativa de dizer a Thérèse as notícias. Antes, ela teria corrido para sua amiga com as boas novas, mas ultimamente elas estavam afastadas e Gabrielle suspeitava que de alguma maneira Thérèse acharia um meio de abafar seu entusiasmo.

Thérèse deixou claro que não aprovava Alexandre, então Gabrielle supôs que dificilmente ela sentiria prazer por seus planos para desposá-lo. Assim seja, ela pensou

severamente. Se seu casamento iminente fosse providenciar o rompimento final entre elas, então teria que ser, pois ela não escutaria Thérèse depreciar Alexandre. Agora ele não apenas seu amante, mas o pai de seu bebê, e logo seria seu marido.

Talvez sua determinação solene ou seu tom de voz mostrasse que ela não toleraria nenhuma resistência, pois quando Gabrielle falou, Thérèse não objetou. Ela se sentou no canto da cama, encarando Gabrielle enigmaticamente.

- Eu estou grávida. - Gabrielle disse serenamente. Ela levantou a mão para impedir que Thérèse comentasse - Antes que você diga qualquer coisa, eu quero que você saiba que Alexandre e eu vamos casar. Eu ficaria feliz em ter você comigo no casamento, mas se você sente que não pode compartilhar da minha felicidade, então eu prefiro que você não junte a nós.

Aquelas últimas palavras foram as mais difíceis e Gabrielle fitou sombriamente o chão, sentindo-se mal por ter sido tão dura, mas mesmo assim ela sabia que tinha que esboçar o limite.

Gabrielle suspirou e esperou pela resposta de Thérèse. Ela se preparou para uma investida vituperativa, ou algum outro dos ataques de Thérèse condenando sua tolice e a inadequação de Alexandre, mas o silêncio reinava. Quando Gabrielle finalmente relanceou o olhar para a amiga, para sua surpresa absoluta, Thérèse se debulhava em lágrimas.

Consternada, Gabrielle avançou para colocar uma mão no ombro de sua amiga.

- O que é isto? - ela suavemente perguntou. Mas Thérèse cobriu o rosto com as mãos e chorou. Atacada pelo remorso, Gabrielle se sentou ao lado dela, apertando seu ombro suavemente.

- Eu sinto muito, Thérèse querida. Eu não queria magoar você. Eu fui rude. Perdoe-me. - ela sussurrou. Em resposta a suas palavras, Thérèse só balançou a cabeça, mas Gabrielle permaneceu onde estava, consolando sua amiga suavemente até que Thérèse finalmente falou.

- É você que deve me desculpar, Dom... Gabrielle... pelo meu comportamento. - ela disse, engolindo um soluço.

- Eu sinto muito. Eu só queria proteger você, salvá-la das coisas que você conhece tão pouco... - suas palavras diminuíram - Eu só quis proteger você, mas como sempre, você não precisava de nenhuma proteção. Eu estou feliz por você, de verdade. Tenha um lindo bebê. - Thérèse disse com um suspiro, um sorriso trêmulo em seus lábios.

- Você vive sob uma estrela, Gabrielle, uma estrela brilhante que faz tudo — até o impossível — funcionar a seu favor.

- Isso não é verdade, Thérèse. - Gabrielle suavemente disse - Se fosse assim, eu estaria com papai e longe daqui.

- Isso acontecerá, eu tenho certeza. - Thérèse sussurrou - Oh, eu sou invejosa, não é? - ela perguntou com um sorriso torto - Eu imagino que eu esteja. - ela confirmou - Você nunca soube, mas tive um bebê e eu... o perdi.

Gabrielle sobressaltou-se às palavras inesperadas e olhou com tristeza para a cabeça loiro-pálida de sua amiga, curvada com a lembrança dolorosa.

- Armand... Armand era o pai, mas ele não queria casar comigo. - Thérèse disse - Ele tinha muitos planos, e em nenhum deles cabia uma família. Então você vê, Gabrielle, eu não queria que isso lhe acontecesse também.

- Eu sei. - Gabrielle disse, consolando-a suavemente - Eu sei e fico grata por todos os seus esforços para me fazer agir sensível e cautelosamente. Infelizmente, eu penso que é uma causa perdida, - Gabrielle disse, arrancando um sorriso amarelo de sua amiga - pois eu sempre serei uma pessoa imprudente.

Gabrielle suspirou.

- Eu temo que é meu sangue, - ela sussurrou - embora Deus saiba que eu não herdei isto de papai. Minha pobre mãe deve ter sido uma selvagem ou talvez meus avós. Eles têm o olhar de tipos tristemente instáveis, naqueles retratos velhos, e existia o rumor que alguém era um pirata. Ele não era reconhecido, claro, mas o saque ele enviou encheu os cofres de família, eu estou certa!

- Oh, Gabrielle, eu não acredito uma palavra disto. - Thérèse a repreendeu, mas ela sorriu e secou as lágrimas.

- Assim é melhor. - Gabrielle disse - Você deve me ajudar com meu vestido, Thérèse, pois eu só tenho alguns dias. Oh, eu desejava ousar vender algumas das jóias... - ela lançou um olhar enviesado para sua amiga, mas Thérèse agitou sua cabeça firmemente em negação.

- Sem problema, nós só teremos que fazer. - Gabrielle disse. Ela estava contente por ter amizade de Thérèse novamente, e ela irradiou felizmente, embora intimamente ela estivesse fervendo. Gabrielle culpou aquele bastardo do Armand não só pelo pesar prolongado de Thérèse, como por toda discussão que aconteceu entre elas. Se o conde soubesse, Gabrielle pensou severamente, Armand teria desposado Thérèse — mesmo na ponta de uma lâmina, se necessário.

CAPÍTULO 16

Eles se casaram alguns dias depois. Era uma distância gritante dos poucos casamentos que Gabrielle testemunhara em sua mocidade: enormes serviços com filas de acompanhantes em vestidos inestimáveis e jóias reluzentes, os homens que elegantemente desfilavam em suas próprias sedas brilhantes, perucas pulverizadas e fivelas cintilantes de sapato, as mesas carregadas com iguarias de toda descrição. A simples edificação de Paris também estava longe da capela privada no *château*, onde a hera trepava sobre as pedras quentes e gastas e as altas janelas góticas filtravam a luz sobre os bancos de igreja escuramente polidos.

Embora ela não ansiasse por ostentação, Gabrielle sentia falta da igreja, do padre e do sentimento de santidade que carecia na formalidade civil, agora ordenada como o único casamento legal. Ela prendeu a mão de Alexandre e se perguntou se quaisquer dos outros casais sentiam tal perda. Existiam provavelmente vinte deles no total e Gabrielle se lembrou de um rebanho de ovelhas, balindo nos intervalos apropriados. O dia carecia, acima de tudo, de um sentimento de intimidade que Gabrielle sempre esperou, e o estilo da união como assunto de negócios a deprimia.

Quando ela sentia que a atmosfera não era tudo que deveria ser, porém, Gabrielle tinha apenas que olhar para Alexandre para ter certeza. Ele estava tão alto e bonito que ela podia somente desejar um conjunto de roupas decentes para ele. Mesmo em suas roupas surradas, ele permanecia acima do resto, tão belo e tão... Ela procurou pela palavra. Orgulhoso. Era isso, Gabrielle pensou, subitamente surpresa.

Era uma palavra que dificilmente se aplicaria normalmente a Alexandre, mas que se ajustava tão bem hoje. Enquanto no trabalho, ele sempre parecesse lento e... bem, bastante estúpido, embora Gabrielle soubesse que ele não era; quando estava a sós com ele, era rápido e forte e opressivamente sensual. Hoje ele permanecia ereto, mais alto que a maioria dos demais, seu porte tão totalmente diferente que ela maravilhou-se. Era como se ele estivesse acima de toda essa tolice civil; ele tomava seus votos com o coração.

Gabrielle recuou um momento para contemplá-lo de novo. Oh, mas com um bom casaco e um corte de cabelo para conter aquela sua juba selvagem ele pareceria um príncipe, ela decidiu, sorrindo em suas fantasias. Talvez toda noiva se sentisse daquele jeito.

Gabrielle captou seu olhar verde e ela ficou na ponta dos pés para sussurar provocadoramente em sua orelha.

- Você parece um príncipe hoje. - ela disse. Então ela ficou surpresa pelo sobressalto no olho dele - Eu quis dizer isso como um elogio. - ela disse em voz baixa, um pouco confusa por seus modos.

- Você parece tão bonito e... - suas palavras foram cortadas pela cerimônia, mas ela sentiu o toque gentil da mão dele apertando a sua, tranquilizando-a.

Embora ele não pudesse pronunciar as palavras, Alexandre assentiu com a cabeça tão seriamente como se seus votos fossem falados, suas feições refletindo uma reverência que dizia a Gabrielle que ele não tinha nenhuma dúvida em fazer dela sua esposa. Como sempre, ele era seu bálsamo, seu socorro, e Gabrielle, ao pensar nisso, percebeu que o que continuava ao seu redor pouco lhe importava; era o que ela continha no coração que era importante.

Embora exteriormente tranquilo, Alexandre devia estar um pouco nervoso, pois quando chegou a hora de assinar seus nomes, ele escreveu tão lentamente e deliberadamente que o oficial estalou impacientemente.

- Se você não pode fazer isto, faça uma marca, homem. - Gabrielle mordeu o lábio em consternada, mas quando ele finalmente terminou, ela não conseguiu capturar seu olhar, pois o papel estava exatamente diante de si.

Agora, por seu turno, Gabrielle também hesitou. Ela olhou fixamente o documento, indecisa, de repente menosprezando sua identidade assumida. Ela sentiu um desejo profundo e sufocante de assinar seu nome verdadeiro: Dominique Louise Alavoine Morineau. Alguém notaria? Aquela familiar inquietação persuadindo imprudentemente a seguir suas inclinações, viesse o que viesse, foi negada com uma carranca; ela tinha outra coisa para pensar no momento.

- Bem? - instigou o oficial.

Gabrielle rabiscou depressa, como para se libertar de sua decepção assim que possível e teve consciência de um gosto azedo que se demorou com sua mentira. Ela de repente ficou contente pela cerimônia civil, pois como ela poderia assinar um nome falso diante de um padre?

Não importa, Gabrielle pensou sombriamente. Nada importava, realmente, ela disse a si mesma, pois na verdade ela era Dominique Louise Alavoine Morineau Vestier. Dominique Vestier. Ela ruminou seu novo nome na cabeça, apreciando o som dele, enquanto Alexandre tomou seu braço. Alguém além de Thérèse saberia isto? Seu marido saberia?

Eles seguiram os outros até a *Place de la Grève*, onde uma multidão aguardava os recém-casados. Lá havia muitos aplausos, mas Gabrielle não sentia nenhuma boa vontade pelo grupo, perguntando-se, ao invés, quantos aplaudiriam a horripilante exibição da guilhotina com igual — ou talvez mais — gosto?

Depois daquela recepção barulhenta, eles foram saudados pelos menos entusiásticos Thérèse e Bertrand. Gabrielle podia ver que Thérèse tentava seu melhor, pois um sorriso nervoso foi colado em suas magras feições, mas Bertrand, parecendo comprimido em um casaco muito justo que obviamente obteve emprestado de outra pessoa, nem sequer tentava parecer feliz. Para dizer a verdade dizer, existiam rostos mais felizes entre os estranhos do que entre os amigos, que não pareciam contentes com a união.

Tentando banir a mortalha lúgubre que parecia ter descido sobre a festa, Gabrielle conversou sobre a cerimônia enquanto eles caminhavam de volta à pousada. Embora Thérèse sorrisse e Bertrand grunhisse aqui e ali, era claro que eles estavam desconfortáveis, e Gabrielle finalmente desistiu de seus esforços. Eles entraram silêncio, então, enquanto Gabrielle mordia o lábio e desejava que ela e Alexandre voltassem para seu minúsculo quarto no estábulo, celebrando à sua própria maneira....

Raramente a visão da pousada fora tão bem-vinda. Gabrielle alargou o passo para alcançá-la, mas quando ela e Alexandre tentaram dar a volta pelo pátio, Thérèse e Bertrand insistiram em uma ceia de comemoração e Gabrielle se encontrou exortada pela porta da frente do salão comum, onde pequena uma festa os aguardava. Gaspard os saudou de braços abertos, seu grande bigode remexendo com a força de seus parabéns.

- Ah, nosso casal de pombinhos! - ele disse, e beijou Gabrielle sonoramente na bochecha.

Gabrielle lembrou vigorosamente da noite em que lhe perguntou sobre a Pantera, e ela se afastou para o lado, não tendo nenhum desejo de ficar perto de um homem que ela suspeitava que não era o que parecia. Gaspard aparentemente para não notou, porém, e se lançou em um discurso de congratulações.

- Comida e bebida para você dois hoje, com meus cumprimentos. - ele anunciou em conclusão, e os que estavam reunidos fizeram um grande barulho sobre esta inesperada e — Gabrielle presumiu — incomum generosidade de sua parte. Seu

anfitrião jovial fez um grande espetáculo ao aceitar seus agradecimentos, Gabrielle pensou, então ela se repreendeu por ser ingrata. Ela não se desapontou, entretanto, quando Gaspard pediu licença, gritando que outras incumbências o aguardavam.

Ela deu um grande abraço, sem reserva, em François, que a encerrou em seu grande abraço e a beijou na bochecha.

- Bem feito, meu garoto. - ele disse para Alexandre, espalmando-lhe um bofetão cordial nas costas - Bem feito! - ele repetiu e Alexandre aceitou todas as suas felicitações com um sorriso pesado.

Cidadã Caron murmurou, seu seio robusto levantando com o passo de seu esforço. Ela presenteou o casal com uma bela colcha e foi persuadida a ficar para uma taça de vinho, que ela verteu em um gole. Parecia ser a primeira de muitas.

Duas das outras costureiras estacaram e se demoraram a admirar Alexandre. Forte, musculoso e selvagemamente bonito, ele devia chamar-lhes a atenção, Gabrielle sabia, entretanto ele não possuía mais o comportamento orgulhoso que ela vislumbrara mais cedo. Ou ela o imaginara? Agora Alexandre simplesmente parecia um pouco desconfortável e fora de lugar.

Embora seu casaco fosse limpo, estava gasto e parecia pequeno demais para sua grande compleição, e seu cabelo, apesar de tão lustroso que suas ondas escuras brilhavam, ainda caíam em uma juba sobre seu rosto. Ele tinha aquele aspecto que ela vira antes. Se produzido por nervosismo ou fingido, estava lá, todavia, uma espécie de aspecto tolo que o proclamava como um operário constrangido no salão comum da "melhor" pousada.

Gabrielle sentiu uma punhalada de aborrecimento por seu comportamento; ele certamente não fazia nada para melhorar a impressão de Thérèse a seu respeito. "Este homem não é estúpido", Gabrielle pensou furiosamente. Embora ela quisesse dizer ao resto da festa, duas coisas a seguraram. Primeiro, ela suspeitou que ninguém acreditaria em suas palavras, e segundo, ela sabia que Alexandre não a agradeceria por isto. Por alguma razão, ele preferia dar o mundo a impressão que era um pascalhão burro, e Gabrielle novamente se lembrou do seu impedimento. Talvez nessa fachada estivesse algum tipo de proteção, ela pensou, censurando-se por sua negligência.

Então Gabrielle sorriu enquanto as costureiras davam uma risadinha e provocavam-na e encaravam Alexandre, e ela riu quando os homens fizeram gracejos grosseiros sobre sua noite de núpcias. Ela falava o suficiente para preencher silêncio do seu marido enquanto aqueles ao redor brindavam, talvez muito freqüentemente, e falavam ruidosamente, como se o noivo, além de surdo, também fosse mudo.

Tornou-se enfadonho, e Gabrielle ficou consciente pela primeira vez, desde sua pressa impetuosa em uma nova vida, do quanto ela também estava deslocada ali. Ela se assemelhava aos outros, seu vestido de noiva sendo um vestido simples feito de material barato. Ela adquiriu a mesma fala e maneirismos para se encaixar e até aspirara às mesmas coisas: casar e formar uma família sem sofrimento. Mesmo assim, no fundo, ela era diferente. Ela teve uma educação, uma visão de mundo que se estendia para longe deste canto minúsculo de Paris e ela não apreciava beber vinho sofregamente e dando risadinhas.

"Faça-me esquecer". As palavras vieram sem convite enquanto seus olhos encontravam os de Alexandre acima do copo e, nas profundezas verdes, ela viu compreensão. Ele ficou de pé e ela se desculpou por eles dois. Ela beijou Thérèse, que derramou algumas lágrimas, se de alegria ou de pena Gabrielle não tinha certeza, e ela agradeceu a todos enquanto o braço forte do seu marido deslizou em torno de sua cintura, puxando-a em direção a ele e de volta para seu doce abrigo.

“Seu abrigo”, Gabrielle pensou, muito mais que dele. Ela percebeu o quanto usara Alexandre para fuga deste mundo a que ela não pertencia e sentiu uma pontada de desânimo. Então de repente ela foi varrida por uma culpa por quanto ela tinha sido egoísta em correr para ele, concebendo sua criança e agora tomando seu nome. Normalmente não reflexiva, Gabrielle mordeu o lábio à enormidade de suas trapaças.

Hoje ela casara sob uma identidade falsa e seu marido não imaginava quem ou o quê ela era — ou que seu nome poderia colocá-lo em perigo.

O humor sombrio de Gabrielle permaneceu quando eles entraram no quarto de Alexandre, seu agora, Gabrielle emendou enquanto visualizava o espaço minúsculo. Não era tão bom quanto sua cela no porão, principalmente por causa do cheiro próximo dos cavalos, mas para ela era o céu e ela era grata a Alexandre por trazê-la aqui.

Alexandre parecia refletir também. Ele a despiu lenta e suavemente, sem seu ardor feroz habitual, mas Gabrielle apreciou esse novo toque leve como pluma também. Ela gemeu sob suas carícias até que atingiu o clímax de novo e de novo e logo eles estavam balançando a cama com a força de sua paixão.

Posteriormente, Gabrielle se deitou aconchegada contra seu tórax, apreciando o brilho prolongado e admirando as feições cinzeladas de seu marido.

- Diga-me se você está feliz. - ela sussurrou, então se corrigiu - Eu quero dizer, você está feliz? - ela perguntou.

Alexandre assentiu com a cabeça e sorriu para ela, e Gabrielle suspirou, soltando o fôlego que ela não percebeu que tinha segurado.

- Eu também. - ela respondeu - Quero dizer, eu estou feliz por ser sua esposa. - ela suavemente disse.

Ela ainda permaneceu deitada por um longo momento antes de falar novamente e, quando o fez, suas palavras o fizeram olhar para ela, surpreso.

- Outro homem me beijou não muito tempo atrás — antes que nós fizéssemos amor. - ela adicionou.

Ela se sentou e mordeu o lábio, eficazmente conduzindo totalmente a atenção de Alexandre. Ele se perguntou de quem ela estava falando. Morineau? René? Ou um dos milhares de franceses que não podiam evitar de se sentirem atraídos por esta mulher magnífica?

- Ele era jovem e bonito, mas nem de perto tão bonito quanto você é. - ela disse, enviando-lhe um sorriso cálido. Ela obviamente não estava falando sobre o velho Morineau, Alexandre percebeu. René? Provavelmente, ele decidiu com uma carranca de ciúme.

- Estava tudo certo, mas não era o mesmo que com você. - Gabrielle disse timidamente. Deus, ele alguma vez se acostumaria com sua ingenuidade? Num minuto ela mordia seu ombro e clamava por ele, logo depois ela estava roendo seu lábio, incerta sobre revelar demais sobre si mesma.

Alexandre se reclinou contra o travesseiro, admirando o brilho suave de seus cachos cor morango.

- Simplesmente não era o mesmo. - Gabrielle admitiu - Alexandre, você me faz... É incrível. Quando você me beija, o mundo inteiro desaparece e existe apenas você, e eu não consigo o suficiente de você.

Ela olhou para baixo, como se envergonhada pela confissão que fez o sangue de Alexandre comemorar.

Se ele pudesse ao menos responder à altura, o que ele diria para ela! Que ele nunca conheceu uma mulher que o inflamava como ela, respondendo com uma paixão além de suas fantasias mais selvagens, que o fazia rir e dava-lhe paz, que o despertava

com um único olhar de forma que ele não podia pensar em mais nada além de juntar-se a ela em uma união quente, frenética.

Alcançando sua mão, Alexandre segurou-a contra seu coração acelerado, mas mudo. Era a única maneira de dizer a ela que ele sentia o mesmo. Então, levando sua mão para seus lábios, ele pressionou um beijo fervente no fundo da palma. “Oh, Deus, Gabrielle”.



Gabrielle abriu seus olhos para uma réstia de luz solar que entrava por uma rachadura no edifício e sentou na cama. Bom Deus, que horas eram? Ela deveria estar atrasada para o trabalho!

Em seu estado cambaleante, Gabrielle esqueceu as razões para seu sono pesado: uma tarde de muitos brindes seguida por uma intoxicante noite de amor. Hoje era domingo, mas ela não percebeu e se esforçou para levantar, batendo em seu marido adormecido, que respondeu com um grunhido.

- Oomph! - ele rosnou enquanto Gabrielle trepava sobre ele a fim de descer da cama, e pareceu tão natural que ela não notou. Então ela se deteve em movimentos lentos, seus dedos do pé nus tocando o chão enquanto a respiração ficava presa em sua garganta. Poderia ser ordinário para outras pessoas grunhirem quando cutucadas nas costelas, mas ela nunca ouviu Alexandre articular qualquer tipo de som.

Acreditando à custo em seus ouvidos, Gabrielle voltou um olhar de surpresa para seu companheiro.

- Alexandre! - ela gritou - Você fez barulho!

Ele abriu um olho para fitá-la indiferentemente.

- Oh, mas se você pode fazer sons, talvez você possa aprender algum tipo de comunicação vocal. - ela acrescentou, excitada, já imaginando um diálogo com seu marido que não envolvia giz.

Alexandre meneou a cabeça e levantou da cama.

- Mas como você sabe? Você já tentou? - Gabrielle perguntou, agarrando um braço forte enquanto ele sentava - Você já foi a um médico?

Durante um momento Alexandre não respondeu e, quando ele finalmente se voltou para encará-la, Gabrielle se surpreendeu com a raiva em suas belas feições.

Ele assentiu com a cabeça firmemente em resposta a sua pergunta, então tentou se virar novamente, mas os dedos dela se apertaram em torno dos seus músculos.

- Bem? - Gabrielle persistiu - O que ele disse?

Alexandre escapou de seu aperto, um olhar cansado de aborrecimento em sua face, e pegou o giz. Ávida por algumas respostas, Gabrielle envolveu um cobertor ao seu redor e o seguiu até a mesa. Ele escreveu em um rabisco apressado: "Inútil".

Gabrielle franziu o cenho, desapontada. O que ele queria dizer, "inútil"? Que tipo de resposta era essa?

- Quem era esse médico? - ela perguntou - Você só se consultou com um? Certamente deve haver alguém que possa fazer algo...

Ela não estava realmente falando com Alexandre agora, mas verbalizando seus próprios desejos desesperados em voz alta. Ela o fitou de repente.

- Quando você viu esse médico? Se foi há muitos anos atrás, você devia ir novamente. Quem sabe o que eles estão fazendo estes dias? Talvez se você tentasse alguém novo? - Gabrielle fez do argumento uma pergunta e tocou em seu braço suavemente, mas ele era franziu o cenho taciturnamente.

As marcas de giz foram rápidas e pesadas em resposta.

"Nunca mais".

- Nunca mais o quê? - Gabrielle perguntou, com impaciência crescente - Nunca mais médico ou nunca mais perguntas?

Ela podia ver que ele estava bravo, que ele queria que ela largasse o assunto, mas ela não podia deixar passar. Como sua esposa, ela sentiu que tinha o direito de saber. E sua criança? Seria muda, também? Gabrielle podia entender a ira e o ressentimento que Alexandre deve ter acumulado ao longo dos anos, mas ela queria algumas respostas. E se existisse verdadeiramente alguma esperança...

- Que tal aquele lugar administrado pelo abade L'Epée?

Nessa hora ela viu a fúria inundar suas feições. Ele escreveu rapidamente antes de lançar o giz de lado: "Para surdos! Leitura labial".

- Eu sinto muito. - Gabrielle disse - Eu apenas ouvi menção de seu trabalho e não percebi. Oh, mas eu só tentava ser útil, isso é tudo. - Gabrielle se viu conversando com ar escasso enquanto ela se voltava para vê-lo se enfiando em suas roupas.

- Alexandre... - ela começou, não sabendo exatamente o que dizer - Não fique bravo comigo. - ela sussurrou. Ela tentou tocá-lo, confortá-lo, mas ele se foi.

- Alexandre! - ela chamou asperamente, só para ver a porta fechar atrás dele. Agora Gabrielle estava brava também, furiosa por ele ir embora e deixá-la enquanto conversava com ele. Ela correu para a porta, com intenção de segui-lo até que percebeu que não estava vestida. Bem, talvez ela abrisse uma fresta e gritasse como uma mulher de peixeiro, ela pensou desgostosa.

Ela pôs a mão na maçaneta, mas parou quando ouviu Bertrand do lado de fora. Gabrielle fez careta ao pensamento de que ele a flagara discutindo com Alexandre. O homem obviamente considerava sua união um desastre; ela hesitava em confirmar sua opinião para ele.

- Jacques quer ver você hoje à noite. - Bertrand disse, sua voz entrando através da porta. Gabrielle tirou os dedos da porta, sem vontade de espiar, mas algo no tom de Bertrand a manteve posicionada onde estava. Ela percebeu de repente que ele devia estar sussurrando.

- No olmo. - ele adicionou antes de os passos sinalizarem a partida de ambos os homens.

"Que estranho", Gabrielle pensou. Talvez Bertrand imaginasse que ela ainda estava deitada e não quis perturbá-la. Mas o que era "o olmo"? E quem era Jacques?



"Eu devo ajudar minha mãe hoje à noite". As palavras de giz encaravam Gabrielle, zombando dela. Ela trocou um olhar com Alexandre, que a fitava calmamente. Talvez nome da sua mãe fosse Jacques, então, Gabrielle pensou, sentindo os cabelos picarem atrás de seu pescoço.

- Eu irei junto. É certo que eu devia encontrar sua mãe. - Gabrielle ligeiramente disse, não ousando olhar para ele. Ela tirou os pratos da ceia, então sentiu a batida leve de seus dedos no ombro e se voltou para ele relutantemente.

Alexandre agitou sua cabeça firmemente. "Ela está doente", ele escreveu.

- Oh, não. - Gabrielle disse em sua voz mais solidária - Então eu devo definitivamente ir vê-la.

Alexandre ficava cada vez mais impaciente, ela podia ver isto. Ela sabia que ele odiava escrever, e preferiria nunca levantar o giz. Talvez se ela o importunasse por um tempo longo o suficiente...

Ele escreveu novamente: "Não. É muito longe e perigoso de noite. Ela está sendo cuidada".

- Muito perigoso? Então eu preferiria que você não fosse. - Gabrielle disse, seus lábios formando uma linha fina - Se ela está sendo cuidada, por que você vai?

Alexandre agitou sua cabeça e enxugou a mesa, seu modo de dizer que não haveria mais discussão. Gabrielle, porém, estava longe de terminar. Ela abriu a boca para continuar, mas foi silenciada por seus lábios. Mornos e tenros, eles continham uma promessa de que viria mais: beijos mais profundos e mais quentes, acompanhados de carícias que a deixariam selvagem e ofegante. Havia a promessa... "Tudo isso por seu silêncio".

Mas por uma vez ela não estava sucumbindo à promessa, e Alexandre obviamente podia dizer. Ele recuou e olhou para ela, seus olhos verdes brilhantes sondando as profundezas dela. Gabrielle levantou o queixo defensivamente, tentando afastar toda suspeita de seu olhar enquanto ela buscava a culpabilidade no dele. Não estava lá. As piscinas verde-claro nada refletiam além de calor e segurança.

Ele a beijou novamente então. Foi doce, lento e úmido, e Gabrielle sentiu a raiva e a desconfiança vazarem longe enquanto seus dedos deslizavam sob seu cabelo para agarrar seu pescoço. Quando os lábios dele deixaram os seus, ela suspirou, uma mistura de desejo e confusão. Alexandre, sorrindo sensualmente, voltou à realidade antes dela. "Eu vou deixá-la aqui", era sua mensagem muda. "Faça-me esquecer" era sua resposta enquanto ele deslizava um dedo suavemente sobre sua bochecha.

Então ele se foi, a doce promessa ainda demorando em seus lábios. Gabrielle permaneceu olhando fixamente para a porta enquanto vários sentimentos se conflitavam em seu peito: amor por ele, temor por sua segurança e, o mais forte de todos, suspeita. Ela hesitou por um instante apenas, então pôs seu capote e seguiu Alexandre.



Ela quase o perdeu duas vezes, embora eles viajassem a curta distância. Gabrielle estava intensamente ciente que, se ela verdadeiramente o perdesse, provavelmente nunca acharia seu caminho de volta para casa. Este medo afiou seus sentidos e a manteve tão perto dele quanto ousava. Embora não fosse tarde, ela não desejava ficar perdida em Paris depois do escurecer.

Se pelos menos eles alcançassem seu destino, ela pensou com impaciência, pois parecia que eles se moviam de modo extremamente indireto, virando aqui e acolá. Ela imaginou que o Olmo fosse uma pousada ou um café, mas ela não imaginou onde se localizava. Ela podia apenas seguir Alexandre e se concentrar em segui-lo sem que ele notasse. Era melhor não se preocupar sobre mais nada — especialmente Jacques.

Embora Gabrielle hesitasse admitir isto, ela suspeitava que o Jacques o qual Bertrand mencionou era alguém mais curvilíneo do que os que habitualmente possuíam o nome. As histórias de François sobre as façanhas de Alexandre retornaram muito vivamente para seu gosto, lembrando-a que Alexandre tinha uma reputação de encantar a população feminina. Quem poderia dizer que ele terminara essas diversões?

Gabrielle tinha que admitir que seu marido poderia bem ter uma amante que não estava contente com as notícias de seu casamento e então o chamou imperiosamente. Se esse era o caso, Gabrielle estava insegura sobre o que ela faria, mas ela considerou arrancar fora os olhos da outra mulher...

Seus pensamentos foram interrompidos pelos movimentos furtivos de Alexandre. Ele deslizou em uma área arborizada ao longo do rio, quase se dissolvendo na escuridão, e Gabrielle se moveu adiante depressa. Temendo perdê-lo, ela se apressou,

quase trombando diretamente nele quando ele sentava em uma pedra em uma pequena clareira sob as árvores.

Gabrielle verdadeiramente perplexa por suas ações até que ela percebeu que "o olmo" era para ser considerado literalmente. Não era o nome de um edifício, mas simplesmente uma árvore. Ela teve que sufocar uma risada nervosa, mas foi aliviada pelo conhecimento. Ela conhecia este lugar, ponto freqüente para piqueniques, e sabia como achar o caminho de volta à pousada daqui — pelo menos à luz do dia.

Gabrielle permaneceu perplexa, contudo. Por que aqui? E o que estava acontecendo? Era óbvio que Alexandre não estava visitando a mãe, mas o que exatamente ele estava fazendo ocultando-se entre as sombras deste bosque? Dificilmente parecia um lugar de encontros amorosos, como ela suspeitara — o tempo ficando um pouco frio para fazer amor ao ar livre.

O devaneio de Gabrielle foi quebrado pelo som de folhas pisadas que anunciavam a chegada de alguém — talvez o misterioso Jacques. Infelizmente, o barulho vinha diretamente para seu esconderijo, atrás de uma árvore grande. Por um momento, ela gelou de pânico. Então, posicionada entre Alexandre e os passos, Gabrielle fez o que freqüentemente fazia em sua juventude no *château*: subiu a árvore. Ela o fez com o menor ruído possível para rastejar sobre um dos galhos gigantes e desaparecer entre as sombras.

Lá ela se estirou silenciosa e tensa, tentando acalmar sua respiração, enquanto suas orelhas se esforçavam para captar os sons do movimento abaixo. Ela não tinha medo, realmente, pois apesar de sua ameaça anterior, Gabrielle sabia que Alexandre não a mataria — ou deixaria que ela fosse morta. E ainda ela sabia, instintivamente, que estava em perigo somente por estar aqui — pois Jacques não era nenhuma mulher, e isto não era nenhum encontro romântico.

Era um homem alto que caminhava até sua árvore na pequena clareira para juntar-se a Alexandre. Ainda sentando sobre uma pedra, mudo e imóvel, o único sinal de reconhecimento que Alexandre fez do sujeito foi um aceno de cabeça que Gabrielle pôde apenas discernir na escuridão.

- Obrigado por vir. - o estranho disse - Eu queria felicitá-lo.

Ele parou, como se esperasse algum tipo de resposta, mas nenhuma viria, claro.

- E eu queria conversar com você francamente.

Ele pausou novamente, como se não estivesse bastante certo como começar.

- Eu presumo que a razão para este passo que você tomou não é uma obrigação, mas qualquer outra coisa? - o homem perguntou. Gabrielle viu Alexandre assentir com a cabeça em resposta.

- Bom. - o homem respondeu - Eu tinha tanta esperança, por sua causa. Você achou alguma felicidade então? - novamente Alexandre movimentou a cabeça e seu companheiro pareceu bastante contente - Isto está bem, pois você merece alguma - inferno, mais que alguma. O velho me disse... mas escute, eu vim para acrescentar minha voz à dele e a todas as nossas vozes. Agora é o tempo para você ir.

Alexandre fez algum pequeno barulho em resposta, como um ronco, e agitou sua cabeça firmemente.

- Ouça-me. - o homem disse suave, mas firmemente - Você fez mais que sua parte, você bem sabe. Você tem uma esposa — e uma família — em que pensar agora. Há tempos piores pela frente. Agarre sua chance enquanto você ainda pode e passe sua tocha para outro. Não é só por sua causa que eu aconselho isto, mas por todos nós. Você se tornou muito conhecido, odiado demais. Você sabe disso. Todos nós sabemos. Mas nós hesitamos. É tempo de agir.

O estranho suspirou.

- É só uma questão de tempo, - Jacques continuou - antes que esses imbecis descubram você, meu amigo. É hora de lançá-los fora do caminho e de você desaparecer.

Para um longo momento houve silêncio, então outra voz foi ouvida.

- Eu suponho que você está certo. - disse e Gabrielle se contorceu para escutar. De onde vinha? Existia outra pessoa entre as árvores, escondida nas sombras ou empoleirada em alguma árvore como ela? Ela esquadrinhou a noite, mas não conseguiu ver ninguém exceto o homem com Alexandre.

- Existe mais uma coisa que eu devo fazer, entretanto, você sabe disso. - a voz continuou.

Gabrielle olhou fixamente para seu marido. Se ela não o conhecesse melhor, ela teria jurado que era ele que estava falando, pois o timbre fundo, melodioso e intimidador, parecia vir direto de onde ele estava sentado. Seu rosto estava nas sombras, mas, se o estranho se movesse um pouco, talvez ela pudesse ver melhor...

- Eu não planejava tentar novamente tão cedo. Eu esperava mentir mais um pouco, mas você está certo. É minha hora de deixar, então nós devemos agir agora.

Gabrielle quase caiu de seu poleiro. Ela mordeu o lábio para impedir o grito e agarrou a árvore tão firmemente que as farpas ásperas cortaram suas palmas. Alexandre levantou-se e ela pôde ver seu rosto mais claramente agora — tão claramente que ela realmente viu o movimento de sua boca.

- Está feito então. - ele disse. Gabrielle olhou fixamente fascinada como seus lábios, aqueles lábios mornos, maravilhosos que tocavam os seus tão freqüentemente, mas nunca se abriram para falar, agora mexiam com um propósito — e uma voz.

- Dê-me alguns dias para desenvolver um novo plano. - ele disse, alcançando o braço do homem - E uma vez que minha última tarefa for realizada, legarei o fardo para você. Talvez você tenha sorte com isto. - ele adicionou abafadamente, como se emoção afetasse sua fala. "Sua" fala.

O estranho lançou seu braço ao redor Alexandre de um modo amigável e então o dois pareceram se dissolver nas sombras, deixando Gabrielle agarrando sua árvore, com lágrimas de raiva e traição manchando suas bochechas.

Graças a Deus ela conhecia o caminho de casa, Gabrielle pensou, pois ela não via como poderia ter seguido eles. Ela simplesmente ficou onde estava por alguns minutos, incapaz de se mover, incapaz sequer de pensar claramente. Quando ela finalmente escorregou de seu poleiro, ela estava rígida, arranhada pela subida, com as mãos sangrando e fervendo de raiva. Alexandre devia ter tomado outra rota tortuosa de volta para os estábulos, mas Gabrielle estava chateada demais por ser tão inteligente. Ela foi direto para casa e abriu a porta esperando enfrentá-lo, só para não achar nada além da quietude vazia, a quietude silenciosa, a quietude desnecessariamente silenciosa, ela emendou. A grande onda de raiva e de traição cresceu nela novamente como uma torrente, arrastando tudo mais. Ela inspirou e jogou seu capote, lançando-o sobre a cadeira. Então ela ouviu a porta abrir.

Gabrielle girou para encará-lo, surpreendendo-o com a fúria que devia estar patente em suas feições tão transparentes. Ela tentou conter sua ira como caminhava em direção a ele, ignorando a expressão confusa em seu rosto. "O que é isto?", seus olhos pareciam dizer e, claro, esse era o único lugar em que ela encontraria a pergunta, *pois ele certamente não podia aparecer e perguntar, não é?*

Gabrielle o esbofeteou no rosto tão forte quanto ela podia.

- Seu bastardo mentiroso! - ela gritou - Como você ousa? Como você ousa me impor este... este silêncio forçado... esta prisão de silêncio? E para quê? Eu gostaria de saber por que você não pode falar com sua esposa!

Ela estava gritando agora e recuou para estapeá-lo novamente, a força de sua raiva conduzindo-a até que o braço dele se lançou para pegar seu pulso.

- Pare de gritar. Você está tentando nos matar a ambos? - ele silvou.

O som de sua voz trouxe Gabrielle pouco mais longe que o aperto em seu pulso. Ela soube que ele podia falar. Ela o ouviu no bosque, mas ele fora mascarado pelas sombras e conversava com outra pessoa. Agora ela realmente viu seus lábios mexerem - há poucas polegadas dos seus - e ouviu sua voz profunda, melodiosa e rica, apesar de ser lançada com raiva. Gabrielle hesitou, perdendo o equilíbrio, e fitou-o nos olhos. Eles eram uma máscara verde, que avivavam sua irritação novamente.

- Certo, eu abaixarei minha voz, seu monstro, - ela sussurrou acaloradamente - embora eu gostaria de saber exatamente por que nós temos que ficar quietos. Oh, mas por que você não me conta o quanto você se divertia me tomando por uma imbecil? Você nunca me disse nada, nada. E eu aceitei essa charada de silêncio. Como você pôde fazer isso? Como você pôde casar comigo e me forçar a viver deste modo? Sua esposa, pelo amor de Deus! E o bebê! Você sabe como eu fiquei angustiada, me perguntando se ele poderia... certo?

Gabrielle deu as costas para ele a fim de esconder o soluço que escapava, então ela sentiu a pressão firme de seus dedos em seu braço, atraindo-a para ele, mas ela não queria nada disso. Ela encolheu os ombros para escapar e caminhou com ar solene para longe.

- Não me toque! Não se atreva a me tocar! - ela sussurrou furiosamente, girando encará-lo novamente - Isso é tudo por que eu estou aqui, não é? Para ser sua cortesã pessoal! Oh, mas isso não pode ser, - ela acrescentou, sua voz baixa carregada de sarcasmo - porque você provavelmente se dignaria a falar com uma prostituta!

Ela estava ultrajada novamente e, não achando nenhuma saída favorável para sua irritação, agarrou o prato raso e lançou-o na cabeça dele. Alexandre se moveu depressa, entretanto, e o prato atingiu a parede com um impacto, quebrando no chão.

Ele veio para ela, então, agarrando-a com brutalidade pelos braços, mas ela chutou e bateu nele.

- Deixe-me ir, seu bastardo imundo, sua víbora repugnante! - ela silvou. Então todas as imprecações, as piores, palavras mais vulgares e obscenas que ela já lera nas sarjetas de Paris voaram para sua boca como a cantilena esganiçada de uma mulher de peixeiro - até que ele as silenciou com um beijo.

Dura, exigente e possessiva, sua boca a fez parar de lutar, e ela amaldiçoou o poder que ele tinha sobre seu corpo, pois sua ira começou a dissolver assim que a língua dele encontrou sua, inflamando seu sangue. Então ela sentiu a suave e doce respiração da fala em seu pescoço.

- Silencie. - Alexandre disse. *Alexandre disse*. Era tão estranho ouvir sua voz. Profunda e sensual, pertenceu a ele somente.

- Silencie, meu amor. - ele sussurrou - Quem é o que parece nestes dias? Todo mundo em Paris tem seus segredos. E eu fiz o que devia para me proteger e às pessoas próximas de mim, inclusive você. - ele disse. *Ele disse*.

Gabrielle sentiu seu coração acelerar, sua garganta estreitar e então a sensação inebriante de suas mãos soltando seu vestido e tocando sua pele aquecida.

- Meu amor, - Alexandre sussurrou em sua orelha - eu sei que você sofreu, mas eu também sofri. Você sabe o quanto eu quis chamar você de "meu amor", dizer a você o que está em meu coração? Toda vez que eu estou dentro de você, eu quero gritar seu nome para os céus, Gabrielle. Gabrielle!

Uma onda quente de desejo substituiu o último vestígio de sua fúria e Gabrielle não podia negá-lo. Ela deslizou os braços ao redor do seu pescoço. Não importa. Nada

importava porque ele estava sussurrando para ela com aquela voz gloriosa, aquela voz melodiosa e a tocava e tirava seu vestido impacientemente.

- Gabrielle. - ele suspirou enquanto suas mãos vagavam por seus braços e ao longo de suas costas - Você é linda.

Sua voz era uma carícia rouca enquanto suas mãos a estreitam contra ele. Seus lábios se moviam contra sua orelha, sua garganta, seus ombros e a curva suave de seus seios, enquanto tudo que ela conseguia fazer era se agarrar a ele, perdida em um feitiço que ele tecia com suas palavras.

Gabrielle sentiu seus dedos se enroscarem em seu cabelo.

- Deslumbrante. Cabelo sedoso e cintilante como uma pedra preciosa pálida. Pele lisa, branca. Gabrielle. - Alexandre sussurrou. Então ele a levantou e a levou para a cama - Eu amo amar você. Nunca houve ninguém como você. Você excita meu sangue. Da mesma maneira que você queima por mim, eu queimo por você.

Ele inclinou as costas dela nas cobertas e deslizou as mãos por suas pernas, abrindo-as.

- Pêssego maduro, pálido. - ele sussurrou enquanto se livrava da camisa. Gabrielle deitou de volta, tão atordoada de desejo que, por uma vez, ela não podia sequer erguer um dedo para agarrá-lo. Sua respiração se tornou ofegante enquanto ela observava e escutava.

O murmúrio de Alexandre era mais emocionante para ela agora que o beijo mais fundo, e, realmente, ela não queria silenciar aqueles lábios novamente. Quando ele soltou suas calças e se moveu sobre ela, Gabrielle beijou sua mandíbula e seu pescoço, então ela tomou seu rosto nas mãos de forma que ela pudesse vê-lo falar.

Seu rosto estava tenso de paixão, mas Alexandre segurou o olhar dela.

- Deixe-me amar você, minha Gabrielle. - ele sussurrou. O coração de Gabrielle bateu tão forte em seu peito que ela mal conseguiu responder.

- Por favor. - ela finalmente conseguiu suspirar em consentimento. Seus olhos se fecharam juntos, ela arqueou contra ele da mesma maneira que ele empurrava bem no fundo ela. Não era o movimento propriamente que a enviou acima do limite, entretanto, mas o gemido dele que acompanhou, rouco e profundo, que a fez subir rapidamente, estremecendo em um clímax aparentemente interminável.

E acima e mais alto que as ondas de prazer, ela podia ouvir sua voz.

- Eu amo você, Gabrielle. - ele sussurrou - Gabrielle!

CAPÍTULO 17

Gabrielle permaneceu acordada escutando as batidas do coração de Alexandre. A raiva se fora e só uma sonolência morna a envolvia. Claro, ela ainda o amava. Ele a levava para longe, não foi? Meu Deus, ele certamente levou, ela pensou, sorrindo na escuridão à memória de sua selvagem união. E ele a amava. Ela ouviu isto de seus lábios - em sua própria voz maravilhosa e agradável. Gabrielle se aconchegou sob as costelas dele, a completa assimilação de sua descoberta finalmente penetrando.

Ela ficou emocionada pelo panorama de toda uma vida de conversas que não envolveriam giz. Ser capaz de discutir qualquer coisa e tudo — o passado, o futuro, política, comida, o tempo e todas as muitas ocorrências diárias que duas pessoas dividiam quando viviam juntas - estava além de suas expectativas mais loucas. Oh, mas como ela sentia falta e ansiava por isto, e agora subitamente teria seus desejos concedidos! Era maravilhoso. Então ele mentiu para proteger ela e a si mesmo; não era isso que ela justamente fizera?

Agora seria uma boa hora para dizer a ele.

Gabrielle beijou a linha firme de sua mandíbula enquanto ela refletia sobre a idéia. Sim, agora seria um boa hora de dizer a Alexandre seu nome real e que ela, também, tinha segredos, segredos que fizeram-na esconder-se, fizeram-na assumir outra identidade, e tornaram-na... perigosa. Ela sentiu os lábios dele varrerem os seus e o ritmo quente e doce de seus dedos deslizando por suas costas. Não, agora realmente não seria a melhor ocasião, ela pensou. Talvez mais tarde...



- Você não pode dizer a ele! - Thérèse disse, erguendo-se da beirada da cama. Gabrielle se sentou em um tamborete contra a parede de seu antigo quarto observando a amiga, que estava obviamente horrorizada pelo anúncio de Gabrielle.

- Mas ele é meu marido agora. - Gabrielle respondeu com um sorriso conciliador.

- Sim, ele é seu marido. - Thérèse reconheceu com um toque de desgosto, como se ainda não se sentisse bem com o fato - E por sua causa, você construiu uma vida maravilhosa aqui. Por que estragar isso? - Thérèse perguntou.

- Você "é" Gabrielle de St. Clair ou Gabrielle Vestier, que seja, o que é muito melhor! Você tem toda uma nova identidade. Esqueça o passado. Esqueça tudo. - Thérèse persuadiu - E, principalmente, esqueça seus loucos esquemas em relação a seu pai, se não por você mesma ou seu marido, então pelo seu bebê.

Gabrielle franziu o cenho. Claro, ela não podia abandonar seu pai, mas ela não tinha nenhuma intenção de entrar naquela velha discussão. Ela e Thérèse já passaram por isso antes e não havia razão para se deter nisso novamente.

- Deixe papai fora disso. - Gabrielle disse - Eu simplesmente penso que meu marido tem o direito de saber quem eu sou. - ela argumentou.

"E eu odeio ouvi-lo me chamar pelo nome de outra", ela pensou severamente, entretanto não ousou dizer isto. Ela olhava serenamente para sua amiga e tentou não franzir a testa. Ela devia saber que Thérèse não concordaria.

- Você acha que ele agradecerá tais informações? - Thérèse perguntou - Mesmo sem considerar o perigo — a preocupação — que tal conhecimento traria, esta revelação

poderia mudar sua relação. Você pensou sobre isto? - Thérèse perguntou, as sobrancelhas delicadas levantadas à pergunta.

- Ele casou com você pelo que ele acredita que você seja. Ele não desposou a filha de um conde e talvez ele não gostaria de ser casado com uma. - Gabrielle se retorceu sob o olhar azul-pálido de Thérèse e mordeu o lábio. Por que Thérèse sempre tinha que examinar tudo em detalhes tão complexos? Ela fazia a coisa mais simples parecer tão difícil.

- E se você não está balanceada pelo pensamento de seu bebê, então pense em mim. - Thérèse disse em voz baixa. Como se sentisse a indecisão de Gabrielle, ela pressionou com mais firmeza - Isto é algo que eu nunca pedi que você fizesse, mas considere isto: se de alguma maneira seu passado vir à tona, você não percebe que eu serei implicada também?

Gabrielle tentou pensar em uma forma de contornar aquele argumento, mas ela não conseguiu. Ninguém acreditaria que ela enganou sua própria criada e que uma ameaça teria induzido uma empregada a acolher sua patroa contra sua vontade e tão confortavelmente por tanto tempo. Gabrielle olhou fixamente para a mesa, finalmente resignada a manter seu silêncio.

- Certo. - Gabrielle disse - No momento eu não direi nada. Sobre o futuro... - ela olhou em cima, com o olhar desafiante para Thérèse - Sobre isto, eu não posso prometer.

Thérèse sorriu aliviada e, apertando as mãos de Gabrielle suavemente, ela deixou o quarto que elas uma vez compartilharam para retornar ao trabalho. Gabrielle permaneceu onde estava, olhando fixamente para as paredes familiares. Ausente, ela captou o esconderijo em que suas jóias ainda estavam. Ela não ousou removê-las para sua nova casa por temer que Alexandre as encontrasse acidentalmente, então aqui eles ficaram, trancadas longe, sem nunca virem à tona, como seu nome. O que Alexandre dissera? "Todo mundo em Paris tinha seus segredos". Se ele ao menos soubesse o quanto isso era verdadeiro.



Gabrielle manteve para sua decisão, mas se irritava em ouvir seu marido sussurrar "Gabrielle." Ela sabia que era um capricho ridículo, mas, como ela queria ouvir "Dominique" sair de seus lábios. Para falar a verdade dizer, ela muito raramente ouvia até mesmo "Gabrielle," pois, embora ela desfrutasse da habilidade de falar do seu marido, ele exercitava aquele direito infreqüentemente.

Ela deixou sua cama segunda-feira de manhã, feliz e ávida para compartilhar seus segredos com ele — até que sua conversa com Thérèse a convenceria do contrário. Ainda existiam tantas outras coisas sobre o que conversar! Gabrielle passou o dia excitadamente antecipando nova conversação com seu cônjuge e retornou para casa naquele dia mal sabendo onde começar. Não importava, pois quando ele finalmente entrou, cansado e suado por mudar pares extras, ele não disse nada.

Gabrielle tentou instigá-lo a conversar, mas ele pôs um dedo nos lábios, sinalizando silêncio. Não sendo desencorajada, Gabrielle conversou amabilidades sobre seu dia, embora ele não respondesse. Como a noite passava lentamente, porém, ela começou a se perguntar se sonhara com a fala dele, pois apenas o silêncio a aguardava, hoje e todo dia. Exasperada, ela finalmente sibilou.

- Diga algo! Eu sei que você pode!

A grande mão de Alexandre pousou em seu ombro enquanto ele a puxava para mais perto e sussurrava em sua orelha.

- Não agora. - ele disse. Não até que eles estivessem abrigados pela escuridão, então ele finalmentealaria e então Gabrielle teve que se esforçar para captar os sussurros em sua orelha.

- Eu não posso falar abertamente. - ele sussurrou - Eu tenho um passado que preciso esconder. Eu assumi outra identidade e para mantê-la eu devo desempenhar esse pequeno enigma. - Alexandre disse, seus olhos verdes sérios enquanto a encarava.

Quando Gabrielle abriu a boca para protestar, sentiu os dedos mornos em seus lábios.

- As paredes aqui são finas, - ele disse, gesticulando para as tábuas de madeira no interior - e conduzem sons. Se você quebrar meu silêncio, você arriscará tudo: minha vida, sua vida e a da nossa criança. - Alexandre advertiu.

Gabrielle ficou obedientemente em silêncio.

- Estou confiando minha vida a você. - Alexandre sussurrou argutamente. Os olhos dele sondavam os seus, como se examinassem sua alma, e Gabrielle movimentou a cabeça em mudo consentimento. Ela teve o sentimento distinto que, embora forçado a confiar nela, Alexandre não estava muito feliz com isto.

E ele certamente não queria fornecer detalhes. Ele desviou todas as suas perguntas e, da conversa com Jacques, Alexandre não disse nada além de emitir advertências medonhas sobre o que aconteceria se ela ousasse segui-lo novamente. Gabrielle franziu o cenho quando ele ralhou com ela, mas prometeu que não os colocaria em perigo novamente.

Embora um pouco chateada por Alexandre não dar mais explicações, Gabrielle decidiu não pressioná-lo. Deixe ele manter seus segredos, ela pensou impiedosamente. Deus sabia que ela tinha os seus - seu próprio passado escondido e sua própria identidade assumida. E ela se contentou, no momento, por ouvi-lo sussurrar em sua orelha sobre seu amor enquanto ele se aproximava dela na escuridão. Amanhã? Bem, Gabrielle nunca fora alguém para levar isso em muita consideração.

E realmente, como ela podia pensar em qualquer coisa quando ele a beijava tão famelicamente e acendia sua pele de forma que ela ficava alucinada por ele? Naquele ponto, ela não se importava com nada além da pressão firme do corpo dele contra o seu, e todo o resto cessou de existir até que eles deitaram entrelaçados e exaustos, posteriormente.

Mas então Gabrielle estava muito sonolenta para ponderar os mistérios dele ou os seus próprios ou a complexa teia de enganos que ligava um ao outro. Ela sabia, instintivamente, que devia compartilhar seus segredos com ele, mas sua promessa a Thérèse a impediu.

Pobre Thérèse, que sempre acreditava o pior. Se pelo menos sua amiga pudesse achar a felicidade que ela encontrara, Gabrielle pensou pesadamente, talvez ela não estivesse desaprovando tanto. Thérèse precisa de um homem, Gabrielle decidiu. Então ela adormeceu nunca sonhando que ela logo teria causa para lamentar seu desejo.



Gabrielle disse a si mesma alguns dias mais tarde que devia parar de ver Thérèse só para reassegurar sua amiga que ela mantinha seus segredos e compartilhar uma visita breve. Tornou-se muito fácil se esconder em seu quatinho, apreciando aquele doce abrigo enquanto inconsciente para o mundo e negligente de suas responsabilidades. O misterioso "P" estava ciente de sua mudança de endereço? Gabrielle não ouviu nada dele, mas talvez Thérèse recebesse alguma mensagem para ela em seu antigo quarto.

Antes de se encaminhar para o trabalho, Gabrielle deslizou na familiar cozinha para apanhá-la, mas Thérèse não estava visível em nenhum lugar.

- Oh! É Gabrielle! - François cordialmente a saudou - Aquele Alexandre deve estar perdendo seu toque! Ou ele está somente ficando muito velho e preguiçoso? - François perguntou, agitando a cabeça com falsa consternação.

- Ele é nenhum velho nem preguiçoso, como você bem sabe. - Gabrielle respondeu, desviando o que ela suspeitava ser algum humor ribaldo na pronúncia. François não foi desencorajado, porém, e a entrada de Gaspard forneceu-lhe um público disposto.

François espalhou suas mãos enormes diante dele em um gesto de desamparo.

- Veja quem está aqui, Gaspard! - ele exclamou, acenando uma mão gorda e enfarinhada para Gabrielle - Eu pergunto a você: é correto? Vê-la fora de casa tão logo após o casamento - e tão cedo da manhã também. - ele acrescentou, parando para sorrir-lhe descaradamente.

- Todo mundo dirá que Alexandre não está cumprindo suas obrigações. - ambos os homens explodiram em gargalhadas.

- François, - Gabrielle advertiu, tentando franzir o cenho para ele - É melhor você se comportar agora mesmo. Eu sou uma mulher casada.

O grande riso escarninho do italiano eclodiu de seu tórax em resposta.

- Ainda mais razão, não, pequena! - ele respondeu.

Gaspard piscou para ela e Gabrielle sorriu fracamente em resposta. Embora as provocações de François não a incomodassem, ela não mais se sentia confortável com o estalajadeiro. Quando ele virou as costas para tirar uma fatia de pão fresco dos fornos, ela franziu o cenho para François, tentando calar o cozinheiro com sua olhadela. Parecia trabalhar, pois embora ele risse abertamente, ele retornou a seu trabalho e nenhum comentário mais picante deslizou de sua língua.

- Você viu Thérèse esta manhã? - Gabrielle perguntou casualmente, se inclinando atrás dele para agarrar uma fatia gorda de maçã de um prato. François tentou dar um tapa em sua mão, mas ela era muito rápida para perder este jogo que eles tinham jogado tão frequentemente.

- Não. - François respondeu - E por que eu estou vendo você, pequena patife? - ele rosnou - Diga ao seu marido para mantê-la na cama em que você pertence!

Gabrielle deu uma risadinha e se afastou, caso ele tentasse espancar seu traseiro com um rolo de massas. Aconteceu antes. Ela mordiscou a fruta em silêncio, surpresa por Thérèse ainda não ter surgido na cozinha. Normalmente sua amiga ficava alvoroçada em acordar bem mais cedo que Gabrielle.

- Oh, mas você não acha que ela esteja doente, não é? - Gabrielle perguntou.

- É mais provável que esteja dormindo tarde. - François disse. Ele falou casualmente, mas enviou-lhe um olhar estranho, algo como um olhar de advertência, que fez se Gabrielle perguntar se talvez ela não devesse dizer qualquer coisa na frente de Gaspard. Ela não queria pôr Thérèse em dificuldades com seu tio, especialmente quando ele era seu empregador e o proprietário também.

- Talvez. - Gabrielle meditou. Então ela sorriu maldosamente - Nesse caso, eu a levarei para o trabalho. - ela ameaçou.

Ela se encaminhou em direção aos degraus do porão sem olhar para trás em direção a François; se tivesse, talvez ela tivesse visto a sacudida rápida de sua cabeça que a acautelava para não ir. Mas ela não olhou, então ela deslizou pelos degraus do porão abaixo sem escrúpulos em bater à sua velha porta.

- Levante-se, sua dorminhoca. - Gabrielle chamou, provocando a amiga - Está ficando tarde!

Ela bateu sem cerimônia, então permaneceu esperando por um ruído de dentro. Embora ela ouvisse um pouco de barulho que sinalizava movimento, Thérèse não respondeu.

A preocupação de Gabrielle cresceu por causa do silêncio.

- Thérèse, você está bem? - ela perguntou, batendo mais vigorosamente. Gabrielle desejou agora não ter dado sua chave antiga a Thérèse. Mordendo o lábio, ela ficou lá por um momento se perguntando o que faria em seguida.

De repente a porta se escancarou tão rapidamente que Gabrielle recuou, surpresa, e lá ela permaneceu, enraizada no lugar, fitando a entrada de seu antigo quarto como se incapaz de acreditar em seus olhos. Pois não era Thérèse que estava emoldurada pelo umbral. Gabrielle se achou cara a cara com Armand Fauchet.

Seu antigo laçai mudou pouco. Ele ainda era alto e esbelto, seu cabelo marrom tendo crescido um pouco talvez, ou talvez fosse simplesmente porque ela nunca os vira pendendo soltos em vez de nitidamente amarrada atrás em um rabicho. Era estranho vê-lo tão desordenado e vestindo as roupas *de la patrie* em vez da libré que ele tão freqüentemente vestira. À vista dela, seus olhos marrons se estreitaram e seu rosto magro se tornou até mais comprimido.

- Como eu vivo e respiro... - ele sussurrou - Dominique Morineau!

Oh, querido, Deus. Em um instante, a vida que Gabrielle construiu tão intricadamente em Paris ruiu abaixo e ela podia apenas continuar a olhar fixamente enquanto sua mente corria para uma negação, uma desculpa ou uma resposta para este dilema horroroso.

Thérèse se apressou atrás de Armand então, e Gabrielle deslizou seu olhar para sua velha amiga, embrulhada em um robe.

Parecendo pálida e ansiosa, Thérèse pôs uma mão em seu braço.

- Armand, você se lembra de Gabrielle de St. Clair? - ela perguntou, acotovelando Armand de leve.

- Eu sou casada agora. - Gabrielle disse friamente, apesar do medo penetrante que deslizava como uma faca ao longo da sua espinha - É Gabrielle Vestier.

- Ela é casada com um cavaleiro que trabalha aqui na pousada. - Thérèse disse em um fluxo apressado de palavras, obviamente tentando prevenir Armand de reivindicar sua identidade.

Ele não foi enganado, porém.

- Ho, ho! - ele disse com uma risada, embora seu rosto não demonstrasse nenhum prazer - Isso deve ser uma decadência para a filha do conde.

Gabrielle não comentou. Sua cabeça permanecia limpa, seus pensamentos talvez até afiados pelo medo que a aguilhoava e ela decidiu depressa que, quanto menos dissesse, melhor. Talvez tudo fosse anotado como um erro de identidade ou um lapso de memória de Armand, ela pensou, sempre esperançosa. Mas com um instigador patriótico tal como ele, realmente importava quem ela era? Sua palavra seria suficiente para destruí-la.

- Se você me dá licença, eu devo trabalhar. - ela disse.

- Trabalhar? - Armand escarneceu, rindo com crueldade novamente - Vejamos o tipo de trabalho que as mãos brancas como lírio fazem. - ele segurou Gabrielle, rudemente pegando uma mão, e ela não resistiu. Ao contrário, ela o deixou olhar sua palma enquanto ela desesperadamente tentava serenar sua fúria. Como ela queria chutá-lo bem entre as pernas! Talvez se ela o machucasse bastante, ele não iria mais conceber bastardos em mulheres jovens e inocentes como Thérèse...

Armand pareceu desapontado pelos calos em seus dedos, pois, depois de uma inspeção superficial ele lançou sua mão longe com um ar de desgosto.

- Então, você não é mais uma sanguessuga inútil chupando o sangue das pessoas? - ele cutucou. Gabrielle não respondeu. Ela se coçava para estapeá-lo, para remover o sorriso vitorioso de suas feições aquilinas, contorcidas de ódio.

Ela vira aquele aspecto tantas vezes antes — quando políticos insignificantes tomavam suas tribunas na câmara dos comuns ou provocavam o furor das multidões nas ruas. Isso a lembrava, também, da *Place de la Révolution* e foi isso que freiou sua mão. Gabrielle retornou seu olhar calmamente, então deu meia volta para ir e caminhou lentamente degraus acima.

- Gabrielle é uma costureira. - Thérèse choramingou, mas Gabrielle sabia que ela não estava enganando ninguém. Thérèse não podia fazer nada de bom com Armand. Ele era podre até o carço e Thérèse mais boba por deixá-lo voltar a sua cama. Pobre Thérèse, que acusava Gabrielle de fazer as escolhas erradas...

Gabrielle subiu os degraus lentamente, vagamente surpresa que Armand a deixasse ir. Então ela percebeu que não era seu estilo sair descomposto em perseguição a uma mulher. Dificilmente se ajustaria à flamejante imagem de si mesmo como um salvador da França.

Na cozinha, Gabrielle vestiu o capote e se demorou na entrada, olhando através do pátio. Alexandre não estava nenhum lugar visível. E agora? Gabrielle olhou pelo recinto. Gaspard se fora e François relanceou o olhar para ela quando a viu.

- O que é isto, pequena? - ele perguntou, suas sobrancelhas enrugadas em preocupação - Você parece que viu um fantasma. Gabrielle apenas agitou a cabeça. Ainda que pudesse confiar nele, o que ela diria? Ela deu o melhor sorriso que conseguia e saiu para o pátio.

Silenciosamente, ela desejou que Alexandre aparecesse enquanto ela fazia seu trajeto pelo pátio da pousada, mas, embora seus passos fossem lentos, ele não apareceu. Ela hesitou no portão, desejando correr para os estábulos e derramar tudo em seus braços, mas ela sabia que mesmo Alexandre não podia nem com mágica fazer as coisas se acertarem esta manhã.

Esboçando uma respiração funda, Gabrielle continuou movendo seus pés e tomou seu caminho habitual para o trabalho, pois ela suspeitava que Armand poderia muito bem estar observando para ver se ela, realmente, tinha um trabalho. Talvez fosse melhor que ela mantivesse sua rotina normal.

Uma vez na cidadã Caron, porém, Gabrielle lamentou sua decisão. Ela tomou seu lugar habitual e tentou costurar, mas não conseguia se concentrar com sua mente vagando em outro lugar. Ele sentiu o gosto azedo de pânico em sua língua, e ele pressionava seu peito, fazendo-a se inquietar na cadeira. O que Armand faria?

Gabrielle lembrou do olhar malicioso de superioridade em seu rosto satisfeito consigo mesmo e ela soube exatamente o que ele faria. Tão certa quanto estava sentada lá, Gabrielle soube que ele a denunciaria.

O que ela podia fazer? Fuja! Fuja! Seu pânico disse a ela, mas como? E para onde? Ela não podia voltar para a aldeia e os amigos e os parentes do seu pai se foram ou estavam eles mesmos escondidos.

Se pelo menos René ainda estivesse na cidade ou tivesse deixado um meio de contatar seus companheiros. Se pelo menos ela soubesse como alcançar o misterioso "P" que lhe enviara o bilhete. Se pelo menos... Mas Gabrielle não conhecia nenhum lugar para ir e ninguém que a abrigaria. Gabrielle trabalhava com as mãos rígidas. Ela sabia que a loja devia estar fria, como sempre, pois seus companheiros de trabalho vestiam luvas ou capotes, mesmo assim Gabrielle sentiu o suor brotar em sua testa.

Ela agitou a cabeça para tentar ordenar seus pensamentos. E Alexandre? Seguramente ela podia confiar em seu marido. Em seu coração, ela confiava, não

importava o que Thérèse pudesse dizer. De fato, com uma claridade súbita, Gabrielle percebeu que ela lhe confiaria a vida — e a de sua criança. O pensamento a fez querer chorar de alívio e ela desejou desesperadamente a força silenciosa dele, sua cabeça íntegra.

Ela devia ir até ele agora e lhe dizer tudo ou ela simplesmente devia fugir? Talvez ele soubesse de um lugar que eles pudessem, para parentes ou amigos, em algum lugar longe da cidade. E papai? Oh, mas papai, eu posso fazer tão pouco para ajudar você se eu morrer....

Gabrielle olhou no relógio pela décima vez em alguns minutos, mas suas mãos pareciam não ter movido. Ela devia sair agora, alegando estar doente, ou terminar o dia? Seguramente isso daria a Armand algum tempo para fazer seu trabalho sujo — tempo para que as engrenagens *de la patrie* rolassem em ação.

Ela finalmente decidiu esperar até o intervalo do meio-dia. Embora as meninas normalmente comessem na cidadã Caron, algumas delas subiam as escadas para seus quartos ou saíam, e Gabrielle voltara para a pousada em várias ocasiões. Ninguém acharia isto incomum se ela saísse para a refeição, mas se ela saísse cedo poderia ser embaraçoso. Armand poderia ter alguém espionando-a, pronto para saltar ao primeiro sinal de atividade incomum.

Ficou decidido então. Ela voltaria para casa, encontraria Alexandre e diria tudo a ele, e juntos... juntos eles pensariam em algo. Gabrielle tentou enfocar na imagem de seu belo marido para se manter tranqüila. Alexandre a protegeria. Ele não salvou sua vida? Gabrielle sorriu suavemente para ela mesma pela primeira vez em horas. Aquele covarde fraco Armand não era páreo para seu marido, ela pensou com orgulhoso.

Ela parou de suar então, embora seus olhos tranqüilos se lançassem em direção ao relógio e cada minuto que transcorria parecia torturante. À medida que o intervalo do meio-dia se aproximava, ela até começou a respirar mais fácil e a prestar mais atenção em seu trabalho. Finalmente, com um suspiro de alívio, Gabrielle pôs uma mão em seu estômago esbelto, silenciosamente reassegurando o bebê que todos estariam bem.

Então eles irromperam através da porta.

Gabrielle sentiu o coração vacilar no peito à vista dos quatro soldados. Eles estavam completamente armados, esses patriotas valentes, aparentemente prontos para lutar com uma mulher grávida e um grupo de costureiras, Gabrielle desdenhosamente pensou. Ela permaneceu sentada enquanto eles falavam com sua patroa, na esperança de que eles ali estivessem devido a alguma outra incumbência. Mas quando viu os olhos da cidadã Caron, mundanos e tristes, deslizando para ela, soube quem eles buscavam.

As outras meninas ficaram espantadas quando os soldados vieram em direção a ela. Algumas olharam com medo, enquanto outras protestaram tremulamente.

- O que ela fez? - Aimée perguntou, soluçando e sem compreender o motivo de Gabrielle ir com eles.

- Traição. - respondeu um guarda, então ele cutucou Gabrielle rudemente, de forma que ela não tivesse sequer uma chance de dizer adeus.



Era chamado de "vasta antecâmara da morte" porque detinha a maioria dos que estavam à espera da execução. Era a prisão da *Conciergerie* e era lá onde o Gabrielle se encontrava.

Claro, ela sabia que as condições eram horrendas, mas as visões, os sons e os cheiros deram-lhe vontade de chorar. Ela se contentou por acatar o conselho de Thérèse

para nunca vir procurar seu pai, pois como ela podia ter suportado saber que ele estava alojado em tal inferno?

Seu pai. A única luz na grande negridão que ameaçava subjugar-la era o pensamento em seu pai e a expectativa que ela poderia encontrá-lo, vê-lo e conversar com ele. Aquela esperança a sustentava, embora a *Conciergerie* não fosse um lugar para a esperança.

Aqui criminosos comuns eram alojados com aqueles que ainda seriam julgados e aqueles que aguardavam a guilhotina. Embora Gabrielle fosse sortuda o suficiente para ser hospedada no segundo andar em um quarto com cama, ela dificilmente podia chamar aquilo de confortável e mordeu o lábio quando viu que não existia janelas. Oh, mas como ela odiava estar encarcerada.

Quando a porta se fechou atrás dela, Gabrielle sentiu uma constrição na garganta. Não era apenas o seu minúsculo quarto, mas o pensamento de todos os outros espaços minúsculos, todos os confinados e todos atrás dos muros da prisão, a fez respirar a custo. Não lhe fez bem, contudo, pois o ar era sujo, fedendo a urina e fezes misturadas com vômito e doenças e só Deus sabia mais o quê. E então havia os ratos e pulgas e coisas vis rastejantes.

- Roubou algo, querida? - perguntou a uma voz atrás dela, e Gabrielle se virou para encarar uma menina bastante bonita com cachos castanhos bem cuidados emoldurando o rosto - Ou você sobrecarregou o sujeito errado?

- O quê? - Gabrielle perguntou.

- Então você é uma prisioneira política? - a menina perguntou com um sorriso. Gabrielle assentiu, então sufocou e ofegou, fazendo com que as sobrelhas bem desenhadas da menina se juntassem em preocupação.

- Aqui, sente-se. - ela disse, ajudando Gabrielle a sentar na beirada de uma cama - Você está bem?

Gabrielle assentiu novamente depois de tomar seu assento tremulamente.

- Eu sinto muito. Eu estou um pouco nauseada. Eu não gosto de estar trancafiada.

Sua simpática companheira estrondou em uma risada rouca.

- Bem, então você veio para o lugar errado, querida. - ela disse - A prisão geralmente implica confinamento. - ela mesma riu de sua própria tirada; então bateu levemente nas costas de Gabrielle.

- Você se acostumará com isso - ela disse - Eu me acostumei. Meu nome é Angélique Aligre.

- Gabrielle Vestier.

Angélique se sentou ao lado dela, sua voz gentil e confortante enquanto ela falava.

- Escute, querida, fique grata por pelo menos você não estar lá embaixo. - ela disse.

- Embaixo?

- Sim. - Angélique respondeu com um tremor - Você logo os verá bastante — os pobre-diabos cobertos de chagas abertas e piolhos, dormindo na palha sobre seus próprios dejetos, sem luz ou ar.

Gabrielle olhou nela, horrorizada.

- Por quê?

Angélique encolheu os ombros.

- É a nova ordem - *decência e igualdade*. - ela disse, sua voz carregada de sarcasmo. Ao ver o olhar inexpressivo de Gabrielle, ela apressou em explicar.

- Se um homem tem dinheiro, então ele pode ter um quarto, como este. - ela disse, apontando suas acomodações escassas - Se ele não tiver... - ela agitou a cabeça severamente - Então eles o põem lá em um minúsculo *cachot*, sem nada para se deitar a não ser palha, e nem sequer um penico, imagine.

Gabrielle sentiu um calafrio a percorrer quando ela pensou sobre seu pai em tal lugar. Seguramente ele tinha algum dinheiro quando veio para a cidade e ele deve ter comprado uma cama, ela decidiu. Gabrielle rezou para que ele não descesse lá enquanto ela fitava Angélique ansiosamente.

- Meu pai está aqui. - ela sussurrou.

- Seu pai, você diz? Qual é seu nome? - Angélique perguntou.

- Étienne Morineau. - Gabrielle respondeu, olhando sua companheira esperançosamente.

Angélique agitou sua cabeça lentamente.

- Eu não posso dizer que ouvi falar dele, mas quem sabe? Eu não estou aqui há muito tempo. Talvez outra pessoa o conheça. Nós descobriremos amanhã. - ela disse, batendo levemente Gabrielle suavemente.

- Amanhã?

- Sim. - Angélique disse - Algo por volta de meio-dia eles nos levam para o pátio para uma lavagem e então você pode ter um vislumbre de seu pai.

- Os homens estarão lá, também?

- Para a refeição, sim. - Angélique disse - Existe uma grade nos separando, mas você poderia achá-lo ou ele poderia ver você.

Seu pai. Gabrielle tentou esboçar uma imagem dele em um esforço para expulsar o peso da cela asfixiante. Mas era o rosto de Alexandre que vinha à tona diante de si, Alexandre, o amor de sua vida, cujo semblante acenava. Gabrielle não se importava se ele pudesse falar ou o que o seu misterioso passado poderia conter, ela apenas sabia que ansiava por ele com intensidade assustadora. Com medo de fazer a pergunta que estava superposta em sua mente, Gabrielle engoliu em seco e deu uma olhada ansiosa para sua companheira.

- O que é isto, querida? - Angélique perguntou.

Gabrielle respirou fundo.

- Você recebe algum visitante? - ela perguntou, tremendo.

Angélique repentinamente irrompeu em risadas novamente.

- Benzinho, eu não quero nenhuma visita. - ela disse - A única boa coisa da prisão é que eu não tenho que trabalhar.

- Oh. - Gabrielle disse, um pouco confusa - Mas eu tenho um marido. Eles permitirão que ele me veja?

Angélique encolheu de ombros.

- É difícil dizer o que esses idiotas farão. Se ele tiver dinheiro, eu diria que suas chances são boas.

Gabrielle mordeu o lábio contra o soluço crescente em sua garganta. Se um suborno fosse necessário, como Alexandre poderia entrar? Ela o veria novamente? Oh, mas ela precisava vê-lo! Ela queria se explicar, se desculpar, se... Mas era melhor não pensar sobre isto, ela decidiu enquanto as lágrimas ameaçavam cair.

- Eu acho que vou me deitar um pouco. - ela disse.

- Você parece um pouco verde. - Angélique observou - Você está segura de que está bem?

- Sim. - Gabrielle respondeu com esforço - O bebê me deixa cansada, isso é tudo.

- Você está grávida? - Angélique perguntou. Gabrielle assentiu e ela deu um grande sorriso e leves tapas em suas costas. - Bem, agradeça Deus por isto! Manterá você viva, de qualquer modo, pois eles não enviam mulheres grávidas para a guilhotina — ainda! - ela adicionou sua palavra final com um olhar nefasto em direção à porta.

Gabrielle passou o resto do dia perturbada, escutando de vez em quando as tiradas de Angélique sobre a nova ordem. Era fácil ver por que a menina tinha sido presa se ela sempre verbalizasse suas visões políticas tão abertamente.

Por uma vez, Gabrielle permaneceu em silêncio, sua mente entorpecida pelo medo, sua voz contaminada pela mesma mudez que Alexandre estivera acometido. Ela ficou quieta e muda até tarde da noite quando, cercada pela escuridão, deitou de lado e derramou lágrimas amargas. Seus ombros agitaram-se com a força dos seus soluços embora ela lutasse para se controlar. Se ela pelo menos tivesse ido diretamente a Alexandre em vez de esperar no trabalho como uma pata choca! Se ela pelo menos tivesse deixado a pousada e ido... para qualquer lugar! Oh, estar em qualquer lugar, mas não aqui!

Quando suas lágrimas finalmente se esgotaram, Gabrielle permaneceu deitada e acordada à noite, incapaz de não deixar entrar a *Conciergerie*. O lamento do doente e o choro do condenado misturavam-se em um único ritmo terrível, que era pontuado pelo uivar dos cães enquanto as horas eram marcadas lentamente pela torre do relógio da prisão.

Era um pesadelo ganhando vida.



Gabrielle correu um olho triste sobre os corpos magros e delicados, muitos deles desleixados e fedorentos, enquanto ela procurava por seu pai. Ela não o encontrou. Ela podia ver apenas os que estavam mais próximos da grade que separava os comensais masculinos e femininos, e sabendo que existiam outros acomodados mais distante, Gabrielle se esforçou para vê-los todos, mordendo o lábio em frustração quando ela não conseguia.

- Gabrielle! - ao som de seu nome, Gabrielle voltou sua cabeça para ver Angélique afastando uma cadeira para ela. Embora ela se sentasse ao lado de sua companheira de quarto para comer, ela permanecia olhando para os homens, tão perto, mas tão longe.

- Gabrielle. - Angélique disse novamente.

- Sim. - Gabrielle respondeu, relutantemente desviando a atenção de sua busca.

- Esta é Marguerite. - Angélique disse, apresentando uma senhora digna com cachos brancos suaves - Ela diz que conhece seu pai!

- Sim? - Gabrielle perguntou avidamente.

- Sim, eu conversei com Étienne. - a mulher mais velha respondeu, sorrindo suavemente - Ele esteve aqui por um longo tempo, tempo longo demais, aliás. Acredita-se que ele tenha um amuleto, porque sobreviveu aos massacres de setembro. Mas houve uma espécie de alvoroço algumas semanas atrás e ele foi enviado para uma das mais celas mais distantes. - Marguerite disse, seus olhos cinza bondosos e tristes - Eu não o vi desde então, mas não ouvi falar de sua morte também. Talvez um dia ele tenha permissão para se juntar a nós para a refeição novamente.

Gabrielle sorriu e agradeceu Marguerite enquanto sua mente se acelerava. Foi há apenas algumas semanas atrás que o esquema para resgatar seu pai foi abortado. Pode ter sido por isso que ele foi removido e seus privilégios revogados. Oh, mas se ela pelo

menos pudesse vê-lo! Gabrielle terminou sua refeição em silêncio, seus olhos sempre retornando ao gradil embora ela soubesse que ele não estaria lá.

Assim que terminou, se Gabrielle levantou, com intenção de conversar com alguns dos homens que poderiam saber mais sobre seu pai. Ela estava prestes a ir quando sentiu uma mão gentil em seu braço, retendo-a. A delicada Marguerite, que permanecia sentada, olhou para Gabrielle funebremente.

- Se você desejar, nós conversaremos novamente, e eu contarei a você sobre seu pai e o que ele disse para mim. Coisas simples principalmente. - Marguerite disse melancolicamente - Ele gostava de falar da grama verde e do céu azul e das árvores altas do campo.

Gabrielle sufocou um soluço e apertou a mão da mulher.

- Sim. Isso seria muito amável de sua parte. - Gabrielle disse - Eu apreciaria muito isso.

Novamente Gabrielle começou a se mover, mas ela foi parada pelo som suave da voz de Marguerite.

- Faça isto logo, Gabrielle, - ela disse - pois eu irei próxima semana.

Gabrielle de meia volta.

- Ir? - ela perguntou - Para onde?

- Para a guilhotina. - Marguerite disse suavemente.

CAPÍTULO 18

Gabrielle chorou novamente aquela noite, mais pelos outros que por si mesma: por todos os prisioneiros miseráveis abaixo, por Marguerite, que enfrentava sua própria morte com tal graça, e pelo bebê que ela carregava e que talvez nunca a conhecesse. Uma vez nascido, eles arrancariam a criança para longe e enviariam Gabrielle à morte? Ela mal podia suportar tais pensamentos.

Ela queria viver e ver seu bebê se transformar em um menino de cabelo escuro como seu pai, ou uma menina encantadora que subia árvores... e conseguia os arranhões mais terríveis. Devia haver uma saída. Gabrielle não estava acostumada a desistir e ela achava isso muito difícil de fazer — mesmo na *Conciergerie*.

Se ela pelo menos alcançasse o pessoal de René! Gabrielle mentalmente o amaldiçoou por deixá-la sem nenhum contato e ela percebeu que eles deviam estar cientes dela, pois alguém lhe enviara aquela mensagem assinada com um "P". Oh, mas era tão frustrante não poder fazer nada. Ela rolou inquieta.

Quando Alexandre viesse ela contaria a história inteira — seu passado, seu disfarce e tudo que ela soube de René. Gabrielle decidiu. Pois, apesar de todo seu declarado desinteresse pela política, talvez Alexandre tivesse ouvido falar desse Pantera e ele poderia achar o homem ou homens que podiam ajudar. Se eles planejaram salvar seu pai da *Conciergerie*, podiam da mesma maneira planejar para retirá-la também, ela pensou sombriamente.

E se eles não viessem, se não pudessem... Alexandre saberia o que fazer. Alexandre a salvaria, ela concluiu. Ele já a salvara antes e faria isso novamente. Gabrielle finalmente adormeceu com o fantasma de um sorriso em seu rosto. Ela estava determinada a viver.



- Você tem uma visita.

As palavras, como um carrilhão de sinos, ecoaram em seus ouvidos e Gabrielle prendeu o fôlego ao pensar que finalmente veria seu amado marido. Mal ousando se mover por temer que fosse um sonho, ela esperou que Alexandre aparecesse, forte e bonito e...

- François! - Gabrielle se ergueu de um salto, surpresa.

- Como você está, pequena? - o cozinheiro perguntou amavelmente e Gabrielle caiu em seu amplo abraço.

- Oh, François! Como é bom ver você. - Gabrielle disse, percebendo bobamente que as lágrimas de felicidade estavam escorrendo em seu rosto.

- Lá, lá, agora. - ele disse em voz baixa, então permaneceu um pouco desajeitadamente pela porta.

- Aqui, sente-se. - Gabrielle disse e sorriu ao ver seu grande vulto encarapitado na beirada da cama pequena. Ela se sentou ao lado dele e se reclinou contra a parede.

- Como diabos você entrou? - Gabrielle perguntou espantada. François esfregou sua palma eloqüentemente em resposta e Gabrielle franziu o cenho - Eu espero que não custado muito a você só para me ver. - ela protestou, mas ele acenou seus medos para longe.

Então ele tomou uma mão dela nas suas e deu pancadinhas leves.

- Valeu a pena para ver que você está bem, pequena Gabrielle — ou agora eu devia chamar você de Dominique, eh?

Gabrielle deu um sorriso amarelo.

- Meu nome é Gabrielle. - ela disse.

Uma das grandes risadas de François ribombou do seu tórax.

- Você certamente nos enganou a todos, pequena. - ele disse, lançando sua mão para bater levemente na perna dela em apreciação - Pensar que uma dama tão fina abocanhava fatias de maçã da minha cozinha!

Ele riu cordialmente, mas Gabrielle, recusando admitir seu passado, ignorou seu humor.

- François, - ela disse subitamente - como... como Alexandre está passando?

François riu novamente, como se ela fizesse uma piada.

- E casar com o cavaliço mudo! Quando eles nos disseram quem você era, nenhum de nós acreditamos nisto! Você fez todo o possível para se esconder, eh?

- O que você quer dizer? - Gabrielle perguntou, sentindo desconforto com o tom da conversação. Ela sempre gostou do cozinheiro gregário, bondoso, e muitas vezes pensara em confiar-lhe seus segredos, mas ele não parecia ele mesmo hoje.

François abanou uma mão, como se para rejeitar sua pergunta.

- Escute, pequena, eu vim porque eu gosto de você. Quando eu ouvi sobre seus problemas lembrei algo que você uma vez me perguntou, e eu pensei que poderia ser útil para assegurar sua libertação.

- Minha libertação? - Gabrielle sussurrou a palavra como uma oração - Sobre o que você está falando? - ela perguntou, tentando agarrar seu braço - Você está dizendo que conhece um modo de me tirar daqui? - ela respirou, mal ousando acreditar no que ouvia.

François deu um largo sorriso.

- Mas claro. É por isso que eu estou aqui.

- Oh, graças a Deus! - Gabrielle disse, a alegria fluindo em suas veias. Ela soltou sua mão do braço de François e levantou-a para seu rosto enquanto pensava que todo seu medo e suas lágrimas foram para nada. Ainda existia alguma justiça no mundo. Gabrielle quase tremeu com a força de seu alívio e ela perguntou a ele avidamente. - Como é possível?

François sorriu e esfregou as mãos juntas como se ele estivesse tratando de negócios.

- Um dia você me perguntou sobre a Pantera. - ele suavemente começou. À menção do nome, Gabrielle quase saltou fora de sua pele pela surpresa. Ela lutou para manter o rosto inexpressivo enquanto por dentro dela estivesse batendo violentamente de excitação para aprender que ela estivera certa. A Pantera lhe enviara uma mensagem e ele finalmente mandou alguém para ajudá-la!

Gabrielle quase riu da ironia de tudo isso. Ela devia ter confiado em François. Pensar que tudo esse tempo seu contato trabalhava ao lado de Thérèse na pousada, debaixo de seu nariz como o chefe da cozinha! Gabrielle tentou manter seu sorriso.

- Sim? - ela perguntou simplesmente.

- Existem muitas pessoas em nossa boa república que ficariam interessadas em qualquer informação que você tiver relativas àquele homem. - François disse, acenando uma mão em direção à porta - Você só precisa dizer a palavra, eu estou seguro, e seu julgamento será mais favorável.

- A palavra? Que palavra? - Gabrielle perguntou, perplexa.

François soltou um riso escarninho com astúcia.

- Diga a eles o que você sabe sobre a Pantera, pequena. Este é meu conselho.

O coração de Gabrielle se constringiu em seu tórax, represando o alívio que precipitou-se sobre ela. Um pavor espesso e sombrio substituiu enquanto ela percebia o que François estava dizendo.

- E se eu não souber de nada para contar? - Gabrielle perguntou taciturnamente.

François riu.

- Bem, então eu tive uma visita boa.

Ele começou a se erguer, mas Gabrielle o reteve com uma mão em seu braço.

- François, - ela disse, examinando seus olhos escuros - eu ouvi o nome no salão comum e fiquei curiosa sobre a Pantera. Isso é tudo.

Gabrielle pensou ter visto um chamejar de piedade nas profundezas negras, entretanto ele encolheu de ombros e suspirou.

- Eu desperdicei meu tempo, então. - ele se levantou para ir e dessa vez ela não o parou.

- François, - Gabrielle disse suavemente de seu assento à margem da cama - eu gostava de você.

Ele deu meia volta para encará-la novamente, seu rosto alegre parecendo fora de lugar com suas palavras.

- Eu também gostava de você e sinto muito por você agora, mas os inimigos *de la patrie* devem ser destruídos. - ele disse.

Era a vez de Gabrielle rir, um som amargo, oco.

- Você deve estar brincando! - ela disse - Eu não fiz nada, François, nada!

Ele espalhou suas mãos apologeticamente.

- Responda-me isto. - Gabrielle disse - O tempo todo que eu pensei que você era meu amigo, você era realmente alguma espécie de espião para a república?

- Você escuta muito em uma pousada, minha querida. - François respondeu com um sorriso torto, e então ele se foi.

Gabrielle golpeou um punho contra a parede e então o outro, até que ela estava batendo nas pedras insensatamente. Angélique segurou suas mãos longe.

- Eles estão em todos lugares, Angélique. - Gabrielle disse com pesar.

- Você acha que eu não sei disso? - Angélique respondeu com desdém - Eu penso que é patético que a república canonizada não tenha nada melhor para fazer que prender uma pobre prostituta trabalhadora como eu por degolar um desses cuzões encarregados. Mas o que mais eles podem fazer, Gabrielle? Eles não fizeram nada pelo país, mas o afundam cada vez mais em dívidas e enviam os homens para guerrear, enquanto as mulheres não podem se alimentar. Então fingem que são importantes e, para silenciar a crítica, eles prendem qualquer um que os vê como o que eles são, um bando de chorões, de bastardos covardes que não podem secar seus próprios culotes, deixando país à revelia!

Angélique estava gritando agora, se aplicando em uma fúria exaltada e Gabrielle sorriu ao patriotismo feroz de sua companheira. Gabrielle percebeu muito tarde que pobre juiz de caráter ela era. Aqui estava uma prostituta que era de mais confiança que o amigável François.

Gabrielle levantou uma mão para a cabeça, perguntando-se se todas os seus julgamentos foram errôneos. Não, Alexandre era um bom homem, ela confiaria plenamente nisto. Alexandre! Gabrielle atingiu a parede novamente em ira, por François ter ido embora sem uma palavra sobre seu marido. Oh, Alexandre, ela miseravelmente pensou. Onde está você?



Dois dias se passaram sem sinal dele. Nem Gabrielle achou seu pai. Ela falou com muitos homens, e aqueles que conheciam Étienne Morineau diziam todos a mesma coisa: ele estava encarcerado sem privilégios. A menos que ele tenha sido executado, logo apareceria.

A menos que... Mas Gabrielle estava perto demais para perder a esperança agora. Ela esperava por ele e observava, e ela descia o longo corredor quando ela tinha oportunidade, conversando com os outros presos. Ela começou a ensinar Angélique a ler.

- Fará muito bem para mim quando eu estiver morta. - Angélique bufou, mas ela escutava de qualquer maneira, por falta de qualquer coisa melhor para fazer.

O tempo passava lentamente e, através das horas intermináveis, Gabrielle tentou pensar em um meio de escapar. Sua mente nunca descansava, pois, se o fizesse, ela pensava que poderia enlouquecer. E ela esperava pela vinda de Alexandre...

- Você tem uma visita. - as palavras mágicas fizeram Gabrielle se pôr de pé em um salto e ela se voltou para a porta, seu coração estourando de carinho por seu marido. Ela pensou em se jogar em seus braços, mas não era Alexandre que a buscava. De pé na entrada estava Thérèse, com aparência pálida e desalentada e miserável.

- Oh, Gabrielle! - ela chorou e, antes que Gabrielle pudesse se mexer, Thérèse se lançou em seus joelhos, soluçando.

Gabrielle, com o olhar ainda procurando por Alexandre, tomou as mãos de Thérèse e ajudou-a a sentar na cama. Ela afundou ao lado de sua amiga, fitando a porta com incredulidade até que ela finalmente percebeu que Thérèse estava só. A decepção foi tão intensa que Gabrielle sentiu como se alguém a tivesse atingido.

- Oh, é tudo minha culpa. - Thérèse disse - Eu partir para ajudar você e agora... - ela puxou um lenço do regaço e friccionou de leve seus olhos, então ela buscou a mão de Gabrielle. Gabrielle retornou o aperto suavemente apenas para descobrir que existia algo na mão de Thérèse. Um pacote jazia dentro das dobras do pano e Thérèse estava tentando passar por isto para ela! Gabrielle fechou seus dedos sobre o objeto e Thérèse arrastou o lenço para assoar o nariz.

O coração do Gabrielle voou alto enquanto ela deslizava o pacote dentro da manga. Era uma mensagem de Alexandre? Ou da Pantera? A esperança cantou em suas veias. Então Thérèse a estreitou.

- Algumas de suas jóias. - ela sussurrou na orelha de Gabrielle.

- O quê? - Gabrielle perguntou, encarando Thérèse surpresa e decepcionada.

- Se eles puderem comprar para você qualquer coisa aqui, alguns confortos... - as palavras de Thérèse diminuíram enquanto ela olhava ao redor, então ela sufocou em outro soluço.

Gabrielle estava ansiosa demais sobre seu marido para apreciar o valor das pedras preciosas, que poderiam, realmente, ser capazes de ajudá-la. Ela não cometeria o mesmo engano que fizera com François; Alexandre estava em primeiro e antes de tudo em sua mente e ela queria descobrir o que o mantinha afastado dela.

- Alexandre. - ela disse - Onde está ele?

Thérèse parou de chorar e desviou o olhar.

- O que é isto? - Gabrielle ficou imediatamente preocupada pelo comportamento da amiga - Ele está bem, não é? Eles não o prenderam também? - ela perguntou sua voz crescente.

Ela de repente percebeu, tolamente, que estava apertando os braços de Thérèse com firmeza, desejando sacudir a verdade dela. Ela a soltou, suas mãos caindo no colo, e relanceou o olhar pelo quarto. Angélique estava fitando a parede estudadamente.

- O que é isto, Thérèse? - Gabrielle repetiu. Sua voz era tensa, mas contida enquanto ela observava Thérèse, que estava olhando para os sapatos, sua expressão sinistra - Diga-me. - Gabrielle instigou, surpresa pelos violentos impulsos que se operaram nela. Se Thérèse não a respondesse logo, ela não conseguiria se conter...

- Ele repudiou você. - Thérèse sussurrou.

- O quê? - Gabrielle quase gritou a palavra enquanto tentava frear sua ira. Ela lutou contra o desejo de esbofetear Thérèse por despejar tal tolice. Armand a pagou para que ela fizesse isto?

- O quê? - ela repetiu com mais calma.

Thérèse vacilou à pergunta, mas finalmente respondeu.

- Quando disseram a ele que você tinha sido presa, ele jogou suas coisas no pátio.

- O quê? - dessa vez a palavra terminou em apenas um sussurro. O menor som era um esforço, pois Gabrielle sentia como se não pudesse respirar.

- Eu salvei a maior parte delas. De fato, eu trouxe outro vestido para você. - Thérèse disse, levantando o vestido que estava dobrado em seu colo.

- Por que, Thérèse? - Gabrielle disse, sua boca seca como poeira, sua língua quase espesso demais para falar.

- Eu não sei. - Thérèse disse. Olhando para o vestido, ela passou os dedos por ele nervosamente - Eu fui até ele, Gabrielle. Eu disse que era minha culpa, que foi por minha causa eles prenderam você. Eu disse a ele que você era a filha de um conde e que o único crime você cometeu foi seu próprio... seu nascimento.

Pálido e descorada, Thérèse se sentou lá, alisando o vestido novamente e novamente Gabrielle quis gritar.

- Bem? - ela incitou.

Thérèse olhou para cima, seus olhos de pálido azul arregalados e avermelhados

- Ele cuspiu no chão e foi embora.

Gabrielle se sentou em um silêncio mortal enquanto sua mente tentava assimilar o que Thérèse lhe dissera. Era suficientemente crível. Alexandre era um simples cavaleiro que não se importava com a política. Ele tinha seu próprio passado para esconder e não podia se permitir ser apanhado nos problemas dela. Então ele a repudiou. Era fácil imaginar, mas mesmo buscando aceitar isto, o coração de Gabrielle se rebelava.

Ela o via diante de si, no olho de sua mente, forte e escuro, seus músculos ondulando à luz do fogo, seus olhos verde esgazeados de desejo, e ela não podia acreditar nisso. Ela o ouviu sussurrando no seu ouvido que a amava e sentia as carícias das mãos grandes em seu corpo e ela não acreditava nisso.

Tinha que haver outra explicação para seu comportamento.

Talvez Alexandre estivesse apenas tentando se proteger, para que não fosse preso também, Gabrielle pensou subitamente. Oh, mas isso horrível demais para cogitar! Ela sentiu uma onda de pânico, pois o pensamento nunca cruzara sua mente. Como ela fora imprudente por não considerar sua posição.

Como seu marido, ele tinha abrigado uma aristocrata, então podiam facilmente jogá-lo na prisão também. Gabrielle estremeceu, incapaz de suportar o pensamento de Alexandre em um lugar como este - ou pior, abaixo! E ele certamente faria pouco bem a ela então. Quem a salvaria? Quem salvaria a ambos?

Se Alexandre fingiu se divorciar dela, porém, ele poderia ser deixado só. Ele estaria livre e aquilo seria um conforto. Gabrielle se agarrou ao pensamento. Se nada do contrário, ele estaria seguro e o bebê poderia ir para ele quando o tempo viesse. Mas,

não! Gabrielle recusou ceder ao desespero. Ainda havia um meio... Se ela ao menos pudesse mandar uma mensagem para ele e deixá-lo ciente sobre a Pantera.

O olhar de Gabrielle deslizou para Thérèse, que fitava o colo desoladamente como se não pudesse suportar a vista das paredes da prisão. Talvez Thérèse pudesse dizer a ele... Gabrielle abriu a boca para falar, então fechou-a firmemente de novo.

Ainda alisando o material que segurava, Thérèse parecia velha e cansada e, de repente, Gabrielle suspeitou de sua empregada e amiga querida. Desde quando Armand insinuava-se nas graças de Thérèse? Se por escolha ou por força, ele podia provavelmente conseguir que ela revelasse qualquer conversação que elas compartilharam, Gabrielle percebeu desanimada.

Com um desalentador aperto no coração, Gabrielle soube que não podia confiar a sua amiga nenhuma mensagem. E o conhecimento que veio com a decisão foi assustador: ela estava sozinha ali, sem nenhum meio para alcançar o mundo lá fora.

Ela se sentou com Thérèse um pouco mais, escutou seus soluços de desculpas, segurou suas mãos e até sentiu um poço de amor por ela, mas não podia dizer à amiga que Alexandre podia falar ou que ele devia buscar a Pantera, ou qualquer outra coisa.

Enquanto Thérèse se levantava para ir, Gabrielle se surpreendeu por quão pouco tempo passara desde sua chegada em Paris. Thérèse, seu leve cabelo loiro escasso e opaco, sua face lívida e descorada, parecia que ela envelhecera vários anos. Gabrielle pôs uma mão em seus próprios cachos loiro-morango e se surpreendeu o quanto elas pareciam diferentes. Ela se sentiu antiga — ou talvez ela só tivesse crescido.

Eles se abraçaram firmemente e então Thérèse se foi, sem olhar para trás em direção à cela minúscula. O coração do Gabrielle afundou enquanto ela observava a amiga ir, pois ela sabia que não receberia outras visitas.

Aquela noite Gabrielle disse a si mesma repetidas vezes as razões para a deserção de Alexandre. Thérèse não estava realmente mentindo; era só que Alexandre estava agindo novamente. A charada era para protegê-lo. Mesmo sabendo que ele não viria ali, que ela não veria seu rosto, Gabrielle lutou contra o desânimo. E suas esperanças de fuga? Sem ele elas não eram nada.



De manhã Gabrielle deslizou no novo vestido, apreciando o cheiro e sentindo o tecido limpo contra sua pele. Logo tudo isso estaria sujo como tudo ali, ela pensou desolada.

Gabrielle se inquietou enquanto algo arranhava sua pele. Ela se coçou e moveu o braço, mas foi inútil. Algo duro estava cutucando seu tenro antebraço. Deslizando o vestido de volta para baixo, Gabrielle deslizou seus dedos pela manga. Ali. A costura estava áspera ao toque e Gabrielle a desfez. Algo estava definitivamente alojado lá como se costurado no tecido.

Revolvendo ele e quebrando algumas linhas, Gabrielle finalmente extraiu a coisa que a picava, então ofegou enquanto percebia o que ela segurava: um minúsculo pedaço de papel dobrado. Relanceando o olhar para Angélique, que ainda roncava ruidosamente, Gabrielle desdobrou a missiva com as mãos trêmulas.

Não havia mais que duas palavras. "Esteja pronta", estava legivelmente escrito em uma escrita minúscula, e foi assinada com uma única letra: "P". Seus joelhos enfraqueceram e Gabrielle se sentou na beirada da cama e fitou o papel, como se uma mensagem mais completa de repente pudesse aparecer. Seu coração se acelerou no peito. Esteja pronta. Pronta para quê? Ela prendeu a respiração enquanto a resposta vinha. *Fugir.*

O misterioso "P", fosse ele a Pantera ou outra pessoa, a encontrara e conseguiu camuflar um bilhete em seu vestido. Gabrielle tinha certeza que Thérèse não tinha idéia de que ela levava a comunicação — a menos que fosse uma armadilha.

O coração do Gabrielle quase parou ao pensamento. Não, ela decidiu, agitando sua cabeça silenciosamente, pois o que Armand ganharia com tal truque? Ela tomou uma comprida e lenta respiração. Não, isto não era um artil; isto era real. Ela reconheceu a escrita de sua outra nota. "P", quem quer que ele fosse, iria ajudá-la. Ela não sabia onde ou quando, mas por tudo que era sagrado, ela estava prestes a ir.

Gabrielle se sentou olhando fixamente para a página até que ela memorizou cada linha e curva da breve mensagem. Ela queria mantê-la, puxá-la fora a fim de reler e saborear e dar a ela esperança quando tudo parecesse negro. Mas ela sabia que não podia. Colocando o papel entre o polegar e os outros dedos, ela esfregou até as palavras fossem um borrão. Então Gabrielle rasgou-o em pequenos pedaços que desapareceram como pedaços de fiapo no cobertor sujo na cama.



Era um almoço como qualquer outro. Gabrielle sentou no banco frio ao lado de Angélique, tentando não olhar para a comida na esperança de que poderia se tornar mais apetitosa se ela não o fizesse. O zumbido baixo de conversação era um fundo familiar, pois era a hora que as mulheres e os homens podiam conversar juntos o melhor que podiam pelo gradil que os separava.

A mudança no tom da conversa mal era detectável, mas Gabrielle notou isto. Vozes baixas, tristes de repente adquiriram um tom ávido, excitado e a mesa estava zumbindo enquanto alguma mensagem passava de orelha a orelha. Alcançou Angélique primeiro e ela se voltou para Gabrielle com um sorriso que iluminava seu rosto.

Gabrielle pôde somente imaginar que alguma espécie de grupo de contra-revolucionários estava liberando as prisões.

- O quê? O que é isto? - ela perguntou. Angélique inclinou a cabeça em direção à grade.

- Olhe ali, Gabrielle. - ela suavemente disse. Um silêncio caiu sobre o grupo enquanto Gabrielle olhava. A princípio ela nada viu além de uma massa de faces sorridentes, então uma figura formou-se diante de seus olhos, transformando se em seu pai.

- Papai! - ela chamou. Gabrielle quase destruiu o banco em sua pressa quando ela se levantou para correr para a divisória.

- Papai! Papai! - ela chorou enquanto lágrimas deslizavam, despercebidas, por suas bochechas. Foram apenas meses? Parecia como se anos — não, uma eternidade — tinham se passado desde que ela vira pela última vez.

- Dominique? É realmente você? - ele perguntou, sua voz oscilando - Eu sonhei tanto com você que não tenho certeza sobre o que é real.

- Bem, eu sou bastante real. - sua filha respondeu, sua própria voz quebrando - Você pode me beliscar! Ou devia eu beliscar você?

Ela olhou para ele amorosamente através da grade, tentando esconder seu choque de como ele envelhecera. Sempre magro, ele agora estava caquético e pálido como um fantasma, mas seus dedos ainda eram fortes enquanto se fecharam sobre os seus próprios.

- Minha menininha. - Étienne disse com ternura - Eu temo ter desejado tanto você que a trouxe para cá, minha criança querida... - ele parou como se não pudesse continuar - eu nunca quis que você estivesse neste lugar.

- Silêncio, papai. - Dominique disse - Tudo ficará bem. Nós estamos juntos agora. Eu tenho tanto para dizer a você...

Étienne a interrompeu.

- Primeiro me diga sua sentença. - ele sussurrou.

- Eu não fui julgada ainda, - Dominique suavemente respondeu - mas não se preocupe, papai. Não morreremos.

Étienne sorriu com tristeza.

- Pequena Dominique, tão segura de si mesma como sempre. Você conquistaria o mundo, não é, minha criança? E destemida também.

- Não, papai. - ela suavemente respondeu - Eu não sou tão valente. Eu tenho só a coragem para enviar outros à luta enquanto eu espero na retaguarda.... - a voz de Dominique hesitou e ela não conseguiu terminar.

- Silêncio, minha criança. - Étienne disse - Eu não ouvirei tal conversa.

Dominique sufocou um soluço.

- É por minha culpa que você está aqui, papai, e nós dois sabemos disto.

- Pare. - Étienne ordenou, sua voz de repente mais forte - Eu teria sido preso mais cedo ou mais tarde, minha criança. Nós dois sabemos disto também.

Dominique engoliu em seco enquanto percebia a verdade de suas palavras. Seu pai teria esperado e esperado até que fosse muito tarde e então eles dois teriam sido presos — ou queimados com o castelo. Ela apertou os dedos dele.

- Obrigada, papai.

Ele apenas balançou a cabeça tristemente.

- Eu sou velho, Dominique. Eu tive uma boa vida, então pouco importa, mas você... que você esteja aqui parte meu coração. - ele soltou um suspiro, baixo e longo - Você é tão cheia de vida. Deus tenha misericórdia.

- Silêncio, papai. - Dominique disse - Tudo ficará bem. E eu não irei para a guilhotina, então detenha seus receios.

- Dominique, você não sabe quantos eu vi... As coisas que eu vi... - ele hesitou - Deus sabe como eu sobrevivi quando eu vi tantos irem para suas mortes.

- Eles não me matarão ainda, - Dominique o assegurou com um sorriso gentil - disso você pode ter certeza.

Seu pai ergueu uma mão para empurrar seus óculos de volta acima da ponte de seu nariz e a fitou com estranheza.

- Como você pode estar tão certa? - ele perguntou.

- Porque - Dominique respondeu, batendo levemente em sua barriga - eu estou carregando seu neto bem aqui.



Seu tempo juntos parecia terrivelmente curto e Dominique vivia para a refeição do meio-dia, assim ela podia falar com ele novamente. Quando ela disse ao pai que estava casada, ele imediatamente lhe perguntou se Alexandre estava em posição de ajudá-los. Diante da negativa, ele pareceu um pouco aliviado, como se não quisesse sua liberdade ao preço de um genro republicano. Desde que Dominique pensou que ele não estaria encorajado para saber que seu marido era um cavaleiro mudo, ela simplesmente disse muito pouco sobre ele.

Nem sequer falou sobre a Pantera e sua diretiva: "esteja pronta". Apesar de querer muito advertir seu pai para se preparar para qualquer coisa fora do ordinário, Dominique não ousava conversar abertamente sobre resgate no pátio da prisão. Tudo

que ela podia fazer era assegurá-lo que tudo ficaria bem e ela mal podia culpá-lo quando ele permanecia cético.

Dominique estava estabelecendo uma rotina, mas ela mantinha os olhos abertos para qualquer atividade incomum que pudesse sinalizar sua chace de fuga. Seu julgamento seria em alguns dias e ela desejava partir antes que aquela caricatura de ordem submetesse seu pai à prova. Ela não esperava mais que Alexandre viesse. Embora ela ainda sonhasse com ele, ela não buscava ajuda daquele quarto. Era a Pantera que abastecia suas esperanças, e cada dia a tornava mais impaciente por ele.

CAPÍTULO 19

Dominique foi acordada com uma sacudida, despertada de seu sono por um guarda que ela não reconheceu. Alto, desleixado, e fedorento — acima e além do habitual odor de sujeira da prisão — ele a olhou carrancudo.

- Dominique Morineau. - ele anunciou antes de cuspir no chão. Cambaleante, Dominique se sentava devagar e ele a cutucou com a ponta do seu fuzil.

- O quê? O que é isto? - ela perguntou.

- Julgamento hoje. - ele respondeu asperamente.

- Mas isso não pode ser. - Dominique disse, alçando uma mão para afastar o cabelo de seus olhos - Meu julgamento não é até amanhã.

- Acho que eles mudaram. - o guarda murmurou com um encolher de ombros - Se apresse. - ele ordenou.

Dominique calçou os sapatos e ficou de pé, relanceando o olhar para em Angélique, que ainda roncava ruidosamente em sua cama. Ela se sentiu intranquã em partir com este guarda antes da alvorada quando seu julgamento não teria lugar até o dia seguinte, mesmo assim ela dificilmente podia recusar ir. Ela considerou despertar Angélique, assim alguém saberia o que acontecera a ela, mas, quando ela se moveu em direção à outra cama, foi cutucada novamente pela arma.

Dominique se apavorou. "Algo não estava certo". Ela abriu a boca para protestar — ruidosamente — mas o guarda se inclinou em direção a ela, seu rosto sujo e barbudo tão próximo ameaçavam-na em silêncio. Então ele falou.

- Esteja pronta. - ele sussurrou.

Os olhos de Dominique se arregalaram em surpresa e ela recuou para olhar melhor para seu companheiro asqueroso. Ela teria pensado que suas palavras seriam um gracejo exceto pelo som de fala culta que veio do miserável. Quando ela o fitou, sobressaltada, ele lhe enviou um sinistro olhar de soslaio e ela pensou que certamente devia estar imaginando coisas, até que ela vivamente recordou como se René disfarçara. Talvez este homem fosse do mesmo tipo — um sujeito que levava seu disfarce aos extremos.

Ela não discutiu então, mas tropeçou ao longo do corredor silencioso à frente dele, sua mente em um tumulto. Poderia ser apenas uma coincidência que este guarda tivesse usado a frase da mensagem da Pantera, mas Dominique duvidava disso. Este podia ser o momento pelo qual ela tinha esperado! Dominique tentou suprimir suas esperanças crescentes com reflexão sóbria, pois, acima de tudo, ela sabia que tinha que manter a mente limpa.

Podia ser uma armadilha. Embora Dominique pudesse ter jurado pela autenticidade do bilhete, agora ela sentia a gélida sombra da dúvida e se perguntou se a mensagem fora um ardil. Lembrando de sua conversa com François, ela sabia que o cozinheiro poderia ter alegado que ela tinha algum conhecimento da Pantera. Naquele caso, ela poderia nem mesmo ter um julgamento. Em vez disso, ela poderia estar a caminho agora mesmo para ser torturada.

Dominique mordeu o lábio, frustrada por ser uma espectadora passiva em sua vida. Se ela ao menos pudesse fazer algo - qualquer coisa - ela se sentiria melhor, mas estava era muito insegura da situação. Existia pouca coisa que ela podia fazer a não ser continua, não sabendo se ela estava caminhando em direção à liberdade ou à morte.

Da mesma maneira que Dominique pensava que não podia mais suportar a expectativa, ela foi empurrada através de uma porta e encontrada por outro guarda. Ele também tinha um prisioneiro com ele e, quando Dominique viu quem era, ela percebeu

que não era nenhuma armadilha. Mesmo no corredor escurecido, ela reconheceu seu pai e soube que o momento chegara.

Dominique sentiu uma onda de alívio e sorriu com determinação, mas quando seu pai viu a por um momento, ele empalideceu. De sua expressão entorpecida, Dominique percebeu que ele pensava que eles dois estavam indo para a morte. Ela rapidamente pegou sua mão e, quando eles foram empurrados juntos na passagem estreita, ela se inclinou mais perto.

- Esses homens não são o que aparentam. - ela sussurrou - Eles vão nos tirar daqui, então faça como eles dizem.

Mantendo seu olhar firmemente fixo adiante, seu pai não olhava nem para a esquerda nem para a direita, mas apertou a mão dela em resposta, e Dominique soltou a respiração quando ela percebeu que tinha segurado. Agora, pelo menos ela podia contar que a tentativa de fuga de seu pai não seria prejudicada. Fuga. Ela não ousava esperar mais por isto. Em vez disso, ela tentou se concentrar em seus passos e em diminuir a velocidade da batida frenética de seu coração.

Seu sucesso foi dificultado pela chegada de um grupo de guardas, que os cercaram, conversando e rindo grosseiramente como se eles não existissem. O coração de Dominique se acelerou novamente enquanto ela se perguntava se estes novos soldados eram reais ou impostores. Ela não se atrevia a olhar para seu pai enquanto eles estavam comprimidos entre os homens rudes no corredor e uma porta no fim.

O ar fresco e gelado em seu rosto fez Dominique ofegar como um homem que se afogava e finalmente é resgatado, mas ela sentiu uma mão dura conter seu braço.

- Na carroça. Existe um fundo falso. - seu guarda sussurrou em seu acento culto. Cercados pelo barulho de soldados discutindo à luz cinza antes do amanhecer, Dominique mal podia ver, mas ela conseguiu distinguir o esboço de um vagão. Ela pôs uma mão e então sentiu alguém empurrando-a em um espaço estreito. Oh, mas ele teve que ser tão minúsculo e escuro? Dominique sugou sua respiração e então ela sentiu seu pai, uma forma tranquilizadora fugindo ao lado dela na escuridão.

Dominique aproximou-se aos poucos do esconderijo, percebendo enquanto o fazia que este lugar não era para alguém com medo de lugares apertados. Na escuridão, era como entrar em um túmulo, mas Dominique podia sentir pequenos buracos com seus dedos que deixavam entrar o ar e, ela esperava, um pouco da luz matinal. Ela suspirou trêmula e então sentiu a mão do seu pai tocando a sua em conforto mudo. Ela apertou seus dedos firmemente enquanto a porta atrás deles fechou com uma finalidade esquisita.

- Leve com você agora, Sebastian! - gritou seu guarda em uma rude fala arrastada e Dominique ouviu os soldados falando indistintamente enquanto eles se distanciavam.

- Bem, esta é a última vez que eu trago seus homens bêbedos de um prostíbulo! - uma voz briguenta respondeu.

- Você gostaria de um lugar aqui, eh? - o guarda berrou.

- Certo, certo. - a voz, agora queixosa, retornou - Eu tenho meu trabalho para fazer.

- Então faça-o e tire essa carroça fedorenta daqui!

Fedorenta era certo, Dominique pensou melindrada. Ela estava grata por nunca ter sido amaldiçoada com náuseas na gravidez e ela pensara que os cheiros da Conciergerie tinham-na acostumado a qualquer coisa. Gradualmente, porém, ela estava descobrindo que não.

Que cheiro terrível era aquele? E então ela percebeu: era o pungente odor de adubo de cavalo e ele penetrava nas tábuas acima dela. Dominique pressionou seu rosto

ainda mais contram os buracos na parte inferior do carro e mordeu o lábio. Seu salvamento, até agora, não era de todo agradável.

De alguma maneira ela imaginou a Pantera, uma figura quase mítica, levando na prisão um grupo de homens ousados, todos brandindo espadas — muito mais românticas que armas de fogo — para libertá-la em uma onda de fervor contra-revolucionário. Ela não retratara sendo recheada em uma carroça fedorenta na calada da noite como tantas salsichas por um bando de guardas rudes.

Dominique ouviu seu pai se mover ligeiramente, então captou o ressoar indistinto do seu peito e ela prendeu a respiração por medo de que ele pudesse soltar a tosse que ele desenvolvera na prisão. Tudo estava quieto lá fora e ela sabia que o terrível barulho de tosse seca que ele freqüentemente fazia dificilmente podia passar despercebidos. Ela pegou a mão dele e esperou, mas os cavalos já estavam em movimento, levando a carroça e, quando ele sufocou, o som foi coberto por sua passagem.

Animada pelo movimento, Dominique contou cada passo que os levava para longe da *Conciergerie* e mais perto da liberdade, mas ela não esperava ser confinada por qualquer tempo que durasse no minúsculo espaço. Quando o vagão diminuiu a velocidade e parou, ela se emocionou por sua permanência no fundo falso ter sido tão breve.

Ansiosa para sair, Dominique se mexeu inquieta enquanto esperava que a porta fosse aberta. E esperou. Ela ouviu o som indistinto de sussurros lá fora, como seu condutor aparentemente tivesse se juntado a outro homem e então ela ouviu um baque surdo. Não era o som de porta abrindo.

Algo bateu na carroça acima deles, agravando o fedor, e Dominique ofegou. Ela podia ouvir seu pai respirando à custo e ela agarrou sua mão, esperando que ele não tossisse. A batida se repetiu até que ficou óbvio que algo estava sendo carregado na carroça, então os cavalos partidos lentamente, mas não se distanciaram muito antes de parar novamente.

"Neste passo nós nunca veremos os portões de Paris", Dominique pensou consigo mesma. Então um balanço acima desprende uma nova quantidade de emanções, oprimindo-a se ela respirasse pelo nariz. O que diabos estava acontecendo lá fora? O cheiro lembrou a ela dos dias nos quais seu pai fertilizava os campos, com o fedor aumentado dez vezes mais dentro do espaço estreito.

E então ela percebeu. Eles não estavam espalhando fertilizante; eles estavam juntando. De todos os lugares no mundo, ela e seu pobre pai estavam escondidos debaixo de um carro de esterco! O pensamento de pilhas de adubo de cavalo jazendo acima dela — e possivelmente escapando pelas frestas para sufocá-la — produziu um pânico que se instalava, quente e pesado, sobre o peito de Dominique. Mas não, não podia estar vindo, pois seu espaço permanecia seco. Devia haver uma lona ou uma camada de palha debaixo do esterco para prevenir qualquer gotejamento, ela disse a si mesma.

O pânico de Dominique aliviou, somente para ser substituído por uma bolha de riso que se insinuava em sua garganta, ameaçando, se solto, ser o primeiro passo para a histeria. Ela pôs o punho na boca e o mordeu em uma tentativa de estrangular a risadinha traiçoeira, que, uma vez lançada, Dominique sabia que seria incontrollável. Apenas o ruído de seu pai esboçando uma respiração comprida a serenou e ela apertou seus dedos suavemente, relaxando um pouco contra as tábuas duras de sua prisão.

Pelo menos eles estavam vivos e fora da *Conciergerie*, Dominique disse a si mesma, pois, se ela tivesse que escolher, preferia rastejar sob uma pilha de bosta do que

voltar lá. Eles estavam vivos e estavam juntos — e livres! Se pelo menos eles pudessem escapar de Paris e então da França.

Pela primeira vez desde sua prisão, Dominique se deixou levar para longe em uma onda de esperança e ousou imaginar o futuro, um futuro livre de medo. Seu bebê teria uma chance de viver e crescer e conhecer sua mãe e seu avô — mas não seu pai.

Ao pensamento de Alexandre, Dominique sentiu um gosto azedo em sua boca que não era relacionado com o cheiro picante de esterco. Talvez Thérèse tivesse falado a verdade, que ele a repudiara, a repelira, fosse para salvar a si mesmo ou por alguma outra razão. Talvez Thérèse estivesse certa sobre ele não querer estar casado com uma aristocrata — especialmente uma com tempo normal de vida tão curto.

Dominique se inquietou em seu lugar e rolou, fitando a escuridão em direção às tábuas acima, que seguravam toneladas de adubo a polegadas de seu rosto.

Talvez ele simplesmente a pranteasse e se fosse com alguma Yvette, ou seja lá quem for, cortejando-as silenciosamente e mantendo seus segredos... Dominique mordeu o lábio para conter um soluço. Talvez Thérèse estivesse certa; talvez Thérèse tivesse razão desde o princípio e fora um erro gostar de Alexandre. Mas, erro ou não, estava feito, e ela o amava e sentia falta dele, não importava o porquê da sua ausência.

Tão alegre quanto o pensamento da liberdade era, Dominique sabia que qualquer felicidade que pudesse obter sempre seria sombreada pela lembrança de Alexandre. E ele lançava uma sombra comprida - desde o início.

Dominique sorriu para si mesma enquanto lembrava de seu primeiro encontro no pátio da pousada: como ele se agigantou para salvá-la de um freguês bêbado, só para assustá-la até a morte, mesmo assim a cortejara com aquela aura de perigo. Alto e escuro e mudo, ele a lembrava um grande gato, uma...

Dominique se empinou no espaço, distraidamente tentando sentar, só para chocar sua fronte dura contra as tábuas de sua prisão minúscula. Ela cambaleou de volta estupidamente, levantando uma mão para a cabeça latejante. Então ela ouviu o suspiro de surpresa e preocupação de seu pai, e sentiu os dedos em seu outro pulso. Reprimindo um desejo de gemer, Dominique deitou novamente, apertando sua mão com confiança e esperando que o som da batida de seu rosto contra a carroça não tenha sido tão horivelmente alto quanto parecia a suas próprias orelhas.

Ela retornou os dedos trêmulos para sua têmpora. Não, não podia ser, ela pensou, agitando a cabeça como se para lançar longe um sonho perturbador. Não, era muito ridículo. Muito extravagante. Fundamentalmente uma louca suspeita como a que passava em sua mente com uma impressão formada meses atrás... Oh, mas era muito absurdo.

Mas não iria embora. Sua especulação selvagem não seria silenciada, então Dominique finalmente a escutou. Ela respirou fundo e fechou os olhos e acabou deixando seus pensamentos fluírem até quando ela viu Alexandre pela primeira vez. Ele lembrou a ela uma pantera. Indubitavelmente, era uma coincidência, mas se não fosse? Por que não poderia Alexandre, seu próprio marido, ser a Pantera?

Seu passado era envolto em mistério, Alexandre tinha, como ele próprio admitira, assumido uma outra identidade e fingiu ser mudo. Por quê? Para confundir ainda mais qualquer um que pudesse tê-lo conhecido antes - e evitar conversas. Ele também fazia um esforço real para parecer estúpido e bruto de forma que ninguém suspeitaria de abrigar um pensamento original, permitindo planejar uma série de salvamentos e fugas que tiveram metade dos soldados da cidade o buscando.

Não. Era muito simples, muito fácil. Dominique sentiu a bolha de riso histórico subir novamente e pôs a mão na boca. Era muito estranho, e ainda... E as visitas misteriosas a sua mãe que o mantiveram afastado da noite até altas horas da manhã

seguinte? Ele tinha se encontrado com Jacques, que poderia bem ser um aliado em seus esquemas? Às vezes Alexandre desaparecia por mais de um dia e Bertrand fazia o trabalho de dois ou trazia um menino para ajudar, levando Dominique a se perguntar se seu empregador, Gaspard, sabia dessas ausências.

E então houve o dia em que ele apareceu na igreja, exatamente depois da tentativa abortada para resgatar seu pai e a fuga desvairada de René. Alexandre sustentava que a seguira, mas Dominique achava aquela história difícil de acreditar — como Thérèse, que alegava que ele era um espião para *la patrie*. Talvez, talvez, nenhuma explicação fosse correta. Em vez de ser um dos perseguidores, Alexandre poderia bem ter sido procurado!

Não, Dominique pensou. Ela ainda não podia acreditar nisto, embora todos os estranhos pequenos detalhes se encaixassem. "O que eu fiz, eu fiz para proteger você," ele disse quando pego em sua charada. Mas ele não disse a ela mais e ela não o pressionou. Oh, mas se ao menos ele tivesse contado a ela, e se pelo menos ela tivesse compartilhado seus próprios segredos com ele.

Dominique percebeu de repente que a rotina da carroça de parar e rastejar ao longo do caminho fora quebrada e a pancada surda de pás cheias de esterco não podia ser ouvida. Eles estavam se movendo em um passo mais constante agora, que era encorajador, tanto quanto o pedaço de luz vazando pelos buracos na parte inferior do carro. Dominique podia ver a forma obscura de seu pai. Devia ser luz do dia.

Sua excitação foi vivida curtamente, pois eles subitamente fizeram menção de parar novamente, frustrando Dominique tão violentamente que ela quase gritou sua decepção para o condutor. Foi uma boa coisa ela não ter feito.

- Documentos! - ela ouviu o latido, presumivelmente de um guarda nos portões da cidade, e teria rastejado mais fundo em seu buraco se pudesse. Relanceando o olhar para seu pai, Dominique desejou silenciosamente que ele não tossisse e então rezou para aquele efeito. Ela podia ouvir pés caminhando devagar em torno da carroça e ela podia bem imaginar um soldado circulando-a e avaliando-a. Oh, Deus, seguramente eles não suspeitavam que o carro de esterco pudesse abrigar prisioneiros...

Alguns gritos fizeram Dominique morder o lábio profundamente, mas eles devem ter se dirigidos a outro lugar, pois ela logo sentiu o puxão da carroça forçar o movimento, seguido pela frenética tosse do seu pai, que obviamente sufocou o som o mais que conseguira. Batendo levemente nele como melhor podia, Dominique segurou sua respiração, mas o barulho deve ter sido amortizado em sua prisão e obscurecido pelo alvoroço da cidade ao amanhecer, para eles continuaram a se mover continuamente para a frente.

Dominique respirou mais fácil uma vez que eles deixaram os portões para trás e sua mente viajou de volta para suas suspeitas. Alexandre como a Pantera, isso não seria conveniente? Ela sorriu para si mesma, e então agitou sua cabeça à suas divagações. Você realmente está pegando em palhas, Dominique disse a si mesma firmemente. Pela causa do céu, esqueça essas fantasias e se preocupe com algo prático, como seu destino e por quanto tempo você será engaiolada sob este carro de esterco.

Dominique quase mergulhou no sono quando sentiu o vagão se deter novamente. Repleta de renovada preocupação, ela esperou ansiosamente por algum sinal de fora. Outra pessoa os parou? Eles não podiam ter viajado muito longe de Paris. Eles encontraram alguma patrulha errante que verificaria seus documentos e revistaria o carro?

O coração de Dominique, martelando em seu tórax, começou a correr em tempo duplo quando ela ouviu uma leve batida na tábua ao lado de sua cabeça. Ela quase ofegou em voz alta quando percebeu que alguém estava batendo no lado do carro! Ela

relanceou o olhar para seu pai, mas ele dormia, então ela ouviu uma pergunta sussurrada.

- Tudo bem aí? - uma voz perguntou.

- Sim. - Dominique sussurrou.

Nenhuma outra palavra foi falada e ela logo sentiu a carroça voltar ao movimento a caminho do campo, onde os dois homens que dirigiam presumivelmente descarregariam sua carga, que poderia ou não incluir a si e seu pai. O espaço estava esquentando com o passar do dia e Dominique se sentiu embriagada de sono novamente. Ela virou como melhor conseguia e relaxou por um breve momento antes de perceber isto: ela conhecia aquela voz.

O coração de Dominique se apertou na garganta enquanto todos os seus sonhos de liberdade escapavam. A respiração lenta do seu pai dizia a ela que ele ainda estava adormecido e ela ficou grata por isto, agradecida que ele não podia ver seu rosto. “Deixe ele cochilar com felicidade enquanto pode”, ela pensou amargamente, lágrimas de decepção ameaçando. Só Deus sabia onde eles estavam destinados, e por que razão, mas era óbvio para Dominique que eles não escaparam *de la patrie*.

Ela reconheceu que a voz que lhe falara do lado de fora da carroça era de Gaspard não acreditava em nenhum momento que ele estava resgatando-os.



Dominique passou a manhã girando inquieta no espaço exíguo. Quando seu pai acordou, ela apertou sua mão suavemente em saudação, mas não disse nada. O que ela podia dizer? Ela disse que ele obedecesse aos guardas que os empurraram nesta nova prisão, mais minúscula, da mesma maneira que ela teve o impropriedade para ir para Paris na primeira ocasião. Como ela podia dizer a ele que, novamente, ela estivera errada?

Quando eles finalmente pararam, o estômago de Dominique estava roncando, seus músculos estavam doloridos, suas pernas tinham câimbras e sua ira aumentava rapidamente. Ela sabia que se pudesse conseguir pegar uma arma qualquer arma, ela espetaria alegremente Gaspard e o penduraria pelos bigodes abundantes. Chutando de modo selvagem a pequena porta, Dominique não mais se importou se eles pararam para dar água aos cavalos ou se eram verificados por um exército de soldados.

A escotilha abriu rapidamente em resposta à sua batida.

- O que é isto? Você está bem? - perguntou uma voz profunda e áspera com preocupação, e Dominique se achou sendo ignominiosamente puxada pelos pés de seu esconderijo.

Embora o sujeito que a agarrava pelos tornozelos tivesse a decência de alisar abaixo seu vestido, Dominique não estava de humor para notar tais refinamentos. Assim que ela ficou de pé, deu meia volta para enfrentar o grande bruto que obviamente dirigia a carroça. Ela apenas lamentava que ele não fosse Gaspard, pois ela tomou impulso e o chutou nas canelas tão duramente quanto podia.

Ele gemeu e Dominique sentiu o primeiro prazer real que ela conhecera em horas. Ela estava com total intenção de atacá-lo com os punhos depois, mas suas pernas, presas por horas debaixo da carroça, travaram e ela se sentiu afundando. Um braço forte a segurou e ela olhou furiosamente para o responsável. Seu cabelo, escuro e selvagem, levantava-se em todos os ângulos e caíam até sua barba desgrelhada e Dominique fez careta quando ele sorriu abertamente para ela, revelando uma boca cheia de dentes enegrecidos.

Quando ele se inclinou para frente, Dominique pensou que seguramente desmaiaria se ele encostasse uma mão nela. Até Gaspard seria um conforto neste

momento, ela pensou de modo selvagem, mas aparentemente ele estava ajudando seu pai, enquanto esta criatura miserável tinha intenção de... Todos os pensamentos fugiram enquanto o rosto dele se movia em direção ao seu e Dominique ofegou, pronta para gritar, mas o som foi abafado por sua boca. Os lábios dele, apaixonados e possessivos, se colaram aos seus em um rito glorioso de reencontro.

Oh, mas foi há tanto tempo! Dominique suspirou e deslizou seus braços ao redor seu pescoço, estreitando-o, roupas esfarrapadas e todo. Ela não percebeu as lágrimas descendo pelas bochechas até que ele as beijou, então ela pôs as mãos em seu rosto e se inclinou a cabeça para olhar para ele.

Alexandre mal era reconhecível. De fato, tudo que lhe diziam que ele era seu marido eram os olhos verdes, cintilando através da sujeira cobrindo seu rosto, e seu beijo — claro, seu beijo. Que ela conheceria em qualquer lugar, a qualquer hora, desde que ela vivesse.

- Você cheira a bosta. - Dominique suavemente disse. O riso de Alexandre, morno e rico, era uma carícia contra sua bochecha enquanto ele se debruçava para estreitá-la ainda mais.

Ouvindo uma tosse, Dominique percebeu de repente que eles não estavam sozinhos. Ela girou e sorriu para seu pai, que estava debruçado contra o carro e Gaspard, para suporte.

- Papai, - Dominique disse - este sujeito infame é meu marido.

- Não é tão horrível quanto parece. - Alexandre disse e, enquanto Dominique observava fascinada, ele removeu a barba, enxugou seu rosto, retirou uma dentadura enegrecida e alisou seu cabelo — um pouco.

- Bem, bem. - Étienne disse em voz baixa enquanto olhava fixamente.

- Todos nós pareceremos melhor quando nós conseguirmos nos lavar. - Dominique disse um pouco defensivamente. Ela sabia que longe de sua melhor aparência, Alexandre certamente não era a imagem de um genro atraente. Seu pai não franzia o cenho, porém. De fato, ele estava sorrindo, Dominique percebeu surpresa.

- Você parece seu pai, Beauveau. - ele disse.

Era a vez de Dominique olhar fixamente — para seu pai.

- O que você quer dizer, papai? - ela perguntou.

Mas seu pai continuou sem responder.

- Eu fico surpreso por você não ter ido embora. - ele disse.

Alexandre sorriu.

- Eu me disfarcei bem, como você pode ver, para prevenir justamente isso. - ele explicou - Eu não pensei que você conhecesse meu pai.

- Nós fomos amigos há muito tempo, quando tínhamos a idade que você tem agora e nossas vidas eram des preocupadas. - Étienne disse - Eu senti muito quando ouvi falar de sua morte.

O sorriso de Alexandre esmoreceu.

- Ele foi vingado. - ele suavemente disse.

- Sobre o que você dois estão conversando? - Dominique perguntou impacientemente.

- Eu conheci o pai de Christian quando ele era o Marquês de Beauveau. - Étienne explicou.

- Christian? Seu nome é Christian? - Dominique perguntou, transferindo o olhar chocado para seu marido.

- Christian Bougainville. - ele disse, assentindo com a cabeça.

- O Marquês de Beauveau. - Étienne adicionou.

Dominique suspirou e olhou seu marido com atenção.

- Você é conhecido por muitos nomes. - ela suavemente disse.

- O mesmo pode-se dizer de você. - Christian notou.

- Sim, mas eu não tomei o nome de um felino, meu querido marido. - Dominique respondeu timidamente. Ela pegou o clarão de surpresa em seus olhos verdes e sorriu.

- Então você descobriu, não é, minha inteligente Dominique?

- Sim. - ela respondeu, excitada ao som de seu verdadeiro nome saindo de seus lábios. Falada de sua própria voz profunda e rica, era bonito e inebriante, mas Dominique não estava distraída - A Pantera está de pé na minha frente, não é? - ela perguntou.

Seu marido movimentou a cabeça sombriamente.

- Sim, você está certa, mas eu prefiro não responder àquele nome, pois ele é o mais perigoso de todos os meus disfarces. E eu leguei o título para outro.

Dominique assentiu.

- Muito bem, Alex... - ela começou com um sorriso - Christian, então.- ela disse

- Diga-me uma coisa, nós estamos legalmente casados?

Seu marido riu e colocou uma mão em sua barriga.

- Esperemos que sim. - ele respondeu - Mas por via das dúvidas, você se casará comigo novamente quando nós alcançarmos a Inglaterra?

Dominique sorriu.

- Sim. - ela disse - Se nós vivermos para ver esse dia, então eu serei... - ela parou e deu uma risadinha.

- O que é isto, amor? - seu marido perguntou.

Mas Dominique não conseguiu responder, pois sua risadinha cresceu até que ela estava rindo com abandono, lançando toda a tensão que estivera encerrada dentro dela por tanto tempo. Quanto mais ela tentava parar, mais ela ria até que finalmente ela teve que se debruçar em seu marido para se apoiar, jogando a cabeça contra seu tórax em um esforço para amortizar seu alarido.

Quanto a ele, seu marido olhava seu pai sobre o topo da cabeça dela.

- Ela tem sido por muito. - Étienne disse. Gaspard apenas balançou a cabeça em silêncio e foi verificar os cavalos.

- Eu sinto muito, - Dominique finalmente disse - mas de repente me atingiu como tão engraçado. - ela parou para ofegar ruidosamente - Eu temo que esqueci meu nome.

- Dominique. - seu marido respondeu suavemente.

- Sim. - ela disse, se dobrando novamente em uma gargalhada - Dominique Louise Alavoine Morineau... - ela não conseguia terminar.

- Bougainville. - seu marido completou.

- A Marquesa de Beauveau. - Étienne adicionou.

O riso de Dominique finalmente diminuiu em soluços esporádicos.

- Bougainville. - ela repetiu - Você terá que continuar me lembrando. - ela adicionou - Quando você esteve por tantas identidades como eu, as coisas ficam um pouco confusas.

Seu marido suavemente sorriu.

- Da mesma maneira que nossa criança sabe seu nome. - ele suavemente disse. Ele pôs a mão em sua barriga novamente e ela colocou seus dedos sobre os dele.

- Sim. - ela respondeu - Nossa criança. Concebida por duas pessoas diferentes, mas concebida com amor. Isso é tudo que importa, não é? - ela perguntou, olhando com adoração para seu marido enquanto Étienne se afastava.

- Eu jamais esquecerei, sabe. - Christian disse enquanto a puxava para ele.

- O quê? - Dominique perguntou.

- Que você me amou mesmo quando eu era um cavalariço mudo. - ele respondeu. Seus olhos verdes estavam de modo surpreendente intensos e Dominique sentiu o coração balançar em seu tórax.

Ela ergueu uma mão para tocar em sua bochecha áspera.

- Eu não pude evitar. Uma vez que você me beijou, eu estava perdida. Mas me prometa algo. - ela persuadiu - Prometa-me que a primeira coisa que você vai fazer quando estivermos em segurança é tomar banho — e conseguir um corte de cabelo. - ela acrescentou, seus dedos agarrando uma espessa madeixa do cabelo escuro que caía sobre um ombro largo.

Dominique estava tão perto que podia sentir sua respiração no rosto e, antes que ela desse conta, seus lábios, quentes e úmidos, estavam sobre os dela. Suas mãos estreitavam-na enquanto sua boca tocava a dela em um beijo ardente que a marcava para sempre dele. Quando conseguiu falar novamente, ela se debruçou contra seu tórax para sussurrar em sua orelha.

- Bem, talvez não a primeira coisa... - ela disse.

EPÍLOGO

Alexandre Gabriel Bougainville nasceu em segurança, e com relativa tranquilidade, em um lugar quieto da Inglaterra. Se ele sofreu algum efeito doentio devido à permanência de sua mãe na prisão ou à excitação da fuga de seus pais de Paris, ele nada exibiu para o mundo.

Ele era saudável e feliz, dotado de seus pais e seu avô, Étienne, que ensinava francês para as crianças da pequena nobreza local. Como futuro Marquês de Beauveau, Alexandre um dia seria grato por seu pai transferir recursos antes da revolução, mas no momento ele sabia apenas que viviam em conforto.

A princípio existiam somente quatro deles, mas então seu irmão René apareceu, seguido rapidamente por sua irmã Thérèse, e então Gaspard e o pequeno Jacques. Ele aprendeu a amar eles todos, apesar deles destruírem seu domicílio. E se sua mãe às vezes chamava seu pai de Alexandre em vez de Christian, e se seu pai às vezes falava de sua mãe, Dominique, como Gabrielle, bem, ele não iria discutir sobre nomes.

E se ele às vezes despertava na noite ao som de seu pai gritando com luxúria o nome da sua mãe, bem, isso estava certo também. *Vive l'amour!*

